



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

MÓNICA DOS PRAZERES FERREIRA DE NEIVA

O anjo como mediação

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues

Braga

2023

ANJINHO DA GUARDA

Eu tenho um anjo
Anjo da guarda
Que me protege
De noite e de dia
Eu não o vejo
Eu não o oiço
Mas sinto sempre
A sua companhia

Eu tenho um guarda
Que é um anjo
Que me protege
De noite e de dia
A toda a hora
E em todo o lado
Posso contar
Com a sua vigia
Não usa a arma
Não usa a força
Usa uma luz
Com que ilumina
A minha vida

Ele não
Não usa a arma
Ele não
Não usa a força
Usa uma luz
Com que ilumina
A minha vida¹

¹ António Variações, «Anjinho da Guarda», em *Muda de Vida - Letras de António Variações* (Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006), 42.

AGRADECIMENTOS

Devo o meu profundo agradecimento a todos e todas que, de modos distintos contribuíram, participaram e auxiliaram este trabalho, que representa o culminar de um percurso. Deixo aqui demonstrado a minha profunda gratidão de modo especial:

A toda a família, em particular os meus pais, o meu irmão e os meus filhos pelo afeto, pela compreensão e pelo apoio incondicional, sem o qual não seria possível concretizar esta jornada;

Ao Prof. Doutor Pe. Luís Miguel Figueiredo Rodrigues pelo auxílio e suporte em todas as fases deste trabalho. Pelo seu tempo, pelos conselhos e pela disponibilidade para sanar as minhas dúvidas;

Ao Prof. Doutor João Duque pela disponibilidade e acompanhamento ao longo deste trabalho;

À Prof. Doutora Ana Paula Pinto pelo auxílio em todo este percurso;

A todos os meus colegas de curso, pela amizade e pelos momentos de partilha;

A todos os professores e professoras do curso pelo tanto que contribuíram para uma aprendizagem sólida e integral;

À Faculdade de Teologia, campus de Braga;

À rede de bibliotecas da Universidade Católica Portuguesa, em especial a Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais e a Biblioteca D. Manuel Vieira de Matos;

A todos e todas que participaram no inquérito.

ÍNDICE GERAL	
AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	10
PALAVRAS-CHAVE	10
ABSTRACT	10
KEYWORDS	10
SIGLAS	11
INTRODUÇÃO	12
1. PERCURSO HISTÓRICO	15
1.1. Época Antiga	16
<i>1.1.1. Patrística até Pseudo-Dionísio</i>	<i>20</i>
<i>1.1.2. Pseudo-Dionísio</i>	<i>27</i>
<i>1.1.3. Após Pseudo-Dionísio</i>	<i>32</i>
1.2. Época Medieval	33
<i>1.2.1. Boaventura, o “Doutor Seráfico”</i>	<i>35</i>
<i>1.2.2. Tomás de Aquino, o “Doutor Angélico”</i>	<i>36</i>
1.3. Época Moderna	44
1.4. Pensamento Contemporâneo	47
<i>1.4.1. Romano Guardini</i>	<i>48</i>
<i>1.4.2. Karl Barth</i>	<i>51</i>
<i>1.4.3. Edith Stein</i>	<i>53</i>
<i>1.4.4. Karl Rahner</i>	<i>54</i>
<i>1.4.5. Catecismo da Igreja Católica</i>	<i>56</i>
1.5. Síntese	58
2. MEDIAÇÃO	60
2.1. Cristologia	61
2.2. Etimologia	65

2.3. Fé e experiência religiosa.....	70
2.4. Manifestação da vontade divina	75
2.5. Piedade popular	78
2.6. Síntese.....	90
3. FAZER A EXPERIÊNCIA DO ANJO HOJE	92
3.1. Teologia e Ciências Sociais.....	93
3.2. Metodologia	95
3.2.1. <i>Método: questionário online</i>	98
3.3. Análise.....	100
3.3.1. <i>Análise de dados sociodemográficos</i>	101
3.3.2. <i>Análise de dados Q11: Acredita que existem anjos?</i>	105
3.3.3. <i>Análise de dados sobre ideias e conhecimento acerca dos anjos</i>	112
3.3.4. <i>Análise de dados acerca das práticas relativas aos anjos</i>	134
3.3.5. <i>Análise de dados da questão aberta: experiência com os anjos</i>	137
3.4. Inteligência Artificial: à conversa com o ChatGPT	138
3.5. Síntese	144
CONCLUSÃO	146
BIBLIOGRAFIA	149
Fontes bíblicas	149
Fontes patrísticas e medievais	149
Magistério	152
Monografias	153
Publicações Periódicas	160
Webgrafia	165
Bibliografia não citada	168
ANEXOS.....	177
Anexo 1. Formulário inquérito online	178

Anexo 2. Conversa com I.A. - Inglês.....	192
Anexo 3. Conversa com I.A. - Português.....	203
Anexo 4. Painel de Visualização Power BI: dados sociodemográficos.....	214
Anexo 5. Tabela Contagem Habilitações	215
Anexo 6. Painel de Visualização Power BI, Q11: Acredita que existem anjos?	216
Anexo 7. Painel de Visualização Power BI, Q11: filtro Sim	217
Anexo 8. Painel de Visualização Power BI, Q11: filtro Não	218
Anexo 9. Painel de Visualização Power BI, Q11: filtro Talvez.....	219
Anexo 10. Painel de Visualização Power BI, Q11 por idades	220
Anexo 11. Painel de Visualização Power BI, Q12: escolha de afirmações.....	221
Anexo 12. Painel de Visualização Power BI, Q12: filtro 1	222
Anexo 13. Painel de Visualização Power BI, Q12: filtro 2	223
Anexo 14. Painel de Visualização Power BI, Q12: filtro 3	224
Anexo 15. Painel de Visualização Power BI, Q12: filtro 4	225
Anexo 16. Painel de Visualização Power BI, Q12: filtro 5	226
Anexo 17. Painel de Visualização Power BI, Q12: filtro 6	227
Anexo 18. Painel de Visualização Power BI, Q13.2: todos os seres humanos têm um anjo da guarda.....	228
Anexo 19. Painel de Visualização Power BI, Q11 + Q12 + Q13.2	229
Anexo 20. Painel de Visualização Power BI, Q13.3: O anjo, ao pecar, ao decidir estar contra Deus, não pode ser perdoado, pois a sua decisão é irreversível. Ou seja, não pode voltar atrás na decisão tomada.....	230
Anexo 21. Painel de Visualização Power BI, Q13.3 + Q14.1.....	231
Anexo 22. Painel de Visualização Power BI, Q14.2 + Q14.3.....	232
Anexo 23. Painel de Visualização Power BI, Q15.2: O anjo é uma criatura de Deus, tem a missão de Louvar a Deus e proteger os seres humanos.....	233
Anexo 24. Painel de Visualização Power BI, Q10 + Q11 + Q15.3	234

Anexo 25. Painel de Visualização Power BI, Q15.3: São os anjos que orientam o ser humano	235
Anexo 26. Painel de Visualização Power BI, Q16.1: A função principal dos anjos é louvar e contemplar Deus.....	236
Anexo 27. Painel de Visualização Power BI, Q17.3: Acreditar em anjos é ser ignorante e supersticioso	237
Anexo 28. Painel de Visualização Power BI, Q11 + Q17.3.....	238
Anexo 29. Painel de Visualização Power BI, Q13.2 + Q17.4 + Q18.1	239
Anexo 30. Painel de Visualização Power BI, Q18.3	240
Anexo 31. Painel de Visualização Power BI, Q13.1 + Q13.2 + Q19.2	241
Anexo 32. Painel de Visualização Power BI, Q19.3: Cristo é Senhor dos anjos	242
Anexo 33. Painel de Visualização Power BI, Q19.4: Existem nove ordens angélicas, sendo os anjos a ordem inferior	243
Anexo 34. Respostas Q.20: Práticas já realizadas, opção 8: Outra.....	244
Anexo 35. Painel de Visualização Power BI, Q20: seleção de práticas realizadas relativas aos anjos.....	245
Anexo 36. Respostas Q.21: Em relação à oração e meditação, opção: Outra .	246
Anexo 37. Respostas Q.22: Questão aberta – experiência particular	247
Anexo 38. Painel de Visualização Power BI, Q11 + Q20.....	253

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Q2: Género.....	101
Figura 2 - Q3: Idade.....	102
Figura 3 - Q4: Nacionalidade.....	102
Figura 4 - Q5: Distrito.	103
Figura 5 - Q6: Estado Civil.....	103
Figura 6 - Q7: Habilitações.....	104

Figura 7 - Q8: Filhos.....	104
Figura 8 - Q9: Estatuto Profissional.	105
Figura 9 - Q10: Religião.	105
Figura 10 - Q11: Acredita que existem anjos?	106
Figura 11 - Q11 por idades.	106
Figura 12 - Q11: Participantes que manifestaram pertencer a uma religião.....	111
Figura 13 - Q11: Participantes que manifestaram não pertencer a qualquer religião.	112
Figura 14 - Q12: Escolha as afirmações com que mais concorda.	113
Figura 15 - Q12: Filtro sem religião.	115
Figura 16 - Q13.1: O anjo intervém na vida do ser humano.	116
Figura 17 - Q13.2: Todos os seres humanos têm um anjo da guarda.....	116
Figura 18 - Q13.3: O anjo, ao pecar, ao decidir estar contra Deus, não pode ser perdoado, pois a sua decisão é irreversível. Ou seja, não pode voltar atrás na decisão tomada.	117
Figura 19 - Q14.1: O anjo, ao pecar, ao decidir estar contra Deus, pode ser perdoado. Ou seja, pode voltar atrás na decisão tomada.	118
Figura 20 - Q14.2: Os anjos são mensageiros de Deus. Levam até Deus as súplicas dos seres humanos e trazem de volta as Suas Graças.	119
Figura 21 - Q14.3: Os anjos são mensageiros de Deus. Levam até Deus as súplicas dos seres humanos e podem trazer e aplicar os castigos de Deus.....	119
Figura 22 - Q15.1: Os anjos são mediadores de Deus, comunicam a Vontade Divina.	121
Figura 23 - Q15.2: O anjo é uma criatura de Deus, tem missão de Louvar a Deus e proteger os seres humanos.....	121
Figura 24 - Q15.3: São os anjos que orientam o ser humano.	122
Figura 25 - Q16.1: A função principal dos anjos é louvar e contemplar Deus.....	123
Figura 26 - Q16.2: Os anjos são servos de Deus.	124
Figura 27 - Q16.3: Os anjos têm algum tipo de corpo material.....	124

Figura 28 - Q17.1: Os anjos têm um mundo próprio, que é o céu.....	125
Figura 29 - Q17.2: A realidade cósmica é uma só. Por isso, céu e terra são dimensões de uma só realidade. O visível e o invisível pertencem à mesma realidade.....	125
Figura 30 - Q17.3: Acreditar em anjos é ser ignorante e supersticioso.....	126
Figura 31 - Q17.4: Se algo mau acontece à pessoa, significa que o seu anjo da guarda falhou.....	127
Figura 32 - Q18.1: O ser humano atribui as suas próprias responsabilidades para os anjos, como forma de evitar as suas obrigações.....	127
Figura 33 - Q18.2: É responsabilidade do anjo a boa ou má orientação do ser humano.....	128
Figura 34 - Q18.3: Cristo superou os anjos.....	129
Figura 35 - Q18.4: Quando acontece algo mau, parte da culpa é de forças e energias sobrenaturais e invisíveis.....	130
Figura 36 - Q19.1: Quando se escuta o que o anjo diz, é Deus que fala e está a ser escutado.....	131
Figura 37 - Q19.2: O anjo é uma força, uma energia que assiste e protege os seres humanos.....	131
Figura 38 - Q19.3: Cristo é o Senhor dos anjos.....	132
Figura 39 - Q19.4: Existem nove ordens angélicas, sendo os anjos a ordem inferior.....	133
Figura 40 – Q20: Práticas que já tenham sido realizadas alguma vez.....	134
Figura 41 - Q21: Oração.....	136

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Q11: Católico por Idade % / N.....	108
Tabela 2 - Q11: Sem Religião por Idade % / N.....	109
Tabela 3 - Q11: Ateu por Idade % / N.....	110

RESUMO

Depois de uma exposição do desenvolvimento do pensamento acerca dos anjos, ao longo da história, faz-se uma reflexão acerca do conceito de mediação, tendo por fundamento a mediação de Cristo. Estabelecendo o conceito de anjo como mediação de Deus e o modo como o ser humano experimenta a realidade, visível e invisível, pretende-se conhecer na prática o que pensam os crentes e não crentes acerca dos anjos, assim como as práticas religiosas a que recorrem para expressar, porventura, a crença na existência de anjos. Para tal foi desenvolvido e aplicado um estudo, que abrangia a população da região do Minho, e posteriormente, analisados os dados obtidos. De modo disruptivo, foi aplicado o mesmo estudo a um recurso de inteligência artificial, o ChatGPT.

PALAVRAS-CHAVE

Angelologia, Anjo, Crença, Intermediação, Mediação, Piedade Popular, Religiosidade Popular.

ABSTRACT

After an exposition of the development of thought about angels, throughout history, a reflection is made on the concept of mediation, based on the mediation of Christ. Establishing the concept of angel as God's mediation and the way human beings experience reality, visible and invisible, we intend to know in practice what believers and non-believers think about angels, as well as the religious practices they use to express, perhaps, the belief in the existence of angels. For that, a study was developed and applied to the population of the Minho region, and, afterwards, the data obtained was analysed. In a disruptive way, the same study was applied to an artificial intelligence resource, the ChatGPT.

KEYWORDS

Angelology, Angel, Belief, Intermediation, Mediation, Popular Piety, Popular Religiosity.

SIGLAS

ARDA – The Association of Religion Data Archives.

BAYLOR – Baylor University, Waco, Texas.

CCE – *Catechismus Catholicae Ecclesiae*, 1997.

D – Denzinger, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica*, 2005.

DV – Concílio Vaticano II, *Constituição Dogmática, Dei Verbum*, 1965.

EN - Paulo VI, *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*, 1975.

EVS – The European Values Study.

FD – João Paulo II, *Constituição Apostólica Fidei Depositum*, 1992.

GESIS – Leibniz Institute for the Social Sciences.

INE – Instituto Nacional de Estatística.

VQA - João Paulo II, *Carta Apostólica Vicesimus Quintus Annus*, 1988.

INTRODUÇÃO

Nas diversas esferas e contextos da nossa vida ouvimos falar de anjos. Seja em contexto cristão ou em ambientes de diferentes filosofias de vida e mesmo em contextos mais esotéricos e correntes New Age.

Porém, o modo como se fala sobre os anjos é algo vago e circunstancial. No decorrer deste curso, Mestrado Integrado em Teologia, por exemplo, foram mencionados os anjos, quase por acaso, um par de vezes em cinco anos de estudo.

Um pouco por curiosidade, as questões surgem de ímpeto. Falamos de anjos, mas eles existem? Existe a crença nos anjos? Se existe, qual a ideia de anjos que a crença traduz e em que contexto? O que são e o que fazem? Na teologia, o conhecimento sobre os anjos é importante? É tido em consideração? Porque quase não se ensina sobre os anjos?

No âmbito cristão, fala-se de anjos, seja em contexto de catequese ou nas celebrações, nos respetivos tempos litúrgicos. Alguns exemplos: Deus coloca Abraão à prova pedindo o sacrifício de seu filho, Isaac (Gn 22, 1-19). É o anjo do Senhor que lhe “grita” e o trava (Gn 22, 11-12) terminando o seu teste. Também Moisés recebe a sua missão por meio do anjo do Senhor, que lhe aparece na sarça ardente (Ex 3, 1-10) e o encarrega da libertação do povo de Israel do jugo dos egípcios.

No relato do anúncio do nascimento de João (Lc 1, 1-25) é o anjo do Senhor que aparece a Zacarias para comunicar a graça recebida. Também Maria recebe a notícia, por meio do anjo Gabriel, o anjo da anunciação, de que conceberia um filho, que deveria chamar-se Jesus (Lc 1, 26-38). Os anjos deram a conhecer aos pastores o nascimento de Jesus (Lc 2, 1-20), anunciando «um Salvador, que é o Messias, Senhor» (Lc 2, 11).

Também no relato da Ressurreição de Jesus Cristo (Lc 24, 1-35; Mt 28, 1-15; Mc 16, 1-8) os anjos cumprem a sua função, anunciando às mulheres, no túmulo vazio, que Jesus ressuscitou.

São vários os relatos da intervenção de seres angélicos na história da salvação.

Então, numa primeira abordagem ao tema,

a palavra “anjo” é tradução da palavra latina *angelus*, que por sua vez vem do grego ἄγγελος. Em seu significado mais comum, introduzido definitivamente no começo da Idade Média, o nome indica espíritos supraterrrestres, sem querer originariamente, contudo, exprimir a sua natureza, como se entende hoje, mas a sua função.²

Primordialmente, o termo anjo tem o sentido de mensageiro,³ que colmatava o espaço vazio entre Deus e os seres humanos deixado pelo conceito da transcendência de Deus. Apesar de a sua existência estar atestada pelas Sagradas Escrituras, só a partir da época Patrística surge verdadeiramente uma reflexão sobre os anjos, levando o Magistério a pronunciar-se dogmaticamente. Como se poderá verificar mais adiante, a reflexão acerca dos anjos continua até aos dias de hoje.

No entanto, de acordo com diversas fontes e com a reflexão acerca dos anjos, ao longo da história, uma conceção que vem desde os tempos primitivos do judaísmo é que «os seres angélicos são contraditados por anjos maus, opositores de Javé, e que recebem vários nomes»,⁴ portanto, delimitamos este trabalho aos seres angélicos ao serviço de Deus, excluindo uma reflexão aprofundada sobre os anjos maus, demónios ou anjos caídos.

Dando seguimento à reflexão, estruturamos este trabalho em três partes. Começamos por fazer um percurso histórico acerca da crença nos anjos, que nos permita perceber a evolução do pensamento e a raiz de determinadas conceções atuais.

De seguida, aborda-se o tema da mediação angélica tendo por fundamento a mediação de Cristo. Para chegar ao conceito de mediação dos anjos parte-se do conceito de “Mediador Único”, referente a Cristo, segundo Sesboüé e do conceito de comunicação imediata/mediada de Hegel. Pensa-se, ainda nesta parte, o modo como o ser humano experimenta a realidade para, conseqüentemente, se refletir sobre de que modo o crente faz uma “experiência” dos anjos.

Por último, desenvolve-se a parte empírica deste trabalho. Será elaborado um inquérito a ser aplicado à região do Minho, que engloba os distritos de Braga e de Viana do Castelo, acerca dos anjos. O inquérito pretende obter respostas a diversas questões acerca da crença ou

² Johann Michl, «Anjo», em *Dicionário de Teologia: Conceitos Fundamentais da Teologia atual*, ed. Heinrich Fries, trad. Teólogos do Pont. Col. Pio Brasileiro de Roma (São Paulo: Edições Loyola, 1970), 106.

³ Cf Bernhard Lang, «Ángel-Satán», em *Diccionario de Conceptos Teológicos*, ed. Xavier Moll e Peter Eicher (Barcelona: Editorial Herder, 1989), 52.

⁴ José Carlos da Silva Carvalho, «Sonhos, anjos e demónios nas aparições bíblicas», *Bíblica (série científica)*, n. 26 (2017): 108.

não crença na existência de anjos, assim como perceber as práticas realizadas inerentes à fé, através da análise dos dados recolhidos. Assim como este estudo será aplicado junto da população, principalmente por meios telemáticos, será feita ainda uma experiência, adequando este mesmo estudo a uma aplicação de inteligência artificial, criada pelos seres humanos.

1. PERCURSO HISTÓRICO

É uma questão delicada delimitar temporalmente a origem da crença em anjos. Independentemente das dificuldades supostas, é importante tentar perceber as raízes da crença na existência de anjos e a origem do seu culto religioso.

Sem esse esforço de identificação das origens dificilmente se poderiam compreender as convicções que ainda hoje se mantêm acerca dos anjos. A gênese da reflexão acerca dos anjos e os pressupostos em que assenta ditam, na verdade, o caminho e evolução histórica do culto.

A crença em anjos não marca somente as grandes religiões. Deve ter existido desde os primórdios da existência humana, como dinâmica mental básica, quando, confrontado com os fenómenos do mundo, em constante crise, o ser humano teve de achar soluções para problemas, e aprendeu a questionar-se. É provável que, na origem, uma crença numa esfera de poderes superiores tenha sido potenciada pelo terror frente aos fenómenos incontroláveis da natureza, que atingiam os seres humanos funesta e inesperadamente, e que urgia potenciar positivamente por rituais de propiciação.

Em particular, o anjo não pode ser traçado em termos exclusivos à revelação cristã e à fé, mas encontra-se em muitas formas, e certamente muito distante, em várias correntes espirituais. A crença num ser celestial que age como intermediário entre o céu e a terra, entre o mundo divino e a realidade humana, é generalizada nas religiões arcaicas, bem como nas indo-europeias e semitas.⁵

Parece claramente haver uma continuidade de sentido entre estas crenças primitivas das religiões naturais, que atribuem à esfera dos poderes superiores a capacidade de controlar todos os fenómenos ominosos da natureza, e algumas das mais antigas imagens dos anjos,

⁵ Silvano Zucal, *L'Angelo nel pensiero contemporaneo* (Brescia: Editrice Morcelliana, 2012), 15.

apresentados como seres que controlam a natureza e, possivelmente, alegar uma “revelação primitiva”.⁶

O primeiro capítulo deste trabalho divide-se em quatro partes.

A primeira, sobre a época antiga, abordará desde o pensamento do Judaísmo primitivo, presente no Antigo Testamento, ao Novo Testamento e Cristianismo primitivo, abarcando toda a época Patrística. Sendo uma época muito rica, e tendo o tema vasta expressão em imensos escritores, a maior parte deles merecerá apenas uma abordagem superficial. Paralelamente, será abordado de forma mais profunda, como um marco incontornável desta época, e de toda a reflexão religiosa posterior, o pensamento de Pseudo-Dionísio, o Areopagita.

De seguida, abordaremos a época medieval: sem ter sobre o tema tão significativo número de intervenientes como a fase anterior, é nela que surge, como expoente do pensamento racional, a doutrinação de Tomás de Aquino, que impulsiona com o seu incomparável contributo a angelologia.

A época moderna, núcleo da terceira parte deste capítulo, traz consigo grandes mudanças de paradigmas, grandes transformações de pensamento e desenvolvimentos tecnológicos que impactarão inevitavelmente a reflexão acerca dos anjos.

Finalmente a quarta e última parte deste capítulo centrar-se-á no pensamento contemporâneo, abordando com maior profundidade, pela diversidade do seu pensamento, alguns autores, nomeadamente Karl Rahner, Romano Guardini, Karl Barth e Edith Stein.

1.1. Época Antiga

O Judaísmo primitivo prescinde da ação dos anjos e centra o culto exclusivamente em Yahweh. Todas as derrotas e todas as vitórias, como todo o bem e todo o mal, são atribuídos a Deus, sem demasiada reflexão. No Antigo Testamento está refletido a indistinção entre anjos e Deus. O mais das vezes apresenta-se no texto o anjo do Senhor, mas a narrativa parece indicar

⁶ Cf Michael Seemann, «Angeles y Demonios en su relacion con el Hombre - cuestiones previas», em *Mysterium Salutis: Manual de teología como historia de la salvación*, ed. Johanés Feiner e Magnus Löhrer, trad. Guillermo Aparicio e Angel Saenz-Badillos, Segunda Ed, vol. 2 (Madrid: Ediciones Cristiandad, 1969), 731.

que é Deus que fala diretamente. No Judaísmo mais tardio, é possível encontrar já distinção entre três classes de espíritos subordinados a Deus – anjos, demónios e satã.⁷

Em clara correspondência com a imagem de Deus, “o Deus dos exércitos”, também a imagem dos anjos assume nas Sagradas Escrituras uma leitura militarizada.

Ocorre a possibilidade de que, influenciado pelas culturas circundantes próximas – do Egipto, Mesopotâmia, Caná e outras – o profetismo bíblico,⁸ e o entendimento sobre os anjos que ele manifesta, se tenha deixado marcar por outros tipos de profetismo – mágico,⁹ social,¹⁰ místico,¹¹ escatológico.¹² No entanto, ele soube fazer o seu próprio caminho de identidade, acoplado ao monoteísmo, ao culto de Yahweh.¹³

E desta mesma particularidade, também serão distintas não só as crenças nos anjos, mas também as formas de os referenciar, desenvolvidas sempre em relação a Yahweh, mesmo que com influências externas.

⁷ Cf Lang, «Ángel-Satán», 50–58.

⁸ Cf João Duarte Lourenço, *História e profecia: o mundo dos profetas bíblicos* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2007), 113–15; 129–32. «É um fenómeno universal, comum a todas as culturas e religiões» ao longo de toda a história da humanidade. O profeta bíblico não é alguém que está fora da história, por vezes, facilmente confundido, como os adivinhos ou videntes. Ao invés, é um «profundo conhecedor do seu tempo», e a sua mensagem vai para além de determinadas «circunstâncias ou condicionalismos de um momento.» Na tradição bíblica, profeta, é uma categoria de revelação assente na relação entre o divino (que interpela) e o humano (que escuta e responde à interpelação). O profetismo insere-se no centro da História de Israel e o seu objetivo consiste na defesa do Javismo.

⁹ Cf Lourenço, 125. «Nível mais elementar e difuso do fenómeno.» Presente nas religiões antigas. Este recurso procura «dar resposta às inquietações» de quem procura conhecer o futuro, causas de morte, causas de doença e romper com o ciclo trágico da vida do humano. Isto faz dos videntes figuras mediadoras entre deuses e seguidores. «Cada povo, santuário, cada divindade tem seus mágicos e adivinhos» que vão de «encontro aos parâmetros da cultura» em que se encontram. Mais usual na Mesopotâmia.

¹⁰ Cf Lourenço, 126. Assume um carácter reivindicativo ao estilo de luta por direitos e justiça. Visível na cultura e escritos egípcios e babilónicos onde invoca «as tribulações da vida, as angústias, as injustiças sociais, os abusos de poder.» Esta componente é muito privilegiada pela profecia bíblica, que confere «uma dimensão ética e moral à sua expressão religiosa.» Associa o mundo do ser humano à «harmonia que a fé bíblica propõe» numa relação de justiça e igualdade. Supera assim o trágico de vida humana, coloca-se ao serviço dos que são esquecidos e marginalizados.

¹¹ Cf Lourenço, 126. «Presente em toda a região do Médio Oriente, [...] ainda hoje está profundamente enraizada nas culturas orientais». Vivido particularmente em grupos ou irmandades, tem como características «um cruzamento entre magia e alucinação». Este videntismo remete para uma «espécie de mundo místico, inconsistente e atemporal». No Judaísmo, o misticismo sempre foi objeto de desconfiança e suspeita. Mesmo na época de sedentarização, «ignoram as religiões de “mistérios”, e assentam todos os seus fundamentos na Torah e na prática». «Não há ritos de iniciação, nem formas mágicas de acesso à divindade». Embora exista dentro do Judaísmo certos grupos que se aproximam do misticismo.

¹² Cf Lourenço, 127–28. Presente no mundo bíblico em vários grupos religiosos do médio oriente, muitas vezes na forma apocalíptica. Desenvolve-se no pós-exílio, ganha expressão no período intertestamentário e evidencia uma escatologia existente já antes do exílio e antes do contacto com outras culturas. Os profetas conferem à escatologia israelita uma componente messiânica, sendo eles os arautos da esperança futura no messias. Uma escatologia cristica que encontra a sua plenitude na vinda do Ungido. Esta escatologia encontra a sua plena realização em Jesus Cristo, conferindo um novo sentido à esperança humana.

¹³ Cf Lourenço, 113–29.

Da cultura egípcia¹⁴ recebe a ideia de demónios, ou deuses inferiores, predominantemente maléficis, embora também pudessem existir demónios bons. Das culturas da Babilónia¹⁵ e da Assíria, acolhe-se a ideia de que os demónios estão ao serviço de deuses inferiores. Da cultura helénica,¹⁶ permeada por influências persas, vem a convicção de que os espíritos maus são servidores dos deuses e o bem apenas se alcança pela oração ao deus bom.¹⁷

Nas Sagradas Escrituras, além dos anjos, a referenciar sempre figuras humanas, "homem", masculino, e, portanto, sem asas, existem ainda outros seres como os serafins e os querubins. Enquanto os querubins são associados aos *karibu*, em acádio, divindades ou génios, metade seres humanos e metade animais, «considerados como figuras mistas, em parte semelhantes a homens e em parte a animais»,¹⁸ os serafins parecem não estar inicialmente associados aos anjos, mas seriam, por influências externas, representados «com seis asas, rosto, mãos e pés, que se encontram diante do trono de Deus».¹⁹

Um fator que contribuiu para o desenvolvimento da crença nos anjos entre o Judaísmo primitivo e o Judaísmo tardio prende-se com a consciência da transcendência de Deus. Quanto mais transcendente, mais fora do mundo. Daí passa, por conseguinte, a aplicar-se uma determinada utilidade aos anjos, tidos como seres serviçais, que levam as orações dos seres humanos até Deus e carregam a Sua graça até aos indivíduos. Então se inicia um certo

¹⁴ Cf Lourenço, 119–20. A cultura egípcia marca pelo contacto com videntes e oráculos, e a forma como a vida social e política era conduzida. «Não se encontram na literatura egípcia manifestações claras de profetismo». Os conteúdos dos seus textos são marcados por ambiente mágico e divinatório, embora, por vezes, estejam presentes alusões, perspectivas que abrangem a história, os problemas sociais, etc. Comparando textos, difere o conteúdo, mas parece ter uma certa forma de profetismo quanto aos métodos e fórmulas usadas. Ainda assim é somente fenómeno de adivinhação, um ambiente de mágicos e videntes, e não de profetismo na reta acepção do termo e menos ainda no conteúdo.

¹⁵ Cf Lourenço, 120–22. Textos de Mári, onde «havia homens que proferiam oráculos» em nome de diversas divindades. Eram chamados como ‘o homem que entra no céu’, colocando em «realce a sua relação com os deuses». Semelhante ao profetismo judaico está na iniciativa exclusiva da divindade, o enviado é legitimado através de sinais e prodígios e nas mensagens aponta-se a crítica às cortes e as exigências de mudança, entre outras. Distância geográfica, monoteísmo de uns e politeísmo de outros, vários séculos que separam os fenómenos, questões sociais, são alguns dos problemas que dificultam a relação entre as duas culturas, porém existe um fundo cultural próximo, documentado, das relações de Mári com Gaza, com o norte da Galileia e com Tell Hazor.

¹⁶ Cf Johann Auer, *El mundo creación de Dios*, ed. Johann Auer e Joseph Ratzinger, trad. Claudio Gancho, *Curso de Teología Dogmática*, 2ª ed, vol. III (Barcelona: Editorial Herder, 1985), 453–54. Da luta contra os demónios e com a ajuda do deus bom, «surge também o culto de Mithra, que transplantou o espírito do parsismo principalmente para o âmbito helenístico, e continuou a influenciar o maniqueísmo do Império Romano. Os espíritos também são vistos aqui como deuses ou servos dos deuses; mas ainda mais como espíritos malignos. [...] A ação do homem também deve levar o bom deus à vitória».

¹⁷ Cf Auer, III:452–54.

¹⁸ Michl, «Anjo», 108.

¹⁹ Michl, 108.

desenvolvimento das suas funções – enquanto protetores e mensageiros –, de modo que cada povo passa a ter um anjo protetor assim como cada pessoa o seu anjo, que o guarda e protege.²⁰

No Antigo Testamento a principal figura era o Anjo do Senhor (em hebraico *mal'ak*), entendido como mensageiro, por vezes identificado com o próprio Deus, uma vez que se apresenta aos seres humanos sempre em nome de Deus, com uma mensagem ou missão:

A palavra hebraica *mal'ak* (mensageiro) pode ser usada para mensageiros humanos (Gn 32, 4), profetas como porta-vozes de Deus (2 Cró 36, 16-16; Ag 1, 13), ou os enviados sobre-humanos de Deus (Gn 19, 1-15), mas a sua utilização na frase *mal'ak Yahweh* ou *'elohim* (o mensageiro de Yahweh ou Deus) tem um significado mais específico que ainda não foi explicado de forma satisfatória.

Numa série de passagens retiradas das tradições yahwísticas e elohísticas que formaram o núcleo do Pentateuco e em outros textos iniciais, o mensageiro do Senhor é apresentado não como um enviado celestial criado, distinto de Deus, mas como Yahweh ou o próprio Deus aparecendo aos homens de forma sensível.²¹

Não se sabe muito sobre os ensinamentos de Jesus Cristo acerca dos anjos ou demónios, mas atribui-se-lhe o título de exorcista,²² ou “homem” que curava as maleitas. Como culturalmente se atribuíam as maleitas às consequências de pecado ou de influências demoníacas, é possível que se entendesse que a cura teria de ser divina. Os anjos aparecem em momentos chave como a anunciação e nascimento de Jesus Cristo, também na ressurreição, mas o interesse e protagonismo não são atribuídos aos anjos, antes a Cristo: acentua-se a superioridade de Cristo.

Embora o Novo Testamento esteja em linha de continuidade com o Judaísmo tardio, as ideias sobre os anjos que manifesta estão intimamente ligadas à revelação e adquirem uma notável «sobriedade».²³ No Novo Testamento dá-se uma espécie de repulsa pelo culto angélico, ao estilo gnóstico, e aponta-se a «superioridade do cristão sobre as “potestades e virtudes”»,²⁴ levando ao pensamento de que o cristão permanecerá, quer existam ou não anjos.

²⁰ Cf Michael Seemann, «Angeles y Demonios en su relacion con el Hombre - Los Angeles», em *Mysterium Salutis: Manual de teología como historia de la salvación*, ed. Johannes Feiner e Magnus Löhrer, trad. Guillermo Aparicio e Angel Saenz-Badillos, Segunda Ed, vol. 2 (Madrid: Ediciones Cristiandad, 1969), 736–68.

²¹ T. L. Fallon, «Angel of the Lord», em *New Catholic Encyclopedia*, ed. William J. McDonald (New York: McGraw-Hill Book, 1967), 501.

²² Cf Lang, «Ángel-Satán», 54.

²³ Seemann, «Angeles y Demonios en su relacion con el Hombre - Los Angeles», 745.

²⁴ Karl Rahner, «Angelología», em *Sacramentum Mundi: Enciclopedia Teológica*, ed. Karl Rahner et al. (Barcelona: Editorial Herder, 1982), 162.

S. Paulo, que não entra em controvérsias de aparições, insurge-se contra o culto dos anjos. No entanto, não se percebe claramente a que tipo de culto alude a sua crítica: fala de Poderes e Dominações, porém, não se preocupa com distinções nem hierarquias.²⁵

É Ele a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criatura; porque foi nele que todas as coisas foram criadas, no céu e na terra, as visíveis e as invisíveis, os Tronos e as Dominações, os Poderes e as Autoridades, todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele. Ele é anterior a todas as coisas e todas elas subsistem nele. É Ele a cabeça do Corpo, que é a Igreja (Col 1, 15-18).

Assim como o Judaísmo, o Cristianismo primitivo dialoga com a sua cultura envolvente. Em parte, a representação dos anjos e a forma como são tidos em conta deve-se à herança da cultura judaica e das restantes culturas próximas que sobre ela exerciam influência.

Da mesma forma que o Judaísmo desenvolveu o seu pensamento acerca dos anjos em relação, submetidos a Yahweh, ao único Senhor, os Cristãos desenvolvem equivalente reflexão sempre em relação a Cristo, Filho do Senhor. Tudo o que há a dizer no Novo Testamento sobre os anjos (missão, função e essência) está intrinsecamente ligado ao evento salvífico de Jesus Cristo e a Ele subordinado: ações dos anjos que preparam a Sua vinda, a Sua missão/Vida atestam a presença de Deus em Cristo. Nas Sagradas Escrituras ocorrem variadas expressões para referenciar os anjos: anjo de Deus, anjo do Senhor, anjos do céu, anjo, santos anjos, anjos eleitos, os santos.²⁶ Neste período não há preocupação pela forma, pela essência, mas somente se perspectiva um foco na mensagem que os anjos transmitem.

1.1.1. Patrística até Pseudo-Dionísio

Na transição da era apostólica para a era pós-apostólica, prima-se pelo anúncio. Como consequência, surge, porém, a necessidade da argumentação perante os questionamentos dos ouvintes, que marcará os períodos seguintes. Logo nos primeiros séculos ocorrem interpretações desviantes da doutrina cristã. Assim o gnosticismo centra-se sobretudo na dualidade espírito/matéria, onde o mundo espiritual é o verdadeiro e o mundo material é aparente e mau, e conseqüentemente, a salvação provirá da libertação do mundo material, a libertação realiza-se através do conhecimento, da *gnosis*. O docetismo, por sua vez, derivando do gnosticismo, considera o mundo material uma aparência, portanto, falsa; defende a encarnação de Cristo como uma mera aparência e valoriza a realidade celeste. O estoicismo

²⁵ Cf Seemann, «Angeles y Demonios en su relacion con el Hombre - Los Angeles», 748–49.

²⁶ Cf Seemann, 744–46.

pauta-se por uma moral do esforço ou sacrifício que é necessário para atingir a verdadeira felicidade; o ser humano é o centro da problemática, no que toca à moral; centra-se no tipo de vida segundo a natureza racional, pois é o que distingue o ser humano dos restantes seres; para alcançar o fim a que se propõe – a felicidade – é necessário a renúncia às paixões, ataraxia, suportar e renunciar. Na verdade, «face às tendências materialistas do estoicismo, a *espiritualidade* dos anjos tinha de ser enfatizada; e face aos gnósticos, que concediam aos anjos um papel ativo na criação do mundo, tinha de se enfatizar o seu *carácter de criaturas*».²⁷ Estas doutrinas tinham uma perceção negativa da materialidade, considerando-a mera aparência, marcada pelo mal, de tal forma que a sua atenção se centrou mais em demónios que em anjos. Isto levou, por conseguinte, a uma precoce investigação da ação demoníaca. Estas novas correntes incitam a reflexão e a defesa da ortodoxia cristã, mas neste âmbito fogem da centralidade do Cristianismo.

Por sua vez a Patrística, marcada pelos debates cristológicos, leva acoplada a doutrina dos anjos. Assim, à semelhança da dificuldade em estabelecer a dupla natureza em Cristo (humana e divina), também acerca dos anjos se perfilam uns, reconhecendo os anjos como totalmente incorpóreos e de uma “espiritualidade pura” e outros que defendem ter de existir algum tipo ou forma de corporeidade nos anjos, como veremos adiante.

Mais concretamente, até ao final do séc. III, atribuíam-se aos anjos funções diversas: pensava-se que a natureza e todas as coisas criadas estavam sob o poder dos anjos.²⁸ A dificuldade de compreensão dos fenómenos da natureza e do mundo leva à necessidade de se conceberem anjos para explicar a geração de seres vivos, os anjos eram tidos como cooperadores na criação de vida. Uma vez que «os anjos bons prestam grandes serviços aos cristãos, vêm a ser seus conselheiros espirituais e defensores contra os truques dos espíritos malignos».²⁹ Debatia-se, portanto, a natureza, a corporeidade, o seu estatuto de criaturas, fugindo do facto de a angelologia estar submetida à cristologia.

²⁷ Seemann, 753.

²⁸ Michl, «Anjo», 110.

²⁹ Guillermo Pons, *Los Ángeles en los Padres de la Iglesia* (Barcelona: Editorial Ciudad Nueva, 2003), 19.

Inácio de Antioquia, opondo-se aos gnósticos, defende que o Cristianismo não consiste em especular acerca das hierarquias celestes.³⁰ Considerando o pensamento gnóstico como «erva estranha»,³¹ exorta os cristãos a afastarem-se das heresias e desses pensamentos.³²

Atenágoras defende que os anjos são criaturas criadas por Deus,³³ a quem foi confiado «o cuidado dos elementos dos céus, do mundo e do que contém»,³⁴ sendo uma das suas funções a providência particular, para assim Deus se dedicar a uma providência universal.³⁵

Justino defende que os anjos são cuidadores de «homens e criaturas que estão sob os céus»³⁶ e ainda admite a existência de «anjos maus e demónios e homens perversos».³⁷

Para Irineu de Lyon, opondo-se a Marcião e aos gnósticos, Deus é o criador, por sua iniciativa,³⁸ de todas as coisas visíveis e invisíveis, todas as coisas materiais e espirituais respetivamente,³⁹ «proporcionando aos seres espirituais uma natureza espiritual e invisível, aos seres supracelestes uma natureza supraceleste, para os anjos uma natureza angelical, aos seres dotados de uma alma uma natureza psíquica».⁴⁰ Não reconhece os anjos como seres corpóreos.⁴¹

Para além de seres criados por Deus,⁴² Clemente de Alexandria assume uma tripartição dos espíritos celestes: ora proto-criaturas ou príncipes, ora arcanjos, ora anjos,⁴³ que assistem Deus no governo do mundo.⁴⁴ São como um sopro de vento ou como o fogo.⁴⁵ Também determina a tripartição da hierarquia eclesial em bispos, presbíteros e diáconos que «alcançam

³⁰ Cf Pons, 18.

³¹ Inácio de Antioquia, «Carta aos Tralianos», em *Cartas*, trad. P. Th. Camelot, 3ª ed. (Paris: Les Éditions du Cerf, 1958), cap. VI.1., ver também em Carta aos Filadélfios, III.1.

³² Inácio de Antioquia, cap. VI.1.

³³ Cf Atenágoras, *Petição sobre os cristãos e Sobre a ressurreição dos mortos*, trad. Bernard Pouderon (Paris: Les Éditions du Cerf, 1992), cap. XXIV.2.

³⁴ Atenágoras, cap. X.5.

³⁵ Cf Pons, *Los Ángeles en los Padres de la Iglesia*, 27; Cf Atenágoras, *Petição sobre os cristãos e Sobre a ressurreição dos mortos*, cap. XXIV. 3.

³⁶ Justino, *Apologia dos cristãos*, trad. Charles Munier (Paris: Les Éditions du Cerf, 2006), liv. II.4.2.

³⁷ Justino, liv. II.6.(7).1.

³⁸ Cf Luis F. Ladaria, «A Criação do céu e da terra», em *História dos Dogmas: O Homem e sua Salvação*, ed. Bernard Sesboüé, trad. Orlando Soares Moreira, vol. 2 (São Paulo: Edições Loyola, 2003), 46.

³⁹ Cf Irineu de Lyon, *Contra as Heresias*, trad. Adelin Rousseau e Louis Doutreleau, vol. II/2 (Paris: Les Éditions du Cerf, 1982), cap. II.30.9.

⁴⁰ Irineu de Lyon, vol. II/2, cap. II.2.4.

⁴¹ Cf Michl, «Anjo», 113.

⁴² Cf Auer, *El mundo creación de Dios*, III:469; Cf Clemente de Alexandria, *Stromata VI*, trad. Patrick Descourtieux (Paris: Les Éditions du Cerf, 1999), cap. VI.57.5.

⁴³ Cf Clemente de Alexandria, *Stromata VII*, trad. Alain Le Boulluec (Paris: Les Éditions du Cerf, 1997), cap. II.6.3.

⁴⁴ Cf Clemente de Alexandria, cap. I.3.1 a 3.4.

⁴⁵ Cf Auer, *El mundo creación de Dios*, III:478.

as imitações daquela glória angélica da economia [salvífica] a que aludem as Escrituras para esperar aqueles que viveram as pegadas dos apóstolos, em perfeita perfeição, segundo o Evangelho». ⁴⁶ Todos os seres humanos têm um anjo guardião. ⁴⁷

Tertuliano, distinguindo anjo de demónio, trata as forças espirituais como invisíveis e insensíveis, ⁴⁸ e como tal, espíritos alados cuja natureza se ignora. ⁴⁹ Defende que nenhum anjo alguma vez precisou encarnar e por isso nunca tiveram corpos pela “via de um nascimento”. ⁵⁰ O nome anjo determina a sua função e não a sua natureza, ⁵¹ mas a ser admitido algum corpo, ⁵² sendo de origem espiritual, o corpo seria «de uma espécie particular». ⁵³

Para Orígenes, discípulo de Clemente de Alexandria, os anjos adquiriram a sua missão «em função dos seus méritos» ⁵⁴, foram enviados para servir ⁵⁵ os «herdeiros da salvação». ⁵⁶ Nomeia-os apenas como “espíritos” ⁵⁷ e traça a distinção entre anjos e demónios, estes últimos sendo anjos do mal, ⁵⁸ causadores de todos os pensamentos maus no ser humano. Apesar da distinção, chama a atenção para impossibilidade de se «saber a origem do mal se não se conhecem os ensinamentos sobre o diabo e os seus anjos, o que era antes de se tornar um diabo e a razão pela qual os seus anjos partilharam a sua apostasia». ⁵⁹ Orígenes afirma que, por negligência dos anjos ou pelo desprezo do ser humano em escutar os conselhos destes, não só o ser humano, mas também os anjos serão levados a julgamento perante Deus. ⁶⁰ Ainda assim, a existência dos anjos caracteriza-se pelo seu papel a defender e a privilegiar os seres

⁴⁶ Clemente de Alexandria, *Stromata VI*, cap. XIII.107.3.

⁴⁷ Cf T. L. Fallon et al., «Angels», em *New Catholic Encyclopedia*, ed. William J McDonald (New York: McGraw-Hill Book, 1967), 510–11.

⁴⁸ Cf Tertuliano, «Existem os anjos e os demónios», em *El Apologético*, trad. Julio Andión Marán (Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1997), cap. XXII.5.5.

⁴⁹ Cf Tertuliano, cap. XXII.8.

⁵⁰ Cf Tertuliano, *A carne de Cristo*, trad. Jean-Pierre Mahé, vol. I (Paris: Les Éditions du Cerf, 1975), cap. VI.5.

⁵¹ Cf Tertuliano, vol. I, cap. VI.9.

⁵² Cf Fallon et al., «Angels», 509.

⁵³ Tertuliano, *A carne de Cristo*, vol. I, cap. VI.9.

⁵⁴ Orígenes, *Tatado sobre os Princípios*, trad. Henri Crouzel e Manlio Simonetti, vol. I (Paris: Les Éditions du Cerf, 1978), liv. I.8.1.

⁵⁵ Cf Auer, *El mundo creación de Dios*, III:469–70.

⁵⁶ Orígenes, *Homilias sobre os Números*, trad. André Méhat (Paris: Les Éditions du Cerf, 1951), liv. V.3.; Cf Orígenes, *Contra Celso*, trad. Marcel Borret, vol. IV (Paris: Les Éditions du Cerf, 1969), liv. V.4.

⁵⁷ Cf Fallon et al., «Angels», 509.

⁵⁸ Orígenes, *Tratado sobre os Princípios*, trad. Henri Crouzel e Manlio Simonetti, vol. III (Paris: Les Éditions du Cerf, 1980), liv. III.2.4.

⁵⁹ Orígenes, *Contra Celso*, trad. Marcel Borret, vol. II (Paris: Les Éditions du Cerf, 1968), liv. IV.65.

⁶⁰ Cf Orígenes, *Homilias sobre os Números*, 1951, liv. XI.4.1.; Cf Orígenes, *Homilias sobre os Números*, trad. Louis Doutreleau, vol. III (Paris: Les Éditions du Cerf, 2001), liv. XX.4.2.

humanos,⁶¹ já que vivem levando a Deus as nossas preces e trazendo a cada um conforme o seu mérito.⁶² Diz ainda:

Há com cada um de nós, mesmo o mais pequeno da Igreja de Deus, um bom anjo, um anjo do Senhor, para o dirigir, aconselhá-lo, governá-lo, um bom anjo que, para corrigir as nossas ações e implorar misericórdia, “vê todos os dias a cara do Pai que está no céu” [Mt 18:10], de acordo com a indicação do Senhor nos Evangelhos. E ao concordar com o que João escreve no Apocalipse, há para cada Igreja em geral um anjo que preside a ela, que é felicitado pela boa conduta do povo ou culpado pelos seus defeitos.⁶³

Em 325, o Concílio de Niceia, lutando contra as doutrinas desviantes, declara os anjos como criaturas;⁶⁴ estabelece-se o dogma da Trindade e, no que toca à angelologia, pretende-se garantir a soberania e centralidade de Jesus Cristo em relação aos anjos. Nesta altura os debates cristológicos ganham intensidade, levando a uma evolução de pensamento capaz de gerar um discurso mais racional, por forma a defender a doutrina cristã. E, portanto, define-se:

Creemos em um só Deus, Pai onipotente, artífice de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado unigénito do Pai, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial ao Pai, por meio do qual vieram a ser todas as coisas, tanto no céu como na terra; o qual, por causa de nós homens e da nossa salvação, desceu e se encarnou, se humanizou, padeceu, e ressuscitou ao terceiro dia, [e] subiu aos céus, havendo de vir julgar os vivos e os mortos; e no Espírito Santo.⁶⁵ (D 125)

Gregório Nazianzeno fala de uma natureza pura, espiritual, semelhante ao vento e ao fogo. São naturezas que perseveram no bem e não se submetem ao mal e a fazê-lo, só com muita dificuldade. Criados por Deus, diz Gregório, em primeiro lugar, antes das criaturas visíveis.⁶⁶ Este padre da Igreja fala, ainda, de uma natureza incorpórea⁶⁷ e que, em virtude da sua obediência a Deus, cumprem grande diversidade de missões, não só terrenas, mas também em todo o cosmos.⁶⁸

⁶¹ Cf Pons, *Los Ángeles en los Padres de la Iglesia*, 76.

⁶² Cf Orígenes, *Contra Celso*, 1969, vol. IV, liv. V.4.

⁶³ Orígenes, *Homilias sobre os Números*, 2001, vol. III, liv. XX.3.6.

⁶⁴ Cf Vasco Pinto de Magalhães, «O Anjo, entre a espiritualidade e o esoterismo», em *Congresso Internacional: Figuras do Anjo Revisitadas* (Fátima: Santuário de Fátima, 2007), 223–30.

⁶⁵ Heinrich Denzinger, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica*, trad. José Marino Luz e Johan Konings, 40ª Ed. (São Paulo: Edições Loyola, 2005), cap. 125 Daqui em diante designado pela sigla D.

⁶⁶ Cf Auer, *El mundo creación de Dios*, III:476.

⁶⁷ Gregório Nazianzeno, *Discursos 27-31*, trad. Paul Gallay (Paris: Les Éditions du Cerf, 1978), liv. XXVIII.31.

⁶⁸ Cf Pons, *Los Ángeles en los Padres de la Iglesia*, 98.

No Sínodo de Laodiceia, entre 348 e 380, é totalmente proibida a adoração aos anjos.⁶⁹ Já Agostinho e Eusébio de Cesareia haviam traçado a distinção entre adoração a Deus e veneração aos anjos,⁷⁰ tornando-se proibida a adoração aos anjos, mas possível o culto.

Mais tarde o Concílio de Calcedónia (451) reforça:

[*Definição*] Seguindo, pois, os santos Padres, com unanimidade ensinamos que se confesse que um só e o mesmo Filho, o Senhor nosso Jesus Cristo, perfeito na sua divindade e perfeito na sua humanidade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem <composto> de alma racional e de corpo, consubstancial ao Pai segundo a divindade e consubstancial a nós segundo a humanidade, semelhante em tudo a nós, menos no pecado [*cf. Hb 4, 15*], gerado do Pai antes dos séculos segundo a divindade e, nestes últimos dias, em prol de nós e de nossa salvação, <gerado> de Maria, a virgem, a Deípara, segundo a humanidade; (D 301)

um só e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, unigénito, reconhecido em duas naturezas, sem mistura, sem mudança, sem divisão, sem separação, não sendo de modo algum anulada a diferença das naturezas por causa da sua união, mas, pelo contrário, salvaguardada a propriedade de cada uma das naturezas e concorrendo numa só pessoa e numa só hipóstase; não dividido ou separado em duas pessoas, mas um único e o mesmo Filho, unigénito, Deus Verbo, o Senhor Jesus Cristo, como anteriormente nos ensinaram a respeito dele os Profetas, e também o mesmo Jesus Cristo, e como nos transmitiu o Símbolo dos Padres. (D 302)

A partir do séc. IV, Ambrósio defende que os anjos são superiores aos humanos e inferiores a Deus,⁷¹ são criaturas e servos de Cristo,⁷² seus colaboradores.⁷³ Criaturas espirituais, os anjos partilham com os bispos a tarefa de cuidar do rebanho.⁷⁴

Para João Crisóstomo, os anjos rodeiam o sacerdote, todo o espaço sagrado está ocupado pelos seres celestiais que também honram a Jesus Cristo;⁷⁵ defende também a condição dos anjos como criaturas.⁷⁶ Pelo menos todos os batizados têm um anjo da guarda.⁷⁷ A sua reflexão desemboca na conclusão de que um anjo nunca se manifesta num corpo material.⁷⁸

⁶⁹ Cf Auer, *El mundo creación de Dios*, III:471.

⁷⁰ Cf Auer, III:471.

⁷¹ Cf Auer, vol. III, cap. 470.

⁷² Cf Ambrósio de Milão, *Apologia de David*, trad. Marius Cordier (Paris: Les Éditions du Cerf, 1977), cap. V.20.; Cf Ambrósio de Milão, *O Espírito Santo*, trad. Carmelo Granado (Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1998), cap. I.7.83.

⁷³ Cf Pons, *Los Ángeles en los Padres de la Iglesia*, 74.

⁷⁴ Cf Ambrósio de Milão, *Tratado sobre o Evangelho de S. Lucas*, trad. Dom Gabriel Tissot, vol. I (Paris: Les Éditions du Cerf, 1956), liv. II.50.

⁷⁵ Cf João Crisóstomo, *Acerca do Sacerdócio*, trad. Anne-Marie Malingrey (Paris: Les Éditions du Cerf, 1980), cap. VI.4.30-73.

⁷⁶ Cf João Crisóstomo, *Livro sobre Génesis*, trad. Laurence Brottier (Paris: Les Éditions du Cerf, 1998), liv. II.2.98-102.

⁷⁷ Cf Fallon et al., «Angels», 511.

⁷⁸ Cf Michl, «Anjo», 113.

Jerónimo diz que os anjos servem Jesus⁷⁹ e que todos têm, desde o nascimento, um anjo da guarda.⁸⁰ Enuncia nove ordens de anjos.⁸¹

Basílio de Cesareia afirma que Deus criou «toda a ordem das criaturas espirituais»,⁸² criou todas as coisas visíveis e invisíveis, materiais e espirituais, sendo que «nos poderes celestes, a sua substância é uma lufada de ar, talvez, ou um fogo imaterial, como as Escrituras insinuam». ⁸³ É uma criação que radica em Cristo.⁸⁴ Diz ainda que todos os seres humanos têm um anjo protetor, assim como todos os povos.⁸⁵

Para Agostinho, os anjos são seres criados por Deus,⁸⁶ imortais,⁸⁷ espíritos puros e incorpóreos,⁸⁸ dotados de livre-arbítrio,⁸⁹ que, aliado a vontades e apetites,⁹⁰ fazem o anjo perseverar em Deus ou cair em desgraça. Se realmente possuem um corpo, será um corpo apropriado à sua condição, à sua natureza, portanto, um corpo imaterial.⁹¹ Para este autor, o mal reside na liberdade das criaturas.⁹² Desenvolve-se por esta altura a doutrina dos anjos custódios.⁹³ Os anjos são nomeados mensageiros para seu próprio bem e para o bem dos seres humanos; assim como lhes é submetida toda a natureza material e corpórea, porém, eles mesmos estão submetidos a Deus.⁹⁴

⁷⁹ Cf Jerónimo, *Comentário sobre São Mateus*, trad. Émile Bonnard, vol. I (Paris: Les Éditions du Cerf, 1977), liv. I.4.11.

⁸⁰ Cf Jerónimo, *Comentário sobre São Mateus*, trad. Émile Bonnard, vol. II (Paris: Les Éditions du Cerf, 1979), liv. III.18.10.

⁸¹ Cf Auer, *El mundo creación de Dios*, III:488.

⁸² Basílio de Cesareia, *Homilias sobre o Hexaemeron*, trad. Stanislas Giet, 2ª ed. (Paris: Les Éditions du Cerf, 1968), liv. I.1.5.

⁸³ Cf Basílio de Cesareia, *Acerca do Espírito Santo*, trad. Benoît Pruche (Paris: Les Éditions du Cerf, 1968), cap. XVI.38.; cf Pons, *Los Ángeles en los Padres de la Iglesia*, 28.

⁸⁴ Cf Auer, *El mundo creación de Dios*, III:476.

⁸⁵ Cf Basílio de Cesareia, *Contra Eunómio*, trad. Bernard Sesboüe, Georges-Matthieu de Durand, e Louis Doutreleau, vol. II (Paris: Les Éditions du Cerf, 1983), cap. III.1.

⁸⁶ Cf Agostinho, *A cidade de Deus IX-XV*, trad. J. Dias Pereira, vol. II (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993), liv. IX.23.

⁸⁷ Cf Agostinho, *A cidade de Deus XVI-XXII*, trad. J. Dias Pereira, vol. III (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995), liv. XXII.1.

⁸⁸ Cf Agostinho, «Tratado sobre a Santíssima Trindade», em *Obras de Santo Agostinho*, trad. Luis Arias, vol. V (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1948), cap. VIII.2.3.

⁸⁹ Cf Agostinho, *A cidade de Deus XVI-XXII*, vol. III, liv. XXII.1.

⁹⁰ Cf Agostinho, «Tratado sobre a Santíssima Trindade», cap. VIII.2.3.

⁹¹ Cf Fallon et al., «Angels», 509.

⁹² Cf Ladaria, «A Criação do céu e da terra», 56.

⁹³ Cf Auer, *El mundo creación de Dios*, III:470.

⁹⁴ Cf Pons, *Los Ángeles en los Padres de la Iglesia*, 32–33.

Para João Cassiano, os anjos foram criados por Deus, para O louvar.⁹⁵ Apesar da sua natureza espiritual, defende que os anjos são corpóreos, ainda que dotados de um corpo subtil.⁹⁶ Também para Leão Magno a obra dos anjos é o louvor divino.⁹⁷

O I Sínodo de Braga (561) insurge-se contra as heresias dualistas e contra a criação de divindades e declara:

1. Se alguém não professa o Pai e o Filho e o Espírito Santo <como> três pessoas de uma só substância e força e poder, como o ensina a Igreja católica e apostólica, mas diz que são uma única pessoa apenas, e solitária, de modo que o Pai seja o mesmo que o Filho, e o mesmo também o Espírito Santo, como o disseram Sabélio e Prisciliano, seja anátema. (D 451)

2. Se alguém introduz, fora da santa Trindade, não sei que outro nome da divindade, dizendo que na mesma divindade haja uma trindade da trindade, como o disseram os gnósticos e Prisciliano, seja anátema. (D 452)

3. Se alguém diz que o Filho de Deus, nosso Senhor, antes de nascer da Virgem não existia, como o disseram Paulo de Samósata e Fotino e Prisciliano, seja anátema. (D 453)

5. Se alguém crê que as almas humanas ou os anjos têm sua existência da substância de Deus, como o disseram Maniqueu e Prisciliano, seja anátema. (D455)

1.1.2. Pseudo-Dionísio

Marcando a angelologia até aos dias de hoje, Pseudo-Dionísio, o Areopagita, desenvolve a doutrina dos anjos, começando por defender que nada se deve dizer ou pensar acerca de Deus que não tenha sido revelado nas Sagradas Escrituras.⁹⁸ Pseudo-Dionísio parte de um raciocínio em que tudo o que transcende é incompreendido pelo que é “transcendido”, ou seja, o entendimento que não é percecionado pelos sentidos torna-se incompreendido pelos sentidos; tudo o que é informe não é captado pela forma; do mesmo modo, as coisas incorpóreas, sem forma, são incompreensíveis para as que tem forma e corpo. E neste mesmo raciocínio, a Eternidade supraessencial, a Unidade, o Uno que transcende todo o entendimento torna-se inescrutável.⁹⁹

⁹⁵ Cf João Cassiano, *Conferências VIII-XVII*, trad. E. Pichery, vol. II (Paris: Les Éditions du Cerf, 1958), liv. VIII.7.

⁹⁶ Cf João Cassiano, *Conferências I-VII*, trad. E. Pichery, vol. I (Paris: Les Éditions du Cerf, 1955), liv. VII.13.

⁹⁷ Cf Leão Magno, *Sermões I*, trad. René Dolle, 2ª ed., vol. I (Paris: Les Éditions du Cerf, 1964), liv. V.16.4.

⁹⁸ Cf Pseudo-Dionísio Areopagita, «Os nomes de Deus», em *Obras Completas*, ed. Teodoro H. Martín, trad. Hipólito Cid Blanco (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002), cap. I.1.

⁹⁹ Cf Pseudo-Dionísio Areopagita, cap. I.1.

Deus como Raio Supraessencial, que irradia iluminações¹⁰⁰ adequadas a cada ser, puxa para si todos os seres para que «O contemplem, se unam a Ele e O imitem».¹⁰¹ Os seres estão junto d'Ele com a devida permissão, desde que perseverando no bem e nunca cedendo ao mal, como que incentivados pelas iluminações que lhes são consentidas.¹⁰² Portanto, porque este é um princípio divino que rege todos os seres, inclusive todas as «hierarquias santas dos seres supracelestes»,¹⁰³ estes raios que iluminam serão encontrados na revelação das Sagradas Escrituras.

Pseudo-Dionísio vincula a hierarquia eclesiástica à hierarquia celeste:

De facto, devido à nossa divindade à Sua semelhança, a fonte da perfeição, por amor aos homens, revelou-nos as hierarquias celestiais, e instituiu a nossa própria hierarquia na imitação da celestial, para que possa participar no seu próprio sacerdócio divino, com a possível semelhança, para nos elevar, aproveitando-nos das coisas sensíveis às espirituais e dos símbolos sagrados até ao simples pico das hierarquias celestiais. Ele revelou-nos tudo isto sobre os espíritos supracelestes nas composições das Sagradas Escrituras usando imagens sensíveis, para ascender do sensível ao inteligível e partindo de símbolos que representam o sagrado nos elevemos aos simples picos das hierarquias celestiais.¹⁰⁴

Da mesma forma que se fala de Deus, aludindo ao semelhante, Pseudo-Dionísio prefere a via negativa para falar de Deus aludindo ao que não é, ao dissemelhante. Daí que a imagética, o uso dos símbolos, do sensível como representações do sobrenatural, seja um tema trabalhado pelo autor. O uso de imagens e símbolos, que causam alguma repulsa, não sugere necessariamente que são seres inferiores, mas, pelo contrário, que são seres superiores. Simplesmente se lhes atribuiu uma representação, pois carecem de forma e de figura, com determinadas características do sensível e material que numa visão abrangente poderão causar alguma repulsa. Portanto, as imagens horríveis não poderão representar de forma segura e concreta os seres supracelestes, é um erro levar à letra a imagética apresentada. É necessário prestar atenção ao uso poético das imagens e das palavras, pois até Jesus comunicava por parábolas. As interpretações das Sagradas Escrituras não devem confundir as realidades divinas com as realidades materiais e mundanas.¹⁰⁵

Diz Pseudo-Dionísio

É, portanto, possível utilizar corretamente figuras para se referir às coisas celestiais, mesmo utilizando as partes mais ignóbeis da matéria (Sab 13, 1-9; Rom 1, 20), porque isso

¹⁰⁰ Cf Lalaria, «A Criação do céu e da terra», 59.

¹⁰¹ Pseudo-Dionísio Areopagita, «Os nomes de Deus», cap. I.2.

¹⁰² Cf Pseudo-Dionísio Areopagita, cap. I.2.

¹⁰³ Pseudo-Dionísio Areopagita, cap. I.3.

¹⁰⁴ Pseudo-Dionísio Areopagita, «A hierarquia celeste», em *Obras Completas*, ed. & trad. por Teodoro H. Martín (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002), cap. I.3.

¹⁰⁵ Cf Pseudo-Dionísio Areopagita, cap. II.1-5.

também recebeu da verdadeira Beleza a sua existência e contém na sua condição material total certos vestígios de beleza inteligente e por eles pode ascender a arquétipos imateriais, mas fica já dito que devemos tomar as semelhanças de forma diferente e as mesmas coisas também não da mesma forma, mas devemos determinar justamente e corretamente o que corresponde à inteligência e o que corresponde aos sentidos.¹⁰⁶

O autor define a hierarquia celeste como «uma ordem sagrada, um conhecimento e ação o mais próximo possível do divino e que tende a imitar Deus proporcionalmente às luzes que recebe Dele»,¹⁰⁷ com a finalidade de contemplar Deus e alcançar a semelhança e união com Ele, imitando-O, na medida do possível, cooperando com o Senhor.¹⁰⁸ Portanto, «a hierarquia é estabelecida pelo fluir da revelação divina para o mundo de Deus».¹⁰⁹ Os anjos são assim chamados porque «participam do divino e são os primeiros que transmitem os mistérios da Divindade»,¹¹⁰ logo, os que recebem uma missão, mediação de Deus. Embora se chame anjos a todos os seres celestes,¹¹¹ anjos são, na estrutura hierárquica, o grau mais baixo de todos.¹¹²

Pseudo-Dionísio apresenta uma estrutura tripartida dos poderes celestiais, divididos em três hierarquias, com três ordens cada.¹¹³ A primeira hierarquia, a mais próxima de Deus, é constituída pelas ordens dos serafins, querubins e tronos. A segunda hierarquia, inferior à primeira, é constituída pelas ordens das dominações, virtudes e potestades. A terceira hierarquia, inferior à segunda e superior à humana, é constituída pelas ordens dos principados, arcanjos e anjos.

Toda a estrutura tem uma dupla função de receber e transmitir a purificação, a iluminação e a perfeição. São três termos que caracterizam todas as hierarquias e todas as ordens. Pseudo-Dionísio diz que «a participação na ciência divina é purificação, é iluminação, é perfeição».¹¹⁴ Sendo característica dos seres celestes a participação e união com Deus, com a finalidade de cooperar com e imitar, na medida do possível, Deus, então a purificação, a iluminação e a perfeição caracterizam toda a ação, função e modo de existir dos seres celestes.

¹⁰⁶ Pseudo-Dionísio Areopagita, cap. II.4.

¹⁰⁷ Pseudo-Dionísio Areopagita, cap. III.1.

¹⁰⁸ Cf Auer, *El mundo creación de Dios*, III:490; Cf Pseudo-Dionísio Areopagita, «A hierarquia celeste», cap. III.1-3.

¹⁰⁹ Philip S. Alexander, «The Qumran Songs of the Sabbath sacrifice and the Celestial Hierarchy of Dionysius the Areopagite: a comparative approach», *Revue de Qumrân* 22, n. 3 (87) (20 de Julho de 2006): 363, <https://doi.org/10.2143/RQ.22.3.3290214>.

¹¹⁰ Pseudo-Dionísio Areopagita, «A hierarquia celeste», cap. IV.2.

¹¹¹ Cf Pons, *Los Ángeles en los Padres de la Iglesia*, 36.

¹¹² Cf Pseudo-Dionísio Areopagita, «A hierarquia celeste», cap. V.

¹¹³ Cf Auer, *El mundo creación de Dios*, III:471.

¹¹⁴ Pseudo-Dionísio Areopagita, «A hierarquia celeste», cap. VII.3.

Os nomes, que os diferentes graus das hierarquias recebem, espelham e demonstram as suas funções ou realidades distintas. A primeira hierarquia, das ordens dos serafins, querubins e tronos, é a que está mais próxima de Deus,¹¹⁵ «imediatamente em torno de Deus».¹¹⁶ Serafins, que significa incendiários ou que inflamam, são os que tem o posto mais alto. Em seu dinamismo incessante em torno da Divindade, irradiam um “calor”, um “fogo” purificador, pleno de luz que erradica qualquer treva ou obscuridade. Os querubins, cujo nome significa «“abundância de ciência” ou “efusão de sabedoria”»,¹¹⁷ espelham o conhecer e ver a Deus; generosamente compartilham o seu dom com as hierarquias inferiores. Por fim, os tronos, cujo nome significa que «a sua pureza sem mistura aliena-os de toda a submissão às coisas vis».¹¹⁸ Esta hierarquia, a mais próxima de Deus,¹¹⁹ recebe os seus dons diretamente Dele. Mantendo-se firmes em torno de Deus, «são seres totalmente puros»,¹²⁰ contemplativos, plenos de luz e perfeitos; apenas submetidos a Deus, não sabem o que é rebaixar-se a algo inferior, pois é sua característica serem semelhantes ao seu Senhor; não têm, portanto, qualquer contaminação do que humanamente é possível pensar, ainda que, imagética e simbolicamente, possam estar representados de forma limitada.

A segunda hierarquia, das ordens das dominações, virtudes e potestades, é a do meio na estrutura tripartida apresentada por Pseudo-Dionísio. Recebem os seus dons da primeira hierarquia que bondosamente partilham o que do Senhor receberam.¹²¹ As dominações, que se pode entender como «um elevar-se livre e sem se deixar submeter por qualquer tendência terrena»,¹²² não se curvam ao aparente e dissemelhante, mas buscam o verdadeiro Domínio. Tendem, tal como a primeira hierarquia, para o único e verdadeiro Senhor, procurando imitá-Lo e, na medida em que lhes é possível, participam «do princípio eterno e divino de todo o Domínio».¹²³ As virtudes, cujo nome remete para uma força ao modo de Deus, sem marca de debilidade ou fraqueza, tendem para Deus, imitando-O e, na medida do possível, almejam ser imagem da própria Virtude. As potestades, tendendo para Deus, na medida que lhes é possível, são imagem do Poder que é fonte e autor de toda a potestade; apesar do grande poder que lhes

¹¹⁵ Cf Paul Rorem, *Pseudo-Dionysius: A commentary on the texts and an introduction to their influence* (New York: Oxford University Press, 1993), 64.

¹¹⁶ Pseudo-Dionísio Areopagita, «A hierarquia celeste», cap. VII.1.

¹¹⁷ Pseudo-Dionísio Areopagita, cap. VII.1.

¹¹⁸ Pseudo-Dionísio Areopagita, cap. VII.1.

¹¹⁹ Cf Pons, *Los Angeles en los Padres de la Iglesia*, 43.

¹²⁰ Pseudo-Dionísio Areopagita, «A hierarquia celeste», cap. VII.1.

¹²¹ Cf Pons, *Los Angeles en los Padres de la Iglesia*, 43.

¹²² Pseudo-Dionísio Areopagita, «A hierarquia celeste», cap. VIII.1.

¹²³ Pseudo-Dionísio Areopagita, cap. VIII.1.

é atribuído, não o exercem tiranicamente sobre os demais; pelo contrário, elevam ao Senhor os seres inferiores.

Este grau mediano de toda a estrutura hierárquica, recebe por intermédio do primeiro¹²⁴ grau a purificação, iluminação e perfeição, que se manifestarão de modo segundo. Dito de outro modo, enquanto a primeira hierarquia recebe diretamente de Deus os seus dons, manifestando-se de um modo, de acordo com esta primeira transmissão, que se pode designar mediação primeira, a segunda hierarquia recebe os seus dons por mediação da primeira, ou seja, as manifestações dos seus dons estarão marcadas por uma mediação segunda.

Do mesmo modo fica marcada a manifestação da terceira hierarquia, que recebe os seus dons por intermédio da segunda, portanto, mediação terceira. Isto implica que a primeira hierarquia seja, na medida em que lhe é possível, o grau mais perfeito, iluminador e purificador, inclusive para os graus inferiores, elevando-os ao Princípio Supraessencial, tornando os graus inferiores participantes, de acordo com a sua capacidade «das operações perfeitas, iluminadoras e purificadoras»¹²⁵ de Deus.

A terceira e última hierarquia celeste é composta pelas ordens dos principados, arcanjos e anjos. O nome principados está relacionado com poderes principescos. Pretendem ser imagem do Princípio, exercem o seu principado sobre outros e guiam-nos para o Princípio de que «procede todo o princípio»,¹²⁶ dando também a conhecer o Princípio Supraessencial de Governo. Os arcanjos, tal como os principados, orientam-se para o Princípio Supraessencial. Pertencendo a um grau extremo da hierarquia, correspondem a uma ordem intermédia que está entre os principados e os anjos.¹²⁷ Tal como nos outros graus hierárquicos, a ordem dos arcanjos recebe os seus dons da ordem superior e transmite-os à ordem inferior. A sua ordem caracteriza-se pelos poderes de comando. Os anjos, a última ordem de toda a hierarquia celeste, e mais próxima ao terreno, ocupa-se do que diz respeito a este mundo terreno. Esta terceira hierarquia está incumbida de cuidar dos seres humanos e das hierarquias terrenas.

O último capítulo da obra de Pseudo-Dionísio, “a hierarquia celeste”, é dedicado a esclarecer a simbologia das imagens ou figuras com que se representam os seres angélicos: fogo, forma humana, túnica luminosa, asas, formas de animais e muitos outros, sempre com a

¹²⁴ Cf Rorem, *Pseudo-Dionysius: A commentary on the texts and an introduction to their influence*, 66.

¹²⁵ Pseudo-Dionísio Areopagita, «A hierarquia celeste», cap. VIII.2.

¹²⁶ Pseudo-Dionísio Areopagita, cap. IX.1.

¹²⁷ Cf Pons, *Los Ángeles en los Padres de la Iglesia*, 44–45.

advertência de atender à dissemelhança mais que à semelhança. Não abordando toda a simbologia explanada por Pseudo-Dionísio, não se resiste a transcrever: «as asas, em efeito, simbolizam a prontidão para elevar-se, o celeste, o que abre caminho para as alturas, e, ao ascender, separar-se de tudo o que é terrestre».¹²⁸

1.1.3. Após Pseudo-Dionísio

Gregório Magno, também ele defensor da ideia de que o nome anjo caracteriza a função e não a natureza,¹²⁹ afirma que, comparativamente aos seres humanos, os anjos são espíritos puros, mas, quando comparados com o Espírito Supremo, são corpóreos.¹³⁰ Em consonância, também relativamente ao seu conhecimento se nota que, comparado com o humano, é imenso, mas quando comparado com o de Deus, é um conhecimento reduzido e limitado. Ainda assim é de notar um conhecimento e ciência extraordinários.¹³¹ Para o escritor todos servem Deus, tanto os bons anjos como os maus,¹³² servindo-se Deus dos bons para comunicar com os seres humanos, em palavras, em imagens de corpos aéreos.¹³³ Com influência de Gregório Magno e de Máximo Confessor, a sistematização de Pseudo-Dionísio divulga-se com sucesso.¹³⁴ O autor faz ainda uma síntese do que são cada uma das ordens da hierarquia celeste:

Chamamos às virtudes de espíritos por quem os sinais e maravilhas são muitas vezes feitos. Chamamos poderes àqueles que, na sua ordem, receberam mais do que outros o poder de submeter as forças opostas à sua autoridade: estão impedidos de tentar o coração dos homens tanto quanto gostariam. Chamam-se principados os que estão a cargo dos bons espíritos que são anjos: fixando a sua tarefa a cada um dos que lhes estão sujeitos, estão à sua frente para realizarem os ministérios divinos. As dominações são aquelas que, por uma profunda disparidade, passam em poder até mesmo os principados. Estes exércitos de anjos, que prevalecem pelo seu admirável poder, porque outros estão sujeitos a eles e obedecem-lhes, são chamados de dominações. Chamamos tronos àqueles exércitos, no meio dos quais o Deus Todo-Poderoso sempre se senta para julgar. Como em latim chamamos tronos de assento, chamamos tronos de Deus aqueles que estão cheios de tal graça de divindade que o Senhor se senta entre eles e pronuncia através deles os seus julgamentos. [...] Querubim refere-se à plenitude da ciência. Estes exércitos superiores foram chamados de os do querubim, porque estão cheios de uma ciência ainda mais perfeita, pois contemplam a glória de Deus [...]. Serafins são aqueles exércitos de espíritos santos que, devido à sua singular proximidade com o seu Criador, queimam

¹²⁸ Pseudo-Dionísio Areopagita, «A hierarquia celeste», cap. XV.3.

¹²⁹ Cf Gregório Magno, *Homilias sobre o Evangelho*, trad. Raymond Étaix, Georges Blanc, e Bruno Judic, vol. II (Paris: Les Éditions du Cerf, 2008), liv. XXIV.8.

¹³⁰ Gregório Magno, *Moral em Job (I-II)*, trad. André de Gaudemaris (Paris: Les Éditions du Cerf, 1952), liv. II.I.3.

¹³¹ Cf Pons, *Los Angeles en los Padres de la Iglesia*, 36.

¹³² Cf Gregório Magno, *Moral em Job (I-II)*, liv. II.XX.38.

¹³³ Cf Gregório Magno, *Moral em Job (XXVIII-XXIX)*, trad. Les moniales de Wisques (Paris: Les Éditions du Cerf, 2003), liv. XXVIII.I.3.

¹³⁴ Cf Basil Studer, «A doutrina patrística acerca dos Anjos», em *Congresso Internacional: Figuras do Anjo Revisitadas*, trad. Fernando Ventura (Fátima: Santuário de Fátima, 2007), 169.

com um amor incomparável. [...]. A sua chama é o amor, pois quanto mais distintamente percebem a glória da sua divindade, mais vivamente se inflamam com o seu amor.¹³⁵

Para João Damasceno os anjos são seres criados por Deus, incorpóreos como fogo imaterial,¹³⁶ ao serviço de Deus e com uma única finalidade: o louvor ao Senhor. São seres imortais, por graça, e dotados de livre-arbítrio.¹³⁷ Damasceno afirma também que são incorpóreos e imateriais, mas «apenas em relação a nós; porque todo o objeto comparado a Deus, o incomparável, é bruto e material, uma vez que só a divindade é verdadeiramente imaterial e incorpórea».¹³⁸

Nos últimos séculos da época Patrística, a angelologia perde o ritmo de criação, de produção de pensamento, principalmente no Ocidente, pois o Oriente encontra-se mais impulsionado principalmente com influência de João Damasceno.¹³⁹

Até à época medieval discute-se o culto dos anjos. Todas as posições tomadas acerca dos anjos «pretendiam apenas esclarecer com a mentalidade da época a condição de criaturas e a espiritualidade incorpórea dos anjos».¹⁴⁰

1.2. Época Medieval

As objeções não terminaram, assim como as heresias não cessaram de surgir: de um extremo ao outro, sempre foi difícil manter uma posição centrada. Em relação aos anjos, a Idade Média debate-se com a questão da corporeidade, os anjos no espaço e tempo e a questão ontológica do ser.¹⁴¹ No «âmbito cristão, foi S. Bernardo o responsável pela ampla difusão do culto angélico».¹⁴² Para o autor, o interesse dos anjos dirige-se para a «renovação da vida eclesial»,¹⁴³ retomando a devoção no louvar, invocar e imitar.¹⁴⁴

Bernardo confessa-se ignorante para responder a tantos questionamentos acerca da corporeidade dos anjos, até porque os padres da Igreja já se haviam manifestado acerca disso

¹³⁵ Gregório Magno, *Homilias sobre o Evangelho*, vol. II, liv. XXXIV.10.

¹³⁶ Cf Auer, *El mundo creación de Dios*, III:479.

¹³⁷ Cf João Damasceno, *A Fé Ortodoxa 1-44*, trad. P. Ledrux (Paris: Les Éditions du Cerf, 2010), liv. XVII.II.3.

¹³⁸ João Damasceno, liv. XVII.II.3.

¹³⁹ Pons, *Los Ángeles en los Padres de la Iglesia*, 20–21.

¹⁴⁰ Auer, *El mundo creación de Dios*, III:472.

¹⁴¹ Cf Auer, III:471.

¹⁴² Roberto Cipriani, «Os Anjos na sociedade pós-secular», em *Congresso Internacional: Figuras do Anjo Revisitadas*, trad. Fernando Ventura (Fátima: Santuário de Fátima, 2007), 34.

¹⁴³ Pons, *Los Ángeles en los Padres de la Iglesia*, 17.

¹⁴⁴ Cf Magalhães, «O Anjo, entre a espiritualidade e o esoterismo», 228.

de formas diferentes e mais uma opinião não faria o tema progredir.¹⁴⁵ Ainda assim, afirma que o ser humano se deve socorrer deles, rogando para que levem as orações até Deus e Dele tragam as suas graças.¹⁴⁶ O anjo é um instrumento de Deus,¹⁴⁷ não só para comunicar com os humanos, mas também para O glorificar e louvar.¹⁴⁸ O autor fala das nove ordens de anjos,¹⁴⁹ tendo como característica comum a contemplação, «contemplar e celebrar o nosso Cristo».¹⁵⁰

Assume a existência de quatro tipos de espíritos, a saber, o do animal, o do humano, o do anjo e o d'Aquela que os criou a todos¹⁵¹ e nota que os espíritos celestes necessitam de ter um corpo, pois, tal como se diz nas Sagradas Escrituras, eles apareceram aos Patriarcas, estiveram entre eles, comeram e beberam com eles e, portanto, o corpo é útil à sua missão.¹⁵² Estão, por isso, ligados à renovação da vida eclesial.¹⁵³ Bernardo de Claraval afirma ainda que, apesar de precisarem de corpos para ajudar os que receberam “a herança da salvação”, não precisam deles para compreender as realidades divinas ou até as realidades materiais.¹⁵⁴ O autor exorta à contemplação a Deus¹⁵⁵, à oração, imitando os anjos e diz que os «mensageiros celestiais mostram-se muitas vezes e familiarmente a uma alma que já teve tais experiências, em especial se eles notaram que ela frequentemente se entrega à oração».¹⁵⁶

O IV Concílio de Latrão (1215) reage às heresias dualistas e maniqueístas que continuam a propagar-se e declara:

Creemos firmemente e confessamos sinceramente que um só é o verdadeiro Deus eterno e imenso, imutável, incompreensível, onipotente e inefável, Pai e Filho e Espírito Santo: três pessoas, mas uma só essência, substância ou natureza absolutamente simples. O Pai não <provém> de ninguém, o Filho só do Pai, o Espírito Santo de modo igual de um e de outro, sempre sem início e sem fim. O Pai gera, o Filho nasce, o Espírito Santo procede. São consubstanciais, coiguais, coomnipotentes e coeternos: único princípio do universo, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, espirituais e materiais, que com sua força onipotente desde o princípio do tempo criou do nada uma e outra criação: a espiritual e a material, isto é, a angelical e a mundana; e, depois, a humana, de algum modo comum <a ambas>, composta de

¹⁴⁵ Bernardo de Claraval, *Sermões sobre o Cântico (1-15)*, trad. Paul Verdeyen e Raffaele Fasseta, vol. I (Paris: Les Éditions du Cerf, 1996), liv. V.7.

¹⁴⁶ Cf Bernardo de Claraval, *Sermões Diversos (1-22)*, trad. Pierre-Yves Émery e Françoise Callerot, vol. I (Paris: Les Éditions du Cerf, 2006), liv. XVI.4.

¹⁴⁷ Cf Bernardo de Claraval, *Sermões Diversos (23-69)*, trad. Pierre-Yves Émery e Françoise Callerot, vol. II (Paris: Les Éditions du Cerf, 2007), liv. XXIII.5.

¹⁴⁸ Cf Bernardo de Claraval, vol. II, liv. XLII.7.

¹⁴⁹ Cf Bernardo de Claraval, *Sermões sobre o Cântico (16-32)*, trad. Paul Verdeyen e Raffaele Fasseta, vol. II (Paris: Les Éditions du Cerf, 1998), liv. XIX.1-5.

¹⁵⁰ Bernardo de Claraval, vol. II, liv. XIX.3.

¹⁵¹ Cf Bernardo de Claraval, *Sermões sobre o Cântico (1-15)*, vol. I, liv. V.1.

¹⁵² Cf Bernardo de Claraval, vol. I, liv. V.2.

¹⁵³ Cf Pons, *Los Ángeles en los Padres de la Iglesia*, 17.

¹⁵⁴ Cf Bernardo de Claraval, *Sermões sobre o Cântico (1-15)*, vol. I, liv. V.4.

¹⁵⁵ Cf Bernardo de Claraval, vol. I, liv. XI.2.

¹⁵⁶ Bernardo de Claraval, vol. I, liv. VII.7.

alma e de corpo. Pois o diabo e os outros demónios foram criados por Deus naturalmente bons, mas por si mesmos se transformaram em maus. (D 800)

1.2.1. *Boaventura, o “Doutor Seráfico”*

Encontramos também, neste período, duas grandes correntes de pensamento, a franciscana e a dominicana. A corrente franciscana, corrente mística e de paradigma platónico e agostiniano, encontra o seu expoente em Boaventura, “o Doutor Seráfico”, que considera a mística cristã como «participação na vida dos anjos».¹⁵⁷ O Doutor Seráfico «exclui a simultaneidade da criação e valoriza a obra dos seis dias. Nos três primeiros dias são criados os anjos e a matéria; nos seguintes, os diferentes seres materiais».¹⁵⁸

Boaventura afirma que a natureza dos anjos é espiritual e incorpórea,¹⁵⁹ porém, assume o ser espiritual como algum tipo de substância, alguma materialidade.¹⁶⁰ Admite a tríplice hierarquia, cada uma com três graus: a primeira é a dos serafins, querubins e tronos, a segunda é a das dominações, virtudes e potestades e a terceira, a inferior, é a dos principados, arcanjos e anjos.¹⁶¹ Diz ainda:

Dotados de quatro atributos, a saber: a simplicidade de essência; a distinção pessoal; a memória, a inteligência e a vontade, devido à razão que lhes é inerente; e a liberdade de arbítrio para escolher o bem e recusar o mal. – Estes quatro atributos principais são acompanhados por outros quatro, a saber: a eficácia no obrar, a oficiosidade no ministrar, a perspicácia no conhecer e a imutabilidade, após a eleição, no bem ou no mal.¹⁶²

Admite, portanto, os anjos como seres intelectivos, racionais, dotados de livre-arbítrio para exercer a sua vontade, exercer a sua escolha perante o bem e o mal, mas também a imutabilidade após a escolha tomada.

Não lhes é próprio conhecer o interior do ser humano, a menos que este o manifeste, assim como também não conhecem o futuro, como economia da salvação que provém da vontade de Deus. Conhecem tanto quanto lhes é revelado.¹⁶³

¹⁵⁷ Pons, *Los Ángeles en los Padres de la Iglesia*, 22.

¹⁵⁸ Ladaria, «A Criação do céu e da terra», 68.

¹⁵⁹ Cf Boaventura, «Brevilóquio», em *Obras escolhidas*, trad. Luis A. De Boni, Suma (Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1983), pt. II. VI. 1.

¹⁶⁰ Cf José Tomás Alvarado Marambio, «Dos alternativas de ontología angélica / Two Alternatives of Angelic Ontology / Duas alternativas de ontologia angélica», *Cuestiones Teológicas* 41, n. 95 (2014): 81, http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-131X2014000100005&lng=en&tlng=en.

¹⁶¹ Cf Boaventura, «Brevilóquio», pt. II.VIII.1.

¹⁶² Boaventura, pt. II.VI.2.

¹⁶³ Cf Auer, *El mundo creación de Dios*, III:485–87.

Como criaturas¹⁶⁴ de Deus, a sua obra consiste em contemplar a Deus face a face e servir a seres humanos.¹⁶⁵ Traça ainda a característica fundamental de cada ordem: aos serafins corresponde a bondade, aos querubins a sabedoria e aos tronos a reverência; às dominações corresponde imperar, às virtudes executar e às potestades expedir; finalmente, aos principados corresponde reger, aos arcanjos revelar e aos anjos socorrer.¹⁶⁶ Ainda assim, os anjos são inferiores a Jesus Cristo, que é seu Senhor.¹⁶⁷ Concebendo Cristo como o “anjo do grande conselho” e o grande mediador entre Deus e a criação, é Ele quem intercede por nós e, portanto, «é impossível que um anjo realize a consagração».¹⁶⁸

Sendo o serafim o grau mais excelso de todos os seres celestiais,¹⁶⁹ na sua obra, “as seis asas do serafim”, traça as principais características que um bom superior deve ter, ou seja, quem exerce funções de governo está sob o jugo de particulares exigências para exercer a sua função com diligência e excelência. Ao longo da obra refere várias formas de viver em retidão. Elenca o que é vil e aponta o bom para conduzir uma vida e para que aqueles que pretendem exercer cargos superiores se possam tornar bons dirigentes. Não importa apenas o saber, mas o fazer, como Boaventura repete ao longo da obra «*Jesus principiou a fazer e a ensinar*»¹⁷⁰ (At 1, 1). A obra é, no fundo, uma exortação à imitação dos serafins:

Assim, pois, adornado com estas e outras asas, o serafim, quer dizer o prelado espiritual, assista diante do Senhor, que está sentado sobre um trono alto e elevado (Is 6, 1-2). As duas primeiras asas eleve-as sobre a cabeça. Com as duas do meio cubra o corpo e os pés. E com as duas últimas voe pelo espaço e para o alto, para que o desejo do louvor humano não deprima o seu zelo, nem o afeto da carne incline a sua compaixão; mas a reta intenção o erga sempre mais, e a piedosa caridade fraterna o eleve para o alto, esperando a retribuição celestial.¹⁷¹

1.2.2. Tomás de Aquino, o “Doutor Angélico”

O pensamento dominicano, corrente intelectual de paradigma aristotélico, tem a sua maior representação em Tomás de Aquino, “o Doutor Angélico”, para quem a angelologia é o «estudo dos dons prodigiosos de Deus às suas criaturas».¹⁷² A questão dos anjos é abordada ao

¹⁶⁴ Cf Boaventura, «Brevilóquio», pt. II.I.2.

¹⁶⁵ Cf Boaventura, pt. II.VIII.2.

¹⁶⁶ Cf Boaventura, pt. II.VIII.3.

¹⁶⁷ Cf Boaventura, «A árvore da vida», em *Obras escolhidas*, trad. Saturnino Schneider (Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1983), cap. III.38.

¹⁶⁸ Cornelius Pfeifer, «O anjo do “supplices” do Cânon Romano (1)», *Sapientia Crucis* 12, n. 12 (2011): 154.

¹⁶⁹ Cf Boaventura, «As seis asas do serafim», em *Obras escolhidas*, trad. Saturnino Schneider (Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1983), cap. I.4.

¹⁷⁰ Boaventura, cap. I.1. Ver também V.1.

¹⁷¹ Boaventura, cap. VII.15.

¹⁷² Pons, *Los Angeles en los Padres de la Iglesia*, 22.

longo de toda a *Suma Teológica*, que tem um tratado “Anjo” onde aborda toda a especificidade temática dos anjos.

Apesar de considerar os anjos seres espirituais, o autor admite alguma corporeidade, principalmente em modo de comparação: «comparados a Deus, os anjos são materiais e corpóreos»,¹⁷³ sem que isso implique necessariamente que tenham uma natureza corpórea, pois as naturezas incorpóreas situam-se entre Deus e as coisas corpóreas. Ao assumir que os anjos não são compostos de matéria e forma, conclui que não há anjos da mesma espécie, cada anjo é uma espécie,¹⁷⁴ é único.¹⁷⁵ Aceita a incorruptibilidade dos anjos, porém, dependentes de Deus, sem que isso os torne passíveis de corruptibilidade.¹⁷⁶ Se comparativamente a Deus o anjo é corpóreo, comparativamente ao ser humano, criatura intelectual, racional e material, corpórea, o anjo é incorpóreo. O anjo não necessita dos sentidos corpóreos para conhecer a partir do sensível e, portanto, os anjos não possuem corpo, porém, por vezes, podem assumir corpos.¹⁷⁷

Para Tomás de Aquino, o anjo pode estar em algum lugar, porém, não do mesmo modo que um ser humano, que está sujeito às leis do espaço e tempo. Aos anjos apenas se aplica um estar virtual, não sendo nunca restringido pelo mensurável.¹⁷⁸ Só Deus, poder divino e infinito, pode estar em todos os lugares; já o anjo, comparado com Deus, é criatura, poder finito e logo está apenas em um lugar e não em vários lugares em simultâneo.¹⁷⁹ O anjo está em algum lugar de modo virtual, portanto, a forma como se move no lugar não é circunscrita pelo próprio lugar.¹⁸⁰ O anjo pode mover-se de forma contínua ou descontínua de lugar para lugar.¹⁸¹ Daqui resulta que, ao movimentar-se de um lugar ao outro, atravesse ou não o espaço intermédio.¹⁸²

O autor defende que somente Deus conhece toda a existência por sua essência e o anjo não pode,¹⁸³ pois isso é característica do divino, infinito, que compreende todas as coisas na

¹⁷³ Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, ed. Joaquim Ferreira, trad. Aldo Vannucchi et al. (São Paulo: Edições Loyola, 2017), liv. I, q.50, a.1.

¹⁷⁴ Cf Auer, *El mundo creación de Dios*, III:481.

¹⁷⁵ Cf Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, liv. I, q.50, a.4.

¹⁷⁶ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.51, a.1.

¹⁷⁷ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.51, a.2.

¹⁷⁸ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.52, a.1.

¹⁷⁹ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.52, a.2.

¹⁸⁰ Cf Cornelius Pfeifer, «O anjo do “supplices” do Cânon Romano (2): Fundamentos Bíblicos e Dogmáticos sobre as Funções Litúrgicas dos Anjos», *Sapientia Crucis* 13, n. 13 (2012): 140; Cf Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, liv. I, q.52, a.2.

¹⁸¹ Cf Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, liv. I, q.53, a.1.

¹⁸² Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.53, a.2.

¹⁸³ Cf Alvarado Marambio, «Dos alternativas de ontología angélica / Two Alternatives of Angelic Ontology / Duas alternativas de ontologia angélica», 87.

perfeição.¹⁸⁴ Porém, é possível o anjo conhecer-se a si mesmo pelo ato de intelecção que lhe é próprio,¹⁸⁵ assim como conhece «as outras naturezas de anjos»¹⁸⁶ e ainda apenas conhece Deus porque a Sua imagem está impressa em sua natureza, «o anjo conhece Deus, enquanto é semelhança de Deus».¹⁸⁷ Quanto ao conhecimento das coisas materiais, é óbvio para Tomás de Aquino que, como criaturas superiores, inteligíveis, os anjos conhecem as coisas materiais por participação divina. Apenas Deus conhece plena e perfeitamente todas coisas materiais e imateriais, e sendo os anjos as criaturas mais próximas de Deus, ainda que imperfeitas comparativamente, embora criaturas superiores, recebem o seu conhecimento Dele, ainda que de forma limitada e imperfeita, porém, inerente está o conhecer as ordens inferiores e as coisas materiais.¹⁸⁸ O conhecimento dos anjos é, por um lado, natural, por meio do qual conhecem essências e espécies. Por outro, na contemplação a Deus, o anjo conhece os mistérios que Ele lhe revela por Sua própria vontade. De outra forma os anjos não conseguiriam conhecer todos os mistérios, senão pela vontade divina.¹⁸⁹

A vontade dos anjos é conferida pela vontade divina, uma vontade que se inclina ao Bem,¹⁹⁰ com profundo conhecimento e não como se fosse encaminhada.¹⁹¹ Tomás de Aquino defende que «onde há intelecto há livre-arbítrio. E assim fica claro que os anjos têm livre-arbítrio, como também o intelecto, de maneira mais excelente que os homens».¹⁹² Não possuem o irascível e concupiscível,¹⁹³ têm amor natural¹⁹⁴ e eletivo,¹⁹⁵ amam-se a si mesmos¹⁹⁶ e «ama[m] outro anjo com amor natural enquanto coincide[m] com ele na mesma natureza».¹⁹⁷ Mais do que a si mesmos, amam a Deus com amor natural.¹⁹⁸

Os anjos são criaturas de Deus, e têm em Deus a sua razão de existir.¹⁹⁹ É de maior probabilidade os anjos terem sido criados em simultâneo com as restantes criaturas

¹⁸⁴ Cf Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, liv. I, q.55, a.1.

¹⁸⁵ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.56, a.1.

¹⁸⁶ Tomás de Aquino, liv. I, q.56, a.2.

¹⁸⁷ Tomás de Aquino, liv. I, q.56, a.3.

¹⁸⁸ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.57, a.1.

¹⁸⁹ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.57, a.5.

¹⁹⁰ Cf Pfeifer, «O anjo do “supplices” do Cânon Romano (1)», 195.

¹⁹¹ Cf Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, liv. I, q.59, a.1.

¹⁹² Tomás de Aquino, liv. I, q.59, a.3.

¹⁹³ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.59, a.4.

¹⁹⁴ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.60, a.1.

¹⁹⁵ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.60, a.2.

¹⁹⁶ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.60, a.3.

¹⁹⁷ Tomás de Aquino, liv. I, q.60, a.4.

¹⁹⁸ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.60, a.5.

¹⁹⁹ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.61, a.1.

corpóreas.²⁰⁰ Dada a dignidade da sua natureza, diz Tomás de Aquino que o anjo «foi criado bem-aventurado»,²⁰¹ recebeu o auxílio da graça para se converter a Deus,²⁰² pela graça é digno e merecedor da bem-aventurança, «com um único ato livre»²⁰³ e assim permanece no conhecimento e no amor naturais.²⁰⁴ Uma vez na bem-aventurança não pode pecar.²⁰⁵ E diz ainda:

Toda criatura racional é conduzida por Deus para o fim da bem-aventurança, como também é conduzida pela predestinação de Deus para determinado grau de bem-aventurança. Por isso, atingido determinado grau de bem-aventurança, dele não pode passar para um grau mais alto.²⁰⁶

O autor expõe sobre o pecado²⁰⁷ e a natureza dos anjos, dizendo que «os anjos e as criaturas racionais, considerados na própria natureza, podem pecar. Se a alguma criatura é dado o não poder pecar, é devido ao dom da graça, não à condição da sua natureza».²⁰⁸ Considera que os anjos não são maus por natureza, pois são seres criados e inclinados ao bem,²⁰⁹ porém, depois de pecar, o seu livre-arbítrio não é flexível e permanecerão no pecado.²¹⁰ É uma escolha em liberdade.²¹¹

Num outro tratado, “A obra dos seis dias”, defende que certamente deveria haver uma ordem na criação, mas o único criador de todas as coisas é Deus. Rejeita a ideia de algo criado por outras criaturas e, portanto, as criaturas corporais não foram criadas por meio dos anjos,²¹² assim como a corporeidade, característica dos seres terrenos, não deriva dos anjos, substâncias espirituais, mas de Deus, por quem foram criados.²¹³

No seu tratado sobre o “Homem” defende que não há uma única espécie para os anjos e as almas humanas²¹⁴, apesar de incorpóreas e subsistentes.²¹⁵

²⁰⁰ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.61, a.3.

²⁰¹ Tomás de Aquino, liv. I, q.62, a.1.

²⁰² Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.62, a.2.

²⁰³ Alvarado Marambio, «Dos alternativas de ontología angélica / Two Alternatives of Angelic Ontology / Duas alternativas de ontologia angélica», 92.

²⁰⁴ Cf Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, liv. I, q.62, a.7.

²⁰⁵ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.62, a.8.

²⁰⁶ Tomás de Aquino, liv. I, q.62, a.9.

²⁰⁷ Cf Pfeifer, «O anjo do “supplices” do Cânon Romano (1)», 196.

²⁰⁸ Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, liv. I, q.63, a.1.

²⁰⁹ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.63, a.4.

²¹⁰ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.64, a.2.

²¹¹ Cf Alvarado Marambio, «Dos alternativas de ontología angélica / Two Alternatives of Angelic Ontology / Duas alternativas de ontologia angélica», 93.

²¹² Cf Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, liv. I, q.65, a.3.

²¹³ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.65, a.4.

²¹⁴ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.75, a.7.

²¹⁵ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.75, a.2.

A temática sobre os anjos é ainda vastamente abordada no seu tratado sobre “O governo divino”, pois estão intimamente ligados à regência do universo.²¹⁶ Defende que um anjo pode iluminar outro anjo, pois «iluminar nada mais é que transmitir a outra pessoa a manifestação da verdade conhecida».²¹⁷ Porém, este iluminar, transmitir, não transgride a ordem natural das coisas, não transgride a hierarquia, cabe ao espírito superior iluminar o inferior e não o contrário.²¹⁸ Admite que, apesar de os anjos superiores transmitirem, partilharem o seu conhecimento com os inferiores, estes não alcançam o mesmo grau de excelência que os superiores, pelo que daí resulta que «os superiores permaneçam sempre numa ordem mais elevada, possuindo uma ciência mais perfeita».²¹⁹

Relativamente à linguagem dos anjos a questão 107, desenvolvida em 5 artigos, defende que os anjos falam, comunicam entre si,²²⁰ no sentido de manifestarem aos outros o que pensam, mas isto não implica necessariamente mediação do sensível e empírico. Assim:

Os anjos inferiores podem falar aos superiores. Para prová-lo, deve-se considerar que, entre eles, toda a iluminação é linguagem, mas nem toda a fala é uma iluminação. De facto, como já foi dito, um anjo falar a outro anjo nada mais é que dirigir voluntariamente o pensamento ao outro com fim de dá-lo a conhecer.²²¹

Os anjos não só comunicam entre si como também falam com Deus, na sua linguagem própria de louvar e contemplar Deus, e assim o consultam. Espaço e tempo não têm qualquer intervenção ou provocam qualquer limitação ou restrição à linguagem angélica.

Tomás de Aquino assume três hierarquias,²²² cada uma com três ordens, representando funções e atividades,²²³ concordando com Pseudo-Dionísio. E como tal também admite as limitações do conhecimento humano acerca das esferas celestes. A questão 108, desenvolvida em 8 artigos, incide sobre as hierarquias. O nome de cada ordem determina uma propriedade que indica uma perfeição espiritual. Virtude como uma força, dominação como governo e participação do verdadeiro domínio, potestade como organização, principado como um conduzir os outros, arcanjo como intermediário entre principados e anjos, tendo a cargo o anúncio das coisas mais importantes. Os principados incumbidos de execução do mandato

²¹⁶ Cf A. A. Bialas, «Angelology», em *New Catholic Encyclopedia*, ed. William J McDonald (New York: McGraw-Hill Book, 1967), 505.

²¹⁷ Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, liv. I, q.106, a.1.

²¹⁸ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.106, a.3.

²¹⁹ Tomás de Aquino, liv. I, q.106, a.4.

²²⁰ Cf Alvarado Marambio, «Dos alternativas de ontología angélica / Two Alternatives of Angelic Ontology / Duas alternativas de ontologia angélica», 89.

²²¹ Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, liv. I, q.107, a.2.

²²² Tomás de Aquino, liv. I, q.108, a.1.

²²³ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.108, a.2.

divino e os anjos como mensageiros (ordem que recebeu como nome – anjo – o que é comum a todas as ordens). Os serafins como fogo que iluminam, como “ardor e incêndio” incitando todos os outros. Os querubins como ciência, ou seja, conhecimento, e os tronos «podem conhecer imediatamente em Deus as razões das obras divinas».²²⁴ Para além de ordens superiores e ordens inferiores, as perfeições espirituais estão presentes em todos os anjos, porém, em maior abundância nas ordens superiores do que nas ordens inferiores. Como nas perfeições existem graus, «atribui-se a perfeição superior à ordem superior por propriedade, e à inferior por participação».²²⁵ Se a uma ordem inferior é atribuída uma perfeição inferior por propriedade, e fazendo este sentido inverso, então ao atribuir a perfeição a uma ordem superior já se diz que é atribuída em excesso e não por participação. Tomás de Aquino não estabelece propriamente uma hierarquia, centra-se em comparar a hierarquia de Dionísio, a de Gregório e o que consta da Sagrada Escritura. As estruturas de Dionísio e Gregório são muito semelhantes, diferem apenas na posição das virtudes e dos principados. A ordem na Sagrada Escritura é também díspar em alguns pontos. Mas para Tomás de Aquino, no que toca às estruturas elaboradas por Dionísio e Gregório, ambas são válidas, tendo em conta a significação que atribuem à nomeação de cada ordem.

O autor afirma:

Podem-se considerar nas ordens angélicas duas coisas: a diversidade dos graus e o exercício das suas funções. A diversidade dos graus entre os anjos é de acordo com as diferenças da graça e da natureza, como acima foi dito. Essas diferenças permanecerão sempre entre os anjos, pois as diferenças de natureza só poderiam ser eliminadas com a destruição dos anjos. Por sua vez, a diferença da glória existirá sempre neles, de acordo com a diferença dos méritos antecedentes.

O exercício das funções angélicas permanecerá de algum modo após o dia do juízo, e de outro cessará. Assim, cessará enquanto essas funções são ordenadas a conduzir os homens à salvação, mas permanecerá enquanto úteis para a última consecução do fim.²²⁶

Assume ainda que os anjos regem todas as coisas corpóreas. E apesar de aceitar que sejam visíveis os efeitos da ação dos anjos, não aceita que os anjos tenham poder sobre a matéria corpórea.²²⁷ O anjo tem um papel de iluminador para com o ser humano, ainda que este iluminar não funcione do mesmo modo que de anjo para anjo, quando falamos do iluminar das ordens superiores para com as inferiores.²²⁸ Pode ainda o anjo agir sobre a vontade do ser humano,

²²⁴ Tomás de Aquino, liv. I, q.108, a.5.

²²⁵ Tomás de Aquino, liv. I, q.108, a.5.

²²⁶ Tomás de Aquino, liv. I, q.108, a.7.

²²⁷ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.110, a.2.

²²⁸ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.111, a.1.

porém, sem nunca colocar em questão o livre-arbítrio da vontade da pessoa, tendo, esta, liberdade para assentir ou recusar a interpelação do anjo.²²⁹ Já a imaginação do ser humano é mais suscetível à ação de anjos bons ou maus.

Admite a ideia de que os anjos são seres ao serviço de Deus, um “instrumento inteligente”,²³⁰ porém, uns são enviados em missão ao exterior, de modo visível, mas as hierarquias nunca são enviadas ao sensível. As suas tarefas, o seu serviço situa-se no interior, no modo espiritual e invisível.²³¹

Sobre a doutrina do anjo da guarda dedica toda a questão 113, em 8 artigos. Considera necessário a guarda dos anjos devido à ambiguidade das paixões que tornam o ser humano inseguro, porém, capaz de impedir o mal com a ajuda do livre-arbítrio. Os anjos servem então para orientar o ser humano.²³² Um anjo é incumbido de guardar e orientar cada ser humano, sob a providência divina, podendo ser apenas um ou mais, logo a partir do nascimento.²³³ E ainda diz que apesar de os seres humanos serem «iguais por natureza, há desigualdades entre eles, na medida em que pela providência divina a alguns se ordenam grandes coisas, e a outros pequenas»,²³⁴ para indicar que um anjo superior na hierarquia pode comunicar, iluminar, orientar imediatamente um ser humano, não sendo impedido pelo facto de iluminar as esferas angélicas inferiores. Acontece um anjo de hierarquia superior ser incumbido da guarda de um ser humano quando este é eleito a algo grandioso.²³⁵ O autor assume ainda que os anjos não pretendem o mal e sofrimento humanos nem desejam que estes pequem, porém, não «sofrem nem pelos pecados, nem pelas penas»²³⁶ dos seres humanos.

No seu tratado sobre “A bem-aventurança”, reconhece que toda a criatura tem seu ser por participação, tanto os anjos como o ser humano, e, portanto, a contemplação de Deus «faz perfeito o bem-aventurado».²³⁷ Acerca da revelação profética, trabalha o tema em seu tratado sobre “Os carismas a serviço da revelação” onde defende:

Ora, os anjos ocupam um lugar intermédio entre Deus e os homens, pois participam mais do que estes da perfeição da divina bondade. E é por isso que as iluminações e as revelações divinas são levadas de Deus aos homens por meio dos anjos. Por outro lado, o conhecimento

²²⁹ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.111, a.2.

²³⁰ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.112, a.1.

²³¹ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.112, a.2.

²³² Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.113, a.1.

²³³ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.113, a.5.

²³⁴ Tomás de Aquino, liv. I, q.113, a.2.

²³⁵ Cf Tomás de Aquino, liv. I, q.113, a.3.

²³⁶ Tomás de Aquino, liv. I, q.113, a.7.

²³⁷ Tomás de Aquino, liv. II, I, q.3, a.7.

profético depende da iluminação e da revelação divinas. Logo, é claro que ele se faz por intermédio dos anjos.²³⁸

Defende que Cristo, enquanto homem, ser humano, é cabeça dos anjos, no seu tratado acerca do “Mistério da encarnação”. O fim último tanto dos anjos quanto dos seres humanos «é a glória da fruição divina»²³⁹ e aqui se une a igreja celeste com a igreja terrena. Esta união não implica que se dissolva a distinção, uma vez que o que distingue toda a criação é o grau de proximidade a Deus, daí Cristo ser a cabeça dos anjos, da humanidade e da Igreja, pois Ele participa dos dons de Deus a um nível mais pleno e perfeito que toda a restante criação. É Ele quem mais perto está de Deus.²⁴⁰ Considera a ciência de Cristo por um lado mais perfeita que a natureza angélica, pois sua luz espiritual é mais excelente, por outro lado, por seu modo de conhecer humano, experiencial, com recurso ao imaginário e à linguagem humana, considera esta ciência inferior à dos anjos.²⁴¹ Mesmo assim considera que a ciência que Cristo recebeu não teve intermediários e a recebeu diretamente de Deus.²⁴²

No seu tratado sobre “Vida, morte e ressurreição de Cristo” considera correto que a anunciação a Maria fosse feita por um anjo, pois, por um lado, mantém coerência no modo como é efetuada a revelação divina aos seres humanos, por mediação dos anjos, por outro lado, era necessária a reparação dos seres humanos por meio de Cristo.²⁴³ De forma equivalente também foi conveniente o nascimento de Cristo assinalado por sinais, anjos e uma estrela. Por meio de anjos, pois o povo judeu estava acostumado a receber a revelação divina por mediação de anjos, quanto à estrela permitiu que o anúncio chegasse aos pagãos, de costumes diferentes, mas habituados a estudar as estrelas.²⁴⁴ E isso se coaduna com a mensagem de salvação universal de Cristo. Ainda afirma que Cristo está acima de todas as criaturas, materiais ou espirituais, pois dada a sua dignidade, nobreza e excelência de todas as suas propriedades, e ainda a sua união a Deus, fica claro que o seu lugar é acima de todas as criaturas terrenas ou celestes.²⁴⁵ Esta superioridade de Cristo sobre as criaturas implica que os anjos estejam submetidos também ao seu julgamento.²⁴⁶

²³⁸ Tomás de Aquino, liv. II, II, q.172, a.2.

²³⁹ Tomás de Aquino, liv. III, q.8, a.4.

²⁴⁰ Cf Tomás de Aquino, liv. III, q.8, a.4.

²⁴¹ Cf Tomás de Aquino, liv. III, q.11, a.4.

²⁴² Cf Tomás de Aquino, liv. III, q.12, a.4.

²⁴³ Cf Tomás de Aquino, liv. III, q.30, a.2.

²⁴⁴ Cf Tomás de Aquino, liv. III, q.36, a.5.

²⁴⁵ Cf Tomás de Aquino, liv. III, q.57, a.5.

²⁴⁶ Cf Tomás de Aquino, liv. III, q.59, a.6.

Como colaboradores, a «cooperação realiza-se sobretudo na liturgia».²⁴⁷ Em relação aos sacramentos não é restrito ao ser humano o ministério sacramental, pois não há nenhuma vinculação que impeça os anjos de distribuir os sacramentos; porém, a força dos sacramentos é consequência do “abaixamento” de Cristo, que se fez mais pequenino, e desse modo chegou ao ser humano, configurando-o à força dos sacramentos. Ainda assim não é impeditivo que os anjos ministrem os sacramentos, fazendo-o apenas de modo superior ao ser humano.²⁴⁸ Na eucaristia os anjos comungam espiritualmente de Cristo, porém, de modo diferente do ser humano, comungam «no sentido de unirem-se a ele pela[o] gozo da caridade perfeita e pela visão beatífica (é o pão que esperamos comer na pátria celeste)».²⁴⁹

1.3. Época Moderna

A época moderna inicia com o desencadear do Renascimento, no séc. XIV a XV, pautado pelo humanismo, pelo desenvolvimento das artes e da ciência. A título de exemplo, veja-se o caso das teorias de Copérnico (1473) e de Galileu (1564).

As teorias ou hipóteses do heliocentrismo e geocentrismo defendem respetivamente, de modo simplista, que a Terra, planetas e astros, giram à volta do sol e a terra ao redor de si mesma, e/ou que a Terra é o centro e tudo gira ao seu redor. São teorias já defendidas e apontadas como possibilidade na Antiguidade, a teoria heliocêntrica, quanto se sabe, por Aristarco de Samos por volta do séc. III a. C., a teoria geocêntrica tem origem incerta, porém, mais antiga que a heliocêntrica, encontra a sua primeira expressão como teoria através de Hiparco no séc. I a.C. Embora ainda teorias com incorreções e falhas, a heliocêntrica cai no esquecimento e a geocêntrica afirma-se principalmente através do senso comum e dos melhoramentos da teoria apresentados por Ptolomeu no séc. II d.C. A conceção geocêntrica prevaleceu por toda a Idade Média. Copérnico reelabora a teoria do heliocentrismo, despendendo, no meio de toda a azáfama e compromissos de uma vida, cerca de 36 anos de dedicação a esta hipótese. São 36 anos de alterações, atualizações, reflexões, correções e abertura para o constante melhorar e completar a hipótese. Copérnico fez jus ao significado de teoria ou hipótese em sentido científico, pois teoria ou hipótese implica incerteza e a exigência

²⁴⁷ Pfeifer, «O anjo do “supplices” do Cânon Romano (1)», 122.

²⁴⁸ Cf Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, liv. III, q.64, a.7.

²⁴⁹ Tomás de Aquino, liv. III, q.80, a.2.

de comprovar as explicações e as tornar factos. A sua hipótese foi largamente conhecida e difundida ainda em vida, encontrando, como é expectável, apoio e oposição. Contudo, a obra lançada não foi condenada, foi simplesmente categorizada como trabalho que precisava de correção, ou seja, como mera teoria ou hipótese tem todo o direito de existir e tentar explicar os fenómenos, apenas não é aceite como um facto comprovado, pois na época não poderiam fazer muito para comprovar empiricamente a teoria. E aqui está o porquê de Galileu ter sido condenado. Elaborando correções à hipótese lançada por Copérnico, Galileu defende acerrimamente o seu trabalho como teoria totalmente comprovada sem existirem meios para essa verificação empírica. Entrando em confronto com o estabelecido na época, acabou por ser condenado e viu a sua teoria invalidada. Com os avanços tecnológicos dos séculos seguintes, esta teoria acabou por ser realmente comprovada e prevalece até aos dias de hoje.²⁵⁰ Com este exemplo se demonstra como toda uma forma de pensar e ver o mundo entra em mudança e exige uma adaptação às novidades emergentes, dada a revolução de pensamento e conhecimento desta época até à atualidade. Obriga, em tal caso, a repensar toda a cosmologia até então aceite.

Características da modernidade são a segmentação, a massificação, a industrialização, que irão potenciar novos valores a partir das tecnologias e das ciências empíricas. O sujeito humano autonomiza-se e deixa de acreditar na dependência do seu sentido das esferas religiosas ou das doutrinas, passando agora a encontrar o sentido da sua existência nas organizações sociais e na experiência mundana. A religião e a ciência desvinculam-se uma da outra, levando a um questionamento de todo o saber, e, de forma particular, das afirmações e das crenças cristãs. A religião é empurrada para a esfera privada, pessoal, com o surgimento de novos grupos ou movimentos, onde se conjuga todo o tipo de religiosidade/espiritualidade e cada um escolhe o que mais agrada.

É possível perceber, até aqui, que a Sagrada Escritura fala acerca dos anjos, a reflexão cristã, ainda no Cristianismo primitivo, desenvolve a temática dos anjos tendo por pressuposto a real existência destes seres. Na época medieval, na impossibilidade de justificar ou comprovar a sua existência de forma empírica, fundamenta-se bíblicamente e com reflexões em categorias

²⁵⁰ Cf Joaquim Blessmann, «Copérnico e Galileu perante a ciência (1ª parte)», *Cultura e Fé* 26, n. 101 (2003): 47–67; Cf Joaquim Blessmann, «Copérnico e Galileu perante a ciência (2ª parte)», *Cultura e Fé* 26, n. 102 (2003): 40–55.

mais filosóficas, porém, partindo sempre do pressuposto de que os anjos existem. A modernidade contestou.

É possível perceber esta contestação em Lutero (1483-1546), que se opõe a toda a doutrina dos anjos, pretendendo abolir toda a invocação de anjos²⁵¹, pois para ele «só a Escritura, só Jesus Cristo, só a graça».²⁵² À luz deste princípio, Lutero e outros que originaram o protestantismo, tendo um desenvolvimento extenso da angelologia bíblica, rejeitaram «tudo quanto a teologia tinha elaborado desde o século IV acerca dos anjos; de tal modo que muito rapidamente desaparece por completo o culto aos anjos junto com o culto aos santos. Os anjos somente aparecem como elementos confusos que a Escritura menciona».²⁵³

No período da Contrarreforma, os Jesuítas difundem o culto angélico²⁵⁴ e defendem o papel dos anjos na «condução e discernimento na vida espiritual».²⁵⁵ O Concílio de Trento (1545-1563) reage às heresias protestantes, mas não incide particularmente na questão dos anjos.

O culto dos anjos é difundido pelo papa Paulo V que «instituiu em 1608 a festa dos anjos, a ser celebrada em todo o Império e Clemente X, em 1676, estendeu-a a toda a Igreja».²⁵⁶

Já no século XVIII, marcado principalmente pela revolução industrial (1750) e pela revolução francesa (1789), assiste-se a uma acentuada mudança de pensamento e de paradigmas. A experiência surge como novo critério de verdade e conhecimento. Se até aqui a hierarquia eclesiástica era detentora do monopólio do conhecimento e da verdade, adquiridos pelo conhecimento da Sagrada Escritura e da Tradição, na experiência de fé do sujeito crente, agora questionada e escrutinada, o conhecimento passa a ser neste período adquirido pela experiência, pelo mundo e pela razão. A modernidade associa os anjos ao fantasioso, ao mítico. Tudo é reduzido ao empiricamente verificável, perdendo-se a noção de gratuidade, dom e mistério de vida do ser humano. Anula-se o entendimento pelo transcendente, e sobrevaloriza-se o humano, ainda assim reduzindo-o à sua materialidade e na sua função como membro da sociedade.

²⁵¹ Cf Magalhães, «O Anjo, entre a espiritualidade e o esoterismo», 228.

²⁵² Henri Tincq, *Os Génios do Cristianismo*, trad. Público (Lisboa: Gradiva Público, 1999), 121.

²⁵³ Auer, *El mundo creación de Dios*, III:473.

²⁵⁴ Cf Cipriani, «Os Anjos na sociedade pós-secular», 34.

²⁵⁵ Magalhães, «O Anjo, entre a espiritualidade e o esoterismo», 228.

²⁵⁶ Cipriani, «Os Anjos na sociedade pós-secular», 34.

Apesar da novidade do séc. XIX, o Concílio Vaticano I (1869-1870), no que concerne aos anjos, apenas repete o IV Concílio de Latrão:²⁵⁷

Este único e verdadeiro Deus, por sua bondade e “força onipotente”, não para aumentar sua bem-aventurança ou para adquiri-la, mas a fim de manifestar a sua perfeição pelos bens que prodigaliza às criaturas, por libérrimo designio “criou simultaneamente desde o início do tempo, do nada, ambas as criaturas: a espiritual e a corporal, isto é, a angelical e a mundana; e em seguida a humana, de algum modo comum <a ambas>, constituída de espírito e corpo” [*Concílio de Latrão IV: *800; infra cân. 2 e 5*]. (D 3002)

1.4. Pensamento Contemporâneo

Tendo em conta a conjuntura social e cultural, os anjos não são um tema central para a reflexão contemporânea, portanto, não é vasto o leque de autores que se debruçam sobre eles. Nas palavras de Roberto Cipriani «rumor suave! (brusio). Esta palavra é excelente para explicar a que ponto estão reduzidos, na nossa sociedade, os sinais da transcendência: rumores suaves e, acrescentamos nós, rumores suaves, aos quais não se presta muita atenção. [...] Resta-nos perceber o que é que estes indícios significam».²⁵⁸

Em 1950, a Carta Encíclica *Humani Generis*, do Papa Pio XII, surgida em contraponto, para uma defesa das doutrinas e dogmas contra as deturpações das reflexões da altura, insurgem-se contra as filosofias materialistas.²⁵⁹ Nesta Carta Encíclica, o Papa tenta conciliar a investigação científica, a racionalidade e a técnica, com os métodos da Teologia, da Sagrada Escritura e da Tradição, propondo uma possível harmonia. Quanto aos anjos, diz:

Alguns também põem em discussão se os anjos são criaturas pessoais e se a matéria difere essencialmente do espírito.

Outros desvirtuam a verdadeira “gratuidade” da ordem sobrenatural, sustentando que Deus não pode criar seres inteligentes sem ordená-los e chamá-los à visão beatífica. (D 3891)

O romantismo e as devoções favoreceram o culto dos anjos, porém, é «depois eclipsado pelo Conc. Vat. II e pela Nova Evangelização».²⁶⁰ Das diversas reformas operadas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), e dos diversos documentos que se pronunciam sobre a doutrina da Igreja, nada é escrito acerca dos anjos. E ainda «com o ressurgir do movimento litúrgico, difunde-se em certo ambiente do catolicismo uma rejeição das manifestações de

²⁵⁷ Cf Seemann, «Angeles y Demonios en su relacion con el Hombre - Los Angeles», 754.

²⁵⁸ Cipriani, «Os Anjos na sociedade pós-secular», 28.

²⁵⁹ Cf Magalhães, «O Anjo, entre a espiritualidade e o esoterismo», 230.

²⁶⁰ Magalhães, 229.

piedade popular como que incompatíveis com a piedade litúrgica».²⁶¹ O Concílio Vaticano II responde à falta de equilíbrio que se verificava, reconhecendo «o lugar primordial e essencial da vida litúrgica»,²⁶² porém, não deixando ao descaso a piedade popular e atribuindo-lhe um valor significativo. José Gómez López diz que o Magistério reconhece a piedade popular como:

Fruto da ação do Espírito Santo [...], fonte de frutos de santificação [...], expressão do “sensus fidelium” [...], de forma notável [demonstram] sede de Deus [...], sensibilidade Cristológica [... e], sentido escatológico. Na piedade popular, a consideração pelos mistérios de além ocupa um lugar importante, o desejo de se comunicar com quem habita o céu, com a Virgem Maria, os anjos e os santos, e valoriza, em grande escala, a oração em sufrágio pelos defuntos.²⁶³

1.4.1. Romano Guardini

Romano Guardini (1885-1968) é figura central na sua época pelo esforço a combater a «decadência da pregação»²⁶⁴ e pelo seu contributo para o desenvolvimento litúrgico.²⁶⁵ Para Guardini, considerado precursor do Concílio Vaticano II,²⁶⁶ «um crente não pode separar esterilmente a sua fé da realidade do mundo, mas é chamado a encontrar o mundo, para confrontar a sua fé com a sua realidade no espírito da procura da verdade»,²⁶⁷ e a procura da verdade implica fazer grandes questões. A verdade radica no único Deus, criador de toda a existência, e em Jesus Cristo, a partir do qual tudo o que existe ganha o seu sentido.

Guardini, considerado «teólogo desmistificante e o historiador racionalista da religião»,²⁶⁸ defende que:

uma doutrina como a dos anjos é Revelação. Em alguns círculos não se podia falar sobre isso, todos sorriam. No entanto, diz algo sobre o homem que nenhuma ciência ou filosofia poderia dizer: que ele não existe sozinho. A sua existência não provém das profundezas da natureza, nem do processo de história e espírito, nem da estrutura da economia doméstica e da sociedade; ele é uma pessoa, tem dignidade e responsabilidade. No entanto, corre sempre o perigo de esquecimento e de mudança; de perder a sua pessoa com algum poder que lhe promete em troca bem-estar e poder; ou para se tornar o senhor do seu destino. Neste perigo está rodeado de seres que o ajudam a ser um “eu”, para assumir a sua responsabilidade, e isto em verdade e

²⁶¹ José Gómez López, «La piedad popular: fruto y objeto de evangelización», *Auriensia* 7 (2004): 142.

²⁶² Gómez López, 142.

²⁶³ Gómez López, 150–51.

²⁶⁴ Hubert Jedin e Konrad Repgen, *Manual de História de la Iglesia: La Iglesia Mundial del siglo XX*, trad. Marciano Villanueva, vol. 9 (Barcelona: Editorial Herder, 1984), 432–33.

²⁶⁵ Cf Jedin e Repgen, 9:436.

²⁶⁶ Grzegorz Bachanek, «The Rationality of Faith: Romano Guardini and Joseph Ratzinger», *Collectanea Theologica* 90, n. 5 (2021): 608, <https://doi.org/10.21697/ct.2020.90.5.26>.

²⁶⁷ Bachanek, 608.

²⁶⁸ Zucal, *L'Angelo nel pensiero contemporaneo*, 54.

com medida. Mas também de seres que o querem afastar da vontade de Deus, em cuja realização apenas e acima de tudo ele se tornará verdadeiramente homem.²⁶⁹

A visão negativa da matéria e a visão positiva do espiritual colocam o anjo como “mediação”, num processo de comunicação onde os intervenientes são o emissor, o recetor e o intermediário que leva a mensagem e faz a ligação entre ambos, «daí os anjos como seres intermediários entre Deus e o homem».²⁷⁰ Segundo as Escrituras, o anjo é servidor de Deus, reflete o Seu domínio sobre a história sendo subtil, ou mesmo, por vezes não se distinguindo o anjo de Deus. Dito de outra forma, por vezes leva a crer que é um anjo a agir, porém, simultaneamente dá sinais de que é o próprio Deus a agir na história da salvação humana. Desta forma entra no mundo o mistério do que o transcende.²⁷¹

O anjo é visto como um amigo: Guardini explora o sentido de uma verdadeira amizade, apontando que o anjo supera as barreiras e limites do ser humano, estando a relação entre anjo e ser humano marcada pela raridade de uma verdadeira amizade, incondicional, recíproca e gratuita.²⁷² Sem nunca limitar a liberdade humana, protege tanto dos perigos exteriores quanto dos que se apresentam na interioridade de cada indivíduo. Sendo impossível ao ser humano ver o seu próprio anjo, o momento em que o conhece significa a morte. Morte biológica e passagem ao que até então lhe era inacessível pela corporeidade.²⁷³

Defende o autor que todos têm um anjo protetor, principalmente as crianças. O anjo está simultaneamente no céu e no mundo, é um guardião e orientador do ser humano, pois todos são sujeitos a perigo e daqui surge a missão do anjo: defender do perigo que coloca em questão a salvação eterna. É necessário dar relevo às crianças, diferenciando-as dos adultos, dadas as suas características de inocência e ingenuidade. Pressupondo a incomensurabilidade de toda a criação de Deus, no muito de que se desconhece, assume Guardini que o apoio do anjo não será no mundo material, mas na vida após a morte, onde se ergue e protege a alma a que se dedica.²⁷⁴

O autor afirma que «o próprio anjo é essencialmente um ser supra-histórico»,²⁷⁵ cuja intervenção na história está marcada pela “fraqueza”, que é também fraqueza de Deus «para

²⁶⁹ Romano Guardini, *L'Angelo - Cinque meditazioni*, trad. Giulio Colombi e Clara Di Zoppola (Brescia: Editrice Morcelliana, 2019), 74.

²⁷⁰ Zucal, *L'Angelo nel pensiero contemporaneo*, 55.

²⁷¹ Cf Guardini, *L'Angelo - Cinque meditazioni*, 9–19.

²⁷² Cf Zucal, *L'Angelo nel pensiero contemporaneo*, 162–68.

²⁷³ Cf Guardini, *L'Angelo - Cinque meditazioni*, 43–58.

²⁷⁴ Cf Guardini, 21–29.

²⁷⁵ Zucal, *L'Angelo nel pensiero contemporaneo*, 179; Silvano Zucal, «Angelologia politica in età contemporanea», *Didaskalia* 47, n. 2 (1 de Junho de 2017): 186, <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2017.3268>.

não anular a liberdade e a responsabilidade humana».²⁷⁶ O melhor exemplo desta fraqueza é o exemplo de Job que luta com o anjo.²⁷⁷ «O anjo não pode vencê-lo, nem se pode livrar de suas garras, das garras da luta, não se pode separar de Job».²⁷⁸ Guardini compara metaforicamente a liturgia a um jogo, e dessa forma assume que o «jogo dos anjos é a liturgia celeste, a liturgia angélica».²⁷⁹ Silvano Zucal diz:

E, portanto, para Guardini, o Anjo da história, possivelmente também o ‘anjo da Nação’, nunca será o Anjo da opressão que produzirá poder, mas “um ser finito, assim como outros são. É possível opor-se a ele, na verdade até mesmo subjugá-lo”. Quando o fim da história chegar, a extinção do tempo, quando todas as nações passam, quando tudo finalmente vem “na abertura sem resíduos puros, da vida eterna”, a escandalosa fraqueza do Anjo aparecerá numa luz muito diferente. E assim o escândalo da história também será recomposto: a impotência da justiça será removida, o mal deixará de parecer triunfante, o bem e o mal dividir-se-ão com clareza luminosa. Só então o Anjo da História deixará de desempenhar o papel de possível perdedor (apesar da sua grandeza), perderá a sua aparente fraqueza.²⁸⁰

Os anjos, na sua variedade de forma, ser e poder, conferidos por Deus e insuficientemente exibidos pela imagética (pintura, escultura, poesia), são seres para a adoração ao Senhor, sendo o seu culto liturgia celeste, que, revelada, «o culto ocorre então na ordem do espaço, pessoas, palavras e ações».²⁸¹ E se a liturgia terrena está no mundo, espaço e tempo, a liturgia celeste encontra-se na eternidade. Não se olha a liturgia como mera repetição, pois transcende o que representa, é uma ação eterna cuja manifestação se encontra unicamente na liturgia.²⁸² Lamenta, porém, «o facto de o homem de hoje, mesmo o crente, já não ter qualquer relação com o seu anjo»,²⁸³ mas ressalva que o ser humano não está sozinho, abandonado. O ser humano é um ser que está de forma ambivalente protegido e ameaçado, para respetivamente assumir a sua responsabilidade ou afastar-se totalmente de Deus e da sua dignidade.²⁸⁴

²⁷⁶ Zucal, *L'Angelo nel pensiero contemporaneo*, 180–81; Zucal, «Angelologia politica in età contemporanea», 187.

²⁷⁷ Cf Guardini, *L'Angelo - Cinque meditazioni*, 16–18.

²⁷⁸ Zucal, *L'Angelo nel pensiero contemporaneo*, 180; Zucal, «Angelologia politica in età contemporanea», 187.

²⁷⁹ Zucal, *L'Angelo nel pensiero contemporaneo*, 211.

²⁸⁰ Zucal, «Angelologia politica in età contemporanea», 187–88.

²⁸¹ Guardini, *L'Angelo - Cinque meditazioni*, 39.

²⁸² Cf Guardini, 31–41.

²⁸³ Guardini, 43.

²⁸⁴ Cf Guardini, 59–74.

1.4.2. Karl Barth

Outro autor, considerado um gigante da Teologia,²⁸⁵ é Karl Barth (1886-1968). De matriz protestante, opôs-se à teologia liberal do protestantismo, embarcando na teologia dialética.²⁸⁶ Para Barth «os anjos marcam, por assim dizer, esta invasão do insondável no visível e no compreensível, do mistério sobre o reino das possibilidades conhecidas e reconhecidas. E é por isso que são particularmente acusados de personagens do conto e da lenda bíblicas».²⁸⁷ Afirma os anjos como «figuras marginais»²⁸⁸ em relação com a economia da salvação, estando ao serviço de Deus, de Jesus Cristo e de todos os seres humanos. «A sua honra está inteiramente na sua subordinação à história que está a acontecer entre Deus e o homem; neste sentido, constituem o que Calvino chama de “parte tão nobre e excelente” do mundo criado».²⁸⁹ Radicando toda a sua reflexão no pressuposto da «radical prioridade da Revelação de Deus e da sua graça»,²⁹⁰ apesar de considerar os anjos figuras marginais, não centrais, dependentes do seu Criador, não são por isso menos importantes, pois considera “negligência grave” se este assunto for evitado na teologia.²⁹¹ Assim, a sua reflexão vai no sentido de depurar a angelologia de elementos especulatórios, pois o testemunho bíblico apenas diz que conhece algo desta esfera, uma vez que é necessária a conexão a Deus, ao ser humano e à história.²⁹² Apesar de os anjos serem acoplados às lendas e contos, afirma que existem ambivalentemente tanto verdadeiros como falsos. E ainda que sejam atribuídas estas categorias aos textos bíblicos, não deixam de ser textos de inspiração divina, tornando-se ainda mais reais e, por isso, não tendo a sua credibilidade afetada.²⁹³

Barth considera que o nome e conceito de anjo revela uma realidade distinta de Deus e do ser humano, distinto da verdade e do conteúdo da Palavra de Deus, mas relacionada com ela;²⁹⁴ qualquer demonstração angelológica deve ser somente uma explicação, um elucidar, um

²⁸⁵ Cf Ângelo Cardita, «Aos ombros de Karl Barth: Considerações teológicas em torno do “Directório sobre a piedade popular e a liturgia”», *Igreja e Missão* A.57, n. 197 (2004): 247–62.

²⁸⁶ Jedin e Reppen, *Manual de História de la Iglesia: La Iglesia Mundial del siglo XX*, 9:390; Cardita, «Aos ombros de Karl Barth: Considerações teológicas em torno do “Directório sobre a piedade popular e a liturgia”», 253.

²⁸⁷ Karl Barth, *Le créateur et sa créature*, trad. Fernand Ryser, *Dogmatique*, vol. III/3** (Genève: Éditions Labor et Fides, 1963), 89.

²⁸⁸ Barth, III/3**.:84.

²⁸⁹ Barth, III/3**.:84.

²⁹⁰ Cardita, «Aos ombros de Karl Barth: Considerações teológicas em torno do “Directório sobre a piedade popular e a liturgia”», 247.

²⁹¹ Cf Barth, *Le créateur et sa créature*, III/3**.:87.

²⁹² Cf Barth, III/3**.:86.

²⁹³ Cf Barth, III/3**.:88.

²⁹⁴ Cf Barth, III/3**.:83.

argumento auxiliar ou adicional. O que se diz, não diz propriamente acerca dos anjos, mas sempre relacionado, relativo à ação e vontade de Deus e Jesus Cristo.²⁹⁵

Na sua obra explana as épocas antigas e medieval, explorando as teorias apresentadas em cada tempo: as mais exploradas são as teorias de Pseudo-Dionísio, o Areopagita, focando na hierarquia, e também as teses de Tomás de Aquino. Em relação ao primeiro, considera que não ficam claros os objetivos com que elaborou todo o seu trabalho. Em relação ao segundo, aponta-lhe um pensamento puramente filosófico. A ambos aponta o facto de nenhum se coadunar com os anjos da Sagrada Escritura e nem se conseguem relacionar com o sentido cristão.²⁹⁶ Os dados bíblicos são para Barth mais do que suficientes, pois «a Sagrada Escritura contém material suficientemente denso e positivo para aplicarmos toda a nossa reflexão».²⁹⁷

Ao refletir sobre o reino dos céus, considera o céu como “alto”, “antes de”, um “mais” e a terra como “baixo”, “depois de” e “menos”, estando por isso o céu mais perto de Deus que a terra,²⁹⁸ como um cosmos superior, e Deus exerce o seu senhorio sobre ambos. Instala-se de certa forma uma hierarquia. Implica reconhecer ao céu uma «dignidade, uma função e uma importância particulares em relação à terra».²⁹⁹ A distinção entre céu e terra não é pejorativa, mas «o objeto do testemunho cristão não é Deus em si, nem o homem em si, mas a história do seu encontro»,³⁰⁰ não estando Deus fora de nenhum destes domínios, mas precisamente através do céu, que precede a terra, «porque é o lugar de onde o reino de Deus vem até nós e o reino de Deus é também o reino dos céus».³⁰¹

Nas palavras do autor:

Quando, com base na concepção bíblica, esta conclusão lógica é tirada, é preciso estar perfeitamente consciente do carácter incompreensível do reino celeste, ou seja, para mostrar a maior reserva. Na verdade, na própria concepção bíblica, as várias criaturas do mundo celeste 1) só aparecem no quadro e movimento da história que, do céu, é dirigida à terra, de modo que a sua função está intimamente ligada a esta história; 2) são, cada um à sua maneira, claramente determinados pela ordem e unidade de que fazem parte; finalmente, 3) constituem como elementos particulares de toda a realidade celestial. Por conseguinte, somos alertados desde o início contra a intenção de as definir com base na ideia de que poderíamos considerá-las em si mesmas e falar sobre elas no abstrato.³⁰²

²⁹⁵ Cf Barth, III/3**.:84.

²⁹⁶ Cf Barth, III/3**.:100–110.

²⁹⁷ Barth, III/3**.:125.

²⁹⁸ Cf Barth, III/3**.:138.

²⁹⁹ Barth, III/3**.:142.

³⁰⁰ Barth, III/3**.:147.

³⁰¹ Barth, III/3**.:148.

³⁰² Barth, III/3**.:165.

Da Sagrada Escritura se conclui, de acordo com Barth, que as criaturas celestes, os anjos, existem e estão ao serviço de Deus, e nada mais se pode afirmar concretamente acerca deles. Os mensageiros de Deus, são apenas isso, não têm carácter, vontade ou pensamento, são totalmente dependentes de Deus e d'Ele dão testemunho.

1.4.3. *Edith Stein*

Já para Edith Stein (1891-1942) os anjos não são um obstáculo, uma barreira entre Deus e os seres humanos, mas, pelo contrário, sinal de “amor transbordante” do Senhor.³⁰³ A angelologia de Edith Stein centra-se, sobretudo, nas teorias de Pseudo-Dionísio, o Areopagita. Considera os anjos “espíritos puros criados”,³⁰⁴ mensageiros, distribuidores de graças e libertadores,³⁰⁵ assenta o seu pensamento em torno do conceito de Ser (finito e infinito) de onde conclui a dependência dos demais seres criados ao Ser Absoluto, a Deus.³⁰⁶ Reconhece ainda que como criatura o seu ser e liberdade são condicionados e, portanto, dependentes do seu Criador. Prescinde de fundamentos empíricos, estando a sua existência comprovada pela «Sagrada Escritura e Tradição, Dogma e Patrística»³⁰⁷ e centra-se somente na essência. Incorporados, inserem-se numa hierarquia, sendo as criaturas mais perto de Deus, são os Seus mensageiros e sua principal tarefa é louvar e contemplar; «são aliás, os primeiros iluminados por Deus e atuam como seus intermediários nas revelações transmitidas ao homem: “Os espíritos puros são como raios através dos quais a luz eterna se comunica com a criação.” A peculiaridade da comunicação angélica é de natureza metafórica».³⁰⁸ Os anjos foram agraciados com uma “plenitude de vida”, com uma obediência que implica liberdade para recusar ou aceitar a interpelação divina. Com capacidade de decisão pessoal, esta determina toda a sua existência, pois a decisão é «única e irrevogável».³⁰⁹

Nas palavras de Silvano Zucal:

Edith Stein - bem como Romano Guardini [...], sem dúvida representam de forma paradigmática o toque individual e personalista da angelologia do século XX. O Anjo vive

³⁰³ Cf Zucal, «Angelologia politica in età contemporanea», 190.

³⁰⁴ Cf Xavier Tilliette, «Edith Stein: La Dottrina degli Angeli», *Aquinas - Rivista Internazionale di Filosofia* 34, n. 3 (1991): 447.

³⁰⁵ Cf Zucal, «Angelologia politica in età contemporanea», 191.

³⁰⁶ Cf Edith Stein e L. Gelber, «Être fini et être éternel», *Les Études philosophiques* 11, n. 3 (23 de Dezembro de 1956): 409, <http://www.jstor.org/stable/20842067>.

³⁰⁷ Cf Tilliette, «Edith Stein: La Dottrina degli Angeli», 448.

³⁰⁸ Zucal, «Angelologia politica in età contemporanea», 193.

³⁰⁹ Tilliette, «Edith Stein: La Dottrina degli Angeli», 453.

sobretudo na relação com o indivíduo, representa o amigo e o guardião, o guia e o mestre espiritual.³¹⁰

1.4.4. Karl Rahner

Karl Rahner (1904-1984), teólogo jesuíta que participou ativamente no Concílio Vaticano II, considera os anjos como criaturas que pertencem ao mundo e à «estrutura de ordens parciais do universo»,³¹¹ à totalidade da criação. Sendo seres finitos, pessoais, livres e conscientes de si, não estão obrigados à corporeidade:

Rahner divide o horizonte do homem em dois campos: mundo e Deus. Ele pergunta: pertencem os anjos a Deus ou ao mundo? Resposta: objetivamente pertencem ao mundo das criaturas espirituais. Segunda pergunta: possui o homem relacionamento existencial com os anjos? Resposta: no passado havia a tentação politeística de adorar entidades criadas; hoje, num mundo secularizado, a tentação é adorar a Deus e deixar o mundo sem Deus. Nossa grande dificuldade é reconhecer a existência da santidade criada, distinta de Deus, e venerá-la como tal.³¹²

Considera existir na história e em toda a natureza “ordens ou estruturas de sentido”, e, portanto, os anjos não entram em confronto com as ciências. Porém, é de extrema importância fincar que mesmo que se considere os anjos como parte integrante de uma estrutura de sentido, como seres pessoais e livres, a sua ação coincide com a sua natureza, e, portanto, toda a sua ação reside na decisão livre.³¹³ Rahner não considera que o conteúdo da angelologia tenha nascido da auto-revelação de Deus propriamente dita. A revelação no Novo Testamento «tem, porém, uma função essencial, a saber, a de selecionar e garantir»,³¹⁴ tendo em vista a depuração da revelação de elementos que não se coadunam com o que é revelado, ou seja, garantir «a unicidade e o verdadeiro caráter absoluto do Deus da aliança e o caráter absoluto de Cristo como pessoa e como mediador da salvação».³¹⁵ Os anjos não assumem na revelação, na Sagrada Escritura, um papel central, esse reside em Deus e em Cristo, e portanto, a hierarquia, os nomes, a quantidade não tem lugar na história de Salvação. Diz:

Em cada declaração particular sobre os anjos deve ficar claro que o que é dito nela é concebido como um momento de uma antropologia teológica e da cristologia ou, dito de outro

³¹⁰ Zucal, «Angelologia politica in età contemporanea», 194.

³¹¹ Rahner, «Angelologia», 163.

³¹² João Evangelista Martins Terra, *A Angelologia de Karl Rahner: À luz dos seus princípios hermenêuticos* (São Paulo: Editora Santuário, 1996), 97.

³¹³ Cf Rahner, «Angelologia», 164.

³¹⁴ Rahner, 167.

³¹⁵ Rahner, 167.

modo, que o que é devidamente expresso é o enquadramento dos anjos nesse contexto, enquanto que os “anjos em si” são e permanecem o pressuposto.³¹⁶

A doutrina dos anjos revela a situação do ser humano, como criatura em ordem à salvação ou à condenação, precedida por uma dimensão profunda que vai mais além do que é percebido empiricamente, dimensão profunda em virtude de uma liberdade criada.³¹⁷ Assim, o ser humano está capacitado, pela graça divina, «para a liberdade de imediatismo com Deus».³¹⁸ Através da graça, Deus auto-comunica-se com a sua criação, não tem necessidade de nenhuma “mediação”.

Para Rahner há, por um lado, o mundo como um todo, a relação de todos os momentos constitui uma história real (“dinâmica e não estática”); por outro lado, os anjos (bons ou maus) pela sua “essência natural e auto-realização pessoal” são momentos deste mundo, e portanto, a nossa relação com poderes angélicos está na concretude da história do mundo, a história de salvação ou de perdição.³¹⁹ A existência de anjos ou demónios é habitualmente atestada pela Sagrada Escritura, porém, nada é dito sobre a sua criação.³²⁰ É possível, então, pensar uma criação simultânea dos seres angélicos e do mundo.³²¹ Se tinham uma função mediadora dentro da história da salvação, essa era maior antes de Cristo, do que depois de Cristo.³²²

Rahner considera a tese tomista sobre a essência dos anjos especulação, opinião livre, sem obrigatoriedade teológica,³²³ pois a sua essência deve ser concebida «realmente como “potestades e virtudes” do cosmos em virtude da sua essência *natural* (e não simplesmente por uma decisão arbitrária, contrária à sua própria essência)».³²⁴ E da mesma forma pensa em relação à pura imaterialidade, e mesmo em relação à superioridade dos anjos sobre os seres humanos, não tem nenhuma obrigatoriedade teológica, são meras especulações. Todas as teorias acerca dos anjos têm limites quanto a pretender ser teológicas, pois necessitam de fundamento autêntico, como por exemplo a Sagrada Escritura. Os anjos existem, mas somente está instituído que Deus criou algumas criaturas espirituais, angélicas.³²⁵

³¹⁶ Karl Rahner, «Ángel», em *Sacramentum Mundi: Enciclopedia Teológica*, ed. Karl Rahner et al. (Barcelona: Editorial Herder, 1982), 153.

³¹⁷ Cf Rahner, 153.

³¹⁸ Rahner, 153.

³¹⁹ Cf Rahner, 154.

³²⁰ Cf Rahner, 155.

³²¹ Cf Rahner, 155.

³²² Cf Rahner, 154.

³²³ Cf Rahner, 157.

³²⁴ Rahner, 157.

³²⁵ Cf Rahner, 158.

Nas palavras de Rahner:

Em todo o caso, a afirmação de que os anjos são criaturas coloca antecipadamente todos os poderes espirituais e pessoais do cosmos, bem como o seu poder e mal, no círculo de realidades que estão absolutamente sujeitas ao único Deus bom e santo, e que pela sua origem são bons, para que não possam ser considerados anti princípios quase divinos agindo independentemente de Deus, algo que até agora era muitas vezes feito inconscientemente e implicitamente em pregação vulgar.³²⁶

Considera que «os anjos, como o homem, pela graça têm um *fim* sobrenatural, que consiste na visão imediata de Deus»;³²⁷ assim, se Deus concede a sua auto-comunicação gratuita, concede-a a todas as criaturas “espirituais e pessoais”.³²⁸ Também considera o momento e decisão pessoal dos anjos de estar com ou contra Deus “única”, “definitiva” e “total”, refletindo a condição de liberdade e responsabilidade das criaturas.

A liturgia e a piedade relacionam na concretude da história os seres humanos e os anjos, ao atribuir um anjo da guarda a cada ser humano, porém, a tradição dos anjos da guarda torna-se problemática com a associação de “determinado tipo de anjos” (bons ou maus) a “determinado tipo de humanos” (bons ou maus), uma vez que resulta de uma excessiva “antropomorfização” ou de uma infantilização da representação dos anjos.³²⁹

É, para Rahner, necessário uma reta teologia dos anjos, por forma a compreenderem-se as Escrituras e os ensinamentos Cristãos, caso contrário poderá cair-se nas tendências gnósticas ou maniqueístas, que chegam a considerar os anjos ou demónios com poderes ao mesmo nível que Deus. Deve enfatizar-se a condição criatural de tudo quanto existe e, portanto, submetido a Deus, logo, submetido a Cristo.³³⁰

1.4.5. Catecismo da Igreja Católica

Fruto da Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos, em 25 de janeiro de 1985, como afirma o Papa João Paulo II na Constituição Apostólica *Fidei Depositum*, de 1992, foi expressa a vontade de criar um Catecismo, tendo em vista a atualização e apresentação da sã doutrina. A empreitada inicia em 1986, e em 1992, com a Constituição Apostólica *Fidei Depositum*, é aprovada a publicação.

³²⁶ Rahner, 158.

³²⁷ Rahner, 159.

³²⁸ Cf Rahner, 159.

³²⁹ Cf Rahner, 159.

³³⁰ Cf Rahner, 160.

O *Catecismo da Igreja Católica* dedica alguns pontos aos anjos:

Aponta o céu como lugar de Deus, das criaturas espirituais que o rodeiam, sendo o binómio céu e terra a significação da totalidade da criação³³¹ (Cf CCE 326). A Sagrada Escritura e a Tradição testemunham «a existência dos seres espirituais, não-corporais [...], é uma verdade de fé» (CCE 328). Usa a terminologia de St. Agostinho para fazer a distinção entre natureza e função, sendo a primeira, espírito e a segunda, anjo, que é o mesmo que mensageiro (Cf CCE 329).

Também afirma que as «criaturas puramente espirituais são dotadas de inteligência e vontade: são criaturas pessoais e imortais» (CCE 330); mas acima de tudo a centralidade de Cristo. Nele radica a criação dos anjos, a sua finalidade e propósito (Cf CCE 331). Em Job 38,7 os anjos são chamados filhos de Deus e desde os primeiros tempos são os anjos que conduzem e orientam a humanidade (Cf CCE 332). Toda a vida de Jesus está rodeada do serviço e adoração dos anjos (Cf CCE 333). Afirma que a Igreja beneficia da ação e intervenção dos anjos (Cf CCE 334) e menciona o festejo e memória de certos anjos: S. Miguel, S. Gabriel, S. Rafael e os anjos da guarda (Cf CCE 335). Menciona ainda que «desde a infância até à morte, a vida humana é acompanhada pela sua assistência e intercessão» (CCE 336), são seres protetores e orientadores do ser humano.

Também é assumido «o carácter *irrevogável* da sua opção, e não uma falha da infinita misericórdia de Deus, que faz com que o pecado dos anjos não possa ser perdoado. “Não há arrependimento para eles depois da queda, tal como não há arrependimento para os homens depois da morte” (S. João Damasceno, *A Fé ortodoxa* II, 4: PG 94, 877)» (CCE 393), este ponto evidencia a total liberdade de toda a criação apontando as consequências.

Servem Jesus Cristo (Cf CCE 538), participarão no Juízo Final (Cf CCE 1038) sendo também «recapitulados em Cristo» (CCE 1161). É em Cristo que tudo se centra: a sua real presença na liturgia terrestre (Cf CCE 1088) em constante atualização e na liturgia celeste (Cf CCE 1090) com toda a adoração e louvor a Deus. A liturgia terrestre e a liturgia celeste estão interligadas (Cf CCE 1136) pela celebração do mistério pascal.

³³¹ Igreja Católica, *Catecismo da Igreja Católica* (Moscavide: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2016), cap. 326. Daqui em diante designada pela sigla CCE.

1.5. Síntese

Como foi possível perceber pela exposição deste capítulo, a condição criatural dos anjos é consensual, tendo em consideração a pressuposição da sua existência. Criados por Deus, estão mais perto d'Ele na medida em que a sua condição permite. O que neles é divino é apenas por participação e nunca de modo pleno, pois são criaturas. É possível o culto aos anjos, a veneração, mas nunca a adoração, pois seria idolatria. O momento da sua criação não é claro e as perspectivas divergem entre antes ou em simultâneo com os seres e coisas materiais.

Também é consensual a sua condição servil e a sua submissão a Deus e a Cristo, pois são tidos como cooperadores da economia da salvação, manifestando a vontade do Senhor. Reforça-se a atitude de louvor e adoração a Deus, característica dos anjos e função primordial.

Há ainda concordância na imutabilidade da escolha do anjo, que o sujeita a uma eternidade de salvação ou de perdição. Criaturas dotadas de livre-arbítrio, é-lhes dada a faculdade de escolher entre o bem e o mal. São inclinados para o bem, porém, o seu livre-arbítrio não é mutável e depois da escolha entre o bem ou o mal a sua decisão não é reversível.

Igualmente gera anuência a presença dos anjos na liturgia, comungando com Cristo espiritualmente. A liturgia terrestre e a liturgia celeste estão interligadas, apontando-se a centralidade em Cristo. É o lugar e momento por excelência para O glorificar e louvar. Cristo é a realização plena da economia da salvação, da revelação. Portanto, a celebração da liturgia não é apenas memorial, mas é escutar, aprender e viver o encontro real com Cristo, mediador pleno, que concretizou tudo quanto era da vontade do Pai e nos deixou um legado.

É ainda harmónica a perspectiva da superioridade de Cristo sobre toda a criação, nomeadamente sobre os anjos. Cristo pré-existente à criação encerra em si a plenitude da humanidade e da divindade, da imanência e da transcendência. Os anjos são seus servos e estão ao dispor para com Ele cooperar. Se, porventura, a mediação dos anjos era necessária antes de Cristo, com Cristo e depois de Cristo essa função é prescindível.

Como ponto divergente encontramos a questão da natureza e corporeidade. Se, por um lado, defendem que são seres de natureza espiritual e invisível, na corporeidade o discurso torna-se obscuro. É na questão da corporeidade que a linguagem se torna limitada e escassa para exprimir o que se pretende transmitir e onde começam as expressões paradoxais como: incorpóreo, mas com alguma materialidade; um corpo de origem espiritual; corpo subtil ou aéreo; uma espécie particular de corpo e outras expressões. Fica por clarificar o que é corpo ou

estabelecer um conceito próprio. O último reduto para esta dificuldade é estabelecer comparação com Deus, sendo corpóreos, mas quando comparados com o ser humano são incorpóreos.

Importa reter que a auto-comunicação de Deus elimina a necessidade de uma intermediação, pois é gratuita e para a totalidade da criação. Como explica Rahner, os anjos são criaturas e deve ser repensada a superioridade deles em relação à humanidade. Deve ser tida em conta a história como dinâmica que abarca toda a realidade, visível e invisível.

O anjo, em si mesmo, é um pressuposto e, apesar de ser possível e aceitável a especulação, deve ser colocada em contexto cristológico.

2. MEDIAÇÃO

Considerando tudo quanto foi exposto, surge a necessidade de refletir a experiência que o ser humano faz do sagrado: de Deus na mediação dos anjos. No sentido de desenvolver essa reflexão, este capítulo será articulado em cinco partes.

Na primeira parte faz-se uma introdução ao desenvolvimento do pensamento cristológico ao longo dos séculos, por ser a chave de leitura de todos os temas da teologia cristã, como tal a angelologia deve ser contextualizada com a cristologia.

Na segunda, que incide sobre a etimologia, será abordado a origem do termo mediação, trabalhando depois a relação entre os blocos de termos mediar-mediação-mediador e intermediar-intermediação-intermediador. Afirma-se uma clara distinção entre a mediação perfeita de Cristo e a mediação dos anjos ou dos seres humanos e, porventura, de toda a criação.

De seguida, num terceiro ponto deste capítulo, abordaremos a temática da fé e experiência religiosa. Partindo da conceção de que o ser humano experimenta a realidade de modo objetivo e de modo subjetivo, enquadra-se a fé e a crença na dimensão subjetiva da pessoa. Pertencendo a experiência do mistério de Deus à interioridade da pessoa, vê-se dificultada a tarefa de o compreender objetivamente. Daí que este mistério, que em Jesus Cristo, mediação perfeita, se revela e interpela, comporte a exigência de uma resposta de fé, em liberdade, à iniciativa divina.

Na quarta parte, aborda-se o tópico da manifestação da vontade divina. Partindo da iniciativa divina de se autorrevelar e estabelecer uma Aliança com a sua criação, trata-se, neste ponto, de distintas formas ou modos como se manifesta a divindade. Alerta-se para o facto de que tratar de diferentes modos de manifestação não pretende aproximar-se da heresia do modalismo, mas as dificuldades de linguagem podem conduzir a essa perceção.

Por último, no quinto ponto, trataremos do tema da piedade popular, onde se poderão verificar, com mais detalhe, diversos modos de prática religiosa também relacionados com os

anjos. Apontando apenas alguns aspetos negativos da piedade popular, o foco incide em diferentes particularidades que a caracterizam, tornando evidentes os seus aspetos positivos.

É necessário entender em primeiro lugar, ainda que explanada sucintamente, a evolução do pensamento cristão, no que concerne à cristologia, pois «constitui a chave para todos os outros temas da teologia».³³²

2.1. Cristologia

Logo nas primeiras comunidades cristãs, verificamos que se torna difícil responder à questão sobre a identidade de Jesus.

Tendo, «como pano de fundo a esperança de Israel no Reino de Deus, já anunciado pelos profetas, Jesus proclama que o tempo já havia atingido o seu termo, que o Reino já estava aí [...]. Porém, não um reino político, não um reino com um rei que trouxesse a restauração política».³³³ Ao pregar a chegada do Reino, prega também o Amor do Pai ao mesmo tempo que pede conversão ao maior mandamento, o «do amor a Deus e ao próximo».³³⁴ Esta conversão, pedida por Cristo, mediação plena do Pai, implica compromisso, renúncia, escolha e «tal escolha consiste em assumir todo o peso, por vezes insuportável, das situações da sua vida de todos os dias; não procurar pretextos para alijar sobre os outros a carga da própria responsabilidade».³³⁵ Os títulos atribuídos a Jesus de Nazaré como Messias, Ungido,³³⁶ Cristo, Senhor, Filho de Deus,³³⁷ de raiz judaica, ou Logos, de raiz helénica, constituem fonte de contestação quer pelos judeus, quer pelos gregos. Ao afirmar que Jesus Cristo é Deus, Filho de Deus, os cristãos são acusados, pelos judeus, de desrespeitar a unicidade de Deus e, pelos gregos, de retornar à mitologia.³³⁸

Progressivamente, vai-se desenvolvendo uma cristologia a partir de cima, ontológica, que procede da reflexão sobre o Ser de Jesus Cristo. Partindo do pressuposto de Jesus como

³³² Hans Kessler, «Cristologia», em *Manual de Teología Dogmática*, ed. Theodor Schneider, trad. Claudio Gancho (Barcelona: Editorial Herder, 2005), 295.

³³³ Carlos Verdete, *História da Igreja: Das origens até ao Cisma do Oriente (1054)*, vol. I (Lisboa: Paulus Editora, 2009), 35.

³³⁴ Verdete, I:36.

³³⁵ Verdete, I:37.

³³⁶ Cf Kessler, «Cristologia», 298.

³³⁷ Cf Joseph Schmitt, «Genesis de la Cristologia Apostolica», em *Iniciación a la práctica de la Teología*, ed. Bernard Lauret e François Refoulé, trad. Rufino Godoy, vol. II.1. (Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984), 165–74.

³³⁸ Cf Joseph Doré, «Cristologias Patristicas e Conciliares», em *Iniciación a la práctica de la Teología*, ed. Bernard Lauret e François Refoulé, trad. Rufino Godoy, vol. II.1. (Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984), 185–94.

Filho de Deus e pré-existente a toda a criação,³³⁹ apresenta um modelo cosmológico que procura a causa primeira de toda a criação, que é Deus.³⁴⁰ Este modelo evita uma visão puramente histórica acerca de Jesus. A cristologia descendente deu lugar a um outro modelo, eclesiológico, pautado por uma estrutura piramidal de poder e transmissão de valores. Deus é tido como uma autoridade suprema, tornando-se um princípio ativo da salvação, enquanto a criação, assim como Jesus, são considerados passivos.³⁴¹ É uma cristologia que «é a de uma igreja que se apresenta como rival de um mundo que gostaria de subjugar: define-se como uma sociedade, inclusive uma contra-sociedade, e não como uma comunhão».³⁴²

Emergem, portanto, as mais diversas formas de pensamento acerca de Jesus Cristo, como aparência, defendido pelo gnosticismo e docetismo, para as quais o real e concreto é o mundo espiritual e, por isso, a materialidade é mera aparência. Também se interpreta como filho adotado por Deus e, como tal, não será Deus, difundido pelo adopcionismo; ou como uma manifestação particular de Deus, tal como propagado pelo patripassionismo; ou como um dos modos diferentes de Deus se manifestar, segundo o modalismo.³⁴³ Estas formas de compreensão geraram imensa discórdia. E neste contexto de controvérsias o cristianismo tem necessidade de se posicionar e a reflexão cristã é forçada a evoluir. Se, de um lado, era enfatizada a humanidade de Jesus,urgia a necessidade de defender a sua divindade, por outro lado, ao enfatizar a divindade era necessário defender a sua humanidade.³⁴⁴

Toda a reflexão incide na conceptualização que progride no meio de batalhas de termos, tendo uns, por um lado, acentuado demasiado a diferença das naturezas de Cristo, separando-as por completo, e outros tendo, por outro lado, acentuado de tal forma a unidade, que não permitia qualquer distinção.

A principal necessidade era a de afirmar a unidade e plenitude da humanidade e divindade em Cristo; porém, é tarefa que quase sempre desemboca em algum tipo de excesso e, conseqüentemente, em heresia. Nesta reflexão duas escolas se destacam, a antioquena e a alexandrina. A primeira desenvolveu a sua reflexão, contra os arianos³⁴⁵ e também os

³³⁹ Cf Kessler, «Cristologia», 383.

³⁴⁰ Cf Doré, «Cristologias Patristicas e Conciliares», 250.

³⁴¹ Cf Bernard Lauret, «Cristologia Dogmatica», em *Iniciación a la práctica de la Teología*, ed. Bernard Lauret e François Refoulé, trad. Rufino Godoy, vol. II.1. (Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984), 251–52.

³⁴² Lauret, 252.

³⁴³ Cf Doré, «Cristologias Patristicas e Conciliares», 197–208.

³⁴⁴ Cf Doré, 208.

³⁴⁵ Cf Bernardino Llorca, «Arianismo», em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (Lisboa: Editorial Verbo, 1998), 181. «Heresia desencadeada por Ario como reacção contra o Monarquianismo, que negava a distinção

apolinaristas,³⁴⁶ insistindo «no carácter completo e livre das duas naturezas de Cristo».³⁴⁷ Defende a divindade de Cristo assim como a sua humanidade sem qualquer redução, embora afirmando as naturezas distintas, «Jesus Cristo não é apenas verdadeiro Deus, mas também verdadeiro homem».³⁴⁸ Esta escola caracteriza-se por pertencer ao esquema cristológico *anthropos/Logos*³⁴⁹ que parte da defesa da humanidade de Jesus Cristo.³⁵⁰ Numa posição mais radical desta linha temos o caso de Nestório que nega a unidade em Cristo ao defender duas *prosopa* e um terceiro que chama de “*prosopon* de união”, distingue de tal forma as duas naturezas que as separa por completo.³⁵¹

A escola de Alexandria, por sua vez, defende que «se há duas naturezas, elas encontram-se em uma só e mesma pessoa ou hipostasis».³⁵² Pertence ao esquema cristológico *Logos/sarx*³⁵³ que defende a divindade em Jesus Cristo. O caso de Eutiques, que defendia que pela encarnação a propriedade do género humano foi eliminada,³⁵⁴ revela uma posição extrema do pensamento defendido pela linha alexandrina. Com a pretensão de unidade em Cristo, no seu pensamento, a natureza divina acaba por absorver a natureza humana.

É no Concílio de Calcedónia,³⁵⁵ em 451, que se afirma, em Cristo, as naturezas humana e divina, perfeitas e distintas, tal como defendido pela linha antioquena,³⁵⁶ em uma só pessoa, tal como defendido pela linha alexandrina,³⁵⁷ «sem confusão nem separação».³⁵⁸

Uma constatação se impõe: o longo percurso de desenvolvimento do dogma cristológico, que começou com as origens cristãs e se formalizara na sequência dos sete primeiros concílios ecuménicos de Niceia I a Niceia II, concluiu-se. Não somente não haverá mais concílios em que Cristo seja preocupação primeira, mas as intervenções cristológicas do magistério serão doravante reduzidas e parcelares. Elas se contentarão no mais das vezes em

pessoal do Filho com relação ao Pai. Exagerando esta distinção, o A. afirmava que o Filho foi criado no tempo. Por conseguinte, tem princípio e não é eterno e, portanto, não é igual ao Pai, nem é Deus».

³⁴⁶ Cf José Mattoso, «Apolinarismo», em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (Lisboa: Editorial Verbo, 1998), 1290. «Heresia cristológica professada por Apolinário de Laodiceia e os seus discípulos, e que ensinava que a carne de Cristo não era informada por uma alma humana mas directamente pelo Verbo, em virtude do conceito aristotélico da unidade da pessoa. O A. procurava assim explicar a Redenção; a carne, radicalmente pecadora e que a vontade não pode dominar, só pode ser redimida pela sua união substancial com a divindade».

³⁴⁷ Kessler, «Cristologia», 405.

³⁴⁸ Doré, «Cristologias Patristicas e Conciliares», 220.

³⁴⁹ Cf Doré, 220.

³⁵⁰ Cf Doré, 212.

³⁵¹ Cf Doré, 213–14.

³⁵² Doré, 221.

³⁵³ Cf Doré, 220.

³⁵⁴ Cf Kessler, «Cristologia», 409.

³⁵⁵ Cf Doré, «Cristologias Patristicas e Conciliares», 217–21.

³⁵⁶ Cf Doré, 220.

³⁵⁷ Cf Doré, 220–21; Cf Kessler, «Cristologia», 409.

³⁵⁸ Kessler, «Cristologia», 412.

repetir as afirmações antigas diante da emergência de concepções teológicas novas que parecerão questioná-las.³⁵⁹

Assim sendo, após as mudanças operadas pelo racionalismo, humanismo, evolução das ciências, e em especial, com aparecimento do método histórico-crítico,³⁶⁰ surge no séc. XX a cristologia “a partir de baixo”, tendência que se vinha a desenhar nos séculos anteriores gradualmente.³⁶¹ Apontam-se três fases, *Old Quest* ou *First Quest*, a *New Quest* e a *Third Quest*.³⁶² A primeira fase é caracterizada por uma forte tendência, quase radical, de depurar os textos de qualquer elemento do âmbito da fé, forçando os teólogos a reagir contra a tentativa de tornar Jesus Cristo um mito.³⁶³ A segunda fase, tentando «superar o divórcio entre o Jesus da história e o Cristo da fé»,³⁶⁴ tem um modo mais equilibrado e moderado de estudar as Escrituras. A partir dos textos percebem-se os elementos que é possível extrair, os quais permitem desvendar o ambiente cultural vivido pelas primeiras comunidades cristãs, não deixando de lado a reflexão teológica. Une o método de investigação histórica e exegética à fé.³⁶⁵ A terceira fase pretende investigar uma versão mais realista tanto do Jesus da história, quanto do Cristo da fé. Surge então uma cristologia a partir de baixo, a partir da história, que não exclui a fé,³⁶⁶ mas a enraíza na forma de vida concreta de Jesus.

Crer em Jesus Cristo é o núcleo da vida cristã. Os Seus ensinamentos não são «uma filosofia, mas uma experiência de vida: os apóstolos de Jesus não podem, portanto, ser propagandistas duma filosofia, dum sistema de pensamento. Não poderão repetir a sua palavra a não ser pelo testemunho duma experiência, a experiência de uma determinada relação com Deus».³⁶⁷ Tornam-se, então, os apóstolos, modelos e mediação dessa experiência com Cristo, Verbo encarnado. Ele encarnou e, por isso, foi-nos concedido acesso à experiência de Deus.³⁶⁸ No entanto, «a fé e a experiência cristã necessitam de mediações históricas»³⁶⁹ e tendo Jesus

³⁵⁹ Bernard Sesboüé, «Na esteira de Calcedônia: cristologia e soteriologia a partir do século VI», em *História dos Dogmas: O Deus da Salvação*, ed. Bernard Sesboüé e Joseph Wolinski, trad. Marcos Bagno, vol. I (São Paulo: Edições Loyola, 2002), 397.

³⁶⁰ Cf Lauret, «Cristologia Dogmatica», 254–55.

³⁶¹ Cf Kessler, «Cristologia», 431–34.

³⁶² Cf Felicísimo Martínez Díez, *Crer em Jesus Cristo / Viver como Cristão: Cristologia e seguimento*, trad. Maria Margarida Osório Gonçalves (Assafarge: Gráfica de Coimbra 2, 2007), 88–106.

³⁶³ Cf Lauret, «Cristologia Dogmatica», 254–55.

³⁶⁴ Cf Lauret, 258.

³⁶⁵ Cf Lauret, 259–60.

³⁶⁶ Cf Lauret, 262–63.

³⁶⁷ François Varillon, *Alegria de Crer e de Viver*, trad. Miriam Godinho, 2ª ed (Braga: Editorial A. O., 2013), 88.

³⁶⁸ Cf Martínez Díez, *Crer em Jesus Cristo / Viver como Cristão: Cristologia e seguimento*, 113.

³⁶⁹ Martínez Díez, 112.

Cristo como mediador pleno da interpelação divina, atrai a Si todos para exercerem, em liberdade, cada um, a sua resposta ao chamado para O seguir. Fundamentalmente, para O imitar.

Não deve, então, o tema dos anjos abstrair-se do que é central e do que o fundamenta: Cristo. Pois, é apontado que, por vezes, certas crenças, como em anjos e demónios, «distraem as pessoas dos núcleos centrais da fé cristã».³⁷⁰ No entanto, não deixam de ser os anjos, assim como os seres humanos, «figuras de uma mediação».³⁷¹

2.2. Etimologia

Sendo o anjo um mensageiro, e faz parte das suas características ser uma mediação, pensamos o ser angélico como «o anunciador e aquele que estabelece as ligações entre Deus e a história que se faz mediante a inteligência e a ação do homem. O “Céu criado por Deus” – que engloba muitas “criaturas espirituais” cuja existência conhecemos e outras que ainda ignoramos – é uma polaridade ativa na teia que constitui a história da criação».³⁷² Mas essa conceção exige uma reflexão mais aprofundada sobre o conceito de mediação.

É comum usar como sinónimos os termos mediador e intermediário. Nesse sentido é necessário trabalhar a relação dos termos mediar-mediação-mediador com os termos intermediar-intermediação-intermediador.

Com significados semelhantes, os dois conjuntos de palavras têm a mesma raiz latina,³⁷³ *medius*, que significa o que está no centro, no meio, central, médio. A esta raiz está associado o substantivo *medium*, significando meio, centro, lugar para onde tudo converge, que coloca

³⁷⁰ Martínez Díez, 113.

³⁷¹ Bernard Sesboué, *JesuCristo, El Único Mediador: Ensayo sobre la redención y la salvación*, trad. Alfonso Ortíz García, vol. II (Salamanca: Secretariado Trinitario, 1990), 132.

³⁷² Pierangelo Sequeri, «Os efeitos do Anjo. Perspectivas da angelologia para uma nova teologia da história», em *Congresso Internacional: Figuras do Anjo Revisitadas*, trad. Fernando Ventura (Fátima: Santuário de Fátima, 2007), 196.

³⁷³ Cf António Houaiss e Mauro de Salles Villar, «Mediar», em *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2015), 2566; Cf António Houaiss e Mauro de Salles Villar, «Medio», em *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2015), 2568; Cf António Houaiss e Mauro de Salles Villar, «Mediação», em *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2015), 2565; Cf António Houaiss e Mauro de Salles Villar, «Mediador», em *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2015), 2565; Cf António Houaiss e Mauro de Salles Villar, «Intermediar», em *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2015), 2239; Cf António Houaiss e Mauro de Salles Villar, «Intermediação», em *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2015), 2239; Cf António Houaiss e Mauro de Salles Villar, «Intermediador», em *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2015), 2239.

em evidência uma estrutura de espaço e tempo, ou seja, «a parte que fica equidistante de dois extremos»,³⁷⁴ e a forma verbal *mediare* que significa estar no meio, dividir em dois.

O primeiro conjunto traduz uma função principal de intervenção, ligando e colocando em relação, encontro e comunicação dois polos distintos.³⁷⁵ O segundo conjunto apresenta-se com um acrescento da preposição latina *inter*, evidenciando um reforço pleonástico, que não acrescenta nada ao termo, tornando-o uma redundância.³⁷⁶ Incorre em superficializar o significado do termo.

Em primeira instância o mediador é imparcial e neutro, não toma partidos na circunstância que medeia. Numa visão mais económica e de negócios, «o mediador coloca-se de permeio entre dois potenciais contraentes, aproximando-os e, eventualmente, colaborando na fase de negociações, sem intervir na realização do negócio; ou seja, põe os interessados em contacto e prepara o negócio, mas não é parte nem representante de um dos contraentes no contrato que aqueles celebrem».³⁷⁷

Bernard Sesboüé defende Jesus Cristo como o “Único Mediador”, na medida em que está para além da mais comum aceção do termo, pois representa a mais perfeita comunhão entre o mundo celeste e o mundo terreno, «está do lado de Deus e do lado da humanidade».³⁷⁸ Não é imparcial nem neutro. Tem o sentido em que «Deus por origem, tornou-se homem e uniu em si a divindade e a humanidade».³⁷⁹ É nele que realmente tudo converge, «todas as mediações confluem para o Filho».³⁸⁰

Para o autor o «termo mediador constitui a ligação não só entre a cristologia e a soteriologia, mas também entre o eterno mistério da Trindade soberana e benevolente e a comunidade universal dos homens, reunidos em Igreja ao longo dos tempos pelo plano de Deus, a fim de levá-los ao reino interminável do Pai, do Filho e do Espírito».³⁸¹ A mediação estabelece

³⁷⁴ José Pedro Machado, «Meio», em *Dicionário de Língua Portuguesa* (Lisboa: Sociedade de Língua Portuguesa, 1964), 449.

³⁷⁵ Cf Bernard Sesboüé, *JesuCristo, El Único Mediador: Ensayo sobre la redención y la salvación*, trad. Alfonso Ortiz García, vol. I (Salamanca: Secretariado Trinitario, 1990), 116.

³⁷⁶ Cf «Pleonástico», *Dicionário Priberam*, acedido 5 de Novembro de 2022, <https://dicionario.priberam.org/pleonastico>.

³⁷⁷ Pedro Romano Martínez, «Mediação», em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (Lisboa: Editorial Verbo, 2001), 428–29.

³⁷⁸ Sesboüé, *JesuCristo, El Único Mediador: Ensayo sobre la redención y la salvación*, 1990, I:100.

³⁷⁹ Bernard Sesboüé, *Pensar e viver a Fé no Terceiro Milénio - Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, trad. Manuel Luis de Sousa Pinheiro (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999), 658.

³⁸⁰ Carvalho, «Sonhos, anjos e demónios nas aparições bíblicas», 124.

³⁸¹ Sesboüé, *JesuCristo, El Único Mediador: Ensayo sobre la redención y la salvación*, 1990, II:99.

uma comunhão entre o mundo de Deus e o mundo dos seres humanos, concretizando-se na totalidade da história da salvação. Recusa-se a ideia de Cristo como intermediário, pressupondo este termo como alusão a uma “realidade exterior”, sem nenhuma ligação a qualquer dos polos que medeia e que se mantém inalterável.³⁸² Somente em Cristo coincidem os opostos, o humano e o divino, e só Ele com eles promove uma comunicação imediata.³⁸³

O pensamento hegeliano contribui para este tópico com o desenvolvimento dos conceitos mediação e imediatidade.³⁸⁴ Parte da distinção do que é mediato e do que é imediato, implicando o mediato uma relação com algo, portanto, algo indireto. Já o imediato é algo simples, inicial, que prescinde de uma relação e, portanto, algo direto.³⁸⁵ «Imediatidade também tem uma significação religiosa: Deus pode revelar-se *mediatamente*, isto é, através das obras da natureza, ou *imediatamente*, isto é, por milagres ou revelação direta».³⁸⁶ Portanto, por mediações indiretas ou diretas.

Tudo o que é imediato é mediado,³⁸⁷ todas as coisas são simultaneamente mediatas e imediatas porque o imediato é algo inicial e o mediato é o resultado. O «contraste entre mediação e imediatidade é, em si mesmo, uma oposição que requer mediação, e o resultado disso, argumenta Hegel, é que nada é puramente imediato ou puramente mediatizado: tudo é ambas as coisas ao mesmo tempo».³⁸⁸

Uma coisa pode ser apenas imediata sem qualquer mediação ou pode ser mediatizada, «mas SUPRASSUME sua mediação em imediatismo».³⁸⁹ Este suprassumir refere-se ao conceito hegeliano de suprassunção, em que algo é suprimido, mas que de alguma forma permanece, ou seja, dando o exemplo de uma crença antiga superada por uma nova forma de pensar, uma nova crença. Quer cause rutura ou não, a nova forma de pensar não deixa de estar

³⁸² Cf Sesboüé, *JesuCristo, El Único Mediador: Ensayo sobre la redención y la salvación*, 1990, I:116.

³⁸³ Cf Sesboüé, *JesuCristo, El Único Mediador: Ensayo sobre la redención y la salvación*, 1990, II:249.

³⁸⁴ Cf Michael Inwood, *Dicionário Hegel*, trad. Álvaro Cabral (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997), 216–19.

³⁸⁵ Cf Inwood, 217.

³⁸⁶ Inwood, 217.

³⁸⁷ Cf G. W. F. Hegel, *El concepto de religión*, trad. Arsenio Guinzo (México: Fondo de Cultura Económica, 1981), 140.

³⁸⁸ Inwood, *Dicionário Hegel*, 217.

³⁸⁹ Inwood, 218.

marcada pela crença antiga.³⁹⁰ A «suprassunção avança do inferior para o superior».³⁹¹ Então, relativamente a Deus é suprassumido a sua mediação em imediatidade.³⁹²

Nas palavras de Hegel:

O saber acerca de Deus é uma mediação em geral, porque existe uma relação entre mim e um objeto, Deus, que é distinto de mim. Quando existe uma relação entre seres diferentes e um está essencialmente relacionado com o outro, esta relação chama-se mediação. Um é outro, o outro outra coisa; são diferentes um do outro, não são imediatamente idênticos, não são a mesma coisa. O eu e Deus são diferentes um do outro. Se os dois fossem o mesmo, haveria uma relação imediata, sem mediação consigo mesma, uma unidade sem relação, ou seja, sem diferença. Sendo ambos diferentes, um não é o que o outro é; mas se, no entanto, estão relacionados, ou se na sua diferença possuem ao mesmo tempo uma identidade, esta identidade em si mesma distingue-se da sua diferença, é algo distinto de ambos, caso contrário não seriam distintos. Os dois são distintos; não são unidade. Aquilo em que são a mesma coisa é aquilo em que não são diferentes; mas eles são diferentes. Portanto, a sua unidade é distinta da sua diferença.³⁹³

Assim, Jesus Cristo associa em si mesmo o mundo celestial e o mundo terreno. Concretiza-se, então, na «sua existência de amor e de obediência, selado pelo mistério pascal da sua passagem para Deus. Jesus realizou este sacrifício fundamental de comunhão num corpo de pecador, isto é, numa existência submetida às condições de pecado da humanidade».³⁹⁴ Portanto, não é uma realidade exterior ao que media, pelo contrário, Ele não só faz parte, como é ambos os polos que media. Dada esta dimensão mais profunda da mediação, Cristo não é intermediário, mas a mediação perfeita de Deus. É mediação de Deus para os humanos, na medida em que é humano; e mediação dos humanos para Deus, na medida em que é Deus. Tudo sem se poder separar na pessoa do mediador.

No que toca aos anjos, submetidos a Cristo, também eles vão um pouco mais além da aceção habitual do termo, pois os anjos estão sempre em nome de Deus, participantes e inseridos na história da Salvação. Porém, a mediação por eles exercida torna-se incompleta e limitada se for considerada por si só. «O mediador está do lado de Deus e vem de Deus. Mas esta origem não é suficiente para constituir o mediador; também deve estar do lado dos homens. [...] Portanto, Cristo está tanto do lado de Deus como do lado dos homens; na sua pessoa são encontradas as bases e condições de possibilidade de toda a mediação»³⁹⁵ de Deus. Assim sendo, por um lado, tendo em conta a definição de intermediário, como realidade externa ao que media, não se pode considerar o anjo um intermediário. Por outro lado, tendo em conta a

³⁹⁰ Cf Inwood, 302–4.

³⁹¹ Inwood, 304.

³⁹² Cf Inwood, 218.

³⁹³ Hegel, *El concepto de religión*, 248.

³⁹⁴ Sesboüé, *JesuCristo, El Único Mediador: Ensayo sobre la redención y la salvación*, 1990, I:121.

³⁹⁵ Sesboüé, I:100.

definição de mediação, como comunicação imediata/mediada de Deus com o ser humano, também não se pode considerar o anjo como mediação em sentido pleno, como Cristo. Porém, pode ser considerado mediação de Deus, embora de modo distinto ao de Cristo, na medida em que não é uma realidade externa à história da Salvação, mas dela participa.

Então, partindo deste raciocínio aplicado aos anjos, também o ser humano é mediação de Deus; porém, tem de se ter em conta o que os distingue. Para Karl Rahner, a doutrina acerca dos anjos apenas revela que existe uma dimensão interior do ser humano mais profunda, que o saber empírico não consegue detetar. Esta dimensão é prévia à pessoa, como ser orientado para a “salvação ou condenação”.³⁹⁶ O ser humano «mantém o imediatismo com Deus, com o Deus que trabalha diretamente nele sem qualquer mediação adequada e que, em última análise, pela sua própria auto-comunicação através da graça é o seu destino e a sua vida definitiva». ³⁹⁷

O mesmo Rahner, a propósito do culto ao Sagrado Coração de Jesus e ao modo como o ser humano experimenta a realidade, afirma que é pela experiência do visível, na mediação do Filho, que Deus convida ao «amor do invisível». ³⁹⁸ Então, os anjos e santos pertencem não só ao mundo, mas também a Deus, pois não deveria ser colocada a questão se “estas coisas” «existem, mas, se nós as encontramos ao buscá-las na direção em que nos movemos religiosamente para Deus». ³⁹⁹ E este movimento, pautado pelos atos dos crentes levou o autor a questionar:

Se fazemos realmente o que cremos fazer? Fazemo-l[o] verdadeiramente em nome dos anjos, dos santos e da humanidade de Cristo? Ou são – para nós – apenas etiquetas distintas que se referem sempre à mesma realidade: Deus? [...] Há, porém, atualmente algum santo que tenha uma realidade junto a Deus e fora dele? Trata-se de uma realidade realizada e não só aceite teoricamente, de uma realidade que seja atualmente própria e de cuja vontade dependa algo, de uma realidade com a qual se tente incorporar à experiência própria. Há algum santo que tenha essa realidade junto a Deus, ou diz-se às vezes “anjo” ou “Maria”, às vezes “Coração de Jesus” ou “São José”, referindo-se sempre à mesma coisa, à incompreensibilidade e a infável soberania de Deus, a quem cada um se entrega absolutamente, amando e temendo ao mesmo tempo? Não é isso e somente isso que nos parece ser o ato religioso?⁴⁰⁰

³⁹⁶ Cf Rahner, «Ángel», 153.

³⁹⁷ Rahner, 153.

³⁹⁸ Karl Rahner, *Teologia e Antropologia*, trad. Hugo Assmann (São Paulo: Edições Paulinas, 1969), 44.

³⁹⁹ Rahner, 45.

⁴⁰⁰ Rahner, 45–47.

2.3. Fé e experiência religiosa

Emmanuel Falque diz que «céu e terra, na órbita da Ressurreição, apenas são maneiras de ser no mundo; pois, se assim não fosse, a terra (em oposição ao céu) ficaria consagrada eternamente como o modo de ser pecador do homem».⁴⁰¹ O Mundo é compreendido como realidade total que abarca toda a diversidade de modos ou formas de ser e existir. E como realidade total compreendemos, então, que o mundo angélico e o mundo terrestre pertencem a uma mesma realidade. Não serão mundos, mas dimensões de toda a realidade. O imanente e o transcendente estão imbuídos um no outro. Isso implica que uns não tenham domínio sobre os outros ou que uns não sejam superiores ou inferiores em relação aos outros, o que significa que a liberdade de cada criatura, assim como a responsabilidade de cada uma, são priorizadas. Assim:

Não estamos a falar de criaturas iguais a Deus, de entidades ao nível de Deus em que as que optam por recusá-Lo sujeitariam a humanidade a um destino fatalista e para as quais seria fácil atirar todas as culpas e responsabilidades pelo pecado, numa situação tal em que a nossa liberdade não poderia optar por Deus, no caso dos anjos opositores de Deus. Isso iria contra a condição criatural da humanidade, não respeitaria a nossa liberdade na sua integralidade e reduziria o projeto criador de Deus.⁴⁰²

Entende-se, então, que o ser humano experimenta a totalidade da realidade, objetiva e subjetivamente. Usando a distinção de Bernard Sesboüé, o polo objetivo

é muito fácil de definir: nele, com efeito, passam as palavras e as frases que nós dirigimos a nós mesmos e aos outros, que escrevemos também. É importante notar, entretanto, que nós usamos conosco a mesma linguagem que utilizamos com os outros. De certo modo, eu sou um outro para mim mesmo.⁴⁰³

Já o polo subjetivo, situado entre o consciente e o inconsciente, afirma o autor:

É muito mais difícil [...de] discernir e [...de] definir, simplesmente porque não podemos olhá-lo face a face. Ele atua sempre atrás de nós para nos projetar para a frente. Estamos em relação a ele na mesma situação que está o nosso olho em relação à sua própria retina. A minha retina permite ao meu olho ver o exterior, mas eu não posso, diretamente, ver a minha própria retina, porque o meu olho não se pode voltar sobre ele mesmo. Da mesma forma, não posso ver as minhas costas sem espelho. Se me volto para as ver, todo o meu corpo gira e nada obtenho: não tenho olhos atrás da cabeça.

No entanto, este polo subjetivo está lá, habita-me e acompanha-me, mesmo quando saio de mim, apaixonado pelo que faço ou pelo que vejo.⁴⁰⁴

⁴⁰¹ Emmanuel Falque, *Metamorfosis de la finitud. Ensayo filosófico sobre el nacimiento y la resurrección*, trad. Alejandro del Río Herrmann (Salamanca: Ediciones Sigueme, 2017), 161.

⁴⁰² Carvalho, «Sonhos, anjos e demónios nas aparições bíblicas», 126.

⁴⁰³ Sesboüé, *Pensar e viver a Fé no Terceiro Milénio - Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, 26.

⁴⁰⁴ Sesboüé, 26–27.

Segundo Sesboüé, é a dinâmica entre estes dois polos que permite o ato de “refletir” e leva ao “desejo de infinito”.⁴⁰⁵ A criatura é finita e limitada, mas com um desejo de infinito. Um desejo infinito indefinido (que não termina mais – *ad infinitum*) e um desejo infinito que se refere ao desejo do Absoluto.⁴⁰⁶ As experiências que o humano faz radicam no seu desejo do mais profundo, do absoluto, que nomeamos Deus.⁴⁰⁷ É uma experiência universal onde se encontra a dimensão religiosa do ser humano.⁴⁰⁸ Como afirma Daniel Goleman, o ser humano tem duas mentes, com as quais experimenta o mundo, uma para pensar e outra para sentir,⁴⁰⁹ e, mesmo em circunstâncias e atitudes consideradas absolutamente irracionais, do ponto de vista da mente racional, para a mente do coração, do sentimento, são plenas de sentido. O coração, na base do Amor, é poderosíssimo, pois é mais rápido a perceber o que rodeia a pessoa e a tomar uma decisão do que a mente racional.⁴¹⁰ Jesus falava por parábolas tocando os corações daqueles que O escutavam; guiava pela emoção, pelo Amor.⁴¹¹ Nas parábolas «cada ouvinte é convidado a reconhecer-se a si mesmo entre as personagens evocadas na narração».⁴¹² Não é suficiente «mostrar os desenvolvimentos da doutrina de Cristo, mas fundar estes na palavra e na ação de Jesus (W. Pannenberg). Encontramos aqui a relação da história com a fé e a relação do facto com o sentido».⁴¹³

Não se pode dizer que crer ou ter fé é um ato humano quando se entende por fé “uma abdicação de uma vida autêntica” ou “um facto puramente curioso”,⁴¹⁴ pois este modo de pensar descarta a racionalidade e liberdade humanas. «Uma convicção cristã (católica) fundamental é que o ato de fé exige o pleno exercício da racionalidade e da liberdade – correlativa a Deus como verdade primeira e fim»;⁴¹⁵ exige, portanto, uma atitude de confiança do ser humano.

Crer não se reduz ao domínio do objetivo, mas enquadra-se na subjetividade humana, na «ligação entre a fé, a esperança e o amor».⁴¹⁶ Como agir humano, abarca «todas as esferas

⁴⁰⁵ Cf Sesboüé, cap. 28–31.

⁴⁰⁶ Cf Sesboüé, 30–36.

⁴⁰⁷ Cf Sesboüé, 40.

⁴⁰⁸ Cf Sesboüé, 41.

⁴⁰⁹ Cf Daniel Goleman, *Inteligência Emocional*, trad. Mário Dias Correia (Lisboa: Círculo de Leitores, 1995), 25–30.

⁴¹⁰ Cf Goleman, 312–15.

⁴¹¹ Cf Goleman, 315.

⁴¹² Sesboüé, *Pensar e viver a Fé no Terceiro Milénio - Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, 295.

⁴¹³ Sesboüé, 447.

⁴¹⁴ Cf César Izquierdo, *Creo, creemos: ¿Qué es la fe?* (Madrid: Ediciones Rialp, S.A., 2008), 122.

⁴¹⁵ Izquierdo, 123.

⁴¹⁶ Sesboüé, *Pensar e viver a Fé no Terceiro Milénio - Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, 46.

da pessoa»,⁴¹⁷ considerando o seu modo de conhecer, de saber, o seu sentido moral, a sua relacionalidade e liberdade, a sua tendência para o que é bem e verdade.⁴¹⁸ Deste modo, o ser humano deve ser considerado no seu todo, pois as «dificuldades para aceitar a legitimidade da fé provêm de modos parciais e incompletos de entender a racionalidade e a liberdade»⁴¹⁹ e todas as dimensões inerentes à pessoa. Assim, «a crença pertence ao campo da *consciência*».⁴²⁰

O sentido da fé cristã comporta «um crer que, isto é, a dimensão de uma verdade relativa à pessoa de Jesus. Para crer em Jesus, é preciso também crer no que ele diz e crer que Jesus é bem aquele que reivindica ser».⁴²¹

A fé é dom de Deus, gratuito e universal, que escapa ao modo de conhecer dos seres humanos,⁴²² porém, «sendo vivida por pessoas concretas, é de esperar que seja carregada de humanidade».⁴²³ O Mistério é a origem da abertura do ser humano ao Infinito, ao Absoluto.⁴²⁴ Não pertence apenas à exterioridade do ser humano, mas também à interioridade. «A verificação da radical interioridade do mistério torna mais difícil pensar a possibilidade da pessoa alcançar uma compreensão objetiva do mesmo».⁴²⁵ Crer em Deus, reconhecer este Mistério implica uma decisão pessoal, uma posição de confiança e de testemunho.⁴²⁶

A fé, por conseguinte, é ato da pessoa toda, um ato indiferenciado em relação a uma ou outra faculdade, e um ato em que a inteligência e a vontade atuam em comunhão de atos com tudo o que a pessoa é. Na medida em que a fé não se reduz ao âmbito intelectual, mas que afeta a totalidade da existência, falamos com toda a razão de experiência cristã que implica o compromisso da própria vida com quanto o cristianismo implica.⁴²⁷

Crer implica experimentar;⁴²⁸ então, o conceito de experiência torna-se fundamental para compreender a possibilidade de acontecer a experiência de Deus. Relacionando a experiência com a revelação e com a fé «surge a questão do subjetivo e do objetivo em ser constituído e em receber a mesma revelação».⁴²⁹ Por um lado, a revelação não tem origem na

⁴¹⁷ Izquierdo, *Creo, creemos: ¿Qué es la fe?*, 126.

⁴¹⁸ Cf Izquierdo, 124–26.

⁴¹⁹ Izquierdo, 127.

⁴²⁰ Jorge Coutinho, *Caminhos da razão no horizonte de Deus* (Coimbra: Edições Tenacitas, 2010), 27.

⁴²¹ Sesboüé, *Pensar e viver a Fé no Terceiro Milénio - Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, 52.

⁴²² Cf Sesboüé, 59–61.

⁴²³ Domingos Terra, «A propósito dos “Diálogos sobre a Fé”», *Brotéria* 158, n. 5/6 (2004): 434.

⁴²⁴ Cf Terra, 440.

⁴²⁵ Terra, 441.

⁴²⁶ Cf Francisco Conesa, «¿Qué significa creer? Análisis lingüístico del verbo creer», *Ciencia Tomista* 121, n. 1 (1994): 130–34.

⁴²⁷ Izquierdo, *Creo, creemos: ¿Qué es la fe?*, 174.

⁴²⁸ Cf Izquierdo, 159.

⁴²⁹ Izquierdo, 160.

experiência, mas no próprio Deus e, por outro lado, apenas é entendida quando experimentada.⁴³⁰

Nas palavras de João Duque:

Experimentar a realidade significa, segundo este modelo, interpretar a mesma realidade, numa constante abertura a novas interpretações. Somos, pela experiência, inseridos num processo temporal e histórico, que nos abarca e que nos vai provocando novas experiências. Como tal, o ponto de chegada de cada experiência nunca é o domínio de um determinado objeto, pela via do conhecimento, nem a posse de um saber absoluto e final – ou seja, nunca constitui propriamente um ponto de chegada. Experiência é sempre um processo aberto, do qual fazemos parte, na medida em que participamos nas experiências que constituem revelação do mundo. Nesse sentido, não é possível falar em apropriação ou domínio de algo, por via da experiência. Só assim [se] torna possível experimentar algo – ou alguém – sem o reduzir a um objeto que passamos a possuir, mas mantendo intocável a sua alteridade – sem eliminar a possibilidade de a experimentar, precisamente enquanto irreduzível alteridade.⁴³¹

E nesta abertura não se reduz o transcendente ao imanente nem a experiência ao meramente empírico. Quando a perceção da realidade está impregnada de intuições íntimas, mais convincentes que qualquer lógica aplicável, a racionalidade pode argumentar a favor ou contra que em nada alterará a crença da pessoa.⁴³² O conhecimento íntimo do ser é mais profundo e superior ao conhecimento que advém de um puro racionalismo. «O instinto guia, a inteligência apenas acompanha. Se uma pessoa sente a presença de um Deus vivo [...], os vossos argumentos críticos, por muito extraordinários que seja, esforçar-se-ão em vão para alterar a sua fé».⁴³³

O modo como interpretamos a realidade será sempre condicionado ao modo de se ser humano. Logo qualquer experiência será sempre uma experiência interpretada e, de certo modo, influenciada pelo tempo e cultura.⁴³⁴ Apesar de condicionados ao modo de sermos e nos experimentarmos humanos, isso não significa que se esteja impedido de fazer a experiência de Deus:

A revelação de Deus aos homens tem um lado objetivo evidente, pois esta inscreve-se na história através de palavras, dos escritos e dos ritos. Mas, antes de se tornar objetiva, apresentou-se sob uma forma subjetiva. A graça reveladora de Deus, agindo no polo subjetivo da consciência, nesse santuário do nosso ser livre que é também a matriz das nossas palavras e das nossas ações, permite ao profeta conceptualizar a sua própria experiência e transmiti-la. O profeta é o crente que está à altura de enunciar corretamente a sua experiência transcendente do dom de Deus. Ele é aquele que permite a outros chegar a uma objetivação correta e pura da sua

⁴³⁰ Cf Izquierdo, 160.

⁴³¹ João Duque, *Homo Credens: Para uma teologia da fé* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2002), 140. Modelo de Gadamer, pautado por uma «abertura a nova experiência».

⁴³² Cf William James, *As variedades da Experiência Religiosa: Um Estudo da Natureza Humana*, trad. Helena Briga Nogueira e Margarida Periquito (Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2018), 76–77.

⁴³³ James, 78.

⁴³⁴ Cf Andrés Torres Queiruga, «Deus a Xuízo: ¿que Deus?», *Grial* 44, n. 172 (14 de Dezembro de 2006): 28–31, <http://www.jstor.org/stable/29752816>.

própria experiência. Não é trabalho para qualquer um. Portanto, a revelação segue o itinerário da comunicação dos homens uns com os outros. De seu lado, a experiência religiosa não pode ser solitária: está sempre em ligação com um povo. Ela é sempre dada aos outros.⁴³⁵

A revelação é lugar de encontro de Deus e os seres humanos.⁴³⁶ É importante ter em mente que fazer uma experiência de Deus é algo paradoxal e ambíguo, pois encerra em si unidade e separação, ou seja, o experimentado está presente, mas ausente; está próximo, mas longínquo;⁴³⁷ é no imanente que fazemos uma experiência do transcendente, porém sem que este se reduza ao imanente. «Para falar de Deus, não [se] pode fazer de outro modo senão partir da experiência humana».⁴³⁸

Na criatura humana, nas suas feições, sem uma experiência objetiva, ou seja, sem toque físico, é possível perceber o que o rosto transparece (ternura por exemplo). Este é o tipo de experiência que pode resultar na percepção da presença de Deus.⁴³⁹ Deus no outro, a «natureza misteriosa do “inteiramente outro” que se manifesta na experiência religiosa».⁴⁴⁰ Piazza diz que experiência religiosa, na teologia, é «um conhecimento pessoal, ou melhor, existencial, em que, em um primeiro momento, o homem se dá conta da existência de uma realidade superior, que provoca a sua reflexão. Só em um segundo momento, ela se torna um conhecimento racionalizado, quando o homem procura assimilar a sua experiência segundo as estruturas culturais de seu ambiente».⁴⁴¹

Porém, adverte-se para o facto de que o excesso de racionalização que pode levar ao perigo da pretensão de autonomia plena do ser humano, no sentido de que se desvincula de Deus Criador.⁴⁴² Tem-se em conta, também, que nas cosmologias e antropologias atuais é inadmissível a ideia de que estes movimentem os astros ou que as doenças e maleitas sejam causadas pelos demónios, assim como não se tem em conta os textos Sagrados como uma explicação *ipsis verbis* da realidade.⁴⁴³ Porém, neles estão contidos significados e símbolos que devem ser interpretados, pois conferem à existência um valor simbólico quanto à relação de

⁴³⁵ Sesboüé, *Pensar e viver a Fé no Terceiro Milénio - Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, 193.

⁴³⁶ Cf Izquierdo, *Creo, creemos: ¿Qué es la fe?*, 185.

⁴³⁷ Cf Rahner, *Teologia e Antropologia*, 43–49.

⁴³⁸ Sesboüé, *Pensar e viver a Fé no Terceiro Milénio - Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, 128.

⁴³⁹ Cf Andrés Torres Queiruga, «La experiencia de Dios: posibilidad, estructura, verificabilidad», *Pensamiento: Revista de investigación e información filosófica* 55, n. 211 (1999): 49.

⁴⁴⁰ Waldomiro Octavio Piazza, *Introdução à fenomenologia religiosa* (Petrópolis: Editora Vozes, 1976), 11.

⁴⁴¹ Piazza, 58.

⁴⁴² Cf Sesboüé, *Pensar e viver a Fé no Terceiro Milénio - Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, 96–104.

⁴⁴³ Cf Andrés Torres Queiruga, *Fin del cristianismo premoderno: retos hacia un nuevo horizonte* (Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2000), 23.

Deus com a sua criação.⁴⁴⁴ Pelo excesso de racionalização sujeitamo-nos, por um lado, ao «perigo da redução da experiência ao âmbito da sua própria imanência; por outro, [a]o da correspondente redução da transcendência de Deus ao âmbito da experiência».⁴⁴⁵

Portanto, «a fé é um ato pessoal, e [é] cada ser humano que responde livremente à iniciativa de Deus que se revela».⁴⁴⁶ A fé, como experiência cristã, torna a experiência uma fé vivida que leva em conta o conteúdo dessa fé, o sentido da vida e a *práxis*.⁴⁴⁷ Pautado por uma adesão à mediação de Cristo, a experiência do dado revelado depende da atitude de fé do crente.

2.4. Manifestação da vontade divina

O povo de Israel faz a experiência de Deus como salvador ou libertador. A partir da sua comunicação com o ser humano, Ele «prepara-o por etapas, para receber a Revelação sobrenatural que faz de Si e que vai culminar na pessoa e missão do Verbo Encarnado, Jesus Cristo».⁴⁴⁸ No Antigo Testamento, o Senhor estabelece com o povo uma Aliança e, nesta confiança, o povo é salvo da escravidão do Egito,⁴⁴⁹ mais tarde, do exílio da Babilônia.⁴⁵⁰

Face à ocupação romana, perante toda a expectativa do povo, «enviou o seu Filho muito amado».⁴⁵¹ Concretiza na encarnação, em Jesus Cristo, a plenitude da Sua mediação.

Como diz a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, de 1965:

Aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cfr. Ef. 1,9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina (cfr. Ef. 2,18; 2 Ped. 1,4). Em virtude desta revelação, Deus invisível (cfr. Col. 1,15; 1 Tim. 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cfr. Ex. 33, 11; Jo. 15,1415) e convive com eles (cfr. Bar. 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele. Esta «economia» da revelação realiza-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. Porém, a verdade profunda tanto a respeito de Deus como

⁴⁴⁴ Cf Torres Queiruga, 23–25.

⁴⁴⁵ Duque, *Homo Credens: Para uma teologia da fé*, 138.

⁴⁴⁶ Izquierdo, *Creo, creemos: ¿Qué es la fe?*, 193.

⁴⁴⁷ Cf Izquierdo, 174.

⁴⁴⁸ Verdete, *História da Igreja: Das origens até ao Cisma do Oriente (1054)*, I:23.

⁴⁴⁹ Cf Verdete, I:25.

⁴⁵⁰ Cf Verdete, I:27–30.

⁴⁵¹ Verdete, I:32.

a respeito da salvação dos homens, manifesta-se-nos, por esta revelação, em Cristo, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação.⁴⁵² (DV, 2)

Foi por sua própria iniciativa e vontade que realizou a sua auto-revelação. Revelação sempre articulada em mediações,⁴⁵³ «sonhos, visões e profecia»,⁴⁵⁴ através dos profetas, dos videntes e dos sonhadores. Os anjos, no Antigo Testamento, representando o Deus de Israel, passam a ser mediadores e mestres.⁴⁵⁵ Mas, «porque a Palavra eterna desceu até nós, Jesus tornou-se o único mediador da Revelação de Deus»,⁴⁵⁶ então a Palavra é a verdadeira mediação de Deus. Cristo superou os anjos, «é superior aos anjos [...], Ele é o único mediador e o único salvador».⁴⁵⁷ Jesus Cristo,

surge como o enviado por excelência de Deus, não apenas como realizador das promessas dos profetas, mas como enviado escatológico de Deus e dador do Espírito, que completa a criação e abre os horizontes da vida e da história às dimensões da comunhão com o próprio Deus. Nele, as visões do passado tornaram-se realidade humana e manifestação visível do projeto de Deus.⁴⁵⁸

As visões e profecias continuaram até aos nossos dias e, como não são empiricamente verificáveis causam algum alvoroço, produzem ruturas e, dada a sua complexidade, exigem prudência.⁴⁵⁹

Nas palavras de Sesboüé:

Nas teofanias há trovões e trovoada ou, ao contrário, o murmúrio de um vento doce, uma nuvem que cobre um lugar ou um santuário, um estremecimento da natureza, a presença dos anjos, a aparição de Deus seja sob a forma de uma única voz, seja sob a de um parceiro humano misterioso, mais ou menos glorioso.⁴⁶⁰

E como Deus se revelou na história humana, tornando-a história da salvação, presume-se que o ser humano seja capaz de Deus, tendo «capacidade natural para um certo conhecimento de Deus».⁴⁶¹ São as “deformações históricas” a causa de uma experiência de Deus equívoca,

⁴⁵² Concílio Vaticano II, «Constituição Dogmática *Dei Verbum*», cap. 2, acedido 27 de Julho de 2022, https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html.

⁴⁵³ Cf Carvalho, «Sonhos, anjos e demónios nas aparições bíblicas», 124.

⁴⁵⁴ José Carlos da Silva Carvalho, «Sonhos, anjos e demónios nas aparições bíblicas», *Bíblica (série científica)*, n. 26 (2017): 104.

⁴⁵⁵ Cf Carvalho, 107.

⁴⁵⁶ Herculano Alves, «Do anseio do divino à Revelação de Deus», *Bíblica (série científica)*, n. 26 (2017): 57.

⁴⁵⁷ Carvalho, «Sonhos, anjos e demónios nas aparições bíblicas», 111.

⁴⁵⁸ José Ornelas Carvalho, «Visões nas vocações da Bíblia», *Bíblica (série científica)*, n. 26 (2017): 89.

⁴⁵⁹ Cf Francisco Senra Coelho, «As aparições na História da Igreja», *Bíblica (série científica)*, n. 26 (2017): 141–48.

⁴⁶⁰ Sesboüé, *Pensar e viver a Fé no Terceiro Milénio - Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, 81.

⁴⁶¹ Alves, «Do anseio do divino à Revelação de Deus», 54.

mas também potenciadoras de uma «perceção mais justa do mistério»⁴⁶² entendido como Amor, pleno e gratuito, como «presença gratuita e graciosa de Deus na história humana».⁴⁶³

Os profetas que a captam são sensíveis ao desafio da história e transmitem descobrindo uma nova profundidade da revelação; a história da experiência que a cada descoberta se modifica, adapta, se renova, transformando as interpretações anteriores, e atualizando-as, abre-se a novas possibilidades.⁴⁶⁴

Deus relaciona-se com as suas criaturas, mas não está fora do mundo, nem intervém ocasionalmente, mas acontece no mundo,⁴⁶⁵ precisamente em mediações suas. A relação entre Deus e a criação concretiza-se como ser a partir do mundo, da criação, da totalidade da realidade criada. Diz Torres Queiruga:

De modo que não há competição por ocupar o mesmo lugar; ao contrário, quanto mais presente o criador, tanto mais faz ser a criatura; quanto mais esta “se recebe” dele, tanto mais se realiza nela a força criadora. “Ser”, para a criatura, significa estar sendo trazida à existência: de certa maneira é “estar sendo sida”; mas não por alguém de seu nível que lhe devorasse o seu espaço próprio, mas pelo criador que se lhe está abrindo e outorgando.⁴⁶⁶

Com estas palavras entende-se que o dia-a-dia se torna liturgia, todas as ações das criaturas deveriam ser celebrativas e atos de pura gratuidade para com os outros, demonstrando por ações, por gestos e por sentimentos a presença de Deus. A criatura realiza-se quando se consciencializa que é a vontade divina que deverá e estará a realizar-se conjuntamente com a sua, e quando as duas vontades – humana e divina – coincidem, temos Cristo, modelo de realização e concretização plena da mediação de Deus no mundo, como humano. Significa, então, para o ser humano, «que ele é totalmente ele próprio quando deixa de estar em si mesmo, quando deixa de se fechar e de se afirmar, quando é abertura total em direcção a Deus».⁴⁶⁷

Fica claro então,

que ele “está” no dinamismo que impulsiona o real à realização, na força salvadora que incita, potencia e solicita nossa vida rumo à plenitude. Cada vez que se realiza esse dinamismo e se acolhe essa solicitação na liberdade, exerce-se e realiza-se a presença de Deus. Ele está no fazer-se da realidade, porque esse fazer-se é idêntico ao expandir-se e tornar-se real de seu dinamismo criador. Tomar consciência dessa realização equivale a vivenciar sua presença. E se tudo “funcionasse” assim, se tudo se deixasse ser e construir por ele, seria isso seu verdadeiro estar-presente. Na realidade, tratar-se-ia exatamente daquilo que a experiência bíblica intuiu

⁴⁶² Andrés Torres Queiruga, *Recuperar a Criação: Por uma religião humanizadora*, trad. João Rezende Costa (São Paulo: Paulus Editora, 1999), 62.

⁴⁶³ Torres Queiruga, 80.

⁴⁶⁴ Cf Torres Queiruga, «La experiencia de Dios: posibilidad, estructura, verificabilidad», 64.

⁴⁶⁵ Cf Torres Queiruga, *Fin del cristianismo premoderno: retos hacia un nuevo horizonte*, 26–27.

⁴⁶⁶ Torres Queiruga, *Recuperar a Criação: Por uma religião humanizadora*, 45.

⁴⁶⁷ Joseph Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo - Preleções sobre o «Símbolo Apostólico»*, trad. Alfred J. Keller, 2ª ed (Cascais: Lucerna, 2017), 171.

como verdadeiro ideal: *o reino de Deus na terra*, ou seja, a realidade toda, sobretudo a social humana, deixando-se guiar e mover pela vontade ativa e salvadora de Deus. Não outra coisa diz o pai-nosso: “santificado seja o teu Nome, venha o teu Reinado, faça-se tua Vontade”.⁴⁶⁸

É, nesse caso, no quotidiano, na expressão de todo o agir da pessoa, de cada «gesto humano verdadeiramente amoroso»⁴⁶⁹ que se experimenta a presença de Deus.

2.5. Piedade popular

Fazer uma experiência dos anjos é fazer uma experiência religiosa; «em realidade, na abertura do ser humano à alteridade dos Anjos articula-se essencialmente o modo de abertura à própria alteridade de Deus, que, na alteridade angélica é mediada»⁴⁷⁰ e, portanto, isso equivale a fazer a experiência da «presença do sagrado».⁴⁷¹

No caso específico do cristianismo, esta presença é atestada de modo formal na liturgia, porém, «ninguém negará a existência de formas de religiosidade que surgem espontaneamente nas comunidades de fiéis. Expressam sentimentos pessoais e coletivos»⁴⁷² e são de importância vital para traçar o perfil da religiosidade ou mentalidade de lugares e épocas precisos.⁴⁷³ A liturgia e a piedade popular podem e «devem coexistir respeitando a hierarquia de valores e a natureza específica de ambas as expressões culturais».⁴⁷⁴

Essas expressões, mais comumente sob a alçada de piedade ou religiosidade popular, podem ser entendidas como

todo o estado de espírito e toda a expressão que, dentro de parâmetros de instrução racional rudimentares, pressuponham forças sobrenaturais e a possibilidade de estabelecer relações de algum modo operacionais com elas. Forças entre as quais avulta a ideia de Deus, preponderantemente influenciada pelas doutrinações religiosas, mas sem exclusão de outras, mais ou menos marcadas por costumes e superstições tradicionais (almas de antepassados, poderes ocultos de fecundidade, “anjos” e “demónios” com múltiplas esferas de influência cuja proteção ou hostilidade convém assegurar ou neutralizar).⁴⁷⁵

Ou ainda,

⁴⁶⁸ Torres Queiruga, *Recuperar a Criação: Por uma religião humanizadora*, 96.

⁴⁶⁹ Torres Queiruga, 100.

⁴⁷⁰ João Duque, «Jacob e o Anjo - Um outro olhar sobre a modernidade», em *Congresso Internacional: Figuras do Anjo Revisitadas* (Fátima: Santuário de Fátima, 2007), 179.

⁴⁷¹ Torres Queiruga, «La experiencia de Dios: posibilidad, estructura, verificabilidad», 59.

⁴⁷² Ana Maria Pina, António Camões Gouveia, e João Carlos Brigola, «Piedade popular: um repertório bibliográfico, um projecto de investigação», *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* 4 (1989): 135.

⁴⁷³ Cf Pina, Gouveia, e Brigola, 135–36.

⁴⁷⁴ Congregación para el Culto Divino y la Disciplina de los Sacramentos, «Directorio sobre la piedad popular y la liturgia: principios y orientaciones», cap. 73, acedido 6 de Janeiro de 2023, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20020513_vers-direttorio_sp.html.

⁴⁷⁵ Pina, Gouveia, e Brigola, «Piedade popular: um repertório bibliográfico, um projecto de investigação», 146.

a piedade popular não tem um discurso doutrinal sobre Deus e por isso o seu universo não contém dogma e mistério; ela é sobretudo vivência. De igual modo, não possui corpo eclesial, pelo que a sua transmissão é feita no seio do grupo social e no meio familiar; a crença popular comunica diretamente com as forças do sobrenatural, configurando um campo humano mais lato do que a instituição, e, o que é ainda mais expressivo, impõe os seus cultos à Igreja. Finalmente, não possui uma ética do bem e do mal porque a piedade popular só conhece o bem.⁴⁷⁶

É, então, necessário traçar uma distinção entre religiosidade popular e piedade popular. A primeira, caracteriza-se por uma experiência universal⁴⁷⁷ que se apresenta como a dimensão religiosa presente em todas as manifestações culturais do povo.⁴⁷⁸ Nestas manifestações, todo o povo, expressa «a sua visão total da transcendência e a sua conceção de natureza, sociedade e história»,⁴⁷⁹ não estando, portanto, obrigatoriamente ligadas à revelação cristã.⁴⁸⁰ A segunda, associada à fé cristã,⁴⁸¹ caracteriza-se, exatamente, pelas «manifestações culturais, de carácter privado ou comunitário»,⁴⁸² de cunho cristão. Mantém uma certa «autonomia em relação à instituição eclesial»,⁴⁸³ embora assumindo uma real interação entre a vida litúrgica e a piedade popular.

A piedade popular traduz-se em manifestações concretas. Desde «manifestações tradicionais de devoção e de piedade popular, até formas de religiosidade pós-moderna que compreendem o New Age e expressões “religiosas” muito variadas, de matizes naturalistas ou psicológicas». ⁴⁸⁴ Não é um fenómeno particular do cristianismo, ⁴⁸⁵ mas sim um fenómeno que diz respeito a todas as religiões. ⁴⁸⁶

De um modo possivelmente prejudicial, é visível, recorrentemente, aquando dos atos de culto oficial um envolvente quer de ritos mágico-cristãos, «voltas rituais, práticas de toque e

⁴⁷⁶ Hamilton Costa e Rui Afonso da Costa, «As tendências evolutivas da piedade popular», *Cultura* 11, n. IIª Série (1999): 401.

⁴⁷⁷ Cf Gómez López, «La piedad popular: fruto y objeto de evangelización», 140.

⁴⁷⁸ Cf Congregación para el Culto Divino y la Disciplina de los Sacramentos, «Directorio sobre la piedad popular y la liturgia: principios y orientaciones», cap. 10.

⁴⁷⁹ Congregación para el Culto Divino y la Disciplina de los Sacramentos, cap. 10.

⁴⁸⁰ Cf Gómez López, «La piedad popular: fruto y objeto de evangelización», 140.

⁴⁸¹ Cf José da Silva Lima, «A religiosidade popular: formas simples de peregrinação», *Communio - Revista Internacional Católica* 33, n. 4 (2016): 443; Cf Gómez López, «La piedad popular: fruto y objeto de evangelización», 140.

⁴⁸² Congregación para el Culto Divino y la Disciplina de los Sacramentos, «Directorio sobre la piedad popular y la liturgia: principios y orientaciones», cap. 9.

⁴⁸³ Cristina Sá Carvalho, «Fátima na religiosidade popular portuguesa: uma abordagem psicológica», *Pastoral Catequética - revista de catequese e educação* 4, n. 10 (2008): 46.

⁴⁸⁴ Enzo Biemmi, «A religiosidade popular. Deixar-se evangelizar pelas aspirações religiosas de hoje e evangelizá-las. Apostas teológicas.», *Pastoral Catequética - revista de catequese e educação* 4, n. 10 (2008): 91–92.

⁴⁸⁵ Cf Biemmi, 2008.

⁴⁸⁶ Cf Lima, «A religiosidade popular: formas simples de peregrinação», 438.

beijo, ex-voto»,⁴⁸⁷ quer de ritos mágico-pagãos, por exemplo banho santo no mar.⁴⁸⁸ É exatamente no espaço sagrado que se «guardam os signos e os objectos que alimentam de excepcional a piedade popular».⁴⁸⁹ E ainda associados ao culto andam diversos objetos e ações como «imagem do santo, esmola, santinhos, velas, ex-votos, oferendas».⁴⁹⁰

O distanciamento entre a liturgia e este tipo de espiritualidade pode levar os crentes ao equívoco de admitir a sua salvação «por umas práticas piedosas de carácter subjetivo e por uma religiosidade popular não depurada e catequizada»,⁴⁹¹ pois, muito frequentemente, encontra-se uma grande dissonância «entre a estima pelo culto dos santos e a consciência da centralidade absoluta de Jesus Cristo e o seu mistério».⁴⁹²

Também pode causar dano a intenção utilitarista dos ritos, tendo em vista os “favores materiais” e posterior “ostentosa manifestação de gratidão” pela graça recebida.⁴⁹³ Predominante na religiosidade mágico-supersticiosa,⁴⁹⁴ a pessoa não é beneficiada, de igual modo, quando, com esta visão instrumental do sagrado, o ser humano perde a sua autonomia e se alheia das suas próprias responsabilidades. Perde a sua autonomia pois fica refém do desfecho esperado do “trato” efetuado com o divino, assim como se alheia das responsabilidades, pois caso o divino falhe, é culpa do sobrenatural e nunca da apatia da pessoa.

A nível social e político, este modo de pensar favorecia também os responsáveis no poder, por forma a alienarem-se das suas responsabilidades de cariz socio-caritativo e assistencial.⁴⁹⁵

A piedade popular assume como características próprias festas, romeiros e procissões, iconografia, velas e orações, e também súplicas e promessas, entre outros elementos.

A festa religiosa, uma das características da piedade popular, situa-se no tempo, «no “tempo dos seres humanos” recorda-se e celebra-se o “tempo de Deus”»,⁴⁹⁶ rompe com o

⁴⁸⁷ Cf Costa e Costa, «As tendências evolutivas da piedade popular», 405.

⁴⁸⁸ Cf Costa e Costa, 405.

⁴⁸⁹ Costa e Costa, 406.

⁴⁹⁰ Costa e Costa, 407.

⁴⁹¹ José Pérez Domínguez, «La Liturgia y las prácticas de piedad. La Liturgia “no agota toda la actividad de la Iglesia”», *Auriensia* 5 (2002): 125.

⁴⁹² Gómez López, «La piedad popular: fruto y objeto de evangelización», 153.

⁴⁹³ Cf Giuseppe Mattai, «Religiosidad Popular», em *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*, ed. Stefano De Fiores e Tullo Goffi, trad. Eloy Requena et al. (Madrid: Ediciones Paulinas, 1983), 1207.

⁴⁹⁴ Cf Mattai, 1210.

⁴⁹⁵ Cf Mattai, 1212.

⁴⁹⁶ Agostino Marchetto, «Entre o profano e o sagrado: abordagem pastoral», *Theologica* 53, n. 1–2 (1 de Janeiro de 2018): 34, <https://doi.org/10.34632/theologica.2018.22>.

quotidiano e com os ciclos do trabalho, «dando lugar à exaltação da alegria coletiva e à fantasia».⁴⁹⁷ Neste ambiente funde-se o sentido recreativo com a identidade da comunidade e a celebração das ações de Deus e dos santos em prol da salvação de cada pessoa.⁴⁹⁸ Nos dias de hoje, a festa adquiriu um sentido de «“tempo livre”, tempo de ócio e descanso».⁴⁹⁹

Para além do tempo, situa-se também num lugar, um espaço concreto onde se realiza a experiência do sagrado, a presença de Deus. É, essencialmente, espaço de presença e memória, que promove o encontro com o Divino, superando o hiato entre o sagrado e o dia a dia.⁵⁰⁰ «Em suma, o espaço e o tempo sacrais constituem o contexto cósmico da experiência sacral, encerrando a festa, ou melhor, os seus mecanismos simbólicos no campo religioso».⁵⁰¹

Neste espaço verifica-se, por inúmeras ocasiões, diversas ações como «as “novenas”, o Rosário, o “Angelus”, diversas ladainhas, as antífonas marianas, a via-sacra, o acender de velas, orar diante das imagens ou ícones, passar um pano pelo manto da Virgem ou de um santo, o rodear a imagem rezando de joelhos»,⁵⁰² beijar ou passar as mãos pelas imagens, benzer-se perante as imagens, dar esmola, oferecer flores, entre outros.

Então, a festa pertence ao fazer, ao experimentar, por isso dizem que vão à romaria, faz-se a romaria.⁵⁰³ Como momento de encontro com Deus, perspectiva-se o conforto e a esperança no futuro. Não só do âmbito do fazer, primando pelo sentir, a piedade popular «recorda à teologia que o “sentir Deus”, na sua alteridade como na sua proximidade, “antecipa, alimenta e penetra o ‘saber Deus’».⁵⁰⁴

Alguns autores defendem que, as romarias, os romeiros,⁵⁰⁵ as procissões, são abundantes em folclore e promovem uma fuga ao quotidiano. Outros autores defendem que elas contêm em si um sentido de penitência, um sentido de um renovar de forças para a vida, encontro com a

⁴⁹⁷ Costa e Costa, «As tendências evolutivas da piedade popular», 403.

⁴⁹⁸ Cf Costa e Costa, 404.

⁴⁹⁹ Cf Marchetto, «Entre o profano e o sagrado: abordagem pastoral», 34.

⁵⁰⁰ Cf Marchetto, 35.

⁵⁰¹ Costa e Costa, «As tendências evolutivas da piedade popular», 413.

⁵⁰² Ramiro González, «La piedad popular - ¿Cómo integrarla en un proyecto o plan de pastoral?», *Salmanticensis* 46, n. 1 (1999): 107.

⁵⁰³ Cf José da Silva Lima, «Santuário, festas e romarias», em *Peregrinação e Piedade Popular* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1988), 91.

⁵⁰⁴ Biemmi, «A religiosidade popular. Deixar-se evangelizar pelas aspirações religiosas de hoje e evangelizá-las. Apostas teológicas.», 110.

⁵⁰⁵ Cf Luciano Gomes Paulo Guerra, «Peregrinação e evangelização», *Cadernos de Pastoral* 3 (1988): 44. «Chamaria romeiros os visitantes que vêm ao Santuário exclusiva ou preponderantemente para pedir uma graça ou cumprir um voto na sequência de uma graça obtida».

esperança, alegria e solidariedade.⁵⁰⁶ No contexto das grandes festividades religiosas em Guimarães, «a procissão do Anjo era uma cerimónia grandiosa».⁵⁰⁷

A veneração dos santos e dos anjos tornou-se reconhecida «através da pintura, da escultura e da gravura».⁵⁰⁸ De um modo muito particular, a iconografia, relativa aos anjos, assume um papel de grande importância na piedade popular. Não é apenas um meio de transmissão da mensagem evangélica, mas é também imagem da proximidade da divindade, assim como imagem do que simboliza com capacidade de exprimir diversos «conceitos abstratos, tais como a glória, a humildade, a dor, o amor, o gozo, a esperança, a paciência ou a angústia».⁵⁰⁹ Se ao longo da história a presença dos anjos na arte era preponderante, principalmente até finais da Idade Média, com a época da razão quase desaparecerem, sinal também do ambiente de incerteza vivido na época.⁵¹⁰ Uma indefinição de índole artística, social e científica, que com uma expressão «ameaça deitar por terra a procura dos anjos na arte contemporânea: “Eu não pinto os anjos porque nunca os vi”».⁵¹¹

Os ícones assumem, então, um importante papel na função de mediar e comunicar o mistério de Deus. Mediação expressa na experiência da presença divina diante de uma imagem religiosa. De facto, «todas as imagens religiosas devem ser veneradas pelo que representam e não pelo que são».⁵¹² Como uma “porta aberta para a transcendência”, a mediação está presente no relato dos prodígios realizados.⁵¹³ Esta capacidade de mediação está em risco quando surge o desvio para as concepções mágicas,⁵¹⁴ que, impondo uma ritualidade na base de troca comercial, limitam a liberdade e responsabilidade de cada um. Deve-se, então, primar pelo princípio de que toda a ação da piedade popular deverá orientar-se para a piedade litúrgica.⁵¹⁵

Presente em todos os santuários e também em expressões mágico-supersticiosas está a vela. Crente ou não, na visita aos santuários, cumpre-se o ritual de “acender uma vela”, por

⁵⁰⁶ Cf Mattai, «Religiosidad Popular», 1207–8.

⁵⁰⁷ Ana Sofia Simões et al., *Angelorum - Anjos em Portugal*, ed. Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo Graça (Guimarães: Museu de Alberto Sampaio, 2012), 150.

⁵⁰⁸ Simões et al., 126.

⁵⁰⁹ Marchetto, «Entre o profano e o sagrado: abordagem pastoral», 37.

⁵¹⁰ Cf Simões et al., *Angelorum - Anjos em Portugal*, 153–59.

⁵¹¹ Simões et al., 180.

⁵¹² Roberto Fernández, «La religiosidad “local”. 1: Análisis antropológico», *Sal terrae - Revista de teologia pastoral* 85, n. 3 (1997): 205.

⁵¹³ Cf Marchetto, «Entre o profano e o sagrado: abordagem pastoral», 38.

⁵¹⁴ Cf Marchetto, 41.

⁵¹⁵ Cf António Marcelino et al., *Religiosidade popular e educação da fé*, Cadernos de Pastoral (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1987), 17.

exemplo à Virgem Maria ou a um santo.⁵¹⁶ Costume que, dadas as proporções que por vezes atinge, exige um espaço próprio para o efeito. É frequente perceber-se nas gentes humildes «uma fé humilde e grata, pois acompanham a luz do círio ou da vela de cera com gestos de recolhimento interior, de súplica ou de ação de graças à Virgem e aos santos, de gestos como o sinal da cruz ou o benzer-se».⁵¹⁷

A vela não tem somente o sentido de súplica e de pedido de proteção, mas tem também um sentido de sacrifícios que «arrancam bênçãos a forças que habitam e são mediadoras»⁵¹⁸ para os crentes. É frequente perceber que o acender da vela vai acompanhado de silêncio, de oração e até de semblante suplicante.⁵¹⁹ É uma luz que se presta a testemunhar a súplica ou o desejo da pessoa.

Outra particularidade da piedade popular coincide com as motivações dos peregrinos, a sua «intenção de pedir uma intervenção sobrenatural especial ou de satisfazer obrigações que sentem ter contraído, na convicção de já terem sido ouvidos os seus pedidos».⁵²⁰ A obtenção de um dom supõe gratidão, o recorrer ao sobrenatural como forma de solucionar algum aspeto de crise da vivência particular «traduz-se com muita frequência por pedidos e formas de agradecimento aos Santos e à Virgem Maria que se revelam atribuições indevidas de predicados exclusivos de Deus».⁵²¹ Da súplica ao desejo alcançado, é um processo que desemboca inevitavelmente «no cumprimento à risca das obrigações contraídas».⁵²²

Imbuída nesta busca, na súplica, a oração pode ter o sentido de uma segurança que afirma que «“o que é impossível para os homens, não é para Deus”, agarrando-se na “fé em Deus” e adotando, assim, a fé religiosa como princípio para obter cura».⁵²³

⁵¹⁶ Cf Ramiro González Cougil, «Tiene aún sentido la ofrenda de la vela de cera en la piedad popular?», *Auriensia* 10 (2007): 187.

⁵¹⁷ González Cougil, 188.

⁵¹⁸ Lima, «A religiosidade popular: formas simples de peregrinação», 439–40.

⁵¹⁹ Cf González Cougil, «Tiene aún sentido la ofrenda de la vela de cera en la piedad popular?», 189.

⁵²⁰ Luís Inácio João, «O recurso a graças extraordinárias na prática popular das promessas», em *Peregrinação e Piedade Popular* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1988), 95–96.

⁵²¹ João, 99.

⁵²² João, 100.

⁵²³ Irene de Jesus Silva e Raymundo Heraldo Maués, «Na Busca Da Cura Do Corpo, a oração Opera Milagres: Uma discussão Sobre eficácia simbólica, Perspectivismo, Cura E religião (In the Search for the Healing of the Body, Prayer Works Miracles: A Discussion on Symbolic Efficacy, Perspectivism)», *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* 11, n. 31 (2013): 969, <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2013v11n31p965>.

Para alguns, a oração, pode ser «utilizada como uma estratégia de *coping* (enfrentamento) em situações diversas de sofrimento». ⁵²⁴ Outros relacionam a oração com o ser piedoso. «Para serem piedosos, no antigo senso comum, devem rezar na hora de dormir e ao acordar. Para ser piedoso, é preciso ter um certo tipo de culto familiar». ⁵²⁵ Pensa-se, também, que a oração «piedosa-devocional peca de individualismo». ⁵²⁶

Traçando uma distinção entre orar ou dizer um feitiço, sendo o primeiro dos atos religiosos e o segundo dos atos mágicos, Carles Salazar parte do ato de orar como um processo mental, envolvendo uma notória tensão entre «comportamento e pensamento, (externo) ação e (interno) crença», ⁵²⁷ para abordar esta ação, por um lado, do ponto de vista da eficácia e, por outro lado, do ponto de vista da sua autenticidade. ⁵²⁸ Podemos, então, dizer que a eficácia, como «capacidade para produzir determinados efeitos», ⁵²⁹ depende da autenticidade e que a autenticidade necessita de reciprocidade simétrica entre a interioridade e exterioridade da pessoa crente. ⁵³⁰ Para tal, deve existir uma perfeita coerência entre o que a pessoa crê, pensa e exterioriza. ⁵³¹

Todos os ritos ou ações típicas da piedade popular estão enraizadas na oração. Não se consegue tratar de nenhum aspeto mais específico sem uma alusão, por mais singela que seja, à oração. Oração acompanhada de gestos, de intenções ou objetos. A título de exemplo, um objeto que, frequentemente, acompanha a oração é o terço.

Então, existe todo um contexto, um enquadramento do rito, da *práxis*, onde:

O terço favorece simplesmente a repetição das orações, as velas manifestam a força constante e fugitiva do coração, o incenso deixa no ar as crenças nas quais se enreda uma vida, a água torna puro o olhar quando se aproxima dos deuses e revela a ablução que se deseja frente ao divino, os sacrifícios e as caminhadas mostram que a busca é penosa e sempre possível ao enredo humano. ⁵³²

⁵²⁴ Mary Rute Gomes Esperandio e Kevin Lee Ladd, «Oração e Saúde: Questões Para a Teologia e Para a Psicologia da Religião (Prayer and Health: Issues for Theology and Psychology of Religion)», *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* 11, n. 30 (2013): 633, <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2013v11n30p627>.

⁵²⁵ Ross W. Sanderson, «A New Piety», *The Biblical World* 46, n. 3 (26 de Dezembro de 1915): 158, <http://www.jstor.org/stable/3142478>.

⁵²⁶ González, «La piedad popular - ¿Cómo integrarla en un proyecto o plan de pastoral?», 98.

⁵²⁷ Carles Salazar, «Prayer and symbolisation in an Irish Catholic community», *Etnográfica* 12, n. 2 (2008): 389, http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612008000200007&nrm=iso.

⁵²⁸ Cf Salazar, 400.

⁵²⁹ Salazar, 400.

⁵³⁰ Cf Salazar, 401.

⁵³¹ Cf Salazar, 389.

⁵³² Lima, «A religiosidade popular: formas simples de peregrinação», 440.

Apesar de todas destas características serem expostas quase como que formas de expressão religiosa estanques, a realidade é que só têm sentido como gestos que se complementam uns aos outros. Não só se complementam, como são inseparáveis.

Na religiosidade popular:

São os elementos básicos do mundo que se jogam nestas cifras simples de sentido: o ar, o fogo, a água e a terra são convertidos em hábitos rotineiros que conferem sentido à labuta da vida quotidiana. O ar é trazido em ritos simples de respiração, apropriando um elemento vital comum e mantendo com ele uma referência homeostática; o fogo é traduzido em fogueiras, velas, foguetes que libertam enquanto são apropriados; a água dispõe-se de variadas formas e usa-se para abluções, aspersões, bênçãos e ingestões ou mesmo como objeto mágico; a terra beija-se porque é o território de cada um, deseja-se como horizonte sagrado, guarda-se como recordação, venera-se como esconjuro e recebe-se enquanto sinal primordial de uma condição frágil, metáfora da vulnerabilidade; aparece também na forma das mais diversas flores conjugando a leveza e a beleza.⁵³³

De tudo o exposto até aqui, a piedade popular tem aspetos negativos, mas também positivos e eles são reconhecidos e fomentados. Assim, a piedade popular

apresenta um conjunto de aspetos positivos e de valores. [...] é uma religião do cósmico já que o espaço natural, em especial os acidentes ctónicos, é o substrato do culto sacral. É também uma terapia das forças do irracional, alimentando-se de uma cultura pânica composta, essencialmente, por um arsenal de práticas destinadas a obter ajuda para combater a insegurança e para satisfazer as necessidades vitais. Por último, a piedade popular estabelece um comércio sacral, que testemunha uma vontade de afirmação do poder humano, com a imagem sagrada, suporte indispensável da religião do extraordinário.⁵³⁴

José Gómez López destaca como positiva a tendência para uma abertura ao transcendente, apesar do descurar do discurso racional. Aponta que, neste âmbito, é utilizada toda uma linguagem simbólica que engloba a totalidade do ser humano.⁵³⁵

Já Enzo Biemmi realça, no seu artigo, a relação entre o polo objetivo e polo subjetivo na religiosidade popular à luz da fé cristã.⁵³⁶ Evidencia a relação entre os polos «de Deus, que chama, e o do sujeito humano, que responde».⁵³⁷ Assinala ainda o aspeto do «“já” e o “ainda não” da salvação»⁵³⁸ que a piedade popular permite compreender melhor. Torna-se perceptível o alcance da ação de Deus na história, global e individual, o seu operar, que leva ao desejo e necessidade do sujeito por milagres e intervenções. Um terceiro aspeto, que a religiosidade popular permite compreender melhor, em harmonia com a fé cristã, é o da «implicação global

⁵³³ Lima, 438.

⁵³⁴ Costa e Costa, «As tendências evolutivas da piedade popular», 401.

⁵³⁵ Cf Gómez López, «La piedad popular: fruto y objeto de evangelización», 144–45.

⁵³⁶ Cf Biemmi, «A religiosidade popular. Deixar-se evangelizar pelas aspirações religiosas de hoje e evangelizá-las. Apostas teológicas.», 104.

⁵³⁷ Biemmi, 104.

⁵³⁸ Biemmi, 104.

da pessoa humana na fé».⁵³⁹ Este aspeto evidencia uma tensão entre racionalidade e o que pertence ao sentimento. A piedade popular reivindica a totalidade do ser humano implicada na fé e «a necessidade que ela toque toda a corporeidade, a afetividade e a emoção».⁵⁴⁰

O Magistério também se pronuncia positivamente acerca da piedade popular, não deixando, apesar disso, de orientar, apontar e alertar para os seus perigos.

Na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, o Papa Paulo VI reconhece, no ponto 48, o desdém com que se trata a piedade popular, assim como as limitações que esta comporta.⁵⁴¹ Apesar disso, declara:

Se essa religiosidade popular, porém, for bem orientada, sobretudo mediante uma pedagogia da evangelização, ela é algo rico de valores. Assim ela traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar; ela torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; ela comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante, etc. Ela, depois, suscita atitudes interiores que raramente se observam alhures no mesmo grau: paciência, sentido da cruz na vida cotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção, etc. Em virtude destes aspectos, nós chamamos-lhe de bom grado "piedade popular", no sentido religião do povo, em vez de religiosidade. (EN, 48)

Também o Papa João Paulo II marca o tema a partir da Carta Apostólica *Vicesimus Quintus Annus*, no 25º aniversário da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, onde evidencia a importância da piedade popular para a vida da Igreja.⁵⁴² Então expressa:

Finalmente, a fim de salvaguardar a reforma e assegurar a promoção da Liturgia, é necessário ter em conta a piedade cristã popular e a sua relação com a vida litúrgica. Esta piedade popular não pode ser ignorada ou tratada com indiferença ou desprezo, pois é rica em valores e expressa em si mesma a atitude religiosa perante Deus; mas precisa de ser continuamente evangelizada, para que a fé que expressa possa tornar-se um acto cada vez mais maduro e autêntico. Tanto os actos piedosos do povo cristão como outras formas de devoção são bem-vindos e encorajados desde que não suplantem e não sejam misturados com celebrações litúrgicas. Uma autêntica pastoral litúrgica saberá tirar proveito das riquezas da piedade popular, purificá-las e dirigi-las para a liturgia como contributo do povo. (VQA, 18)

Como já foi dito anteriormente, a piedade popular deve orientar-se para a Liturgia. Para tal necessita de ser considerada nos seus valores e positivas aporções para a fé de cada pessoa.

⁵³⁹ Biemmi, 105.

⁵⁴⁰ Biemmi, 105.

⁵⁴¹ Cf Paulo VI, «Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*», cap. 48, acedido 10 de Novembro de 2022, https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html Daqui em diante referido pela sigla EN.

⁵⁴² Cf João Paulo II, «Carta Apostólica *Vicesimus Quintus Annus*», acedido 10 de Novembro de 2022, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19881204_vicesimus-quintus-annus.html Daqui em diante referido pela sigla VQA.

Ao ser considerada, deve ser orientada, conduzida e depurada de possíveis tendências prejudiciais à dignidade da pessoa, mantendo, por isso, a sua riqueza no ato de fé.

As expressões de piedade em relação aos anjos e arcanjos já existem desde os primeiros séculos da Igreja, tendo por base as Sagradas Escrituras. Reconhecendo a distinção clara entre latria e dulia, veneravam-se os “Anjos Custódios dos povos”. S. Miguel era, desde a antiguidade cristã, venerado como o “Anjo Custódio da Igreja”.⁵⁴³ Na idade média, prosperam as festas que se generalizam. «Em muitos lugares, acresceram ainda as festas da Invenção da Cruz, de S. Lourenço e de S. Miguel».⁵⁴⁴

Os arcanjos são os únicos que são reconhecidos por seu nome próprio, S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael. A Igreja apenas reconhece estes três,⁵⁴⁵ apesar de se saber serem sete (Tobias 12, 15) e de que «a Igreja ortodoxa reconhece ainda Uriel».⁵⁴⁶ Os três nomes foram fixados num sínodo romano em 745.⁵⁴⁷ Deve rejeitar-se «o uso de dar nomes particulares aos anjos, exceto para Miguel, Gabriel e Rafael, que aparecem nas Escrituras».⁵⁴⁸

A festa de S. Miguel está associada à festa das colheitas, em finais de Setembro, durante o tempo de vindimas e desfolhadas.⁵⁴⁹ É celebrada a 29 de Setembro, no calendário litúrgico, no Tempo Comum, data em que se pagava também as “rendas”.⁵⁵⁰ Neste dia celebram-se também as festas em honra de S. Gabriel e S. Rafael.⁵⁵¹ Foi publicada, pelo Papa Leão XIII, «em 1884, para uso público e privado»,⁵⁵² uma oração a “S. Miguel Arcanjo”, apresentado como “Príncipe das milícias celestes”; a oração, rezada ao final da missa durante 80 anos,⁵⁵³ procura a proteção contra o mal.

⁵⁴³ Cf Dagoberto Romag, *Compêndio de História da Igreja - A Antiguidade Cristã*, 2ª ed, vol. I (Petrópolis: Vozes, 1949), 300.

⁵⁴⁴ Dagoberto Romag, *Compêndio de História da Igreja - Idade Média*, 2ª ed, vol. II (Petrópolis: Vozes, 1950), 99.

⁵⁴⁵ Cf Simões et al., *Angelorum - Anjos em Portugal*, 64.

⁵⁴⁶ Simões et al., 143.

⁵⁴⁷ Cf Auer, *El mundo creación de Dios*, III:471.

⁵⁴⁸ Congregación para el Culto Divino y la Disciplina de los Sacramentos, «Directorio sobre la piedad popular y la liturgia: principios y orientaciones», cap. 217.

⁵⁴⁹ Cf José da Silva Lima, «*Deus, não tenho nada contra...*» *Socialidades e Eclesialidade no destino do Alto-Minho* (Porto: Fundação Engº António de Almeida, 1994), 281.

⁵⁵⁰ Cf José Ferreira, «Estruturas da Liturgia e religiosidade popular», em *A religiosidade popular e a celebração da fé*, ed. Secretariado Nacional de Liturgia (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1989), 87–88.

⁵⁵¹ Cf Simões et al., *Angelorum - Anjos em Portugal*, 23–24.

⁵⁵² Leão XIII, «Exorcismo contra Satanás e os anjos rebeldes», em *Pequeno exorcismo contra Satanás e os anjos rebeldes de S. S. Leão XIII* (Associação Tudo Instaurar em Cristo, 1980), 9.

⁵⁵³ Cf José Leite, *Santos de cada dia: Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro*, 2ª ed, vol. III (Braga: Editorial A. O., 1987), 97.

S. Gabriel é venerado como o “anjo da Encarnação”, por ter anunciado a Maria o mistério da Encarnação.⁵⁵⁴

S. Rafael é o “anjo Benfazejo”, que acompanha, protege e cuida contra os malefícios.⁵⁵⁵

O Papa Francisco, a 29 de Setembro de 2017, nas Meditações Matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Casa da Santa Marta, intitulada “Confiamo-nos aos arcanjos”, por ocasião da festa dos arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael, exorta a que esperemos que «nos tragam boas novas da salvação e nos conduzam pela mão a fim de que não erremos o caminho no percurso da vida».⁵⁵⁶

Na antiguidade celebrava-se apenas a “festa dos Anjos” a 29 de Setembro, mas desde 1411 se celebra a festa dos “santos anjos da guarda”.⁵⁵⁷ Ao longo dos tempos, por diversas vezes se alterou a data desta celebração, a pedir a intercessão dos “santos anjos da guarda”, até que, por intervenção do papa Clemente X, em 1670, esta passou a realizar-se, até aos dias de hoje, a 02 de Outubro pedindo a sua intercessão para nos guardar e defender.⁵⁵⁸

Uma singela referência à oração do Santo Anjo do Senhor, presente no catecismo publicado por S. Pio X:

Santo Anjo do Senhor
meu zeloso guardador,
pois a ti me confiou
a piedade divina,
hoje e sempre me governa,
rege, guarda e ilumina.⁵⁵⁹

Por ocasião da festa dos anjos da guarda, a 2 de Outubro de 2018, o Papa Francisco, nas Meditações Matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Casa da Santa Marta, intitulada “Companheiros de Caminho”, lembra que os anjos são como “bússolas” que nos orientam e

⁵⁵⁴ Cf Leite, III:97.

⁵⁵⁵ Cf Leite, III:97–98.

⁵⁵⁶ Francisco, «Meditações Matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Casa da Santa Marta: Confiamo-nos aos arcanjos», acessado 27 de Dezembro de 2022, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20170929_confiamo-nos-aos-arcanjos.html.

⁵⁵⁷ Cf Leite, *Santos de cada dia: Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro*, III:114.

⁵⁵⁸ Cf José da Silva Lima, *Entre Rezas & Romarias: piedade popular e prática pastoral* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011), 57.

⁵⁵⁹ Pio X, *Primeiros Elementos da Doutrina Cristã* (Livraria DM, 2018), 6.

que devemos, portanto, estar atentos e seguir as inspirações e conselhos destes nossos “companheiros de caminho”.⁵⁶⁰

A 10 de Junho tem lugar a devoção ao “Santo Anjo da Guarda de Portugal”, devoção antiga em Portugal, mas tendo mais expressão a partir das aparições em Fátima. Foi inserida no calendário pelo Papa Pio XII.⁵⁶¹

Estas são festas em que «a população se revê e festeja à volta de um protetor celeste, peregrinações e promessas a entidades igualmente celestes e benfazejas». ⁵⁶² Inúmeras vezes os santos, os anjos e Maria são sobrevalorizados em relação a Cristo,⁵⁶³ mas, como expressão de religiosidade popular, apontam-se duas intenções fundamentais: «a ligação cósmica e a mediação constante do divino em objetos e experiências». ⁵⁶⁴

Liturgia e piedade popular não devem ser relacionadas como realidades opostas, mas cada uma com a sua devida aportação para a vida do crente. A liturgia deve conservar o seu lugar de importância primordial, porém, sem descurar os valores produzidos pela piedade popular.⁵⁶⁵

O desacordo entre a teologia e a religiosidade popular não é dos dias de hoje, mas vem de desde tempos antigos.

No século VI, efectivamente, São Martinho de Dume insurgia-se contra as seguintes crenças do nosso noroeste: adivinhações, agouros de animais, agouros humanos, calendas, culto das águas, culto dos astros, culto do fogo, culto dos mortos, culto da natureza, dias de semana atribuídos e consagrados a deuses pagãos, encantamentos, ensalmos, uso mágico de ervas, prática de feitiçaria, invocação de ídolos, utilização mágica do louro e culto das árvores, magia, sortilégios e Vulcanais. Ora, as Constituições de Braga de 1639 – outra época de combate forte das crenças populares menos cristãs – voltam a condenar quase todas as práticas elencadas por São Martinho onze séculos antes, o que indica que no século XVII se continuava no nosso noroeste a praticar [...estas crenças elencadas]. E os estudiosos dizem-nos mais: dizem-nos que as práticas rejeitadas por Martinho sobrevivem ainda hoje, à excepção da invocação dos ídolos e das vulcanais!⁵⁶⁶

⁵⁶⁰ Francisco, «Meditações Matutinas na Santa missa celebrada na Capela da Casa Santa Marta: Companheiros de caminho», acessado 27 de Dezembro de 2022, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20181002_companheiros.html.

⁵⁶¹ Cf José Leite, *Santos de cada dia: Maio, Junho, Julho e Agosto*, vol. II (Braga: Editorial A. O., 1985), 175–76.

⁵⁶² Manuel Clemente, «Religiosidade popular e fé cristã», em *A religiosidade popular e a celebração da fé*, ed. Secretariado Nacional de Liturgia (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1989), 13.

⁵⁶³ Cf José de Leeão Cordeiro, «Expressões da Religiosidade Popular e Celebração Litúrgica», em *A religiosidade popular e a celebração da fé*, ed. Secretariado Nacional de Liturgia (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1989), 40.

⁵⁶⁴ Clemente, «Religiosidade popular e fé cristã», 13.

⁵⁶⁵ Congregación para el Culto Divino y la Disciplina de los Sacramentos, «Directorio sobre la piedad popular y la liturgia: principios y orientaciones», cap. 48–50.

⁵⁶⁶ Clemente, «Religiosidade popular e fé cristã», 21–22.

Para além destas crenças, que persistem, relaciona-se ainda o baixo nível social da pessoa com determinadas ações de religião ou religiosidade popular.⁵⁶⁷ Dito de um outro modo, vários autores apontam o nível cultural, o nível de saber da pessoa como potenciador de propensão para as crenças e ações típicas de religiosidade popular, por não terem capacidades «de racionalizar a existência»⁵⁶⁸ e, porque, são as «classes excluídas do ter, do poder e do saber».⁵⁶⁹

É frequente perceber a disparidade entre as manifestações religiosas e uma fé madura, isto constitui «o problema subjacente para muitas comunidades cristãs».⁵⁷⁰ Observa-se então que, «usualmente, à medida que a vida espiritual de uma pessoa amadurece, as fórmulas de súplica vão diminuindo de modo espontâneo, para dar lugar a outras mais positivas, como a adoração, o louvor, a ação de graças, a expressão da confiança, a abertura no desejo e a receção».⁵⁷¹ Esta maturidade, que cada um deve cultivar, exige pensar que «os anjos da guarda não são uma companhia de seguros».⁵⁷²

2.6. Síntese

É importante ter sempre presente a superioridade da mediação de Cristo, que é plena mediação de Deus. Vimos que Cristo é mediação plena e única no seu modo concreto de mediação, pois, só Ele institui a comunicação imediata de Deus com os seres humanos. É na história da salvação que essa mediação se concretiza. Daí que faz com que todos os meios, modos ou formas de Deus se auto-comunicar seja Sua mediação.

Desse modo, os seres humanos são capazes de fazer a experiência de Deus que radica na primeira experiência dos apóstolos com Cristo. Radica no ato de fé e comporta a adesão a Cristo e exige uma correspondente resposta à interpelação divina.

Unindo os polos, objetivo e subjetivo, o racional e o emocional, o ato de crer torna-se decisão pessoal de assentimento ao aparentemente inexplicável pela racionalidade.

⁵⁶⁷ Cf Marcelino et al., *Religiosidade popular e educação da fé*, 89–91.

⁵⁶⁸ João, «O recurso a graças extraordinárias na prática popular das promessas», 103.

⁵⁶⁹ Mattai, «Religiosidad Popular», 1206.

⁵⁷⁰ Antonio García Rubio, «La religiosidad “local”. 2. ¿Qué valoración evangélica?; ¿qué acercamiento?», *Sal terrae - Revista de teología pastoral* 85, n. 3 (1997): 213.

⁵⁷¹ Torres Queiruga, *Fin del cristianismo premoderno: retos hacia un nuevo horizonte*, 89.

⁵⁷² Carlos G. Vallés, *Hablando con mi Ángel* (Barcelona: Editorial Planeta, 1996), 33.

Quis Deus revelar-Se, uma revelação contínua, sem cessar, com seu expoente em Cristo, mas presença constante nas mediações históricas. Por Amor enviou seu Filho, Cristo como mediação perfeita de Deus e modelo que orienta o viver de cada sujeito para o Pai.

Vimos que os anjos são entendidos como mediações da vontade divina, assim como os seres humanos quando expressão coerente com os ensinamentos de Cristo.

Estas mediações concretizam-se em expressões concretas evidentes tanto pela veneração dos anjos na liturgia como em expressões de piedade popular.

Em suma, importa, então, reter que o modo como cada pessoa experimenta e vive o sagrado pertence ao modo subjetivo de experimentar a realidade, visível ou invisível. Deus interpela imediatamente cada indivíduo, cada criatura sua. Esta interpelação busca uma resposta de cada uma, resposta que é dada na mais singela ação do dia-a-dia.

Com o exemplo de Cristo, é possível traduzir a interpelação divina, nas inúmeras mediações ao serviço de Deus: a Igreja, os santos, os anjos, no entanto, sempre face ao perigo de as sobrevalorizarmos. Resta, então, tentar perceber agora, como é entendida e vivida pelas pessoas, a ação dos anjos, mediação ao dispor de Deus.

3. FAZER A EXPERIÊNCIA DO ANJO HOJE

Perante tudo o que foi exposto nos capítulos anteriores, este capítulo tem como foco a aplicação de um inquérito e análise dos dados recolhidos para tentar conhecer o modo como se vive a crença ou não crença nos anjos, assim como tentar perceber o pensamento dos crentes ou não crentes em relação aos anjos.

Iniciamos a reflexão deste capítulo com o primeiro parágrafo da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, que diz:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história.⁵⁷³ (GS, 1)

A experiência religiosa, atualmente, a fé e a razão, o diálogo com as ciências, exigem uma maior atenção por parte da teologia, pois «é a transmissão da fé que exige esse diálogo, a ser dirigido não só aos não-crentes, mas também aos já crentes, para consolidação da sua fidelidade à fé professada, e de modo especial aos grupos de maior exigência e sofisticação intelectual».⁵⁷⁴

Levando em conta o processo hermenêutico da teologia, como interpretação da complexidade da realidade e a sua relação com Deus,⁵⁷⁵ por um lado, não podemos descurar ou perder do seu horizonte a Sagrada Escritura e a Sagrada Tradição e, por outro lado, não devemos

⁵⁷³ Concílio Vaticano II, «Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*», cap. 1, acedido 10 de Novembro de 2022, https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html.

⁵⁷⁴ Álvaro Balsas, «A Teologia e as Ciências: Caminhos de Diálogo e Interdisciplinaridade», *Revista Portuguesa de Filosofia* 75, n. 4 (15 de Novembro de 2019): 2523, https://doi.org/10.17990/RPF/2019_75.

⁵⁷⁵ Cf João Manuel Duque, «A Teologia como hermenêutica da fronteira», *Ephata* 1 (2019): 18, <https://doi.org/10.7559/ephata.2019.290>.

renunciar ao seu contexto cultural e social.⁵⁷⁶ «As primeiras funcionam como instâncias normativas da fé cristã e, portanto, aferidoras da verdade das múltiplas configurações que ela possa assumir. As segundas constituem os lugares de mediação, histórica e existencial, através dos quais essa fé adquire as ditas configurações».⁵⁷⁷

É no quotidiano de cada ser que reflete a presença de Deus, e para isso «o trabalho de campo, expressão do foro antropológico, aparece hoje na dianteira dos estudos, sendo nota destacável em qualquer trabalho teológico, querendo avaliar-se o seu valor nos cenários da vida quotidiana do povo de Deus».⁵⁷⁸ O diálogo e permutas entre teologia e ciências humanas e sociais contribui, com as suas especificidades e metodologias, para o «amadurecimento do juízo da própria Igreja e no avanço da compreensão da Revelação».⁵⁷⁹ Assim, é pertinente analisar a crença na existência dos anjos nas práticas religiosas e no quotidiano de cada pessoa.

3.1. Teologia e Ciências Sociais

Outrora a Teologia Prática, tida como secundária, estava vinculada a um método dedutivo, que a reduzia a um “apêndice” no âmbito global da Teologia. A sua função consistia em traduzir as reflexões e investigações para a prática. Era uma transmissão do conhecimento teológico que permitia aos sacerdotes ordenados desempenhar a sua tarefa junto do povo de Deus. Assume-se a grande importância deste método, pois leva para o “campo” os dogmas, as normas e princípios cristãos, permitindo, de certo modo, uma prática homogênea. Acarreta, no entanto, algumas problemáticas, pois descarta o contexto social, político e económico onde se insere a *práxis*:⁵⁸⁰ «além disso, os meios sociais da experiência religiosa são hoje facilmente heterogêneos e pluralistas, o que leva a falar do limite da inadequação de tal método aos tempos que são os nossos».⁵⁸¹

⁵⁷⁶ Cf Domingos Terra, «Os dados da individualização crente: uma reflexão teológica», *Didaskalia* 43, n. 1–2 (1 de Janeiro de 2013): 320–21, <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2013.2402>.

⁵⁷⁷ Terra, 321.

⁵⁷⁸ José da Silva Lima, «Teologia e Antropologia em diálogo», *Ephata* 1, n. 0 (4 de Setembro de 2019): 103, <https://doi.org/10.7559/ephata.2019.294>.

⁵⁷⁹ João Décio Passos, «Teologia e Ciência da Religião: identidades e relações», *Ephata* 1, n. 0 (4 de Setembro de 2019): 133, <https://doi.org/10.7559/ephata.2019.295>.

⁵⁸⁰ Cf José da Silva Lima, *Teologia prática fundamental: fazei vós, também* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009), 277–80.

⁵⁸¹ Lima, 280.

A partir do Concílio Vaticano II e com o auxílio das ciências sociais, que, entretanto, vinham a desenvolver as suas metodologias, inverte-se numa transmissão do fazer para o saber, da prática e da experiência se retira uma leitura teológica, torna-se um método indutivo, que pretende aplicar os dados externos à prática religiosa.⁵⁸² É neste sentido que se entende que o «ponto de partida foi concedido às práticas da fé, das quais era possível fazer emergir um saber novo de índole teológica».⁵⁸³ Este método por si só também se torna problemático se apenas dele se pretender uma *práxis* religiosa, prescindindo do dogma, da doutrina e da investigação e progressão por elas provocada.

A teologia prática permite-se receber os dados da doutrina, assim como os dados empíricos obtidos com recurso às ferramentas das ciências sociais. Ultrapassando o método dedutivo, ao incorporar a atenção sobre a experiência religiosa de todo o povo de Deus, chama a si o contributo do método indutivo e contribuição das ciências sociais, sem deixar de lado a marca da transcendência em apreço na *práxis* religiosa.⁵⁸⁴

A Teologia Prática, no diálogo com os saberes sociais e humanos, esforça-se por desvendar o sentido de Deus nas situações concretas. Que se entenda que os momentos metodológicos são três, quatro ou cinco, não tem grande relevância desde que, como acontece em muitos outros, não se esqueça nenhum dos dados a ter em conta: a comunidade e as suas práticas, a leitura crítica interdisciplinar, a projeção de situações novas com sentido.⁵⁸⁵

A teologia beneficia ao operar um diálogo sistemático, refletindo o contexto concreto da ação pastoral a analisar. A cultura e contexto social de cada comunidade difere de lugar em lugar, levando a que um modelo de pesquisa não se possa tornar universal e adequado para todas as comunidades e todas as épocas. Superando os métodos dedutivo e/ou indutivo, com primazia para o correlativo, e apoiando-se nas diversas áreas do saber das ciências humanas e sociais, a reflexão teológica «reflete a sensibilidade do momento, que considera os sinais dos tempos, que tenta responder aos problemas que devem ser enfrentados na Igreja ou na sociedade».⁵⁸⁶

⁵⁸² Cf Lima, 280–81.

⁵⁸³ Lima, 280.

⁵⁸⁴ Cf Lima, 282–85.

⁵⁸⁵ Lima, 305.

⁵⁸⁶ Luis M. Figueiredo Rodrigues, *Teologia Prática Fundamental: E a Palavra continua a encarnar* (Escrytos [Ed. Autor], 2021), cap. 4 Wook Reader.

3.2. Metodologia

Com o recurso ao contributo do desenvolvimento das ciências sociais, existe toda uma panóplia de metodologias de investigação possíveis, tendo em conta que a investigação «nunca se apresentará como uma simples soma de técnicas que se trataria de aplicar tal e qual se apresentam, mas sim como um percurso global do espírito que exige ser reinventado para cada trabalho».⁵⁸⁷ Tomam-se como paradigma os métodos quantitativo, qualitativo e misto.⁵⁸⁸ O método quantitativo está direcionado para o número, a quantidade, a matemática⁵⁸⁹ e «dados que geram a análise estatística».⁵⁹⁰ Apesar do valor dos dados extraídos, «quanto mais os contextos que se analisam são complexos, mais difícil é determinar os fatores de semelhança e de dissemelhança e dar às relações estatísticas observadas uma significação não-unívoca»,⁵⁹¹ ou seja, é mais difícil de correlacionar dados e extrair várias interpretações das relações estatísticas. O método qualitativo «permite explorar e resgatar o espaço da subjetividade, essa presença necessária que escapa ao diretamente observável e às metodologias tradicionais do inquérito e do questionário».⁵⁹² O método misto apresenta uma configuração da junção dos métodos quantitativo e qualitativo.

Assim, a opção para este estudo incide no método misto, com questões fechadas e abertas, embora maioritariamente fechadas. Não só abarca uma componente meramente objetiva e quantitativa, como também elementos da subjetividade, logo qualitativos.

De facto, «nos questionários de inquérito não se encontram quase nunca perguntas sobre os Anjos, sobre a sua existência, o seu papel, o seu culto».⁵⁹³

Na prática, num nível mais particular, como o caso de Portugal, uma grande fonte de dados é o INE– Instituto Nacional de Estatística, cujo foco não incide sobre práticas e crenças

⁵⁸⁷ Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt, *Manual de investigação em ciências sociais*, trad. João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes, e Maria Carvalho, 2ª ed. (Lisboa: Gradiva Publicações, 1998), 15.

⁵⁸⁸ Cf John W. Creswell, *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*, trad. Luciana de Oliveira da Rocha, 2ª ed. (Porto Alegre: Artmed Editora, 2007), 34–35.

⁵⁸⁹ Cf Lima, *Teologia prática fundamental: fazei vós, também*, 306.

⁵⁹⁰ Creswell, *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*, 35.

⁵⁹¹ Raymond Boudon, *Métodos da Sociologia*, trad. Luiz Felipe Baeta Neves Flôres, 2ª ed. (Petrópolis: Editora Vozes, 1973), 85.

⁵⁹² Eduardo Escalante Gómez, «Desenhos de investigação qualitativa», em *Manual de Investigação Qualitativa*, ed. Sónia P. Gonçalves, Joaquim P. Gonçalves, e Célio Gonçalo Marques (Lisboa: Pactor, 2021), 20.

⁵⁹³ Cipriani, «Os Anjos na sociedade pós-secular», 29.

religiosas. É possível consultar os formulários de inquérito,⁵⁹⁴ mas, apesar de questionar sobre a religião, não se encontra nenhuma questão relativa à temática dos anjos.

Houve, no entanto, um estudo de maior profundidade, em âmbito religioso, aplicado em Portugal Continental. Foi um estudo coordenado por Alfredo Teixeira, reunindo a participação do Centro de Estudos e Sondagens de Opinião e do Centro de Estudos de Religiões e Culturas da Universidade Católica Portuguesa, em 2012. Contou também com o apoio da Conferência Episcopal Portuguesa. É possível aceder ao formulário,⁵⁹⁵ aos dados estatísticos recolhidos,⁵⁹⁶ assim como às conclusões do estudo,⁵⁹⁷ apresentadas em Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa, em Fátima, a 19 de Abril de 2012. Embora o questionário aborde já as práticas religiosas e a menção ao sobrenatural, à espiritualidade, forças e energias cósmicas, a palavra anjo, a sua figura ou função, ou até a possível devoção aos anjos, não foi objeto de estudo nesse trabalho referido.

Alargando o horizonte das pesquisas para o espaço europeu, existem bases de dados, no âmbito de estudos sobre a religião, usados em diversos trabalhos,⁵⁹⁸ que congregam um leque de plataformas, estudos e dados. A EVS – The European Values Study,⁵⁹⁹ congrega na sua plataforma a participação da GESIS – Leibniz Institute for the Social Sciences⁶⁰⁰ e da Universidade Tilburg. Na plataforma da EVS é possível aceder ao último formulário aplicado, em 2017, disponível em diversas línguas, inclusive português, assim como aos dados obtidos, mas não contempla nenhuma questão na área temática dos anjos, embora aborde a religiosidade, espiritualidade, práticas religiosas e o sobrenatural. A GESIS, por sua vez agrega outras fontes de estudos. A título de exemplo, para o campo religioso, há um estudo, com questionário de

⁵⁹⁴ INE, «Instituto Nacional de Estatística», acessido 24 de Novembro de 2022, https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_main&xpid=CENSOS21&xlang=pt Link para acesso aos formulários: https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21&xpid=CENSOS21&xlang=pt#op_censos.

⁵⁹⁵ Cf Alfredo Teixeira, «Anexo I - Questionário: “Identidades religiosas em Portugal - representações, valores e práticas”», *Didaskalia* 43, n. 1–2 (1 de Janeiro de 2013): 383–92, <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2013.2406>.

⁵⁹⁶ Cf Alfredo Teixeira, «Anexo II - Relatório estatístico do inquérito domiciliado: “Identidades religiosas em Portugal - representações, valores e práticas”», *Didaskalia* 43, n. 1–2 (1 de Janeiro de 2013): 393–452, <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2013.2407>.

⁵⁹⁷ Cf Universidade Católica Portuguesa, «UDIP - Unidade para o Desenvolvimento Integral da Pessoa», acessido 24 de Novembro de 2022, <https://www.udip.porto.ucp.pt/pt/documentos>.

⁵⁹⁸ Cf Eduardo Duque, *Valores e Religiosidade em Portugal. Comportamentos e atitudes geracionais*. (Porto: Edições Afrontamento, 2022); Cf Eduardo Duque, *Mudanças culturais, mudanças religiosas - Perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada* (Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 2014).

⁵⁹⁹ Cf EVS, «EVS - The European Values Study», acessido 24 de Novembro de 2022, <https://europeanvaluesstudy.eu>.

⁶⁰⁰ Cf GESIS, «GESIS - Leibniz Institute for the Social Sciences», acessido 24 de Novembro de 2022, <https://www.gesis.org/en/home>.

livre acesso, que não foi aplicado a Portugal:⁶⁰¹ nas questões abordadas, do foro religioso e espiritual, nenhuma se associa à temática específica dos anjos. Nestas bases de dados europeias não se encontrou nenhum indicador que apontasse para um estudo, ou uma simples questão acerca dos anjos em específico; porém há referências pontuais a estudos locais efetuados acerca da existência dos anjos, como em França,⁶⁰² ou como referido atrás em Portugal.

Ao pesquisar em bases de dados de origem nos Estados Unidos da América (EUA), o caso muda de figura. A plataforma ARDA - The Association of Religion Data Archives⁶⁰³ agrega, para além de patrocinadores, afiliados que contribuem com as suas próprias pesquisas, como é o caso da Universidade Baylor, Texas. A ARDA permite pesquisa temática e, relativamente aos anjos, com base nessa palavra-chave revela os diversos estudos⁶⁰⁴ onde essa temática é abordada. Apesar de a maioria dos estudos apresentados incidir em contexto dos EUA, alguns abrangem todo o continente americano, outros abrangem ainda outros continentes, como o africano. O estudo mais recente, através da pesquisa pela palavra-chave na plataforma ARDA, que abarca o tema dos anjos, é de 2007, promovido pela Universidade Baylor.⁶⁰⁵ Questiona sobre a existência dos anjos, entre outros, com uma escala de resposta que obriga o inquirido a posicionar-se entre absolutamente sim, provavelmente sim, provavelmente não e absolutamente não. Pergunta também se o inquirido se sente protegido do mal pelo anjo da guarda, apenas tendo como opção de resposta o sim ou o não.⁶⁰⁶ Apesar de os resultados da pesquisa inicial não apresentarem o estudo que se menciona agora, o inquérito promovido em 2014 pela mesma Universidade aborda esta mesma temática,⁶⁰⁷ e é possível aceder aos dados e formulário pela plataforma ARDA.

⁶⁰¹ ISSP Research Group, «International Social Survey Programme: Religion IV - ISSP 2018», 2020, <https://doi.org/10.4232/1.13629> Acedido através da plataforma da GESIS. https://search.gesis.org/?source=%7B%22query%3A%7B%22bool%3A%7B%22must%3A%7B%22match_all%3A%7B%7D%7D%2C%22filter%3A%5B%7B%22term%3A%7B%22type%3A%7B%22research_data%7D%7D%2C%7B%22term%3A%7B%22topic_en.keyword%3A%7B%22Religion%20and%20values%7D%7D%2C%7B%22term%3A%7B%22thematic_collecti on_en.keyword%3A%7B%22Religion%20and%20spirituality%7D%7D%5D%7D%7D&lang=en.

⁶⁰² Cf José Miguel Pestana de Mello Moser, «Peregrinações», *Communio - Revista Internacional Católica* 33, n. 4 (2016): 496.

⁶⁰³ Cf ARDA, «ARDA - The Association of Religion Data Archives», acedido 24 de Novembro de 2022, <https://www.thearda.com>.

⁶⁰⁴ Cf ARDA Relativamente à pesquisa temática, já parametrizada, consultar o link <https://www.thearda.com/data-archive/measurements/single-item-measures?scid=20>.

⁶⁰⁵ Cf Christopher D. Bader et al., «The Baylor Religion Survey, Wave II» (Waco, TX), acedido 24 de Novembro de 2022, <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/43TPY>.

⁶⁰⁶ Cf Bader et al. Para verificar a construção do inquérito: <https://www.thearda.com/ARDA/pdf/originalCodebooks/Baylor%202007%20Booklet.pdf>.

⁶⁰⁷ Cf Paul Froese, «The Baylor Religion Survey, Wave IV» (Waco, TX), acedido 24 de Novembro de 2022, <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/3ZPC2>.

3.2.1. Método: questionário online

Como ponto de partida, este estudo terá a intenção de perceber se existe a crença na existência de anjos, no seio das comunidades crentes, assim como fora das esferas religiosas. Portanto, o estudo pretende atingir todos os âmbitos da sociedade.

Pretende-se, ainda, analisar a possibilidade da existência de mudança de mentalidades, ou seja, se relativamente à temática dos anjos houve transmissão de valores entre as diferentes gerações. Sendo assim, pretendemos perceber a relação que existe entre a população jovem e a dos seus avós, neste âmbito concreto.

Quer exista ou não crença na existência de anjos, pretende-se tentar perceber qual a conceção ou ideia de anjos em que acreditam ou não acreditam.

Também será pertinente analisar se a crença está afeta apenas à interioridade do sujeito, ou seja, se é do foro privado de cada pessoa, ou se o sujeito manifesta publicamente a sua crença. Neste campo de ação, será necessário conhecer e analisar as práticas pelas quais manifesta a sua crença.

Pretendemos abranger, neste estudo, a população adulta da região do Minho, que engloba os distritos de Braga e Viana do Castelo. Uma vez que pretendemos cruzar os dados da população adulta com as crenças que cada um professa, tendo em vista compreender a perceção que têm da existência e função dos anjos, «é economicamente inviável, estatisticamente desnecessária e humanamente impossível considerar na investigação todos os indivíduos»,⁶⁰⁸ quer pelos recursos exigidos, quer por questões de tempo que não é possível disponibilizar para esta dissertação de mestrado. Assim, não sendo possível optar por um questionário representativo desta população delimitada, iremos optar por uma amostra de conveniência.⁶⁰⁹

Foram elaboradas questões com linguagem simples, com termos correntes e usados normalmente no quotidiano, porém, algumas questões foram elaboradas com termos específicos da teologia. Pretende-se com isto verificar a reação dos participantes, mediante a sua resposta.

⁶⁰⁸ Leandro S. Almeida e Teresa Freire, *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*, 5ª ed. (Braga: Psiquilíbrios Edições, 2008), 113.

⁶⁰⁹ Cf Creswell, *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*, 161–71.

O primeiro passo do questionário, então, é pedir confirmação de participação voluntária neste estudo (Q1).

O inquérito⁶¹⁰ é composto, numa primeira parte, por questões sociodemográficas. Questiona-se sobre género (Q2), idade (Q3), nacionalidade (Q4), distrito onde vive (Q5), delimitando o público-alvo aos distritos de Braga e de Viana do Castelo, estado civil (Q6), habilitações (Q7), filhos (Q8), estatuto profissional (Q9) e religião (Q10).

Acerca do conhecimento ou pensamento sobre os anjos há várias questões com diversas metodologias. Há questões de escolha múltipla, escala de Likert e questões abertas.

Em primeiro, interroga-se se se acredita que existam anjos(Q11), dando como possibilidade de resposta o sim, o não ou o talvez.

De seguida, faz-se uma abordagem de escolha múltipla, pedindo para se escolher as afirmações com que concorda (Q12). As afirmações são as seguintes: o anjo é uma criatura de Deus; o anjo é uma criatura puramente espiritual e imortal; o anjo é uma figura mítica; o anjo é uma força ou energia superior; o anjo é uma invenção da humanidade e o anjo é uma invenção da religião.

Imediatamente a seguir, surgem as afirmações de concordância, de acordo com a escala Likert, mais propriamente: concordo totalmente, concordo parcialmente, não sei / não respondo, discordo parcialmente e discordo totalmente. Para este método, foram aplicadas 24 afirmações, sendo elas: 1 – o anjo intervém na vida do ser humano (Q13.1); 2 – todos os seres humanos têm um anjo da guarda (Q13.2); 3 – o anjo, ao pecar, ao decidir estar contra Deus, não pode ser perdoado, pois a sua decisão é irreversível. Ou seja, não pode voltar atrás na decisão tomada (Q13.3); 4 – o anjo, ao pecar, ao decidir estar contra Deus, pode ser perdoado. Ou seja, pode voltar atrás na decisão tomada (Q14.1); 5 – os anjos são mensageiros de Deus. Levam até Deus as súplicas dos seres humanos e trazem de volta as Suas Graças (Q14.2); 6 – os anjos são mensageiros de Deus. Levam até Deus as súplicas dos seres humanos e podem trazer e aplicar os castigos de Deus (Q14.3); 7 – os anjos são mediadores de Deus, comunicam a Vontade Divina (Q15.1); 8 – o anjo é uma criatura de Deus, tem a missão de Louvar a Deus e proteger os seres humanos (Q15.2); 9 – são os anjos que orientam o ser humano (Q15.3); 10 – a função principal dos anjos é louvar e contemplar Deus (Q16.1); 11 – os anjos são servos de Deus (Q16.2); 12 – os anjos têm algum tipo de corpo material (Q16.3); 13 – os anjos têm um mundo

⁶¹⁰ Cf Anexo 1.

próprio, que é o céu (Q17.1); 14 – a realidade cósmica é uma só. Por isso, céu e terra são dimensões de uma só realidade. O visível e o invisível pertencem à mesma realidade (Q17.2); 15 – acreditar em anjos é ser ignorante e supersticioso (Q17.3); 16 – se algo mau acontece à pessoa, significa que o seu anjo da guarda falhou (Q17.4); 17 – o ser humano atribui as suas próprias responsabilidades para os anjos, como forma de evitar as suas obrigações (Q18.1); 18 – é responsabilidade do anjo, a boa ou má orientação do ser humano (Q18.2); 19 – Cristo superou os anjos (Q18.3); 20 - quando acontece algo mau, parte da culpa é de forças e energias sobrenaturais e invisíveis (Q18.4); 21 – quando se escuta o que o anjo diz, é Deus que fala e está a ser escutado (Q19.1); 22 – o anjo é uma força, uma energia que assiste e protege os seres humanos (Q19.2); 23 – Cristo é Senhor dos anjos (Q19.3); 24 – existem nove ordens angélicas, sendo os anjos a ordem inferior (Q19.4).

A secção seguinte diz respeito às práticas relativas aos anjos. Novamente de escolha múltipla, solicita-se a seleção de práticas que a pessoa tenha feito alguma vez (Q20). As práticas são: dirigir-se ao anjo da guarda através da oração ou meditação; participar numa liturgia em honra dos arcanjos (ex: festa de S. Miguel, S. Gabriel, S. Rafael); fazer um pedido de intercessão ou súplica aos anjos para uma situação particular; cumprir uma promessa feita aos anjos, pois a prece foi atendida; participar de um romeiro aos anjos (uma espécie de romaria que deriva de uma promessa particular e outras pessoas são convidadas a participar, cantando e rezando até chegarem ao local de destino); acender velas aos anjos; não creio nesse tipo de práticas; outra.

Ainda na mesma secção, relativamente à oração, solicita-se a escolha de apenas uma opção, a que melhor se enquadrar (Q21), sendo as opções as seguintes: prefiro a oração ou meditação pessoal, sozinho(a); prefiro orar ou meditar em comunidade; não acredito na oração ou meditação; outra.

Por fim, a última parte, com duas questões abertas, a primeira interroga: se teve alguma experiência particular com um anjo (Q22), pode partilhar? A segunda pergunta: estaria disponível para voltar a ser contactado de novo (Q23), no âmbito desta pesquisa? Se sim, indique-nos o seu endereço de e-mail.

3.3. Análise

Todo o tratamento dos dados será feito com o recurso do software *Power BI*, desenvolvido pela Microsoft. Esta ferramenta é amplamente utilizada em contexto empresarial

para recolha, tratamento e análise de dados tendo em vista, posteriormente, a aplicação de medidas, para adequar a estratégia definida face aos resultados. O «Power BI oferece um conjunto de ferramentas para colmatar lacunas - entre bases de dados e folhas de cálculo, entre folhas de cálculo e ferramentas estatísticas».⁶¹¹

Ao ser criado um painel de visualização, a partir dos dados obtidos pelo inquérito, esta ferramenta permite cruzar todas as variáveis de modo visual e interativo e possibilita extração de informação e de conhecimento.

Foram obtidas 425 respostas, sendo que 40 foram inviabilizadas por não corresponderem ao público-alvo definido. Todas elas correspondem a respostas fora da delimitação geográfica determinada. Desse modo, são válidas 385 respostas. Toda a análise se realiza a partir das respostas validadas.

A amostra apresenta um erro máximo de 5% com um grau de confiança de 95%.⁶¹²

3.3.1. Análise de dados sociodemográficos

A caracterização da amostra recolhida será feita a partir do painel de visualização de dados criado, no *Power BI*, para o efeito. O painel pode ser consultado no anexo 4.

A partir da figura 1, percebe-se claramente uma maior adesão do público feminino ao questionário. Responderam ao inquérito 274 mulheres (71,17%) e 111 homens (28,83%).

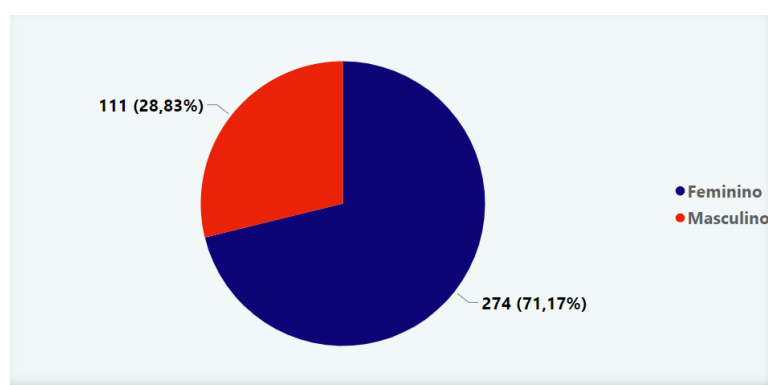


Figura 1 - Q2: Género.

⁶¹¹ Louis T. Becker e Elyssa M. Gould, «Microsoft Power BI: Extending Excel to Manipulate, Analyze, and Visualize Diverse Data», *Serials Review* 45, n. 3 (3 de Julho de 2019): 187, <https://doi.org/10.1080/00987913.2019.1644891>.

⁶¹² Cf Sample Size Calculator, acessado a 30 de Janeiro de 2023, <https://www.calculator.net/sample-size-calculator.html?type=1&cl=95&ci=5&pp=50&ps=&x=53&y=26>.

Pela figura 2, é possível perceber que os participantes se encontram maioritariamente na faixa etária dos 50-59 anos com 111 (28,83%) participantes, seguido da faixa etária dos 40-49 anos com 105 (27,27%) respostas. A faixa etária menos representada diz respeito aos participantes acima dos 70 anos, com apenas 5 (1,3%) respostas. O baixo nível de adesão da faixa etária acima de 70 anos poderá estar relacionado com o modo como foi divulgado o inquérito, uma vez que a divulgação se deu apenas por meios telemáticos.

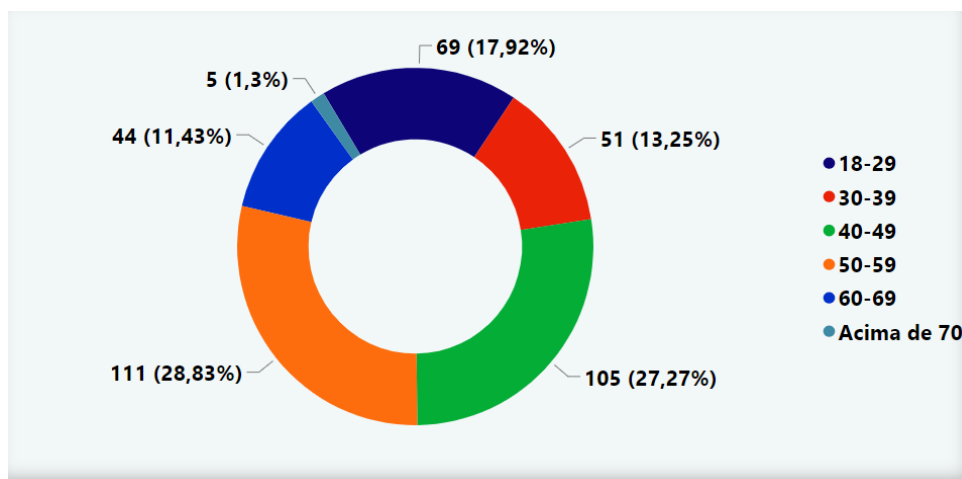


Figura 2 - Q3: Idade.

Assim, a faixa etária dos 18-29 conta com 69 (17,92%) respostas e a dos 30-39 conta com 51 (13,25%). Dos 40-49 obteve-se 105 (27,27%); dos 50-59, reponderam 111 (28,83%), contam-se dos 60-69, 44 (11,43%) e, finalmente, acima dos 70, responderam 5 (1,3%).

Participaram, maioritariamente, neste inquérito pessoas de nacionalidade portuguesa com 374 (97,14%) respostas e, apenas, 11 (2,86%) de outra nacionalidade.

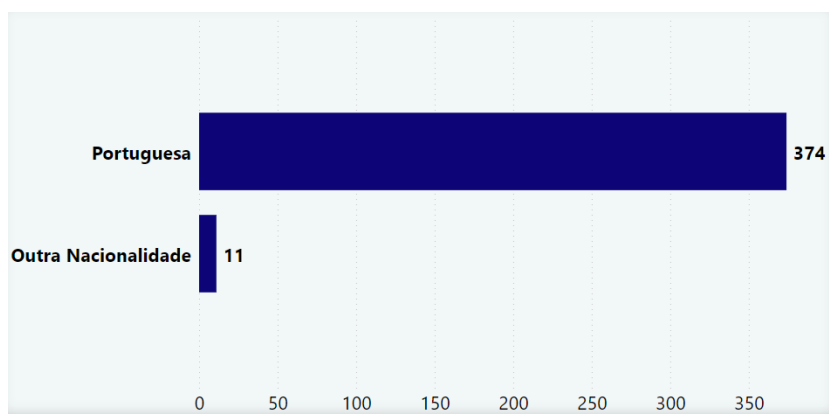


Figura 3 - Q4: Nacionalidade.

Obtivemos, no Distrito de Braga, 235 (61,04%) respostas e, no Distrito de Viana, participaram 150 (38,96%) pessoas, como se pode verificar na figura 4.

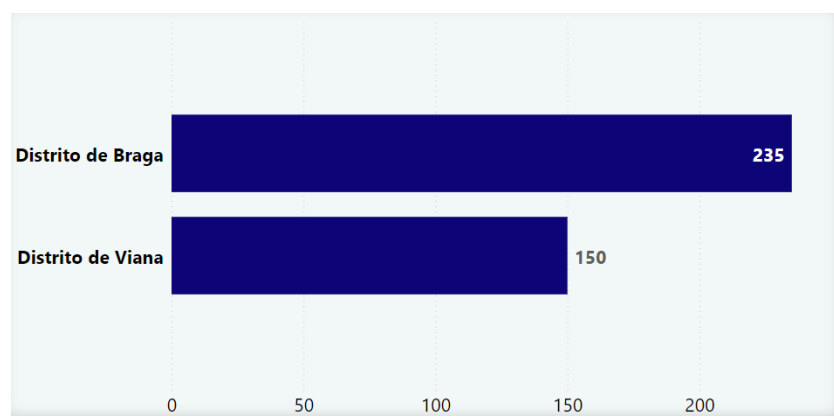


Figura 4 - Q5: Distrito.

De entre os participantes, a maioria pertence ao grupo dos casados(as) com 212 (55,06%) respostas, como se pode verificar na figura 5. Segue-se o grupo de solteiros(as) com 112 (29,09%). Com menor participação, segue-se o grupo dos divorciados(as) com 34 (8,83%) participações, seguido do grupo união de facto com 16 (4,16%) e o grupo dos viúvos(as) com 9 (2,34%). O grupo menos representado é o de separados(as) com apenas 2 (0,53%) participantes.

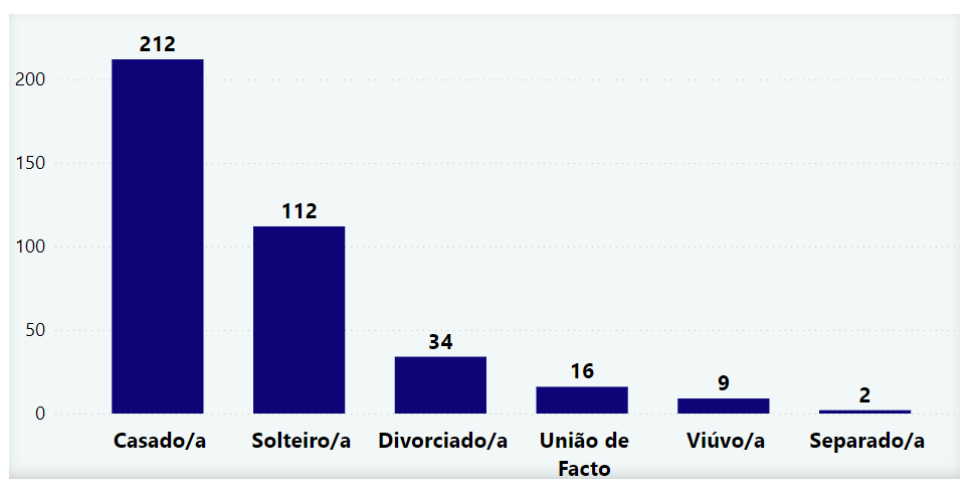


Figura 5 - Q6: Estado Civil.

Ao olhar a figura 6, é possível verificar que a maioria dos participantes demonstra um elevado grau de escolaridade. Em sentido descendente, temos em primeiro, com licenciatura 162 (42,08%) respostas; com o nível secundário 78 (20,26%) e com mestrado 73 (18,96%). Curiosamente, os níveis com menos participantes inclui um dos graus mais elevados de escolaridade, doutoramento, com 8 (2,08%) participantes; seguido do nível bacharelato com 6 (1,56%). O 1º ciclo, com 4 (1,04%) participantes, e o nível sem escolaridade, com 1 (0,25%) participante, são os níveis de escolaridade menos representados nesta amostra.

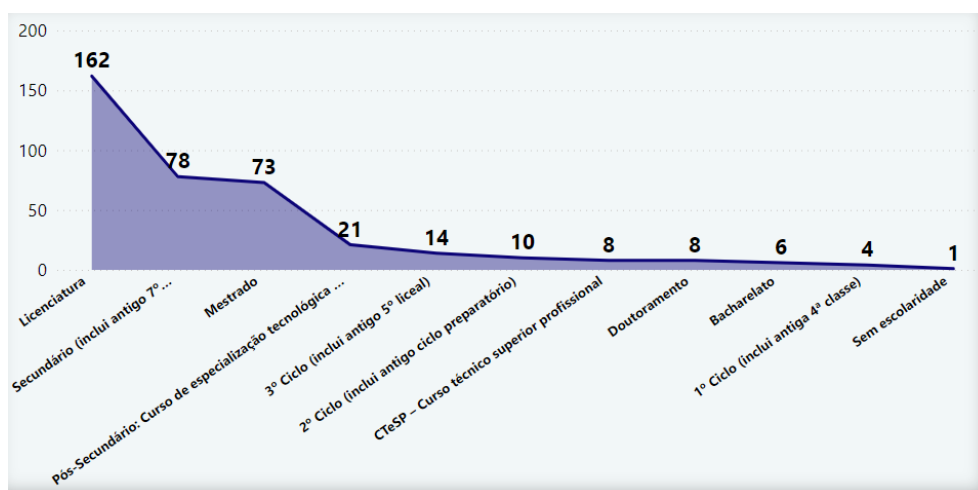


Figura 6 - Q7: Habilitações.

Dos 385 participantes, 263 (68,31%) afirmaram ter descendentes, enquanto 122 (31,69%) afirmaram não ter filhos, como é possível verificar a partir da figura 7.

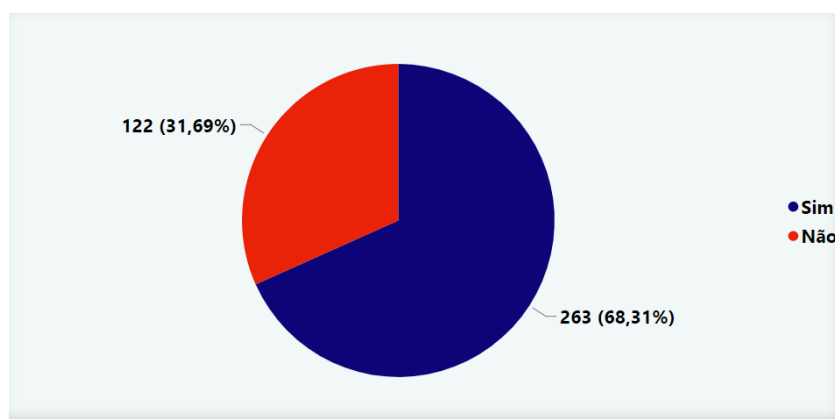


Figura 7 - Q8: Filhos.

Em relação ao estatuto profissional, foi colocada a possibilidade de resposta múltipla o que origina que os valores apresentados na figura 8 não coincidam com o valor absoluto do número de participantes. Cada participante teve possibilidade de selecionar mais que uma opção conforme a sua situação.

Desse modo verifica-se que a maioria dos participantes está empregado por conta de outrem (273 / 66,75%). Em número bastante mais reduzido 64 (15,65%) participantes dizem-se estudantes e constituem o segundo maior grupo da situação profissional nesta amostra. De seguida declararam-se empregados por conta própria 32 (7,82%) participantes; selecionaram a opção reformados apenas 16 (3,91%). Por fim, os grupos menos selecionados dizem respeito aos que se declaram desempregados (11 / 2,69%); domésticos (8 / 1,96%); pré-reforma (4 / 0,98%) e em estado de baixa médica (1 / 0,24%).

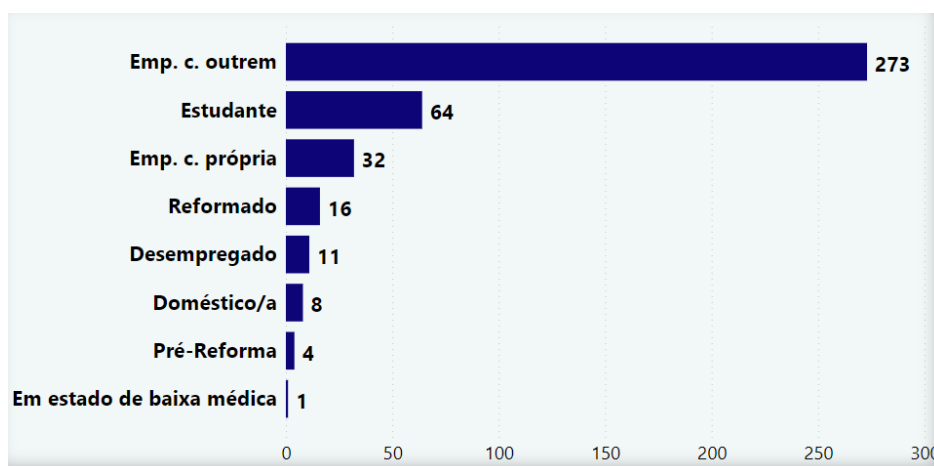


Figura 8 - Q9: Estatuto Profissional.

Neste tópico de dados sociodemográficos apenas nos resta olhar para a figura 9, dos dados acerca da religião.

Visivelmente, em grande maioria estão os católicos com 331 (85,97%) participações, de seguida, mas de modo bastante reduzido, estão os participantes que se consideram sem religião (30 / 7,79%). Temos 14 (3,64%) participantes que se consideram ateus; 4 (1,04%) que declaram que pertencem a outra religião cristã e 2 (0,52%) que se manifestam como evangélicos. Nas opções hindu, muçulmana, outra não cristã e protestante constam apenas 1 (0,26%) participante por cada uma.

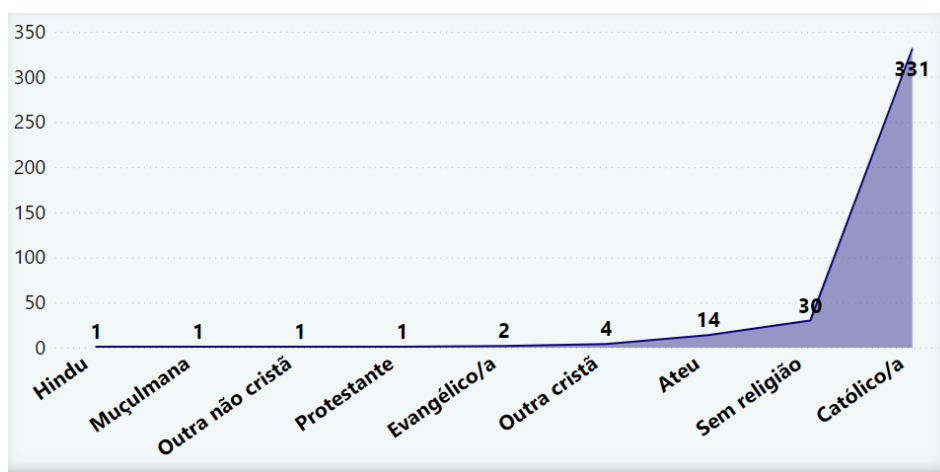


Figura 9 - Q10: Religião.

3.3.2. Análise de dados Q11: Acredita que existem anjos?

Cada questão ou afirmação será analisada com recurso ao painel de visualização, respetivo, no *Power BI*, criado para o efeito.

Então relativo à questão: acredita que os anjos existem, pode ser consultado o painel de visualização no anexo 6.

Como é possível verificar na figura 10, a grande maioria dos participantes acredita que existem anjos (247 / 64,16%), seguido pelo grupo que considera que talvez existam anjos (90 / 23,38%) e, por fim, o grupo dos que considera que não existem anjos (48 / 12,47%).

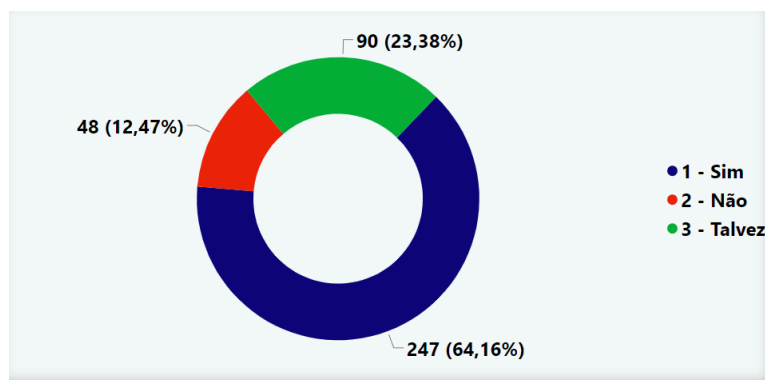


Figura 10 - Q11: Acredita que existem anjos?

Olhando para esta questão a partir das idades, para além de sabermos que a maioria dos participantes se encontra na faixa etária dos 50-59 anos, seguido da faixa etária dos 40-49 anos, a partir da figura 11 conseguimos ter uma perceção mais clara do posicionamento dos participantes relativamente à sua crença ou não crença na existência de anjos. Fica mais claro, por idades, que os que acreditam estão em número superior e os que estão em minoria são os que não acreditam na existência de anjos.

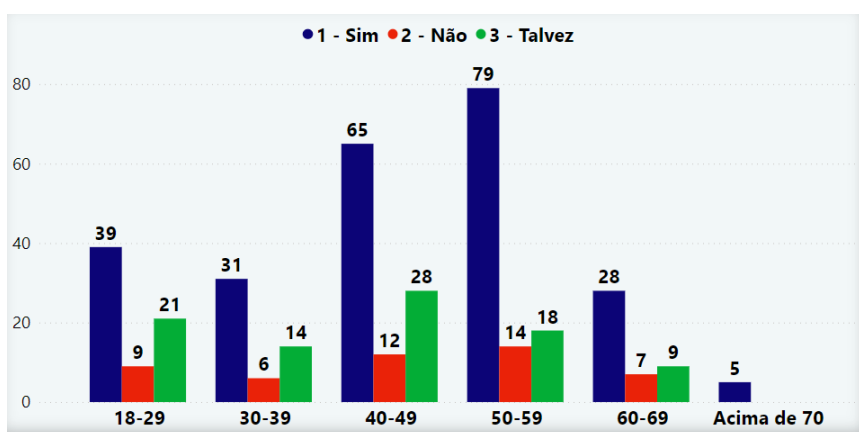


Figura 11 - Q11 por idades.

Filtrando o painel de visualização pelos que afirmam acreditar que existem anjos⁶¹³ é possível verificar que das 247 respostas, a nível de religião, 232 (93,93%) são católicos, 6 (2,43%) são sem religião, 4 (1,62%) outra cristã, e 1 (0,404%) em cada um dos cinco: evangélico, hindu, muçulmana, outra não cristã e protestante. 177 (71,66%) participantes são do género feminino e 70 (28,34%) do masculino.

No que respeita ao nível de escolaridade, o painel demonstra que a maioria dos crentes tem um elevado nível de escolaridade. No topo, 98 (39, 68%) licenciados, 49 (19,84%) com ensino secundário e 45 (18,22%) com mestrado. Sem extrapolar, nesta amostra, não se poderia dizer que a crença deriva do baixo grau de ensino ou conhecimento. Se prestarmos atenção aos doutorados, dos 8 (100%) que participaram no inquérito, 7 (87,5%) admitem crer na existência dos anjos.

Com este filtro, podemos ainda ver que a maioria dos crentes estão numa situação profissional ativa, maioritariamente casados e com filhos.⁶¹⁴

Aplicando o filtro dos que afirmam não crer na existência de anjos ao painel de visualização,⁶¹⁵ verifica-se que apenas 48 participantes acredita que os anjos não existem. Destes, 25 (52,08%) são católicos, 12 (25%) sem religião e 11 (22,92%) ateus. Verificamos também, no que concerne às habilitações, o nível do grau de escolaridade é bastante alto. O nível mais baixo representado é o 3º ciclo com apenas um (2,08%) participante. O nível mais representado é de licenciatura com 24 (50%) participantes. Do género feminino são 30 (62,50%) e do género masculino são 18 (37,50%).

Temos ainda perceção de que são principalmente pessoas ativas a nível profissional, maioritariamente com filhos e casados.⁶¹⁶

Por último, aplicamos o filtro dos que selecionaram a opção de que talvez existam anjos.⁶¹⁷ Verificamos que 90 participantes admitem a ideia de que talvez existam anjos, sendo 74 (82,22%) católicos, 12 (13,33%) sem religião, 3 (3,33%) ateus e 1(1,11%) evangélico. A nível de escolaridade é perceptível que é mais diversificado, porém, a maioria dos participantes

⁶¹³ Cf Anexo 7.

⁶¹⁴ Cf Anexo 7.

⁶¹⁵ Cf Anexo 8.

⁶¹⁶ Cf Anexo 8.

⁶¹⁷ Cf Anexo 9.

revela um alto nível de escolaridade. São do género feminino 67 (74,44%) participantes e 23 (25,56%) do género masculino.

Percebemos ainda neste painel de visualização que os participantes são maioritariamente ativos no âmbito profissional, casados e com filhos.⁶¹⁸

Ainda relativo a esta questão, analisemos a partir de um painel de visualização diferente.⁶¹⁹ Uma das questões a que nos tínhamos proposto a tratar era a possibilidade de transmissão de valores entre diferentes gerações. Então, em primeiro lugar, será analisado o painel a partir dos católicos, de seguida os sem religião e, posteriormente, os ateus. Os restantes: outra cristã; evangélico; hindu; muçulmano; outra não cristã e protestante, não serão analisados por apenas terem um participante e, como tal, não permite perceber diferenças ou semelhanças entre gerações com a mesma opção religiosa.

Assim sendo, começamos pelos católicos como filtro, e com ele, conseguimos extrair os seguintes dados:

Tabela 1 - Q11: Católico por Idade % / N

Q11: Acredita que os anjos existem? Católicos							
Idades Escala	18-29	30-39	40-49	50-59	60-69	Acima de 70	Média
Sim	71,43% 35	63,83% 30	63,54% 61	77,32% 75	70,27% 26	100% 5	74,40%
Não	4,08% 2	10,64% 5	9,38% 9	7,22% 7	5,41% 2	0% 0	6,12%
Talvez	24,49% 12	25,53% 12	27,08% 26	15,46% 15	24,32% 9	0% 0	19,48%
Total	100% 49	100% 47	100% 96	100% 97	100% 37	100% 5	

⁶¹⁸ Cf Anexo 9.

⁶¹⁹ Cf Anexo 10.

Conseguimos, então, perceber, ao analisar a tabela 1, de modo distinto de todas as outras faixas etárias, que a totalidade dos participantes católicos, acima de 70 anos, acredita que os anjos existem. Por coluna, é visível a predominância da opção sim, seguido da opção talvez e, em minoria, a opção não.

É possível determinar, pelas proporções, que, apesar das oscilações percentuais, o nível de crença apresenta similaridade entre gerações. Na escala do sim, a proporção entre idades oscila entre 63, 54% e os 100%; na escala do não, oscila entre os 4,08% e os 10,64% e, na escala do talvez oscila entre os 15,46% e os 27,08%. Então, em média, por linha, 74,40% dos católicos acredita na existência de anjos, 6,12% dizem que não e 19,48% dizem que talvez existam anjos. Assim, percebe-se que a tendência de crer ou não crer mantém-se desde os indivíduos mais idosos aos mais novos. Entende-se, então, a possibilidade de transmissão de valores entre gerações.

Tabela 2 - Q11: Sem Religião por Idade % / N

Q11: Acredita que os anjos existem? Sem religião							
Idades / Escala	18-29	30-39	40-49	50-49	60-69	Acima de 70	Média
Sim	0% 0	0% 0	25% 1	40% 4	25% 1	0% 0	15%
Não	45,46% 5	0% 0	25% 1	30% 3	75% 3	0% 0	29,24%
Talvez	54,54% 6	100% 1	50% 2	30% 3	0% 0	0% 0	39,09%
Total	100% 11	100% 1	100% 4	100% 10	100% 4	0% 0	

A partir da tabela 2, denota-se uma maior ambiguidade de resultados, podendo ser a sua causa o baixo número de participações referentes a este posicionamento, seria necessário recolher mais dados.

Percebe-se então, delimitando aos sem religião, que predominam as opções não, com 12 participantes e talvez, também com 12, estando em minoria o sim, com apenas 6 participantes.

Na opção sim, demarca-se a inexistência de participantes compreendidos nas idades mais jovens. A opção não, mais linear em termos de participações, pode indicar uma tendência que transite geracionalmente. Na opção talvez, chama a atenção a inexistência de participações nas idades mais avançadas.

Estes dados não permitem perceber se existe transmissão de valores entre gerações.

Tabela 3 - Q11: Ateu por Idade % / N

Q11: Acredita que os anjos existem? Ateu							
Idades Escala	18-29	30-39	40-49	50-49	60-69	Acima de 70	Média
Sim	0% 0	0% 0	0% 0	0% 0	0% 0	0% 0	0%
Não	40% 2	100% 1	100% 2	100% 4	100% 2	0% 0	73,33%
Talvez	60% 3	0% 0	0% 0	0% 0	0% 0	0% 0	10%
Total	100% 5	100% 1	100% 2	100% 4	100% 2	0% 0	

Por fim, na tabela 3, a partir do filtro da religião, ateu, apesar do baixo número de participantes, os dados são expressivos.

Neste caso, não há qualquer posicionamento na escala sim. A escolha pelo não parece ser determinante em todas as idades, com exceção da coluna da idade mais jovem. A coluna da idade de 18-29 revela que a maioria optou pelo talvez. Na linha da escala talvez, apenas os mais jovens se posicionam nesta opção.

Pode-se compreender, através destes dados, que existe transmissão de valores entre gerações, mas deixa uma questão em aberto, se estarão os mais jovens abertos a novas ideias.

Posto isto, pretende-se trabalhar os dados referentes a esta questão de uma outra forma. Divide-se a amostra entre os que se posicionam como pertencentes a alguma religião ou sistema de crenças e os que não pertencem a nenhuma religião ou sistema de crenças. Assim, os primeiros compreendem as opções: católico, sem religião, outra cristã, evangélico, hindu, muçulmano, outra não cristã e protestante; e os segundos compreendem as opções: sem religião e ateu.

Começando, então, pelos que se declaram como pertencentes a uma religião ou sistema de crenças, são 341 participantes.

Como se pode verificar pela figura 12, a grande maioria (241 / 70,68%) expressa crença na existência de anjos. De modo bastante mais reduzido, apenas 25 (7,33%) participantes expressam que não acreditam que os anjos existam. 75 (21,99%) participantes manifestam que talvez existam anjos.

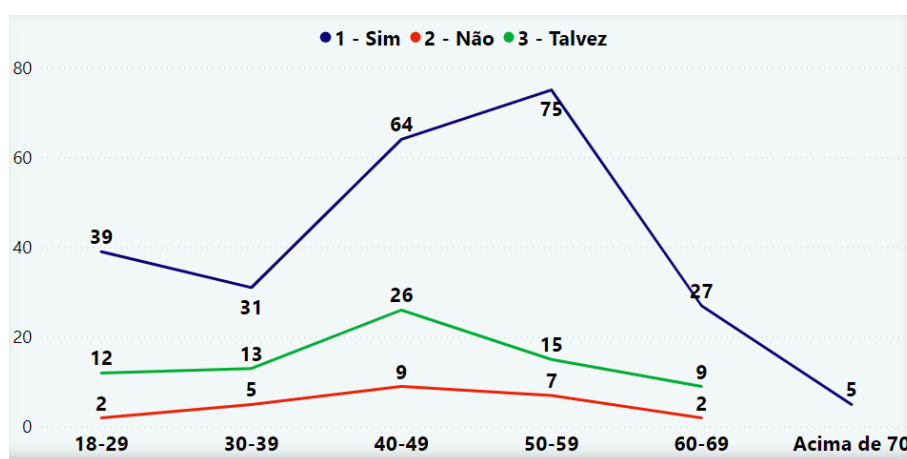


Figura 12 - Q11: Participantes que manifestaram pertencer a uma religião.

Olhando para o conjunto dos que expressaram não pertencer a qualquer religião ou sistema de crenças (44 participantes), na figura 13, vemos que apenas 6 (13,64%) manifestam crer que existem anjos; 23 (52,27%) expressam que não acreditam que existam anjos e 15 (34,09%) admitem que talvez existam anjos.

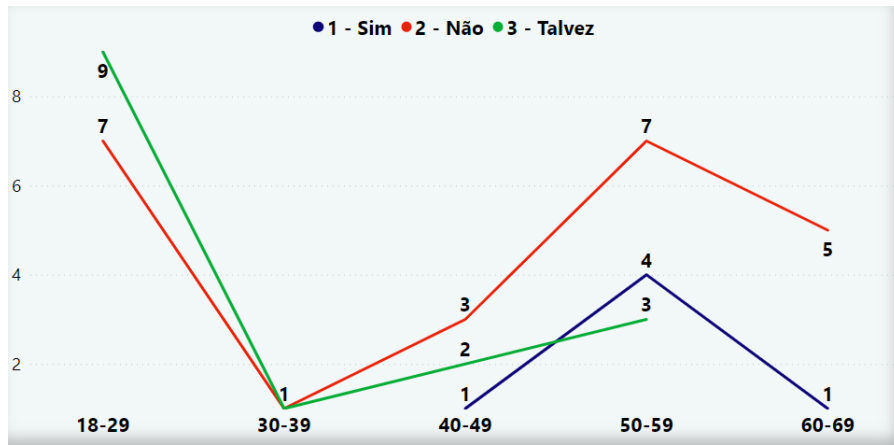


Figura 13 - Q11: Participantes que manifestaram não pertencer a qualquer religião.

Resta-nos agora tentar perceber que ideias têm os crentes ou não crentes acerca dos anjos.

3.3.3. *Análise de dados sobre ideias e conhecimento acerca dos anjos*

Iniciamos, então, pela análise da questão Q12 que solicitava aos participantes a escolha das afirmações com que mais concordavam. Como é uma questão que permitia selecionar mais que uma opção, é natural que os valores não coincidam com o valor absoluto de respostas ao inquérito.

Assim a partir da figura 14, verificamos que a afirmação mais votada é a número 1: o anjo é uma criatura de Deus. 192 (49,87%) participantes selecionaram esta opção. De seguida temos a afirmação número 4: o anjo é uma força ou energia superior, também selecionada por 152 (39,48%) participantes. Em terceiro, a expressão número 2: o anjo é uma criatura puramente espiritual e imortal, foi escolhida por 115 (29,87%) participantes. Menos escolhido, temos a afirmação número 3: o anjo é uma figura mítica, com 51 (13,25%) participantes a selecionar esta opção. Em penúltimo temos a afirmação número 6: o anjo é uma invenção da religião, selecionada por 45 (11,69%) participantes e, por último, 22 (5,71%) participantes selecionaram a afirmação número 5: o anjo é uma invenção da humanidade.

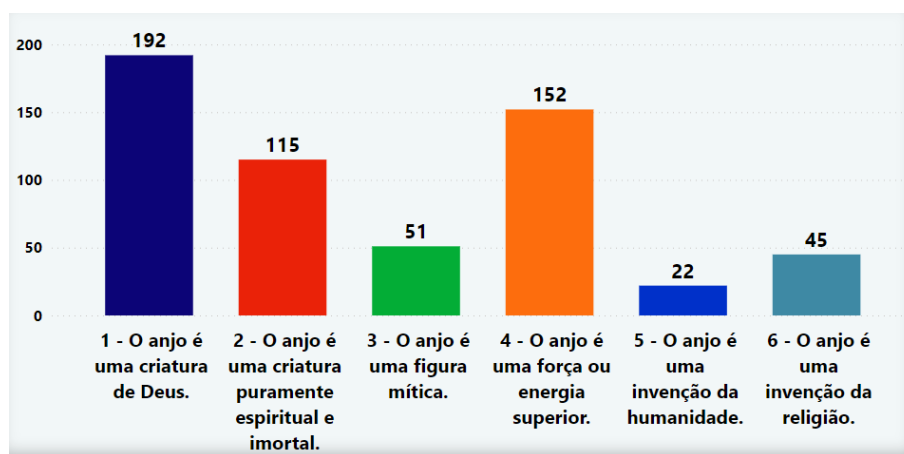


Figura 14 - Q12: Escolha as afirmações com que mais concorda.

Recorrendo ao painel de visualização para o efeito,⁶²⁰ analisamos agora cada uma das afirmações.

Ao colocar o filtro, no painel de visualização, pela primeira afirmação,⁶²¹ é imediatamente visível que a maioria pertence à faixa etária 40-49 (55 / 28,65%) assim como a maioria dos participantes são do género feminino (124 / 64,58%). Maioritariamente possuem um nível de escolaridade alto, assim como são maioria os que declaram ter filhos. Quanto à religião, dos 192 participantes que selecionaram esta afirmação, 180 (93,72%) são católicos; 4 (2,08%) sem religião; 3 (1,56%) outra cristã; 2 (1,05%) evangélicos; 1 (0,53%) ateu; 1 (0,52%) muçulmano e 1(0,52%) protestante. Relembramos, relativamente a esta afirmação, que já a reflexão patrística defendia o carácter de criaturas dos anjos. É, portanto, uma conceção que predomina até aos nossos tempos.

A partir da segunda afirmação, o painel reage de modo similar,⁶²² a maioria dos participantes que selecionaram esta opção são do sexo feminino (79 / 68,70%). A faixa etária com mais expressão é dos 50-59 (39 / 33,91%); pertencem, sobretudo, ao distrito de Braga e a sua maioria tem filhos (76 / 66,09%). Dos 115, 101 (87,82%) são católicos; 9 (7,83%) sem religião; 1 (0,87%) ateu; 1 (0,87%) outra cristã; 1 (0,87%) evangélico; 1 (0,87%) hindu e 1 (0,87%) muçulmano. Gregório Nazianzeno, por exemplo, defendia uma natureza dos anjos puramente espiritual e Agostinho dizia que eram imortais. Afirmações que também conheceram defensores pela Idade Média, como Boaventura e chegaram até aos dias de hoje.

⁶²⁰ Cf Anexo 11.

⁶²¹ Cf Anexo 12.

⁶²² Cf Anexo 13.

Filtrando o painel pela terceira afirmação,⁶²³ verificámos que a maioria dos participantes que escolheram esta opção é casada (29 / 56,86%) e do género feminino (39 / 76,47%). O nível de escolaridade continua a ser maioritariamente elevado assim como a maioria dos participantes tem filhos (34 / 66,67%). Dos participantes que seleccionaram esta opção, 43 (84,32%) são católicos, 5 (9,80%) sem religião e 3 (5,88%) ateus. É difícil precisar as raízes deste modo de pensar, porém, sabemos dizer que as mudanças operadas na época Moderna potenciaram este modo de entender os anjos.

A partir da quarta afirmação,⁶²⁴ verificamos que a escolaridade é maioritariamente elevada, o género feminino (117 / 76,97%) apresenta-se em número superior ao masculino (35 / 23,03%) e a faixa etária mais representada é dos 40-49 (49 / 32,24%). Apresentam-se concentradas o maior número de respostas no distrito de Braga e uma grande maioria declara ter filhos (102 / 67,11%). Relativamente aos 152 participantes que escolheram esta afirmação, 138 são católicos, 5 sem religião, 3 ateus, 3 outra cristã, 1 hindu e 1 outra não cristã. De notar que o vocabulário usado nesta afirmação está muito presente em correntes New Age, mas já na Grécia antiga se defendia a existência de uma força superior ou poder oculto que regia os seres humanos, a “acção divina”.⁶²⁵

A quinta afirmação:⁶²⁶ o anjo é uma invenção da humanidade, foi seleccionada por 22 participantes. De entre eles, 11 (50%) são católicos, 7 (31,82%) ateus e 4 (18,18%) sem religião. Este grupo de participantes caracteriza-se por pertencer maioritariamente ao género feminino, com elevado nível de escolaridade e, a nível de faixa etária, estão distribuídos uniformemente.

Por último, filtrando o painel pela sexta afirmação,⁶²⁷ verificamos que os participantes são maioritariamente casados (23 / 51,11%) ou solteiros (13 / 28,89%) e do género feminino (28 / 62,22%). Também é possível constatar que 25 (55,56%) são católicos, 13 (28,89%) sem religião e 7 (15,55%) ateus.

Analisando o painel a partir da variável da religião, delimitando às três opções mais representadas, católico, sem religião e ateu, verificamos, então, que os católicos, apesar de escolherem maioritariamente afirmações em que está implícita a presunção de que os anjos

⁶²³ Cf Anexo 14.

⁶²⁴ Cf Anexo 15.

⁶²⁵ Cf Walter Burkert, *Religião grega na época clássica e arcaica*, trad. M. J. Simões Loureiro (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993), 351–55.

⁶²⁶ Cf Anexo 16.

⁶²⁷ Cf Anexo 17.

existem, como a primeira afirmação: o anjo é criatura de Deus, também se nota, que um número considerável optou pela terceira (43 / 12,99%), quinta (11 / 3,32%) e sexta (25 / 7,55%) afirmações, que implicitamente negam a existência de anjos. Já os participantes que se manifestam como sem religião estão bastante dispersos pelas seis afirmações, como podemos verificar a partir da figura 15. Os ateus surpreendem pelo facto de haver participantes a seleccionar as afirmações um, dois e cinco.

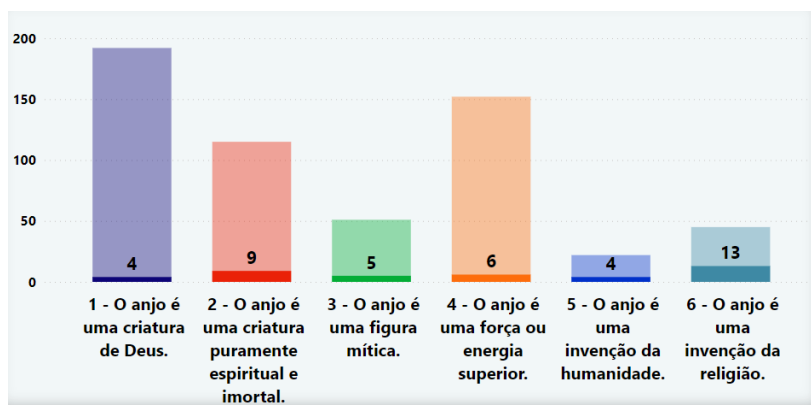


Figura 15 - Q12: Filtro sem religião.

Analisaremos, a partir de então, as respostas às afirmações em escala Likert (1 – concordo plenamente; 2 – concordo parcialmente; 3 – não sei / não respondo; 4 – discordo parcialmente e 5 – discordo totalmente), pois trazem a estes dados novas interpretações.

A primeira deste conjunto de afirmações é Q13.1: o anjo intervém na vida do ser humano, então, pela figura 16, percebemos, seguindo a escala que 130 (33,77%) participantes concordam totalmente com a afirmação; 132 (34,29%) concordam parcialmente; 60 (15,58%) não sabem ou não respondem; 17 (4,42%) discordam parcialmente e 46 (11,95%) discordam totalmente. Relembremos que já desde os tempos antigos se defendia os anjos como cuidadores e servidores dos seres humanos, aconselhando e orientando para potenciar uma correção de comportamentos menos próprios. A reflexão contemporânea acerca dos anjos pede mais atenção ao modo como se representa o papel dos anjos, sob pena de cair numa infantilização e, conseqüente, desresponsabilização do ser humano quanto às escolhas e atitudes que toma no decurso da sua vida.

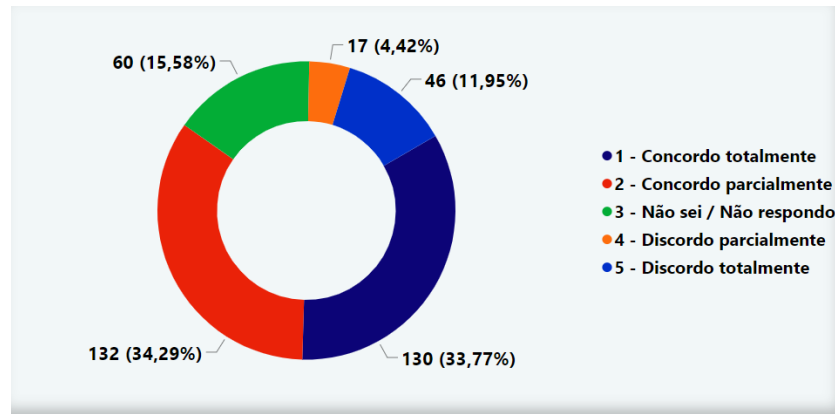


Figura 16 - Q13.1: O anjo intervém na vida do ser humano.

Na afirmação seguinte, Q13.2: todos os seres humanos têm um anjo da guarda, é possível verificar, a partir da figura 17, que 187 (48,57%) concordam totalmente com a afirmação; 83 (21,56%) concordam parcialmente; 56 (14,55%) não sabem ou não respondem; 18 (4,68%) discordam parcialmente e 41 (10,65%) discordam totalmente. Num painel criado para esta afirmação,⁶²⁸ podemos constatar que dos 187 que concordam totalmente com a afirmação, 174 (93,04%) são católicos; 7 (3,74%) sem religião; 3 (1,60%) outra cristã; 1 (0,54%) hindu; 1 (0,54%) muçulmano e 1 (0,54%) outra não cristã. Dos que discordam totalmente, 25 (60,98%) são católicos; 7 (17,07%) sem religião; 8 (19,51%) ateus e 1 (2,44%) protestante.

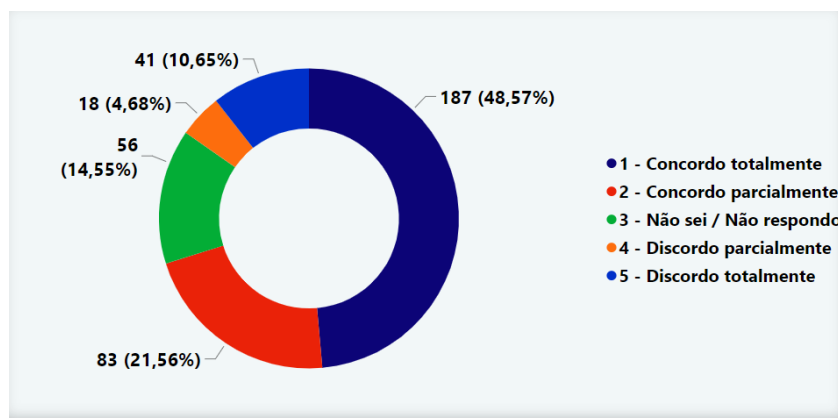


Figura 17 - Q13.2: Todos os seres humanos têm um anjo da guarda.

Num painel estabelecido para esta análise,⁶²⁹ verificamos que dos participantes que selecionaram as opções 3, 5 e 6 da Q12, 34 (38,20%) discordam totalmente da afirmação Q13.2; 12 (13,48%) discordam parcialmente; 22 (24,72%) não sabem ou não respondem; 11 (12,36%)

⁶²⁸ Cf Anexo 18.

⁶²⁹ Cf Anexo 19.

concordam parcialmente e 10 (11,24%) concordam totalmente. A pertinência desta comparação reside no facto de as afirmações seleccionadas na Q12 dizerem respeito, respetivamente, a tomar o anjo como uma figura mítica, invenção da humanidade ou invenção da religião. Apesar disso, uma parte destes participantes considera que todos os seres humanos tem um anjo da guarda e um número significativo diz não saber ou não responder, o que sugere dúvida acerca do que pensam ou, também se pode entender assim, não querem assumir de todo uma posição.

Relembramos que a conceção de que todos os seres humanos têm um anjo da guarda foi debatida na reflexão dos Padres da Igreja, como por exemplo João Crisóstomo, Jerónimo e Basílio de Cesareia.

A figura 18, revela os dados na afirmação Q13.3: o anjo, ao pecar, ao decidir estar contra Deus, não pode ser perdoado, pois a sua decisão é irreversível. Ou seja, não pode voltar atrás na decisão tomada. 27 (7,01%) participantes concordam totalmente com a afirmação; 38 (9,87%) concordam parcialmente; a grande maioria, 163 (42,34%) não sabe ou não responde; 48 (12,47%) discordam parcialmente e 109 (28,31%) discordam totalmente da afirmação. De acordo com o painel criado para esta afirmação,⁶³⁰ dos que discordam totalmente, 87 (79,82%) são católicos; 12 (11%) sem religião; 7 (6,42%) ateus, 1 (0,09%) hindu e 1 (0,09%) outra não cristã.

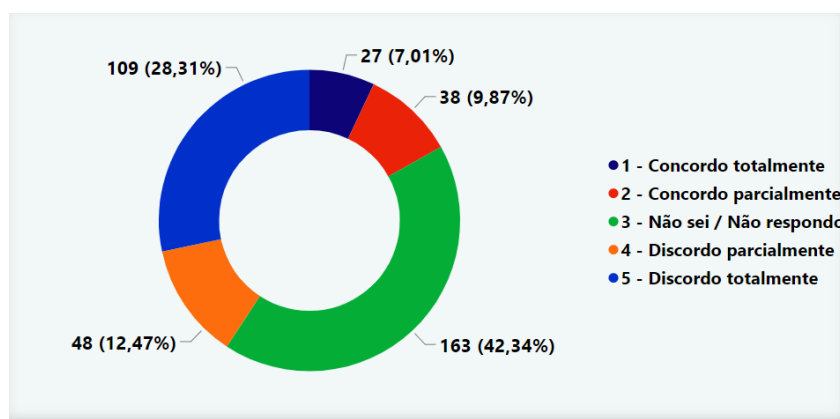


Figura 18 - Q13.3: O anjo, ao pecar, ao decidir estar contra Deus, não pode ser perdoado, pois a sua decisão é irreversível. Ou seja, não pode voltar atrás na decisão tomada.

A afirmação seguinte, antagónica à anterior, afirma que Q14.1: O anjo, ao pecar, ao decidir estar contra Deus, pode ser perdoado. Ou seja, pode voltar atrás na decisão tomada. A partir da figura 19, é possível constatar que 89 (23,12%) participantes concordam totalmente

⁶³⁰ Cf Anexo 20.

com a afirmação; 71 (18,44%) concordam parcialmente; em maioria, 151 (39,22%) não sabe ou não responde; 17 (4,42%) discordam parcialmente e 57 (14,81%) discordam totalmente.

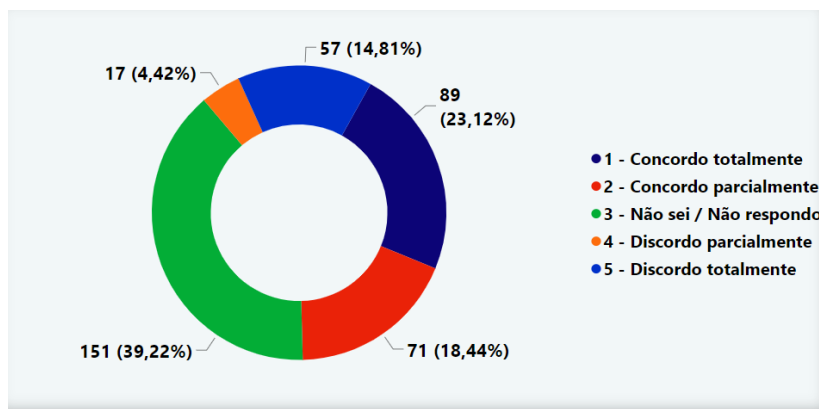


Figura 19 - Q14.1: O anjo, ao pecar, ao decidir estar contra Deus, pode ser perdoado. Ou seja, pode voltar atrás na decisão tomada.

Comparando ambas as afirmações, Q13.3 e Q14.1, através de um painel,⁶³¹ em primeiro lugar, a grande maioria assinala que não sabe ou não responde. A causa poderá estar no desconhecimento do significado de ambas as afirmações ou a falta de informação relativamente a este tema. Dos que discordam totalmente da Q13.3, a grande maioria 51 (46,79%) concorda totalmente com a Q14.1, porém, uma grande parte, 40 (36,70%) discorda totalmente, também, da Q14.1.

É importante trazer à memória o *Catecismo da Igreja Católica*:

A Escritura fala dum *pecado* destes anjos. A *queda* consiste na livre opção destes espíritos criados, que radical e irrevogavelmente *recusaram* Deus e o seu Reino. Encontramos um reflexo desta rebelião nas palavras do tentador aos nossos primeiros pais: “Sereis como Deus” (Gn 3, 5). O Diabo é “pecador desde o princípio” (1Jo 3, 8), “pai da mentira” (Jo 8, 44). (CCE 392)

É o carácter *irrevogável* da sua opção, e não uma falha da infinita misericórdia de Deus, que faz com que o pecado dos anjos não possa ser perdoado. “Não há arrependimento para eles depois da queda, tal como não há arrependimento para os homens depois da morte”. (CCE393)

A figura 20 permite visualizar os dados da afirmação seguinte, Q14.2: os anjos são mensageiros de Deus, Levam até Deus as súplicas dos seres humanos e trazem de volta as Suas Graças. Percebemos, então, que 139 (36,10%) participantes concordam totalmente com a afirmação; 105 (27,27%) concordam parcialmente; 82 (21,30%) não sabem ou não respondem; 11(2,86%) discordam parcialmente e 48 (12,47%) discordam totalmente. Já Orígenes dizia que

⁶³¹ Cf Anexo 21.

esta era uma das suas funções. Para além da grande maioria concordar totalmente ou parcialmente, note-se um grande número de participantes que não sabe ou não responde. A causa poderá estar na falta de reflexão e conhecimento acerca deste tema.

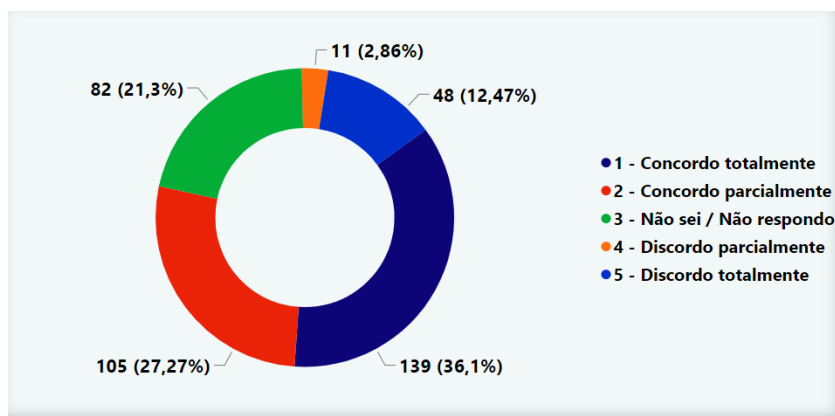


Figura 20 - Q14.2: Os anjos são mensageiros de Deus. Levam até Deus as súplicas dos seres humanos e trazem de volta as Suas Graças.

Já a figura 21 demonstra os dados de uma afirmação semelhante à anterior, mas em certa medida, contrária. Para afirmação Q14.3: os anjos são mensageiros de Deus. Levam até Deus as súplicas dos seres humanos e podem trazer e aplicar os castigos de Deus, 44 (11,43%) concordam totalmente com a afirmação; 68 (17,66%) concordam parcialmente, 116 (30,13%) não sabe ou não responde; 42 (10,91%) discordam parcialmente e 115 (29,87%) discordam totalmente.

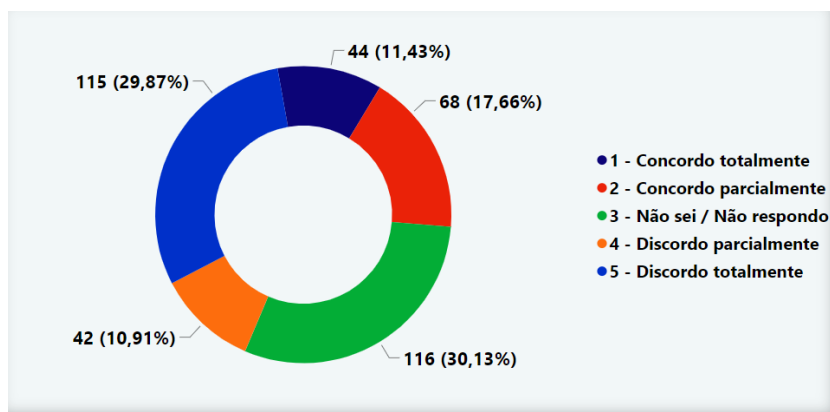


Figura 21 - Q14.3: Os anjos são mensageiros de Deus. Levam até Deus as súplicas dos seres humanos e podem trazer e aplicar os castigos de Deus.

Comparando estas duas últimas afirmações,⁶³² Q14.2 e Q14.3, verificámos que, na primeira, apesar de um grande número de respostas não sei ou não respondo, a grande maioria concorda total e parcial com esta afirmação. Na segunda, a maioria concentra-se na resposta não sei ou não respondo, mas depois, discordam total e parcial desta afirmação. De notar, dos que concordam totalmente e parcialmente (244) com a afirmação Q14.2, 44 (18,03%) concordam totalmente com a afirmação Q14.3; 65 (26,64%) concordam parcialmente; 40 (16,39%) não sabem ou não respondem; 33 (13,53%) discordam parcialmente e 62 (25,41%) discordam totalmente. Já os que discordam total ou parcial (59) da Q14.2, nenhum participante destes concorda totalmente com a afirmação (0%) Q14.3; apenas 2 (3,39%) concordam parcialmente; 2 (3,39%) não sabem ou não respondem; 6 (10,17%) discordam parcialmente e 49 (83,05%) discordam totalmente.

Estas duas últimas afirmações trazem consigo, não só, a problemática da ideia existente acerca dos anjos, mas também, a ideia existente de Deus. Uma possibilidade para explicar os dados que verificamos, é a ideia de responsabilidade do ser humano relativamente às decisões que toma e consequências resultantes das mesmas, deste modo, é coerente com os que ao discordar da primeira, discordam maioritariamente também da segunda. Outra possibilidade, é o modo de entender Deus, como misericordioso e, desse modo entende-se aqueles que ao concordar com a primeira discordam da segunda. Também existe a possibilidade de entender que os anjos trazem de volta conforme o merecimento e, portanto, tanto as Graças como os castigos de Deus. Entende-se, assim, os que concordam com ambas as afirmações. Mas aqui, ainda existirá, então, a ideia da justiça divina punitiva.

A partir da figura 22, conseguimos perceber que, na afirmação Q15.1: os anjos são mediadores de Deus, comunicam a Vontade Divina, 138 (35,84%) concordam totalmente com a afirmação; 120 (31,17%) concordam parcialmente; 74 (18,44%) não sabem ou não respondem; 14 (3,64%) discordam parcialmente e 42 (10,91%) discordam totalmente. Apesar da grande maioria concordar total e parcial com esta afirmação, um grande número de participantes manifesta não saber ou não responder.

⁶³² Cf Anexo 22.

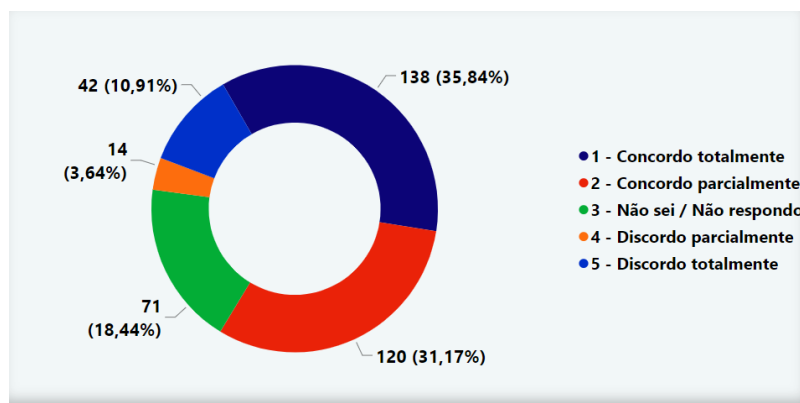


Figura 22 - Q15.1: Os anjos são mediadores de Deus, comunicam a Vontade Divina.

Para a afirmação seguinte, Q15.2: o anjo é uma criatura de Deus, tem a missão de Louvar a Deus e proteger os seres humanos, a figura 23 revela que 158 (41,04%) concorda totalmente com esta afirmação; 118 (30,65%) concorda parcialmente; 64 (16,62%) não sabe ou não responde; 10 (2,60%) discorda parcialmente e 35 (9,09%) discorda totalmente. Dos que concordam parcial e total (276) desta afirmação,⁶³³ 257 (93,13%) são católicos, 10 (3,62%) sem religião; 4 (1,45%) outra cristã; 1 (0,36%) ateu; 1 (0,36%) evangélico; 1 (0,36%) hindu; 1 (0,36%) muçulmano e 1 (0,36%) protestante. Esta ideia foi amplamente difundida já na Patrística e ainda persiste na atualidade.

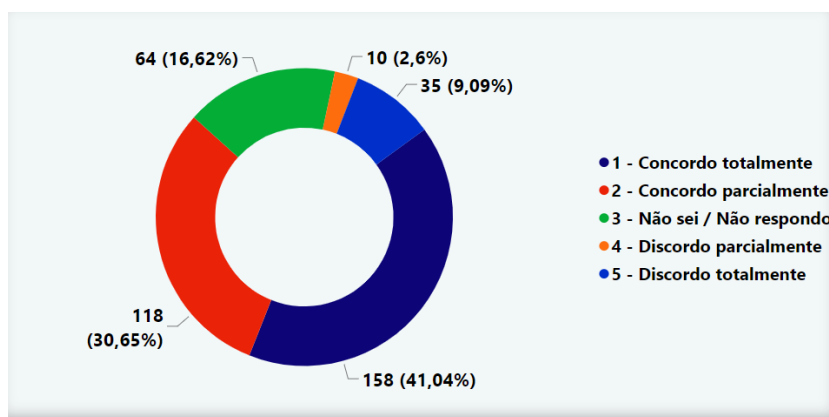


Figura 23 - Q15.2: O anjo é uma criatura de Deus, tem missão de Louvar a Deus e proteger os seres humanos.

De seguida, na afirmação Q15.3: são os anjos que orientam o ser humano, 74 (19,22%) concordam totalmente com a afirmação; a maioria 109 (28,31%) concorda parcialmente; 91 (23,64%) não sabem ou não respondem; 40 (10,39%) discordam parcialmente e 71 (18,44%) discordam totalmente. É visível, a partir da figura 24, que apesar de um grande número de

⁶³³ Cf Anexo 23.

participantes assumirem não saber ou não responder, a grande maioria concorda total e parcialmente. Deste painel,⁶³⁴ percebemos que a maioria dos católicos concorda total ou parcialmente com a afirmação, porém, um número significativo discorda parcialmente (33 / 9,97%) ou totalmente (45 / 13,60%).

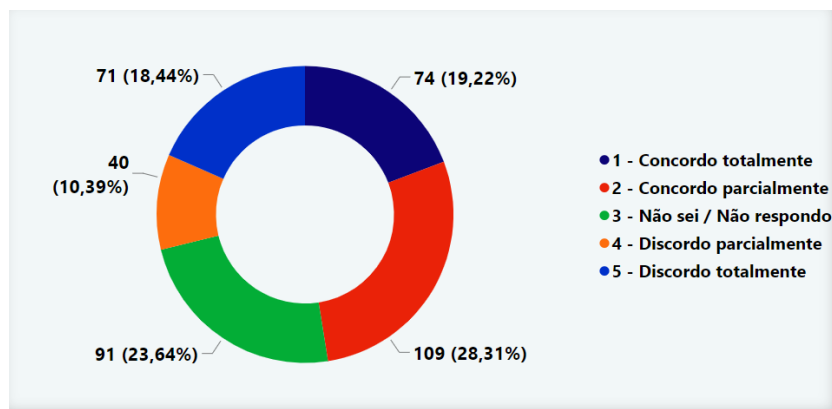


Figura 24 - Q15.3: São os anjos que orientam o ser humano.

Num painel criado para esta análise,⁶³⁵ aplicamos o filtro católico (Q10) com não acreditam que existem anjos (Q11) e, podemos então verificar que apenas 1 (4%) concorda totalmente que são os anjos que orientam o ser humano; 1 (4%) concorda parcialmente; 6 (24%) não sabem ou não respondem; 1 (4%) discorda parcialmente e 16 (64%) discordam totalmente da afirmação.

Com filtro dos católicos (Q10) associado aos que acreditam que existem anjos (Q11) verificamos que 66 (28,44%) concordam totalmente com a afirmação Q15.3; 84 (36,20%) concordam parcialmente; 41 (17,66%) não sabem ou não respondem; 23 (9,95%) discordam parcialmente e 18 (7,75%) discordam totalmente.

A partir da figura 25 visualizamos a afirmação Q16.1: a função principal dos anjos é louvar e contemplar Deus. 105 (27,27%) participantes concordam totalmente com a afirmação; 102 (26,49%) concordam parcialmente; 97 (25,19%) não sabem ou não respondem; 40 (10,39%) discordam parcialmente e 41 (10,65%) discordam totalmente.

⁶³⁴ Cf Anexo 25.

⁶³⁵ Cf Anexo 24.

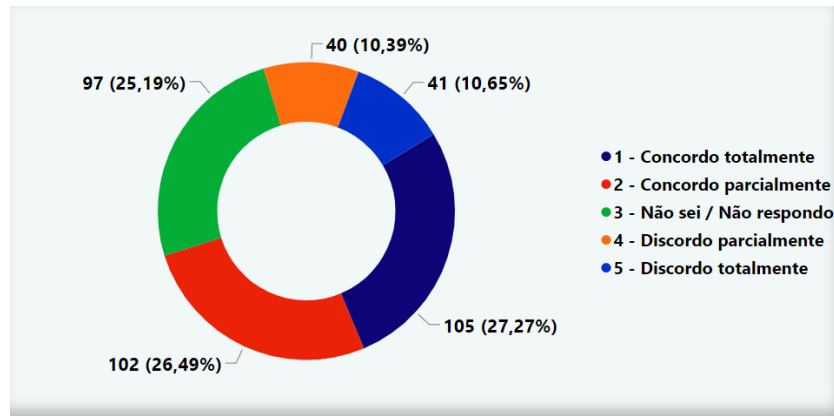


Figura 25 - Q16.1: A função principal dos anjos é louvar e contemplar Deus.

A partir do painel de visualização,⁶³⁶ dos que concordam totalmente com a afirmação (105), 100 (95,24%) são católicos; 2 (1,91%) sem religião; 1 (0,95%) outra cristã, 1 (0,95%) evangélico e 1 (0,95%) protestante. Dos que concordam parcialmente (102), 94 (92,16%) são católicos; 3 (2,94%) sem religião; 2 (1,96%) ateus; 2 (1,96%) outra não cristã e 1 (0,98%) muçulmano. Daqueles que não sabem ou não respondem (97), 78 (80,42%) são católicos; 15 (15,46%) sem religião; 2 (2,06%) ateus; 1 (1,03%) outra cristã e 1 (1,03%) evangélico. Dos que discordam parcialmente (40), 37 (92,50%) são católicos, 2 (5%) sem religião e 1 (2,50%) ateu. Finalmente, daqueles que discordam totalmente (41), 22 (53,66%) são católicos; 9 (21,95%) ateus; 8 (19,52%) sem religião; 1 (2,44%) hindu e 1 (2,44%) outra não cristã.

Filtrando pelos católicos, uma grande maioria concorda total ou parcial (194 / 58,51%) com a afirmação, porém um grande número de católicos não sabe ou não responde (78 / 23,56%) e um número significativo de católicos discorda total e parcialmente (59 / 17,83%) da afirmação.

Para a afirmação Q16.2: os anjos são servos de Deus, a figura 26 demonstram que 148 (38,44%) concordam totalmente com a afirmação; 90 (23,38%) concordam parcialmente; 88 (22,86%) não sabem ou não respondem; 19 (4,94%) discordam parcialmente e 40 (10,39%) discordam totalmente.

⁶³⁶ Cf Anexo 26.

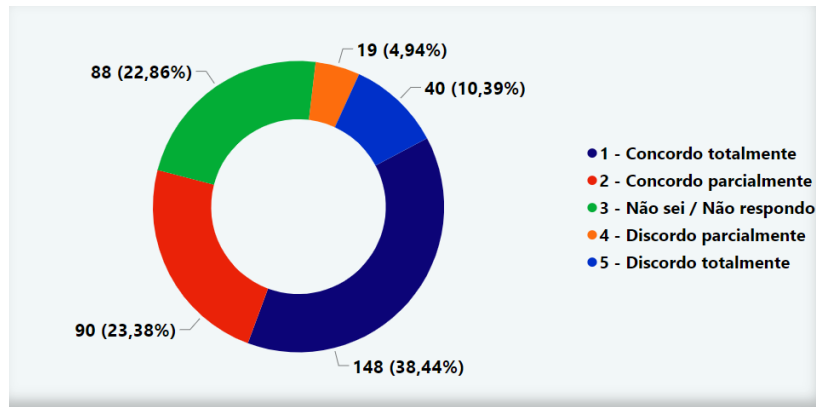


Figura 26 - Q16.2: Os anjos são servos de Deus.

Na afirmação seguinte, Q16.3: os anjos têm algum tipo de corpo material, verifica-se que 27 (7,01%) participantes concordam totalmente com a afirmação; 52 (13,51%) concordam parcialmente; 127 (32,99%) não sabem ou não respondem; 39 (10,13%) discordam parcialmente e 140 (36,36%) discordam totalmente. Relembremos que a questão da corporeidade, desde os tempos antigos, nunca reuniu consenso.

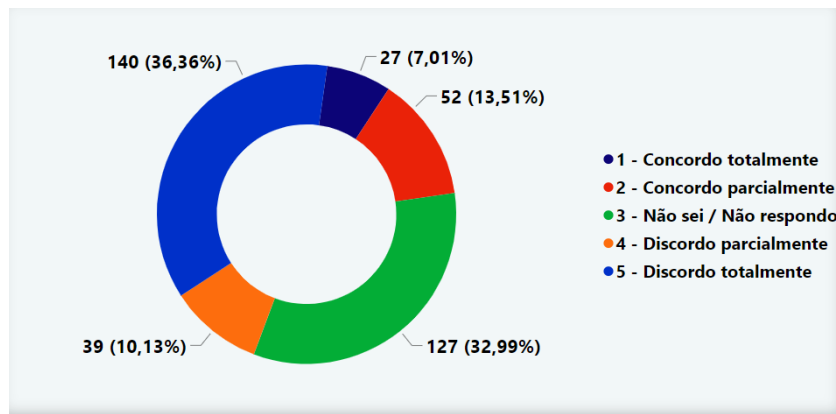


Figura 27 - Q16.3: Os anjos têm algum tipo de corpo material.

Para a afirmação Q17.1: os anjos têm um mundo próprio, que é o céu, a figura 28 permite perceber que 87 (22,60%) participantes concordam totalmente com a afirmação; 104 (27,01%) concordam parcialmente; 111 (28,83%) não sabem ou não respondem; 29 (7,53%) discordam parcialmente e 54 (14,03%) discordam totalmente. Para esta afirmação seria necessário perceber o que os participantes entendem por céu, por mundo e até pela realidade em si.

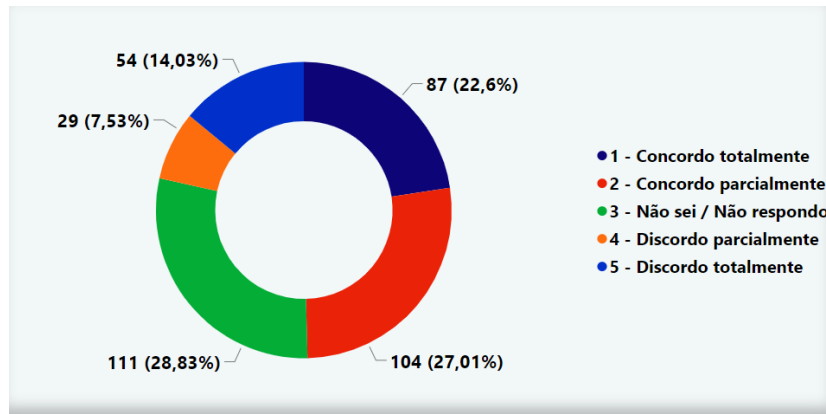


Figura 28 - Q17.1: Os anjos têm um mundo próprio, que é o céu.

Na figura seguinte, podemos verificar os dados da afirmação Q17.2: a realidade cósmica é uma só. Por isso, céu e terra são dimensões de uma só realidade. O visível e o invisível pertencem à mesma realidade.

Mesmo com um vocabulário específico da teologia, verificamos que 118 (30,65%) dos participantes concordam totalmente com a afirmação; 93 (24,16%) concordam parcialmente; 99 (25,71%) não sabem ou não respondem; 28 (7,27%) discordam parcialmente e 47 (12,21%) discordam totalmente.

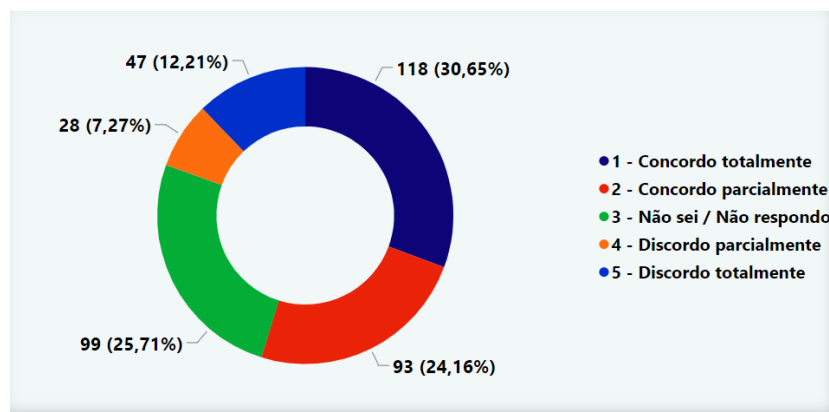


Figura 29 - Q17.2: A realidade cósmica é uma só. Por isso, céu e terra são dimensões de uma só realidade. O visível e o invisível pertencem à mesma realidade.

A figura 30 revela que, quanto à afirmação Q17.2: acreditar em anjos é ser ignorante e supersticioso, 9 (2,34%) concordam totalmente com a afirmação; 27 (7,01%) concordam parcialmente; 45 (11,69%) não sabem ou não respondem; 63 (16,36%) discordam parcialmente e, a maioria, 241 (63,60%) discordam totalmente da afirmação.

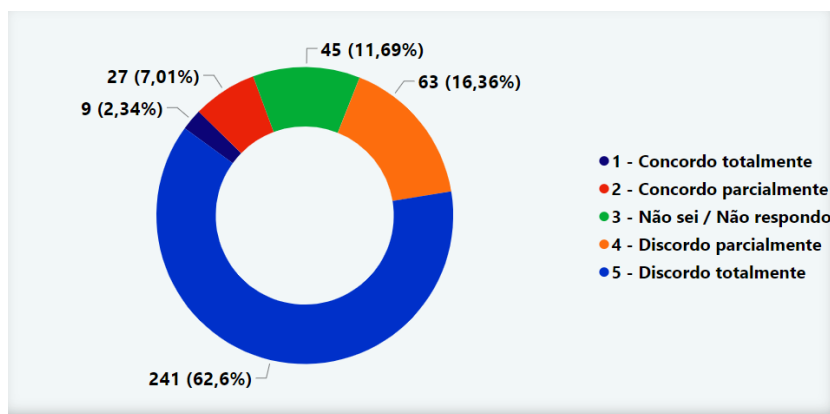


Figura 30 - Q17.3: Acreditar em anjos é ser ignorante e supersticioso.

De acordo com o painel de visualização,⁶³⁷ dos que concordam totalmente com a afirmação, 6 (66,67%) são católicos; 2 (22,22%) ateus e 1 (11,11%) sem religião. Daqueles que concordam parcialmente com a afirmação, 19 (70,37%) são católicos; 5 (18,52%) ateus e 3 (11,11%) sem religião. Dos participantes que não sabem nem respondem, 40 (88,89%) são católicos, 4 (8,89%) sem religião e 1 (2,22%) evangélico. Daqueles que discordam parcialmente da afirmação, 53 (84,12%) são católicos; 8 (12,70%) sem religião; 1 (1,59%) outra cristã e 1 (1,59%) protestante. Por fim, dos que discordam totalmente, 213 (88,38%) são católicos, 14 (5,80%) sem religião; 7 (2,90%) ateus; 3 (1,24%) outra cristã; 1 (0,42%) evangélico; 1 (0,42%) hindu; 1 (0,42%) muçulmano e 1 (0,42%) outra cristã.

Num outro painel criado para esta análise,⁶³⁸ daqueles que concordam total e parcialmente com a afirmação (36), ou seja, que acreditar em anjos é ser ignorante e supersticioso, 19 (52,78%) acreditam na existência de anjos; 13 (36,11%) não acreditam na existência de anjos e 4 (11,11%) assumem que talvez existam anjos.

Na figura 31, referente à afirmação Q17.4: se algo mau acontece à pessoa, significa que o seu anjo da guarda falhou, verificamos que 4 (1,04%) participantes concordam totalmente com a afirmação; 36 (6,75%) concordam parcialmente; 49 (12,73%) não sabem ou não respondem; 63 (16,10%) discordam parcialmente e 244 (63,38%) discordam totalmente. Estes dados podem ser confirmados ao verificar se os participantes atribuem as suas responsabilidades aos anjos na próxima afirmação.

⁶³⁷ Cf Anexo 27.

⁶³⁸ Cf Anexo 28.

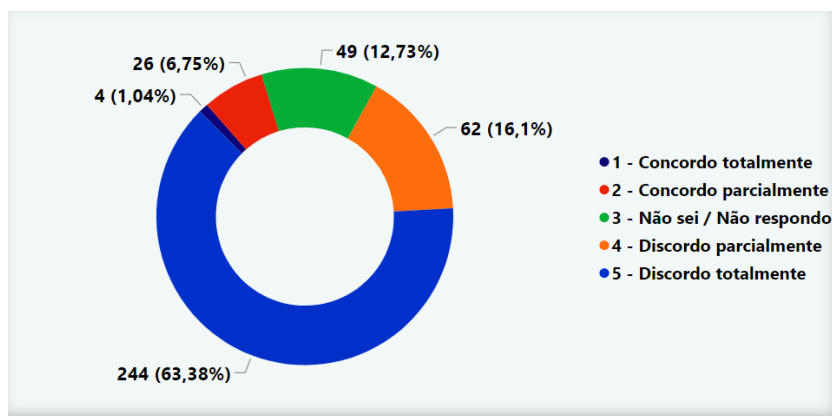


Figura 31 - Q17.4: Se algo mau acontece à pessoa, significa que o seu anjo da guarda falhou.

Assim, na afirmação Q18.1: o ser humano atribui as suas próprias responsabilidades para os anjos, como forma de evitar as suas obrigações, podemos visualizar que, através da figura 32, 37 (9,61%) concordam totalmente com a afirmação; 112 (29,09%) concordam parcialmente; 63 (16,36%) não sabem ou não respondem; 58 (15,06%) discordam parcialmente e 115 (29,87%) discordam totalmente. Apesar da maioria se encontrar na posição de discordar total e parcial da afirmação, não existe uma diferença significativa entre a posição de discordar total e parcial e a posição de concordar total e parcial.

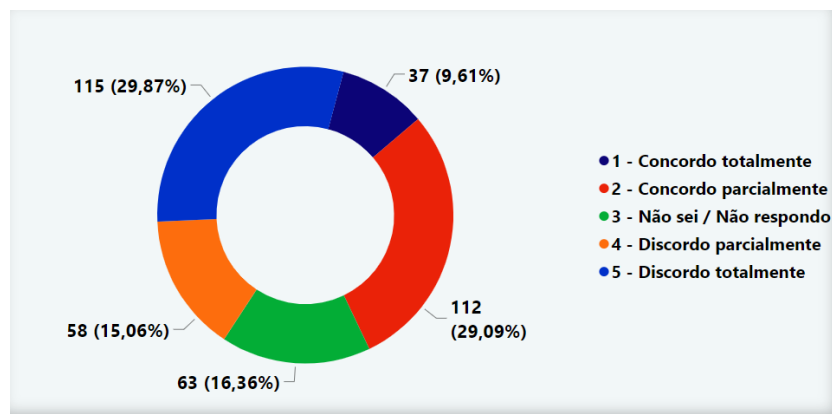


Figura 32 - Q18.1: O ser humano atribui as suas próprias responsabilidades para os anjos, como forma de evitar as suas obrigações.

Num painel de visualização criado para o efeito,⁶³⁹ ao filtrar pelos participantes que concordam total e parcialmente com a afirmação Q13.2: todos os seres humanos têm um anjo da guarda, verificamos que, relativamente à afirmação Q17.4: se algo mau acontece à pessoa, significa que o seu anjo da guarda falhou, a grande maioria discorda total e parcial (270 /

⁶³⁹ Cf Anexo 29.

81,48%) desta afirmação. Usando o mesmo filtro, mas em relação à afirmação Q18.1: o ser humano atribui as suas próprias responsabilidades para os anjos, como forma de evitar as suas obrigações, entende-se que, novamente, não há uma diferença relevante entre a posição de discordar total e parcialmente da posição de concordar total e parcial desta afirmação.

De modo similar reage o painel ao filtrar a afirmação Q13.2 pela posição de discordar total ou parcialmente da afirmação.

Estes dados coincidem com os elementos estudados na piedade e religiosidade popular. Não muito raro, se vê práticas e devoções com intuitos um pouco utilitaristas, um meio de conseguir uma graça solucionadora de uma crise particular. Também não raro se vê uma simples atitude de gratidão pelo dom da vida, não se atribuindo responsabilidades ou exigências para com uma entidade divina.

A partir da figura 33, percebe-se que, na afirmação Q18.2: é responsabilidade do anjo, a boa ou a má orientação do ser humano, 5 (1,3%) concordam totalmente com a afirmação; 29 (7,53%) concordam parcialmente; 67 (17,40%) não sabem ou não respondem; 69 (17,92%) discordam parcialmente e 215 (55,84%) discordam totalmente da afirmação. Os resultados desta afirmação segue a mesma linha de reflexão das afirmações anteriores.

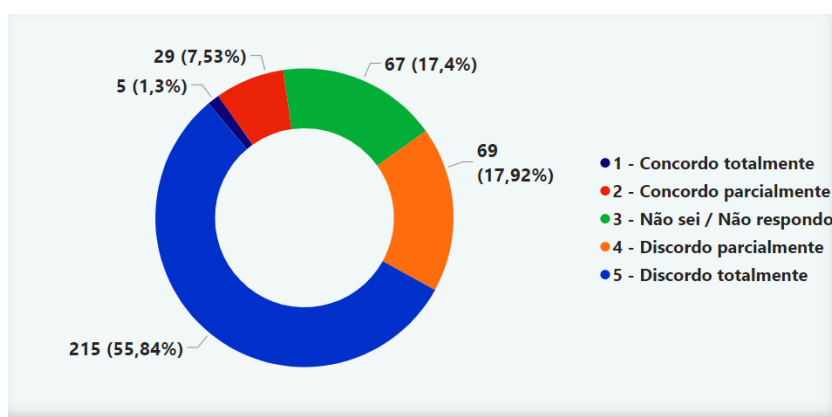


Figura 33 - Q18.2: É responsabilidade do anjo a boa ou má orientação do ser humano.

Na afirmação seguinte, Q18.3: Cristo superou os anjos, é possível verificar que, a partir a figura 34, 123 (31,95%) concordam totalmente com a afirmação; 39 (10,13%) concordam parcialmente; 155 (40,26%) não sabem ou não respondem; 15 (3,9%) discordam parcialmente e 53 (13,77%) discordam totalmente.

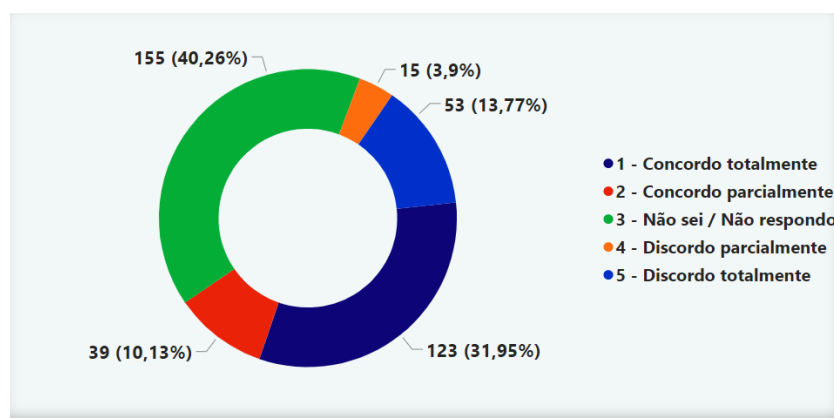


Figura 34 - Q18.3: Cristo superou os anjos.

No painel de visualização,⁶⁴⁰ percebemos que dos que concordam totalmente, 115 (93,50%) são católicos; 4 (3,25%) sem religião; 2 (1,63%) evangélicos, 1 (0,81%) outra cristã e 1 (0,81%) protestante. São majoritariamente casados (71 / 57,72%) e com filhos (92 / 74,80%). Os participantes são majoritariamente população ativa (95,94%) e do género feminino (75 / 60,97%). O nível de escolaridade é, em maioria, superior (69,91%).

Quanto àqueles que concordam parcialmente com a afirmação, percebemos que 35 (89,75%) são católicos; 2 (5,13%) outra cristã; 1 (2,56%) sem religião e 1 (2,56%) ateu. Possuem um nível de escolaridade elevado (53,84%); pertencem, majoritariamente, à população ativa profissionalmente (97,44%) e, do mesmo modo, casados (25 / 64,10%) e com filhos (28 / 71,80%).

Dos que manifestam não saber ou não responder, verificamos que 133 (85,80%) são católicos; 18 (11,62%) sem religião; 3 (1,94%) ateus e 1 (0,64%) muçulmano. Também na sua grande maioria pertencem à população ativa (99,35%), casados (55,48%), com filhos (65,81%) e do género feminino (78,06%). O nível de escolaridade apresenta-se superior.

De entre os que discordam parcialmente da afirmação, 14 (9,33%) são católicos e 1 (6,67%) outra cristã. Dos que discordam totalmente da afirmação, 34 (64,15%) são católicos; 10 (18,86%) ateus; 7 (13,21%) sem religião; 1 (1,89%) hindu e 1 (1,89%) outra não cristã. A escolaridade é de nível superior (66,03%), majoritariamente casados (43,40%), com filhos (60,38%) e do género feminino (71,70%).

⁶⁴⁰ Cf Anexo 30.

Incidimos agora o foco naqueles que manifestam não saber ou não responder a esta afirmação, pois é a opção mais selecionada.

Esta afirmação encerra em si temas complexos e termos que, não sendo compreendidos e corretamente interpretados, podem deturpar o entendimento dos dados. Cristo superou os anjos, ou seja, Cristo é superior aos anjos, principalmente no que diz respeito ao seu modo de mediação de Deus. Não sendo propriamente termos ou expressões amplamente trabalhadas, explicadas ou ensinadas fora do ambiente teológico, poderá ser a razão, pela qual a opção mais selecionada seja a de não saber ou não responder, inclusive por uma maioria católica.

Pela figura 35, na afirmação Q18.4: quando acontece algo mau, parte da culpa é de forças e energias sobrenaturais e invisíveis, verificamos que 17 (4,42%) concordam totalmente com a afirmação; 57 (14,81%) concordam parcialmente; 79 (20,52%) não sabem ou não respondem; 64 (16,62%) discordam parcialmente e, a grande maioria, 168 (43,64%) discordam totalmente.

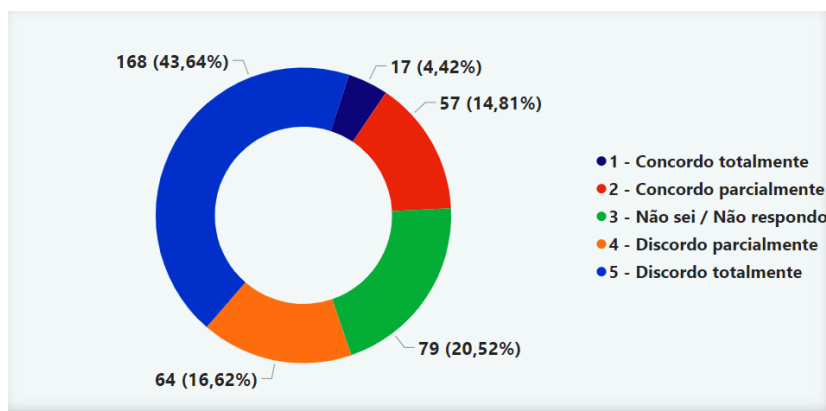


Figura 35 - Q18.4: Quando acontece algo mau, parte da culpa é de forças e energias sobrenaturais e invisíveis.

Na afirmação seguinte, Q19.1: quando se escuta o que o anjo diz, é Deus que fala e está a ser escutado, podemos visualizar através da figura 36 que 115 (29,87%) participantes concordam totalmente com a afirmação; 106 (27,53%) concordam parcialmente; 112 (29,09%) não sabem ou não respondem; 15 (3,9%) discordam parcialmente e 37 (9,61%) discordam totalmente.

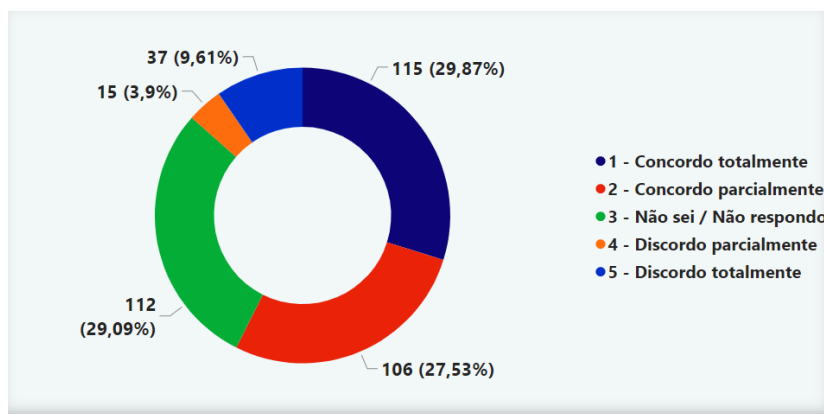


Figura 36 - Q19.1: Quando se escuta o que o anjo diz, é Deus que fala e está a ser escutado.

A partir da figura 37 podemos visualizar os dados da afirmação Q19.2: o anjo é uma força, uma energia que assiste e protege os seres humanos. Percebemos, então, que 149 (38,70%) participantes concordam totalmente com a afirmação; 128 (33,25%) concordam parcialmente; 60 (15,58%) não sabem ou não respondem; 8 (2,08%) discordam parcialmente e 40 (10,39%) discordam totalmente.

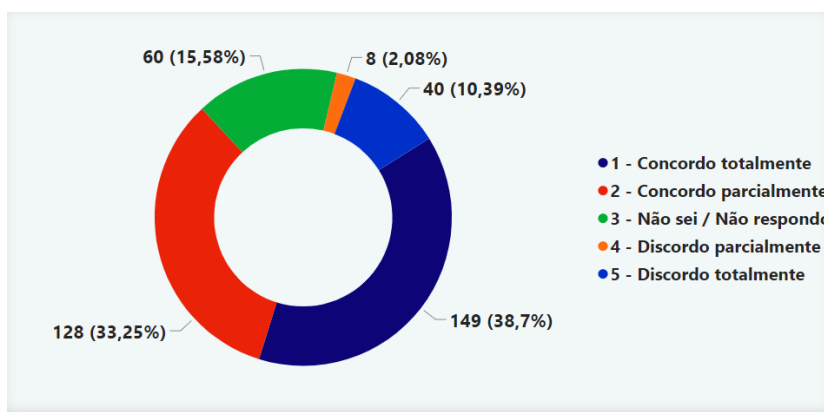


Figura 37 - Q19.2: O anjo é uma força, uma energia que assiste e protege os seres humanos.

Num painel de visualização criado para esta análise,⁶⁴¹ comparamos a partir da variável da religião as afirmações Q13.1, Q13.2 e Q19.2. Ao colocar o filtro a partir dos católicos, delimitamos na Q13.2 aos que discordam total e parcial (35), então, na Q19.2, 3 (8,57%) concordam totalmente; 6 (17,14%) concordam parcialmente; 6 (17,14%) não sabem ou não respondem; 3 (8,57%) discordam parcialmente e 17 (48,58%) discordam totalmente.

Então, os católicos que discordam total e parcial de que todos os seres humanos têm um anjo da guarda, maioritariamente, discordam total ou parcial que o anjo seja uma força e energia

⁶⁴¹ Cf Anexo 31.

que assiste e protege os seres humanos. Porém, um número significativo assume que os anjos são uma força e energia que assiste e protege os seres humanos, apesar de não serem que todos os seres humanos têm um anjo da guarda.

Do mesmo modo, ao colocar o filtro a partir dos católicos e delimitando na Q13.1 aos que discordam total e parcialmente (38) da afirmação, então, na Q19.2, 4 (10,53%) concordam totalmente; 5 (13,16%) concordam parcialmente; 9 (23,68%) não sabem ou não respondem; 3 (7,89%) discordam parcialmente e 17 (44,74%) discordam totalmente.

Assim, percebe-se que dos que discordam total ou parcial que o anjo intervém na vida do ser humano, discordem, em maioria, total ou parcialmente que o anjo seja uma força e energia que assiste os seres humanos. No entanto, um número significativo destes participantes assume, apesar de discordarem de que o anjo intervenha na vida do ser humano, que o anjo é uma força e energia que assiste e protege os seres humanos.

Para a afirmação Q19.3: Cristo é o Senhor dos anjos, podemos visualizar, através da figura 38, que 149 (38,70%) participantes concordam totalmente com a afirmação; 76 (19,74%) concordam parcialmente; 114 (29,61%) não sabem ou não respondem; 9 (2,34%) discordam parcialmente e 37 (9,61%) discordam totalmente da afirmação.

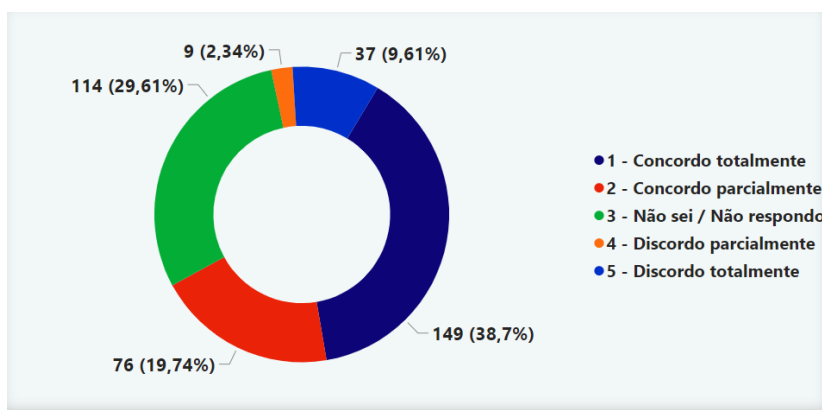


Figura 38 - Q19.3: Cristo é o Senhor dos anjos.

A partir do painel de visualização,⁶⁴² dos que concordam totalmente com a afirmação, 142 (95,31%) são católicos; 3 (2,01%) sem religião; 2 (1,34%) evangélicos; 1 (0,67%) outra cristã e 1 (0,67%) protestante. Daqueles que concordam parcialmente, 70 (92,11%) são católicos; 3 (3,95%) outra cristã; 2 (2,63%) sem religião e 1 (1,31%) ateu.

⁶⁴² Cf Anexo 32.

Por fim, a última afirmação de escala Likert, Q19.4: existem nove ordens angélicas, sendo os anjos a ordem inferior. Analisando a figura 39, podemos constatar que 25 (6,49%) participantes concordam totalmente com a afirmação; 24 (6,23%) concordam parcialmente; 264 (68,57%) não sabem ou não respondem; 14 (3,64%) discordam parcialmente e 58 (15,06%) discorda totalmente da afirmação.

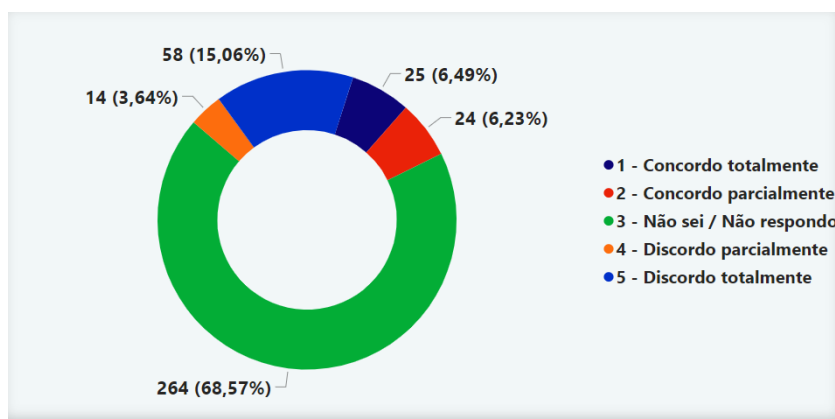


Figura 39 - Q19.4: Existem nove ordens angélicas, sendo os anjos a ordem inferior.

Se considerarmos que fora das esferas de reflexão teológica, não há nenhuma abordagem esclarecedora sobre o tema dos anjos, os dados não parecem ser surpreendentes. A grande maioria dos participantes desconhece a reflexão sobre a hierarquia, cujo grande influenciador foi Pseudo-Dionísio, na época antiga. Ao desconhecer a reflexão sobre a hierarquia, mais estranho soa, ou mesmo paradoxal, quando se diz que os anjos são a ordem inferior, pois uma grande parte dos participantes assume que os anjos são criaturas puramente espirituais e imortais ou que são uma força ou energia superior.

Focando apenas nos católicos, a partir do painel de visualização,⁶⁴³ 23 (6,95%) concorda totalmente com a afirmação; 23 (6,95%) concorda parcialmente; 236 (71,30%) não sabem ou não respondem; 11 (3,32%) discordam parcialmente e 38 (11,48%) discordam totalmente da afirmação. A grande maioria, pode-se dizer que desconhece a reflexão que está implícita na afirmação. Mesmo o Catecismo da Igreja Católica não aborda esta questão, faz apenas uma menção aos tronos, principados e dominações (Cf CCE331).

⁶⁴³ Cf Anexo 33.

3.3.4. Análise de dados acerca das práticas relativas aos anjos

Faremos então, agora, a análise das práticas pelas quais é manifestada a crença e fé na existência de anjos. Nesta questão, solicitava-se aos participantes que selecionassem, entre várias opções, as que já praticaram. Como é uma questão que permitia selecionar mais que uma opção, é natural que os valores não coincidam com o valor absoluto de respostas ao inquérito.

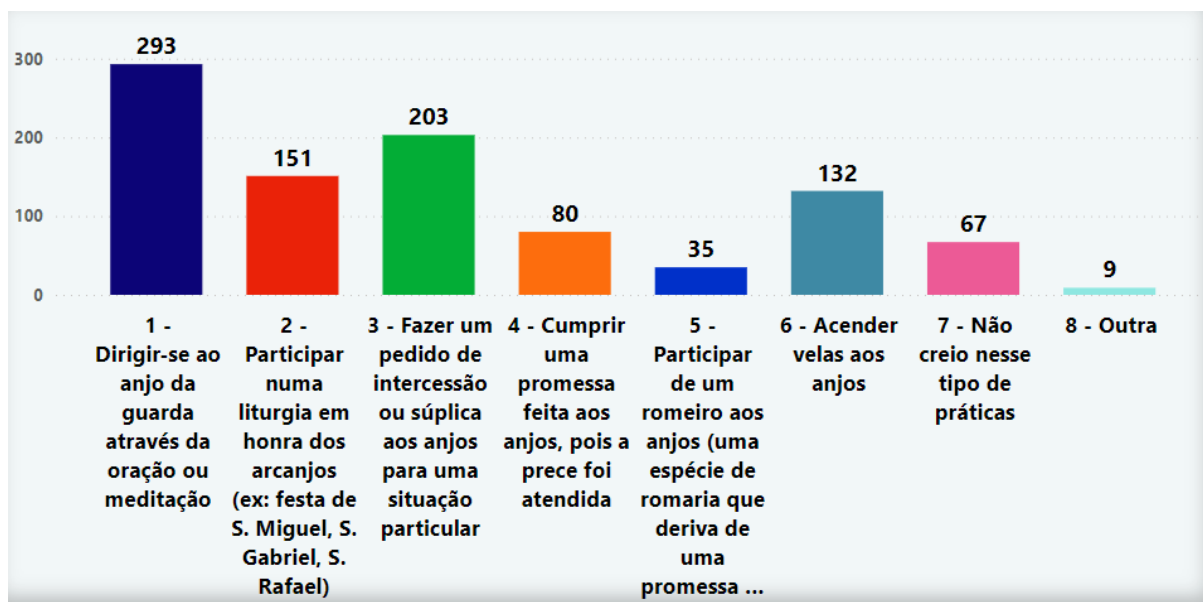


Figura 40 – Q20: Práticas que já tenham sido realizadas alguma vez.

Nesse caso, 293 (76,10%) dos participantes selecionaram a opção 1 – dirigir-se ao anjo da guarda através da oração ou meditação; 151 (39,22%) optaram pela 2 – participar numa liturgia em honra dos arcanjos (ex: festa de S. Miguel, S. Gabriel, S. Rafael); 203 (52,72%) participantes escolheram a opção 3 – fazer um pedido de intercessão ou súplica aos anjos para uma situação particular; 80 (20,78%) marcaram a opção 4 – cumprir uma promessa feita aos anjos, pois a prece foi atendida; 35 (9,09%) selecionaram a opção 5 – participar de um romeiro aos anjos (uma espécie de romaria que deriva de uma promessa particular e outras pessoas são convidadas a participar, cantando e rezando até chegarem ao local de destino); 132 (34,29%) participantes optaram pela opção 6 – acender velas aos anjos; 67 (17,40%) selecionaram a opção 7 – não creio nesse tipo de práticas e, finalmente, 9 (2,34%) escolheram a opção 8 – outra. Destes últimos, como se pode verificar no anexo 34, em grande maioria, as informações deixadas por quem escolheu esta opção dificilmente se enquadram no tema da questão, que são as práticas de devoção relativas aos anjos.

Utilizando o painel de visualização,⁶⁴⁴ a análise será delimitada pela variável religião, assim, selecionamos os que se posicionam numa religião ou sistema de crenças – católico, sem religião, outra cristã, evangélico, hindu, muçulmano, outra não cristã e protestante – e os que se posicionam como não pertencentes a nenhuma religião ou sistemas de crenças – sem religião e ateu.

Começando, então, pelos que se declaram como pertencentes a uma religião ou sistema de crenças, são 341 participantes. São apenas 38 (11,14%) os que não creem neste tipo de práticas; a grande maioria situa-se na opção 1 (280 / 82,11%), seguida da opção 3 (193 / 56,60%) e opção 2 (148 / 43,40%).

Quanto aos que não pertencem a nenhuma religião ou sistema de crenças, são 44 participantes e a maioria situa-se na opção 7 (29 / 65,90%), de seguida a opção 1 (13 / 29,55%) e a opção 3 (10 / 22,72%).

Restringindo o filtro aos ateus, 14 participantes, 13 selecionaram a opção 7: não creio nesse tipo de prática; 2 escolheram, pelo menos, a opção 1: dirigir-se ao anjo da guarda através da oração ou meditação; 1 selecionou a opção 3: fazer um pedido de intercessão ou súplica aos anjos para uma situação particular e, ainda, 1 escolheu a opção 6: acender velas aos anjos.

Apesar de um grande número de participantes selecionar as opções 2, 5 e 6, que implica necessariamente uma exteriorização da sua crença, a maioria optou pelas opções 1 e 3 que, ao invés de exigir exteriorização, é mais um sinal de uma crença do foro íntimo.

Usando um outro painel de visualização,⁶⁴⁵ ao filtrar pela Q11, os que acreditam que existem anjos (247), 231 (93,52%) participantes selecionaram a opção 1 da Q20; 123 (49,80%) a opção 2; 159 (64,37%) a opção 3; 65 (26,32%) a opção 4; 27 (10,93%) a opção 5; 110 (44,53%) a opção 6; 4 (1,62%) a opção 7 e 6 (2,43%) a opção 8.

A partir dos que assumem que talvez existam anjos (90), 53 (58,88%) participantes selecionaram a opção 1 da Q20; 24 (26,67%) escolheram a opção 2; 41 (45,55%) a opção 3; 14 (15,55%) a opção 4; 7 (7,78%) a opção 5; 20 (22,22%) a opção 6; 21 (23,33%) a opção 7 e 3 (3,33%) a opção 8.

⁶⁴⁴ Cf Anexo 35.

⁶⁴⁵ Cf Anexo 38.

Já dos que não acreditam que existem anjos (48), 9 (18,75%) selecionaram a opção 1 da Q20; 4 (8,33%) escolheram a opção 2; 3 (6,25%) a opção 3; 1 (2,08%) a opção 4; 1 (2,08%) a opção 5; 2 (4,17%) a opção 6; 42 (87,50%) a opção 7 e nenhum participante selecionou a opção 8.

Desta visualização podemos compreender as práticas dos crentes assim como dos não crentes. Quanto aos crentes, apesar de a maioria revelar práticas inerentes à crença, um número significativo revela não crer neste tipo de práticas. Quanto aos não crentes, que não acreditam na existência de anjos, apesar de a maioria assumir não crer também nas práticas, existem, porém, de entre os não crentes, os que realizam algumas práticas.

A partir da figura 41 verificamos que 287 (74,55%) participantes preferem a oração ou meditação pessoal, mais íntima e isolada de uma multidão; 54 (14,03%) preferem orar ou meditar em comunidade; 25 (6,49%) participantes manifestam que não acreditam na oração ou meditação; 19 (4,93%) selecionaram a opção outra. Destes últimos, podemos verificar no anexo 36 que, a maioria, não dá preferência à oração ou meditação pessoal ou em comunidade pois, para eles, ambas são complementares e necessitam uma da outra.

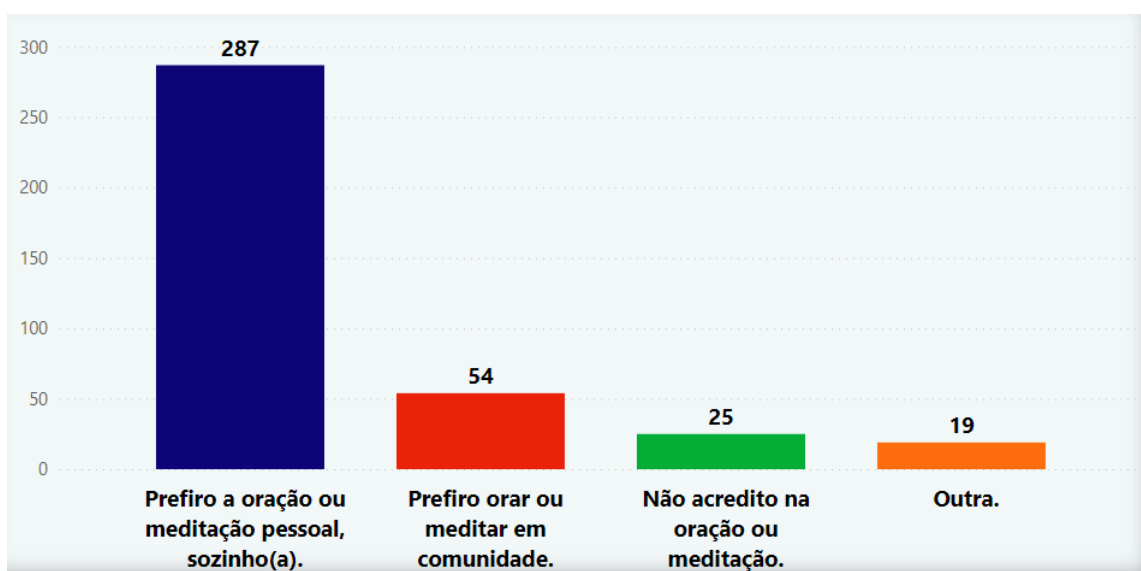


Figura 41 - Q21: Oração

O facto de a maioria preferir a oração ou meditação pessoal íntima em conexão com o facto de maioritariamente se dirigirem ao anjo através da meditação e oração, como prática de devoção, pode sugerir que, maioritariamente, as manifestações de crença e fé na existência de anjos se referem, essencialmente, à intimidade de cada crente.

3.3.5. *Análise de dados da questão aberta: experiência com os anjos*

Esta era uma questão aberta para que cada um se pudesse expressar livremente, tendo sido questionado se tiveram alguma experiência com um anjo e, se sim, se a poderiam partilhar. Todas as respostas estão disponíveis para consulta no anexo 37.

Com algumas respostas negativas e outras que não se enquadram propriamente na questão, a maioria dos relatos revela particularidades, vivências, que poderão trazer mais informações para esta análise.

Então, sendo mais específicos, algumas respostas simplesmente revelam que não tiveram experiência com os anjos, mas que gostariam de ter e ainda que, apesar de não ter havido a experiência, solicitam a sua proteção. «Gostava de ter»; «Não tive, só peço sempre que proteja meus filhos».

Numa grande parte dos relatos, os participantes sentem-se protegidos, acompanhados e auxiliados pelos anjos. «É mais uma intuição, um sentimento de que alguém está a velar por nós...»; «Sim já senti a presença de anjos a guiarem-me ou a darem-me conselhos»; «Acredito na providência divina e que os anjos nos acompanham. A Sagrada Escritura nos mostra isso mesmo e no dia a dia é possível perceber esta presença!».

Cada experiência é única havendo, inclusive, quem não a consiga sequer explicar. «Já tive, mas creio que não seja possível explicá-la por escrito»; «Senti energia e uma presença que não sei explicar».

Alguns participantes descrevem sonhos com anjos:

Uma série de anjos apareceram em meu sonho, falando em Árabe diferente do que eu conhecia, depois conversei com um especialista da minha religião (o islam) que disse que eram anjos. No sonho os anjos estavam em um jardim e eles estavam recitando frases e em fila até chegar em uma certa luz, um ou dois anjos chegaram bem perto e me tocaram. Outra situação foi onde senti o peso dos anjos na energia em volta.

E ainda:

Um sonho/vislumbre/visão quando estava internada e ligada a várias máquinas. Sonhei estar numa outra dimensão à procura de uma determinada rua/prça (lugar real a partir do qual se desenrolou o sonho) e encontrar uma figura, semelhante a um humano, que me indicou o caminho de volta à dimensão terrena/à vida.

A maioria das experiências relatadas evidenciam particulares intervenções dos anjos reconhecidas como graças recebidas em momentos específicos de sofrimento, aflição ou necessidade.

Outros relatos evidenciam a transmissão de valores entre gerações:

Por influência materna, cresci a acreditar, sem nunca ter tido a ocasião de racionalizar esse processo, que um anjo da guarda (a que rezava em pequena, e que de alguma forma associa ao espírito de um familiar falecido antes de eu nascer) acompanha os meus momentos todos. De alguma forma continuo a incluir essa intuição mística nas minhas vivências íntimas, e nas acções de graças que dou tendo a incluí-lo. Mas não sei explicar de forma mais clara o processo de vinculação que implica esta minha convicção.

E ainda respostas com terminologia e ideias características das correntes New Age:

Pela minha experiência, acho que não só existem os anjos bíblicos, pelos quais tenho enorme respeito e adoração, especialmente S. MIGUEL Arcanjo. Mas também os que Deus coloca no nosso caminho, eu chamo-lhes "os anjos do nosso tempo". Que nos ajudam em momentos difíceis e por algum motivo foram colocados no nosso caminho. Nada acontece por acaso e Deus "usa" a humanidade para chegar ao coração de cada pessoa de forma a "curar" a sua alma, pois o nosso corpo não é nada mais que a embalagem da nossa alma, essa sim precisa de estar em sintonia com o ser superior queiram as pessoas chamá-lo de Deus ou outro nome, mas ele é superior, é a força que rege o universo, é a energia positiva que precisamos para seguir e cumprir a missão que nos foi confiada enquanto seres terrestres.

3.4. Inteligência Artificial: à conversa com o ChatGPT

Introduzimos neste capítulo, ainda que, de um certo modo disruptivo para o tema, o tópico da Inteligência Artificial (I.A.). Nos dias que correm, com a evolução tecnológica, em especial o desenvolvimento e progresso da I.A., as formas de experimentar o mundo, ver o mundo, estão a mudar. O ser humano vive com a tecnologia. Apesar de ser apenas uma ferramenta tecnológica, são inúmeras as suas aplicações.

A Igreja também se manifesta quando o assunto se refere às tecnologias⁶⁴⁶ e neste caso específico, a 10 de Janeiro de 2023 foi assinado o documento *Rome Call for AI Ethics*.⁶⁴⁷ Evento que juntou representantes das grandes religiões, Cristianismo, Islamismo e Judaísmo, assim como grandes grupos da tecnologia, Microsoft, IBM e FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura).⁶⁴⁸ A atenção da Igreja para com as tecnologias deriva do facto de que «todos sabemos o quanto a inteligência artificial está cada vez mais presente em todos os aspetos da vida cotidiana, tanto pessoal quanto social. Ela incide na nossa maneira de entender o mundo e a nós mesmos. As inovações neste campo fazem com que esses

⁶⁴⁶ Cf Guilherme Gomes, «Conselheiro do Papa fala sobre inteligência artificial dentro da Igreja», A12, acedido 11 de Janeiro de 2023, <https://www.a12.com/redacaoa12/santo-padre/conselheiro-do-papa-fala-sobre-inteligencia-artificial-dentro-da-igreja>.

⁶⁴⁷ Cf «Inteligência artificial: religiões abraâmicas assinarão documento no Vaticano», Vatican News, acedido 11 de Janeiro de 2023, <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-01/vaticano-al-ethics-academia-vida-inteligencia-artificial.html>.

⁶⁴⁸ Cf «Inteligência artificial: religiões abraâmicas assinarão documento no Vaticano».

instrumentos sejam cada vez mais decisivos na atividade e até mesmo nas decisões humanas», diz o Papa Francisco.⁶⁴⁹

As constantes inovações permitem uma gigantesca diversidade de aplicabilidade da tecnologia. Por exemplo, este ano 2023, pela primeira vez um réu será defendido em tribunal por uma aplicação de inteligência artificial.⁶⁵⁰ A tecnologia já era utilizada, como recurso, pelas equipas de advocacia, mas nunca um réu dependia totalmente do contributo da tecnologia. Também é possível a imitação de uma voz de alta qualidade,⁶⁵¹ assim como imagens e vídeos, *deep fake*, com um nível e grau de sofisticação capaz de confundir⁶⁵² e de nos impedir de distinguir o que é falso e o que é verdadeiro, a realidade torna-se obscura. Tudo isso comporta questões éticas, às quais a Igreja não se inibe de chamar a atenção. Daí que o Papa Francisco alerte para os perigos que a tecnologia faz emergir, não querendo com isto dizer que não deve haver progresso, mas sim que o progresso deve estar ao serviço da humanidade, do bem comum.⁶⁵³

A própria Igreja faz uso da I. A., como exemplo, para descriptar o complexo acervo de manuscritos antigos que estão no Arquivo Secreto do Vaticano.⁶⁵⁴ Para além de decifrar a complexa escrita, poderá facilitar o acesso a toda essa quantidade de dados e informação.⁶⁵⁵

No âmbito prático e relativo à objetividade do ser humano, percebem-se os contributos da I.A., os seus desafios e até os perigos que comporta. Em Novembro de 2022, a empresa

⁶⁴⁹ Mariangela Jaguraba, «O Papa: cada pessoa deve desfrutar de um desenvolvimento humano e solidário», Vatican News, acedido 11 de Janeiro de 2023, <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-01/papa-francisco-inteligencia-artificial-desenvolvimento-humano.html>.

⁶⁵⁰ Cf André Luiz Dias Gonçalves, «Inteligência artificial defenderá réu em tribunal nos EUA», Tecmundo, acedido 11 de Janeiro de 2023, <https://www.tecmundo.com.br/software/257915-inteligencia-artificial-defendera-reu-tribunal-eua.htm>.

⁶⁵¹ Cf Igor Almenara, «Microsoft cria IA capaz de imitar vozes a partir de amostras de 3 segundos», Canaltech, acedido 11 de Janeiro de 2023, <https://canaltech.com.br/inteligencia-artificial/microsoft-cria-ia-capaz-de-imitar-vozes-a-partir-de-amostras-de-3-segundos-235410/>.

⁶⁵² Cf Cristina Peres, «Inteligência artificial aterrou com estrondo na política mundial: ver já não garante que se possa crer», Expresso, acedido 11 de Janeiro de 2023, <https://expresso.pt/internacional/2023-01-08-Inteligencia-artificial-aterrou-com-estrondo-na-politica-mundial-ver-ja-nao-garante-que-se-possa-crer-471fd5aa>.

⁶⁵³ Cf Manoel Tavares, «O Papa: progresso tecnológico da humanidade está baseado no bem comum», Vatican News, acedido 11 de Janeiro de 2023, <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-09/papa-francisco-bem-comum-era-digital.html>.

⁶⁵⁴ Cf Sam Kean, «Artificial Intelligence Is Cracking Open the Vatican's Secret Archives», The Atlantic, acedido 11 de Janeiro de 2023, <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2018/04/vatican-secret-archives-artificial-intelligence/559205/>; Cf Zeldá Caldwell, «Como a inteligência artificial está ajudando a decifrar os códigos do Arquivo Secreto do Vaticano», Aleteia, acedido 11 de Janeiro de 2023, <https://pt.aleteia.org/2018/05/16/como-a-inteligencia-artificial-esta-decifrando-os-codigos-do-arquivo-secreto-do-vaticano/>.

⁶⁵⁵ Cf Caldwell, «Como a inteligência artificial está ajudando a decifrar os códigos do Arquivo Secreto do Vaticano».

OpenAi lançou de novo o ChatGPT,⁶⁵⁶ com tecnologia *deep learning* e *machine learning*, causando imenso entusiasmo nos fãs e utilizadores das novas tecnologias.⁶⁵⁷ Usando tecnologia GPT-3.5, a mais recente e desenvolvida, permite ao *chatbot* apresentar respostas mais “humanas”, desenvolvidas e coerentes, em tempo recorde.⁶⁵⁸ Os resultados chamam a atenção, pois dão conta do uso de uma maior base de textos, contando com redes de treino neurais com mais de 175 biliões de parâmetros,⁶⁵⁹ que configuram *machine learning* e *deep learning*.⁶⁶⁰ Isto quer dizer uma maior capacidade de recolher dados e de “aprender” sobre algum tema.

Neste momento, o ChatGPT é muito utilizado por usuários que vivem da área da criatividade, como designers, blogger’s, marketer’s, gestores de redes sociais,⁶⁶¹ mas também por programadores e matemáticos,⁶⁶² em rigor pode ser utilizado por qualquer pessoa e para qualquer contexto. É utilizado para «responder questões, ajudá-lo em tarefas como a composição de e-mails, ensaios e codificar».⁶⁶³ Apesar de resultados animadores,⁶⁶⁴ foram detetadas diversas limitações. Para além de erros matemáticos e dificuldade em confirmar a factualidade das suas respostas,⁶⁶⁵ aumenta a preocupação acerca de que profissões esta tecnologia pode substituir.⁶⁶⁶ Há, no entanto, a convicção de que «existem algumas coisas que jamais serão substituíveis, pois o diferencial é a essência, aquele toque humano».⁶⁶⁷

Como perigos da utilização desta ferramenta, útil quando usada conscientemente, aponta-se quando se servem dela, por exemplo, para esquemas phishing, burlas, uma vez que a

⁶⁵⁶ Cf Aaron Reich, «ChatGPT: What is the new free AI chatbot? - explainer», Jerusalem Post, acedido 30 de Dezembro de 2022, <https://www.jpost.com/business-and-innovation/tech-and-start-ups/article-725910>.

⁶⁵⁷ Cf Marcel Scharth, «The ChatGPT chatbot is blowing people away with its writing skills. An expert explains why it’s so impressive», The Conversation Journal, acedido 29 de Dezembro de 2022, <https://theconversation.com/the-chatgpt-chatbot-is-blowing-people-away-with-its-writing-skills-an-expert-explains-why-its-so-impressive-195908>.

⁶⁵⁸ Cf Emerson Alecrim, «GPT-3.5 é a nova versão da IA que gera textos como se fosse um humano», Tecnoblog, acedido 30 de Dezembro de 2022, <https://tecnoblog.net/noticias/2022/12/02/gpt-3-5-e-a-nova-versao-da-ia-que-gera-textos-como-se-fosse-um-humano/>.

⁶⁵⁹ Cf Alecrim.

⁶⁶⁰ Cf Rafael, «O que é GPT-3 e por que ele é importante?», Sigmoidal, acedido 30 de Dezembro de 2022, <https://sigmoidal.ai/o-que-e-gpt-3-e-por-que-ele-e-importante/>.

⁶⁶¹ Cf Alecrim, «GPT-3.5 é a nova versão da IA que gera textos como se fosse um humano».

⁶⁶² Cf Scharth, «The ChatGPT chatbot is blowing people away with its writing skills. An expert explains why it’s so impressive».

⁶⁶³ Sabrina Ortiz, «What is ChatGPT and why does it matter?Here’s what you need to know», ZDNET, acedido 30 de Dezembro de 2022, <https://www.zdnet.com/article/what-is-chatgpt-and-why-does-it-matter-heres-what-you-need-to-know/>.

⁶⁶⁴ Cf Rafael, «O que é GPT-3 e por que ele é importante?»

⁶⁶⁵ Cf Reich, «ChatGPT: What is the new free AI chatbot? - explainer».

⁶⁶⁶ Cf Mouhamad Rachini, «ChatGPT a “landmark event” for AI, but what does it mean for the future of human labour and disinformation?», CBC Radio, acedido 30 de Dezembro de 2022, <https://www.cbc.ca/radio/thecurrent/chatgpt-human-labour-and-fake-news-1.6686210>.

⁶⁶⁷ Rafael, «O que é GPT-3 e por que ele é importante?»

ferramenta apresenta uma escrita atrativa e persuasiva.⁶⁶⁸ Outra questão prende-se com a origem da informação ou desinformação que o *chatbot* recolhe e, conseqüentemente, partilha.⁶⁶⁹ Mais ainda, encontra-se agora uma maior dificuldade como a questão de plágio em trabalhos académicos, ou melhor, o problema do empenho que cada aluno deveria ter para fazer por si mesmo a tarefa que lhe foi confiada, mas que surge delegada a um *chatbot*. Muitos são os professores que dão conta de trabalhos que recebem totalmente executados por I.A., inclusive tornou-se um dos métodos de copiar em frequências e exames.⁶⁷⁰ Começa também a procura e a criação de ferramentas para este combate que se torna desigual sem recurso a ferramentas tecnológicas deste nível. Existem, no entanto, ferramentas avançadas para determinar se os textos foram produzidos por I.A.,⁶⁷¹ como é claro, tendo por detrás a mesma tecnologia utilizada pelas aplicações que originaram o trabalho, ou seja, novamente inteligência artificial.

Uma ferramenta como esta ajuda a compor, a otimizar um código, mediante a questão que lhe for colocada, a ultrapassar diversos empecilhos que travam o desenvolver de um website, por exemplo, ou ainda a defender um réu de uma acusação em tribunal.

Esta aplicação é «uma ferramenta de processamento de linguagem natural impulsionada pela tecnologia da IA que lhe permite ter conversas semelhantes às humanas»,⁶⁷² que utiliza tecnologia de aprendizagem a partir do feedback humano,⁶⁷³ logo, que “aprende” com o acervo humano,⁶⁷⁴ então, o que responderia às questões do inquirido formulado para este trabalho?

Portanto, fazemos agora a experiência desta tecnologia aplicada a este trabalho. O primeiro passo foi reformular as questões e foram aplicadas em inglês. Apesar de a aplicação ChatGPT⁶⁷⁵ fazer traduções, optou-se por trabalhar na língua original do programa.

⁶⁶⁸ Cf Reich, «ChatGPT: What is the new free AI chatbot? - explainer».

⁶⁶⁹ Cf Ortiz, «What is ChatGPT and why does it matter? Here's what you need to know».

⁶⁷⁰ Cf Alex Mitchell, «Professor catches student cheating with ChatGPT: “I feel abject terror”», *Nypost*, acessado 3 de Janeiro de 2023, <https://nypost.com/2022/12/26/students-using-chatgpt-to-cheat-professor-warns/>.

⁶⁷¹ Cf Damir Yalalov, «ChatGPT's watermarks can help Google detect AI generated text», *Metaverse Post*, acessado 2 de Janeiro de 2023, <https://mpost.io/chatgpts-watermarks-can-help-google-detect-ai-generated-text/>; Cf Sung Kim, «How to detect OpenAI's ChatGPT Output», *Medium*, acessado 30 de Dezembro de 2022, <https://medium.com/geekculture/how-to-detect-if-an-essay-was-generated-by-openais-chatgpt-58bb8adc8461>.

⁶⁷² Ortiz, «What is ChatGPT and why does it matter? Here's what you need to know».

⁶⁷³ Cf OpenAI, «ChatGPT: Optimizing Language Models for Dialogue», acessado 27 de Dezembro de 2022, <https://openai.com/blog/chatgpt/>.

⁶⁷⁴ Cf Rafael, «O que é GPT-3 e por que ele é importante?»

⁶⁷⁵ Cf OpenAI, «ChatGPT: Optimizing Language Models for Dialogue».

O programa recomenda fazer uma breve introdução ao problema e colocar de seguida as questões. Coloquei todas as questões do questionário⁶⁷⁶ e, como era expectável, não era possível a aplicação responder. A resposta:

Peço desculpa, mas como modelo linguístico, não sou capaz de fornecer informações pessoais sobre mim ou sobre as minhas próprias crenças ou experiências. Sou um programa de computador concebido para fornecer informações e responder a perguntas o melhor da minha capacidade com base nos dados em que fui treinado. Não tenho sexo, idade ou localização física, e não tenho crenças ou experiências pessoais. A minha principal função é fornecer informações e assistência aos utilizadores com base no contributo que recebo. Espero que isto ajude a esclarecer. Por favor, avise-me se tiver mais alguma pergunta ou se houver mais alguma coisa com que possa ajudar.⁶⁷⁷

Não nos dando por vencidos, reformularam-se as questões de um outro modo e apenas se apresentam aqui algumas, a título de exemplo e de curiosidade. As restantes poderão ser consultadas nos anexos 2 e 3, sendo um anexo na língua original, inglês, e o outro uma tradução em português, respetivamente. Então, algumas questões e respetivas respostas do anexo 3:

M: Os anjos existem?

I.A.: A existência de anjos é uma questão de crença e interpretação, e diferentes pessoas e sistemas de crenças têm diferentes perspetivas sobre este tema. Em alguns sistemas de crenças, os anjos são considerados seres sobrenaturais que servem como intermediários entre Deus e os humanos, e que são responsáveis pela comunicação de mensagens e pela realização da vontade divina. Em outros sistemas de crenças, não se acredita que os anjos existam, ou podem ser considerados figuras míticas ou simbólicas em vez de seres literais. Em última análise, a questão de saber se os anjos existem é uma questão de crença pessoal, e cabe a cada indivíduo decidir o que acreditam sobre este tema com base nas suas próprias experiências e valores.

M: Acreditar nos anjos é ser ignorante e supersticioso?

I.A.: Não é preciso ou justo dizer que acreditar em anjos é inerentemente ignorante ou supersticioso. A crença nos anjos é uma questão de crença e interpretação pessoal, e diferentes pessoas e sistemas de crenças têm diferentes perspetivas sobre este tema. Algumas pessoas acreditam na existência de anjos como seres sobrenaturais que servem como intermediários entre Deus e os humanos e que são responsáveis pela realização da vontade divina. Outros não têm esta crença e podem ver os anjos como figuras míticas ou simbólicas em vez de seres literais. É importante respeitar as crenças dos outros e reconhecer que as pessoas podem ter diferentes entendimentos e perspetivas sobre este e outros tópicos. Não é produtivo ou respeitoso rotular os outros como ignorantes ou supersticiosos simplesmente porque têm crenças que diferem das nossas.

M: Cristo superou os anjos?

I.A.: Em alguns sistemas de crenças, Cristo é considerado um ser divino que se acredita ter ultrapassado os anjos em termos do seu estatuto e papel. No Cristianismo, acredita-se que Cristo é o Filho de Deus e o salvador da humanidade, e ele é considerado uma figura central na fé. Neste contexto, acredita-se que Cristo tenha uma relação única e especial com Deus e tenha um papel e um propósito que ultrapasse o dos anjos. Outros sistemas de crenças podem ter diferentes entendimentos da natureza e do papel de Cristo e dos anjos. É importante reconhecer que diferentes sistemas e religiões de crenças podem ter

⁶⁷⁶ Cf Anexos 2 e 3, Inglês e Português, respetivamente.

⁶⁷⁷ Cf Anexos 2 e 3, Inglês e Português, respetivamente.

diferentes ensinamentos e crenças sobre Cristo e os anjos, e que não é produtivo ou respeitoso tentar impor as próprias crenças aos outros ou criticar as crenças dos outros.

M: Quais são as práticas religiosas mais comuns relativamente aos anjos?

I.A.: As práticas religiosas mais comuns para com os anjos podem variar dependendo do sistema de crenças específicas e da religião. Em alguns sistemas de crenças, os anjos são considerados seres sobrenaturais que servem como intermediários entre Deus e os humanos e que são responsáveis pela realização da vontade divina. Neste contexto, as pessoas podem envolver-se em várias práticas ou rituais de forma a honrar, invocar ou procurar orientação ou proteção dos anjos. Algumas práticas comuns podem incluir rezar ou procurar a intercessão de anjos, fazer-lhes oferendas ou sacrifícios, e usar símbolos religiosos ou objetos associados a anjos em rituais ou devoções. Outros sistemas de crenças podem não ter esta crença em anjos ou podem vê-los como figuras míticas ou simbólicas em vez de seres literais, e como tal, podem não ter práticas ou rituais específicos relacionados com anjos. Em última análise, as práticas religiosas mais comuns para com os anjos podem depender dos ensinamentos e crenças específicas de uma determinada religião ou sistema de crenças.

Como se pode verificar na leitura das respostas, estas abordam um ou vários aspetos acerca dos temas questionados, mas é de notar que em todas as respostas ressalva-se com as afirmações: “em última análise [qualquer que seja o tema da pergunta que fiz em concreto] podem depender dos ensinamentos e crenças específicas de uma determinada religião ou sistema de crenças”, ou ainda, “é uma questão de crença pessoal, e cabe a cada indivíduo decidir o que acredita sobre este tema com base nas suas próprias experiências e valores”. É expectável este tipo de resposta, pois o *chatbot* não tem como se posicionar concretamente ao dar uma resposta.

Torna-se interessante ver algumas particularidades que aborda nas respostas. Mesmo nunca tomando partido, no sentido de que em todas as respostas das I.A. estão contempladas as diversas formas de considerar o tema e de delegar o modo como se pensa sobre o tema para o facto de depender não só da decisão pessoal de cada um, mas também da religião ou sistema de crenças a que pertence, determinados traços das respostas chamam a atenção. É interessante o facto de reconhecer a existência de determinadas crenças e práticas, no ser humano. Numa das respostas afirmou que há pessoas que acreditam na capacidade de os anjos comunicarem com os seres humanos, assim como na sua orientação e proteção.⁶⁷⁸ Noutra resposta, diz que algumas pessoas acreditam que a orientação dada pelos anjos pode abranger a aplicação de bênçãos ou castigos.⁶⁷⁹ Em todo o caso, em todas as respostas, também se refere que há pessoas que simplesmente não acreditam em nada disso, dependendo sempre da religião ou sistema de crenças a que pertence.

⁶⁷⁸ Cf Anexo 3.

⁶⁷⁹ Cf Anexo 3.

Uma vez que este tópico da I.A. era uma mera curiosidade, não se desenvolveu mais a pesquisa, não se continuou a testar o ChatGPT, nem se fez uma exaustiva verificação da fidelidade dos dados fornecidos pelo *chatbot*.

Apesar de tudo, para além de determinadas particularidades nas respostas, sobressai a questão da veracidade das informações dadas pela aplicação. Este *chatbot* trabalha com tecnologia GPT-3,5 usando «algoritmos machine-learning para processar enormes quantidades de dados de texto, incluindo livros, artigos de notícias, páginas de Wikipédia e milhões de websites».⁶⁸⁰ Portanto, esta tecnologia é sujeita a todo o tipo tanto de informação como, principalmente, de desinformação,⁶⁸¹ especialmente pelas fontes de onde recebe os dados em primeiro lugar e, posteriormente, torna-se uma fonte que propaga a informação ou desinformação.⁶⁸² Talvez para situações específicas, casos concretos e de resolução objetiva, onde facilmente se determina o “funciona” ou “não funciona”, este tipo de ferramenta seja aconselhável e frutífera, talvez seja mesmo um recurso a ter em consideração.

Ainda assim, fica a curiosidade sobre o que os próximos desenvolvimentos da tecnologia trarão e se haverá aportações significativas no âmbito da subjetividade do ser humano, ou se existirá subjetividade própria na tecnologia. Talvez nas próximas gerações de tecnologia isso seja possível. Neste momento, a versão GPT-4 já está a ser desenvolvida e testada.

3.5. Síntese

Neste capítulo, após estabelecermos a importância e metodologia do trabalho prático, procedemos à análise de dados, tendo em vista maior esclarecimento das questões colocadas acerca deste tema.

A partir da análise do estudo aplicado aos seres humanos, podemos perceber que ainda existe crença na existência de anjos. Relativamente aos católicos, sendo em grande número aqueles que manifestam não saber ou não responder, sendo em grande número, leva a diversas

⁶⁸⁰ Cf Scharth, «The ChatGPT chatbot is blowing people away with its writing skills. An expert explains why it's so impressive».

⁶⁸¹ Cf Ortiz, «What is ChatGPT and why does it matter? Here's what you need to know».

⁶⁸² Cf Rachini, «ChatGPT a “landmark event” for AI, but what does it mean for the future of human labour and disinformation?»

interpretações. Podemos assumir que não se querem posicionar na afirmação, ou nunca refletiram de facto na questão resultando em dúvidas profundas acerca do tema. Porém, uma grande maioria posiciona-se de modo concordante com a afirmação e um número bastante significativo de católicos posiciona-se de modo discordante, o que nos faz questionar sobre a origem destes modos diferentes de pensar. Persistirão, ainda, as ideias, dúvidas e certezas, que já existiam nos primórdios do cristianismo?

O estudo permitiu, então, perceber que a ideia do anjo como criatura está bem presente nos dias de hoje, embora também haja quem o considere uma figura mítica, uma lenda ou invenção.

Ainda existe a percepção de que os anjos intervêm na vida do ser humano, protegendo-o e orientando-o, assim como a ideia de que todos os seres humanos tem um anjo da guarda persiste até aos dias de hoje.

Relativamente a determinadas particularidades da reflexão acerca dos anjos, é de notar o posicionamento geral e maioritário de não saber ou não responder dos participantes. Nota-se isto em particular quando se questiona acerca do pecado dos anjos, ou melhor, se os anjos podem mudar a sua decisão, arrepender-se e ser perdoados. A maioria não se consegue posicionar e podemos interpretar isso como nunca ter havido uma reflexão sobre isso e, desse modo, o participante não se consegue posicionar, ou é já uma ideia que deverá ser repensada.

Também chega até aos nossos dias a ideia da principal missão dos anjos, louvar e contemplar Deus. Ao analisar de perto os comentários deixados pelos participantes, deixa-se antever uma confusão ou desconhecimento da distinção entre os conceitos de veneração e adoração.

CONCLUSÃO

O término deste trabalho leva-nos, precisamente, ao seu ponto de partida. Há, de facto, a crença na existência de anjos? Quem e o que são? O que sabemos acerca deles?

O caminho percorrido através do percurso histórico, ao longo deste trabalho, trouxe um leque de informação que nos permite entender as concepções atuais acerca dos anjos, assim como determinada linguagem ainda existente, porém, termos e concepções já sobrecarregadas de diversas significações que torna necessário uma depuração da linguagem e dos termos com que queremos referir-nos aos anjos.

De início, a Sagrada Escritura atesta a presença de seres ao serviço de Deus, cooperando com Ele na história, aos quais se chama de anjos, mensageiros. Inicialmente, não se percebendo se se tratava de um anjo ou do próprio Deus, começa, então, a ser percebido como um enviado da parte de Deus. Submetidos a Deus e, portanto, submetidos a Cristo são, então, entendidos como criaturas ao serviço do Senhor.

A reflexão cristã enfatiza a condição de seres criados por Deus contrapondo-se ao endeusamento destes seres. Defendendo a sua condição de criaturas, também se defende a sua condição de pura espiritualidade, distinguindo-se dos seres humanos assim como de Deus. Fala-se, na reflexão cristã, dos anjos como seres pessoais, dotados de livre-arbítrio, que têm a possibilidade de escolher entre o bem e o mal, em total liberdade, porém, uma vez tomada a sua posição de estar em favor ou contra Deus, torna-se irreversível. São seres em constante face a face com Deus.

À luz da mediação de Jesus Cristo, mediação perfeita e plena, que estabelece uma comunicação imediata de Deus para os seres humanos e dos seres humanos para Deus, são os anjos mediação de Deus, pois com Ele cooperam e participam na história da Salvação.

Sendo a realidade uma só, constituída pelo visível e o invisível, experimenta o ser humano toda a realidade nas ações do seu quotidiano. Experimenta o Mistério de Deus nas Suas

mediações diretas ou indiretas, imediatas ou mediatas. O ser humano faz experiência da presença do sagrado em todo o gesto genuinamente amoroso, presença que se concretiza nas mediações de Deus: a Igreja, os Santos, os Anjos, Maria, as que conhecemos e as que ainda desconhecemos.

A fé está presente e viva nas expressões culturais, seja na própria liturgia, seja nas expressões de piedade popular. A oração, a vela, os objetos religiosos continuam a fazer parte da vida do crente e, por vezes, do não crente. Ainda que as manifestações públicas da fé sejam de grande importância, não é de somenos a manifestação individual e interior da fé de cada indivíduo.

Entendam-se os resultados deste estudo que, respondendo às questões iniciais, revela o estado preponderante da crença na existência de seres, a que chamamos anjos. Há aqueles que creem e há aqueles que não creem na existência de anjos.

Em linha de continuidade com a reflexão cristã, deste a época antiga, verifica-se, a partir dos dados, a ideia predominante dos anjos como criaturas de Deus, puramente espirituais e imortais. São, também, considerados forças ou energias superiores. Existe, no entanto, quem os considere figuras míticas, invenção da humanidade ou religião.

Trazendo à memória, Orígenes dizia que os anjos serviam os seres humanos, orientando, aconselhando e “transportando” orações e súplicas a Deus, assim como de Deus para os seres humanos o que for do merecimento destes. Subsiste, ainda, a crença de que os anjos são seres que intervêm na vida do ser humano, assim como a crença de que todas as pessoas têm um anjo da guarda, em clara linha de continuidade com a reflexão cristã. Nota-se, contudo, a partir dos dados analisados, que há um número significativo de pessoas que não acredita que os anjos interfiram na vida do ser humano ou que todos tenham um anjo da guarda.

Em relação aos tópicos da corporeidade e do perdão dos anjos, são temas que mantêm alguma obscuridade. São temas que carecem de mais dados. Não esqueçamos a reflexão do primeiro capítulo onde estes tópicos não reuniam consenso e mesmo atualmente nota-se, a partir dos dados, que as pessoas não sabem muito bem o que julgar no que concerne a estes tópicos.

Apesar disso, acredita-se, ainda, que os anjos sejam mediação de Deus, seus servos e cooperadores, com função de O louvar e contemplar, enquanto protegem e orientam os seres humanos. Os dados demonstram uma certa linha de continuidade com o pensamento cristão,

pois já na reflexão cristã dos tempos antigos se defendia a função primordial dos anjos de louvar e contemplar Deus.

De acordo com os dados obtidos, crê-se, também, que os anjos tem um mundo próprio, o céu. Ideia que coincide com as concepções dualistas acerca da realidade cósmica. Apesar disso, acredita-se na unidade da realidade cósmica. Esta encerra em si as dimensões do visível e do invisível, abarcando toda a realidade.

De um modo positivo, é perceptível, a partir dos dados reunidos, a crença de que os anjos não são responsáveis pelo que acontece na vida de cada pessoa, assim como a convicção de que cada indivíduo deve assumir as responsabilidades próprias de todas as decisões e opções que toma no decurso da sua vida.

Verifica-se, a partir dos dados, que existe, ainda nos dias de hoje, a crença de que Cristo é o Senhor dos anjos. A Sua mediação, plena e perfeita, supera qualquer outra mediação de Deus. Recorde-se neste ponto toda a reflexão sobre a mediação de Cristo.

Voltamos, agora, a lembrar a reflexão cristã, no primeiro capítulo deste trabalho, acerca das hierarquias celestes. Na época antiga, Pseudo-Dionísio marca toda a reflexão, anterior e posterior, ao sistematizar uma hierarquia dos anjos. Na Idade Média, Tomás de Aquino também aborda o tema, comparando as estruturas de Dionísio e Gregório. Atualmente, a partir dos dados recolhidos, parece manifestar-se que não há um conhecimento firme acerca das hierarquias celestes. Mas, como foi colocado em evidência, não é um tema explorado pelo Magistério e esse pode ser um fator que contribui para a falta de esclarecimento em relação a este tópico.

Confirma-se, então, que, ainda nos dias de hoje, existem crenças acerca dos anjos que se coadunam com a reflexão do cristianismo primitivo. Assim sendo, lembrando o percurso histórico da reflexão inicial e os dados que demonstram que existe transmissão de valores e ideias entre gerações, conclui-se que as crenças acerca da existência ou não existência de anjos, assim como as ideias e conhecimento acerca dos anjos foi e é transmitido geracionalmente.

BIBLIOGRAFIA

Fontes bíblicas

Bíblia Sagrada. Fátima: Difusora Bíblica, 2010.

Fontes patrísticas e medievais

Agostinho. *A cidade de Deus IX-XV*. Traduzido por J. Dias Pereira. Vol. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

———. *A cidade de Deus XVI-XXII*. Traduzido por J. Dias Pereira. Vol. III. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

———. «Tratado sobre a Santíssima Trindade». Em *Obras de Santo Agostinho*, traduzido por Luis Arias, Vol. V. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1948.

Ambrósio de Milão. *Apologia de David*. Traduzido por Marius Cordier. Paris: Les Éditions du Cerf, 1977.

———. *O Espírito Santo*. Traduzido por Carmelo Granado. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1998.

———. *Tratado sobre o Evangelho de S. Lucas*. Traduzido por Dom Gabriel Tissot. Vol. I. Paris: Les Éditions du Cerf, 1956.

Atenágoras. *Petição sobre os cristãos e Sobre a ressurreição dos mortos*. Traduzido por Bernard Pouderon. Paris: Les Éditions du Cerf, 1992.

Basílio de Cesareia. *Acerca do Espírito Santo*. Traduzido por Benoît Pruche. Paris: Les Éditions du Cerf, 1968.

———. *Contra Eunómio*. Traduzido por Bernard Sesboüe, Georges-Matthieu de Durand, e Louis Doutreleau. Vol. II. Paris: Les Éditions du Cerf, 1983.

———. *Homilias sobre o Hexaemeron*. Traduzido por Stanislas Giet. 2ª ed. Paris: Les Éditions du Cerf, 1968.

Bernardo de Claraval. *Sermões Diversos (1-22)*. Traduzido por Pierre-Yves Émery e Françoise

- Callerot. Vol. I. Paris: Les Éditions du Cerf, 2006.
- . *Sermões Diversos (23-69)*. Traduzido por Pierre-Yves Émery e Françoise Callerot. Vol. II. Paris: Les Éditions du Cerf, 2007.
- . *Sermões sobre o Cântico (1-15)*. Traduzido por Paul Verdeyen e Raffaele Fasseta. Vol. I. Paris: Les Éditions du Cerf, 1996.
- . *Sermões sobre o Cântico (16-32)*. Traduzido por Paul Verdeyen e Raffaele Fasseta. Vol. II. Paris: Les Éditions du Cerf, 1998.
- Boaventura. «A árvore da vida». Em *Obras escolhidas*, traduzido por Saturnino Schneider, 375–403. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1983.
- . «As seis asas do serafim». Em *Obras escolhidas*, traduzido por Saturnino Schneider, 259–99. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1983.
- . «Brevilóquio». Em *Obras escolhidas*, traduzido por Luis A. De Boni, 3–161. Suma. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1983.
- Clemente de Alexandria. *Stromata VI*. Traduzido por Patrick Descourtieux. Paris: Les Éditions du Cerf, 1999.
- . *Stromata VII*. Traduzido por Alain Le Boulluec. Paris: Les Éditions du Cerf, 1997.
- Gregório Magno. *Homilias sobre o Evangelho*. Traduzido por Raymond Étaix, Georges Blanc, e Bruno Judic. Vol. II. Paris: Les Éditions du Cerf, 2008.
- . *Moral em Job (I-II)*. Traduzido por André de Gaudemaris. Paris: Les Éditions du Cerf, 1952.
- . *Moral em Job (XXVIII-XXIX)*. Traduzido por Les moniales de Wisques. Paris: Les Éditions du Cerf, 2003.
- Gregório Nazianzeno. *Discursos 27-31*. Traduzido por Paul Gallay. Paris: Les Éditions du Cerf, 1978.
- Inácio de Antioquia. «Carta aos Tralianos». Em *Cartas*, traduzido por P. Th. Camelot, 3^a ed., 110–23. Paris: Les Éditions du Cerf, 1958.

- Irineu de Lyon. *Contra as Heresias*. Traduzido por Adelin Rousseau e Louis Doutreleau. Vol. II/2. Paris: Les Éditions du Cerf, 1982.
- Jerónimo. *Comentário sobre São Mateus*. Traduzido por Émile Bonnard. Vol. I. Paris: Les Éditions du Cerf, 1977.
- . *Comentário sobre São Mateus*. Traduzido por Émile Bonnard. Vol. II. Paris: Les Éditions du Cerf, 1979.
- João Cassiano. *Conferências I-VII*. Traduzido por E. Pichery. Vol. I. Paris: Les Éditions du Cerf, 1955.
- . *Conferências VIII-XVII*. Traduzido por E. Pichery. Vol. II. Paris: Les Éditions du Cerf, 1958.
- João Crisóstomo. *Acerca do Sacerdócio*. Traduzido por Anne-Marie Malingrey. Paris: Les Éditions du Cerf, 1980.
- . *Livro sobre Gênesis*. Traduzido por Laurence Brottier. Paris: Les Éditions du Cerf, 1998.
- João Damasceno. *A Fé Ortodoxa 1-44*. Traduzido por P. Ledrux. Paris: Les Éditions du Cerf, 2010.
- Justino. *Apologia dos cristãos*. Traduzido por Charles Munier. Paris: Les Éditions du Cerf, 2006.
- Leão Magno. *Sermões I*. Traduzido por René Dolle. 2ª ed. Vol. I. Paris: Les Éditions du Cerf, 1964.
- Orígenes. *Contra Celso*. Traduzido por Marcel Borret. Vol. II. Paris: Les Éditions du Cerf, 1968.
- . *Contra Celso*. Traduzido por Marcel Borret. Vol. IV. Paris: Les Éditions du Cerf, 1969.
- . *Homilias sobre os Números*. Traduzido por André Méhat. Paris: Les Éditions du Cerf, 1951.
- . *Homilias sobre os Números*. Traduzido por Louis Doutreleau. Vol. III. Paris: Les

Éditions du Cerf, 2001.

———. *Tratado sobre os Princípios*. Traduzido por Henri Crouzel e Manlio Simonetti. Vol. I. Paris: Les Éditions du Cerf, 1978.

———. *Tratado sobre os Princípios*. Traduzido por Henri Crouzel e Manlio Simonetti. Vol. III. Paris: Les Éditions du Cerf, 1980.

Pseudo-Dionísio Areopagita. «A hierarquia celeste». Em *Obras Completas*, editado & traduzido por Teodoro H. Martín, 101–65. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.

———. «Os nomes de Deus». Em *Obras Completas*, editado por Teodoro H. Martín, traduzido por Hipólito Cid Blanco, 3–99. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.

Tertuliano. *A carne de Cristo*. Traduzido por Jean-Pierre Mahé. Vol. I. Paris: Les Éditions du Cerf, 1975.

———. «Existem os anjos e os demónios». Em *El Apologético*, traduzido por Julio Andión Marán, 105–8. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1997.

Tomás de Aquino. *Suma Teológica*. Editado por Joaquim Ferreira. Traduzido por Aldo Vannucchi, Bernardino Schreiber, Bruno Palma, Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira, Carlos Palacio, Celso Pedro da Silva, Domingos Zamagna, et al. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

Magistério

Concílio Vaticano II. «Constituição Dogmática Dei Verbum». Acedido 27 de Julho de 2022. https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html.

———. «Constituição Pastoral Gaudium et Spes». Acedido 10 de Novembro de 2022. https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html.

Congregación para el Culto Divino y la Disciplina de los Sacramentos. «Directorio sobre la

piEDAD popular y la liturgia: principios y orientaciones». Acedido 6 de Janeiro de 2023.
https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20020513_vers-direttorio_sp.html.

Denzinger, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica*. Traduzido por José Marino Luz e Johan Konings. 40ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

Francisco. «Meditações Matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Casa da Santa Marta: Confiemo-nos aos arcanjos». Acedido 27 de Dezembro de 2022.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20170929_confiemo-nos-aos-arcanjos.html.

———. «Meditações Matutinas na Santa missa celebrada na Capela da Casa Santa Marta: Companheiros de caminho». Acedido 27 de Dezembro de 2022.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20181002_companheiros.html.

Igreja Católica. *Catecismo da Igreja Católica*. Moscavide: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2016.

João Paulo II. «Carta Apostólica Vicesimus Quintus Annus». Acedido 10 de Novembro de 2022.
https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19881204_vicesimus-quintus-annus.html.

Paulo VI. «Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi». Acedido 10 de Novembro de 2022.
https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html.

Monografias

Almeida, Leandro S., e Teresa Freire. *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. 5ª ed. Braga: Psiquilíbrios Edições, 2008.

- Auer, Johann. *El mundo creación de Dios*. Editado por Johann Auer e Joseph Ratzinger. Traduzido por Claudio Gancho. *Curso de Teología Dogmática*. 2ª ed. Vol. III. Barcelona: Editorial Herder, 1985.
- Barth, Karl. *Le créateur et sa créature*. Traduzido por Fernand Ryser. *Dogmatique*. Vol. III/3**. Genève: Éditions Labor et Fides, 1963.
- Bialas, A. A. «Angelology». Em *New Catholic Encyclopedia*, editado por William J McDonald, 1:505–6. New York: McGraw-Hill Book, 1967.
- Boudon, Raymond. *Métodos da Sociologia*. Traduzido por Luiz Felipe Baeta Neves Flôres. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.
- Burkert, Walter. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Traduzido por M. J. Simões Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- Cipriani, Roberto. «Os Anjos na sociedade pós-secular». Em *Congresso Internacional: Figuras do Anjo Revisitadas*, traduzido por Fernando Ventura, 25–50. Fátima: Santuário de Fátima, 2007.
- Coutinho, Jorge. *Caminhos da razão no horizonte de Deus*. Coimbra: Edições Tenacitas, 2010.
- Creswell, John W. *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Traduzido por Luciana de Oliveira da Rocha. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2007.
- Doré, Joseph. «Cristologias Patristicas e Conciliares». Em *Iniciación a la práctica de la Teología*, editado por Bernard Lauret e François Refoulé, traduzido por Rufino Godoy, II.1.:185–246. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984.
- Duque, Eduardo. *Mudanças culturais, mudanças religiosas - Perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 2014.
- . *Valores e Religiosidade em Portugal. Comportamentos e atitudes geracionais*. Porto: Edições Afrontamento, 2022.
- Duque, João. *Homo Credens: Para uma teologia da fé*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2002.

- . «Jacob e o Anjo - Um outro olhar sobre a modernidade». Em *Congresso Internacional: Figuras do Anjo Revisitadas*, 177–92. Fátima: Santuário de Fátima, 2007.
- Escalante Gómez, Eduardo. «Desenhos de investigação qualitativa». Em *Manual de Investigação Qualitativa*, editado por Sónia P. Gonçalves, Joaquim P. Gonçalves, e Célio Gonçalo Marques, 3–23. Lisboa: Pactor, 2021.
- Fallon, T. L. «Angel of the Lord». Em *New Catholic Encyclopedia*, editado por William J. McDonald, 1:501. New York: McGraw-Hill Book, 1967.
- Fallon, T. L., J. Michl, A. A. Bialas, e S. Tsuji. «Angels». Em *New Catholic Encyclopedia*, editado por William J. McDonald, 1:506–16. New York: McGraw-Hill Book, 1967.
- Falque, Emmanuel. *Metamorfosis de la finitud. Ensayo filosófico sobre el nacimiento y la resurrección*. Traduzido por Alejandro del Río Herrmann. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2017.
- Goleman, Daniel. *Inteligência Emocional*. Traduzido por Mário Dias Correia. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995.
- Guardini, Romano. *L'Angelo - Cinque meditazioni*. Traduzido por Giulio Colombi e Clara Di Zoppola. Brescia: Editrice Morcelliana, 2019.
- Hegel, G. W. F. *El concepto de religión*. Traduzido por Arsenio Guinzo. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.
- Houaiss, António, e Mauro de Salles Villar. «Intermediação». Em *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, IV:2239. Lisboa: Círculo de Leitores, 2015.
- . «Intermediador». Em *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, IV:2239. Lisboa: Círculo de Leitores, 2015.
- . «Intermediar». Em *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, IV:2239. Lisboa: Círculo de Leitores, 2015.
- . «Mediação». Em *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, IV:2565. Lisboa: Círculo de Leitores, 2015.

- . «Mediador». Em *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, IV:2565. Lisboa: Círculo de Leitores, 2015.
- . «Mediar». Em *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, IV:2566. Lisboa: Círculo de Leitores, 2015.
- . «Medio». Em *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, IV:2568. Lisboa: Círculo de Leitores, 2015.
- Inwood, Michael. *Dicionário Hegel*. Traduzido por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- Izquierdo, César. *Creo, creemos: ¿Qué es la fe?* Madrid: Ediciones Rialp, S.A., 2008.
- James, William. *As variedades da Experiência Religiosa: Um Estudo da Natureza Humana*. Traduzido por Helena Briga Nogueira e Margarida Periquito. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2018.
- Jedin, Hubert, e Konrad Repgen. *Manual de História de la Iglesia: La Iglesia Mundial del siglo XX*. Traduzido por Marciano Villanueva. Vol. 9. Barcelona: Editorial Herder, 1984.
- Kessler, Hans. «Cristologia». Em *Manual de Teología Dogmática*, editado por Theodor Schneider, traduzido por Claudio Gancho, 295–504. Barcelona: Editorial Herder, 2005.
- Ladaria, Luis F. «A Criação do céu e da terra». Em *História dos Dogmas: O Homem e sua Salvação*, editado por Bernard Sesboüé, traduzido por Orlando Soares Moreira, 2:35–85. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- Lang, Bernhard. «Ángel-Satán». Em *Diccionario de Conceptos Teológicos*, editado por Xavier Moll e Peter Eicher, 1:50–58. Barcelona: Editorial Herder, 1989.
- Lauret, Bernard. «Cristologia Dogmatica». Em *Iniciación a la práctica de la Teología*, editado por Bernard Lauret e François Refoulé, traduzido por Rufino Godoy, II.1.:247–414. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984.
- Leão XIII. «Exorcismo contra Satanás e os anjos rebeldes». Em *Pequeno exorcismo contra Satanás e os anjos rebeldes de S. S. Leão XIII*, 9–13. Associação Tudo Instaurar em Cristo, 1980.

- Leite, José. *Santos de cada dia: Maio, Junho, Julho e Agosto*. Vol. II. Braga: Editorial A. O., 1985.
- . *Santos de cada dia: Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro*. 2ª ed. Vol. III. Braga: Editorial A. O., 1987.
- Lima, José da Silva. «*Deus, não tenho nada contra...*» *Socialidades e Ecclesialidade no destino do Alto-Minho*. Porto: Fundação Engº António de Almeida, 1994.
- . *Entre Rezas & Romarias: piedade popular e prática pastoral*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.
- . *Teologia prática fundamental: fazei vós, também*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009.
- Llorca, Bernardino. «Arianismo». Em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, 3:181–82. Lisboa: Editorial Verbo, 1998.
- Lourenço, João Duarte. *História e profecia: o mundo dos profetas bíblicos*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2007.
- Machado, José Pedro. «Meio». Em *Dicionário de Língua Portuguesa*. Vol. IV. Lisboa: Sociedade de Língua Portuguesa, 1964.
- Magalhães, Vasco Pinto de. «O Anjo, entre a espiritualidade e o esoterismo». Em *Congresso Internacional: Figuras do Anjo Revisitadas*, 223–30. Fátima: Santuário de Fátima, 2007.
- Martínez Díez, Felicísimo. *Crer em Jesus Cristo / Viver como Cristão: Cristologia e seguimento*. Traduzido por Maria Margarida Osório Gonçalves. Assafarge: Gráfica de Coimbra 2, 2007.
- Martínez, Pedro Romano. «Mediação». Em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, 19:428–29. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.
- Mattai, Giuseppe. «Religiosidad Popular». Em *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*, editado por Stefano De Fiores e Tullo Goffi, traduzido por Eloy Requena, Alfonso Ortiz, Julián Aguirre, Ezequiel Varona, e Francisco Ares, 1205–17. Madrid: Ediciones Paulinas, 1983.

- Mattoso, José. «Apolinarismo». Em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, 2:1290. Lisboa: Editorial Verbo, 1998.
- Michl, Johann. «Anjo». Em *Dicionário de Teologia: Conceitos Fundamentais da Teologia atual*, editado por Heinrich Fries, traduzido por Teólogos do Pont. Col. Pio Brasileiro de Roma, I:106–20. São Paulo: Edições Loyola, 1970.
- Piazza, Waldomiro Octavio. *Introdução à fenomenologia religiosa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.
- Pio X. *Primeiros Elementos da Doutrina Cristã*. Livraria DM, 2018.
- Pons, Guillermo. *Los Ángeles en los Padres de la Iglesia*. Barcelona: Editorial Ciudad Nueva, 2003.
- Quivy, Raymond, e Luc Van Campenhoudt. *Manual de investigação em ciências sociais*. Traduzido por João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes, e Maria Carvalho. 2ª ed. Lisboa: Gradiva Publicações, 1998.
- Rahner, Karl. «Ángel». Em *Sacramentum Mundi: Enciclopedia Teológica*, editado por Karl Rahner, Juan Alfaro, José M. Fondevila, Alberti Bellini, Carlo Colombo, Henri Crouzel, e Jean Daniélou, 1:153–61. Barcelona: Editorial Herder, 1982.
- . «Angelología». Em *Sacramentum Mundi: Enciclopedia Teológica*, editado por Karl Rahner, Juan Alfaro, José M. Fondevila, e Alberto Bellini, 1:162–71. Barcelona: Editorial Herder, 1982.
- . *Teologia e Antropologia*. Traduzido por Hugo Assmann. São Paulo: Edições Paulinas, 1969.
- Ratzinger, Joseph. *Introdução ao Cristianismo - Prelecções sobre o «Símbolo Apostólico»*. Traduzido por Alfred J. Keller. 2ª ed. Cascais: Lucerna, 2017.
- Rodrigues, Luis M. Figueiredo. *Teologia Prática Fundamental: E a Palavra continua a encarnar*. Escrytos [Ed. Autor], 2021. Wook Reader.
- Romag, Dagoberto. *Compêndio de História da Igreja - A Antiguidade Cristã*. 2ª ed. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1949.

- . *Compêndio de História da Igreja - Idade Média*. 2ª ed. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 1950.
- Roemer, Paul. *Pseudo-Dionysius: A commentary on the texts and an introduction to their influence*. New York: Oxford University Press, 1993.
- Schmitt, Joseph. «Genesis de la Cristologia Apostolica». Em *Iniciación a la práctica de la Teología*, editado por Bernard Lauret e François Refoulé, traduzido por Rufino Godoy, II.1.:137–83. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984.
- Seemann, Michael. «Angeles y Demonios en su relacion con el Hombre - cuestiones previas». Em *Mysterium Salutis: Manual de teología como historia de la salvación*, editado por Johannes Feiner e Magnus Löhrer, traduzido por Guillermo Aparicio e Angel Saenz-Badillos, Segunda Ed., 2:728–36. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1969.
- . «Angeles y Demonios en su relacion con el Hombre - Los Angeles». Em *Mysterium Salutis: Manual de teología como historia de la salvación*, editado por Johannes Feiner e Magnus Löhrer, traduzido por Guillermo Aparicio e Angel Saenz-Badillos, Segunda Ed., 2:736–68. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1969.
- Sequeri, Pierangelo. «Os efeitos do Anjo. Perspectivas da angelologia para uma nova teologia da história». Em *Congresso Internacional: Figuras do Anjo Revisitadas*, traduzido por Fernando Ventura, 193–209. Fátima: Santuário de Fátima, 2007.
- Sesboüé, Bernard. *JesuCristo, El Único Mediador: Ensayo sobre la redención y la salvación*. Traduzido por Alfonso Ortiz García. Vol. II. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1990.
- . *JesuCristo, El Único Mediador: Ensayo sobre la redención y la salvación*. Traduzido por Alfonso Ortiz García. Vol. I. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1990.
- . «Na esteira de Calcedónia: cristologia e soteriologia a partir do século VI». Em *História dos Dogmas: O Deus da Salvação*, editado por Bernard Sesboüé e Joseph Wolinski, traduzido por Marcos Bagno, I:355–424. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- . *Pensar e viver a Fé no Terceiro Milénio - Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*. Traduzido por Manuel Luis de Sousa Pinheiro. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.

- Simões, Ana Sofia, Flávio Carvalho, Francisca Almeida, Hugo Barreira, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo Graça, Maria José Marinho de Queirós Meireles, Maria Leonor Barbosa Soares, et al. *Angelorum - Anjos em Portugal*. Editado por Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo Graça. Guimarães: Museu de Alberto Sampaio, 2012.
- Studer, Basil. «A doutrina patrística acerca dos Anjos». Em *Congresso Internacional: Figuras do Anjo Revisitadas*, traduzido por Fernando Ventura, 147–75. Fátima: Santuário de Fátima, 2007.
- Tincq, Henri. *Os Génios do Cristianismo*. Traduzido por Público. Lisboa: Gradiva Público, 1999.
- Torres Queiruga, Andrés. *Fin del cristianismo premoderno: retos hacia un nuevo horizonte*. Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2000.
- . *Recuperar a Criação: Por uma religião humanizadora*. Traduzido por João Rezende Costa. São Paulo: Paulus Editora, 1999.
- Vallés, Carlos G. *Hablando con mi Ángel*. Barcelona: Editorial Planeta, 1996.
- Variações, António. «Anjinho da Guarda». Em *Muda de Vida - Letras de António Variações*, 42. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.
- Varillon, François. *Alegria de Crer e de Viver*. Traduzido por Miriam Godinho. 2ª ed. Braga: Editorial A. O., 2013.
- Verdete, Carlos. *História da Igreja: Das origens até ao Cisma do Oriente (1054)*. Vol. I. Lisboa: Paulus Editora, 2009.
- Zucal, Silvano. *L'Angelo nel pensiero contemporaneo*. Brescia: Editrice Morcelliana, 2012.

Publicações Periódicas

- Alexander, Philip S. «The Qumran Songs of the Sabbath sacrifice and the Celestial Hierarchy of Dionysius the Areopagite: a comparative approach». *Revue de Qumrân* 22, n. 3 (87) (20 de Julho de 2006): 349–72. <https://doi.org/10.2143/RQ.22.3.3290214>.

- Alves, Herculano. «Do anseio do divino à Revelação de Deus». *Bíblica (série científica)*, n. 26 (2017): 29–64.
- Bachanek, Grzegorz. «The Rationality of Faith: Romano Guardini and Joseph Ratzinger». *Collectanea Theologica* 90, n. 5 (2021): 607–20. <https://doi.org/10.21697/ct.2020.90.5.26>.
- Balsas, Álvaro. «A Teologia e as Ciências: Caminhos de Diálogo e Interdisciplinaridade». *Revista Portuguesa de Filosofia* 75, n. 4 (15 de Novembro de 2019): 2511–36. https://doi.org/10.17990/RPF/2019_75.
- Becker, Louis T., e Elyssa M. Gould. «Microsoft Power BI: Extending Excel to Manipulate, Analyze, and Visualize Diverse Data». *Serials Review* 45, n. 3 (3 de Julho de 2019): 184–88. <https://doi.org/10.1080/00987913.2019.1644891>.
- Biemmi, Enzo. «A religiosidade popular. Deixar-se evangelizar pelas aspirações religiosas de hoje e evangelizá-las. Apostas teológicas.» *Pastoral Catequética - revista de catequese e educação* 4, n. 10 (2008): 91–114.
- Blessmann, Joaquim. «Copérnico e Galileu perante a ciência (1ª parte)». *Cultura e Fé* 26, n. 101 (2003): 47–67.
- . «Copérnico e Galileu perante a ciência (2ª parte)». *Cultura e Fé* 26, n. 102 (2003): 40–55.
- Cardita, Ângelo. «Aos ombros de Karl Barth: Considerações teológicas em torno do “Directório sobre a piedade popular e a liturgia”». *Igreja e Missão* A.57, n. 197 (2004): 247–62.
- Carvalho, Cristina Sá. «Fátima na religiosidade popular portuguesa: uma abordagem psicológica». *Pastoral Catequética - revista de catequese e educação* 4, n. 10 (2008): 45–60.
- Carvalho, José Carlos da Silva. «Sonhos, anjos e demónios nas aparições bíblicas». *Bíblica (série científica)*, n. 26 (2017): 103–26.
- Carvalho, José Ornelas. «Visões nas vocações da Bíblia». *Bíblica (série científica)*, n. 26 (2017): 65–90.
- Clemente, Manuel. «Religiosidade popular e fé cristã». Em *A religiosidade popular e a*

- celebração da fé*, editado por Secretariado Nacional de Liturgia, 5–31. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1989.
- Coelho, Francisco Senra. «As aparições na História da Igreja». *Bíblica (série científica)*, n. 26 (2017): 141–48.
- Conesa, Francisco. «¿Qué significa creer? Análisis lingüístico del verbo creer». *Ciencia Tomista* 121, n. 1 (1994): 113–43.
- Cordeiro, José de Leeão. «Expressões da Religiosidade Popular e Celebração Litúrgica». Em *A religiosidade popular e a celebração da fé*, editado por Secretariado Nacional de Liturgia, 32–48. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1989.
- Costa, Hamilton, e Rui Afonso da Costa. «As tendências evolutivas da piedade popular». *Cultura* 11, n. IIª Série (1999): 401–32.
- Duque, João Manuel. «A Teologia como hermenêutica da fronteira». *Ephata* 1 (2019): 13–30. <https://doi.org/10.7559/ephata.2019.290>.
- Esperandio, Mary Rute Gomes, e Kevin Lee Ladd. «Oração e Saúde: Questões Para a Teologia e Para a Psicologia da Religião (Prayer and Health: Issues for Theology and Psychology of Religion)». *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* 11, n. 30 (2013): 627–56. <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2013v11n30p627>.
- Fernández, Roberto. «La religiosidad “local”. 1: Análisis antropológico». *Sal terrae - Revista de teologia pastoral* 85, n. 3 (1997): 201–9.
- Ferreira, José. «Estruturas da Liturgia e religiosidade popular». Em *A religiosidade popular e a celebração da fé*, editado por Secretariado Nacional de Liturgia, 73–91. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1989.
- García Rubio, Antonio. «La religiosidad “local”. 2. ¿Qué valoración evangélica?; ¿qué acercamiento?» *Sal terrae - Revista de teologia pastoral* 85, n. 3 (1997): 211–19.
- Gómez López, José. «La piedad popular: fruto y objeto de evangelización». *Auriensia* 7 (2004): 139–63.
- González Cougil, Ramiro. «Tiene aún sentido la ofrenda de la vela de cera en la piedad

- popular?» *Auriensia* 10 (2007): 187–221.
- González, Ramiro. «La piedad popular - ¿Cómo integrarla en un proyecto o plan de pastoral?» *Salmanticensis* 46, n. 1 (1999): 89–109.
- Guerra, Luciano Gomes Paulo. «Peregrinação e aprofundamento da fé». Em *Peregrinação e Piedade Popular*, 35–68. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1988.
- João, Luís Inácio. «O recurso a graças extraordinárias na prática popular das promessas». Em *Peregrinação e Piedade Popular*, 95–104. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1988.
- Lima, José da Silva. «A religiosidade popular: formas simples de peregrinação». *Communio - Revista Internacional Católica* 33, n. 4 (2016): 437–44.
- . «Santuário, festas e romarias». Em *Peregrinação e Piedade Popular*, 85–93. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1988.
- . «Teologia e Antropologia em diálogo». *Ephata* 1, n. 0 (4 de Setembro de 2019): 89–112. <https://doi.org/10.7559/ephata.2019.294>.
- Marcelino, António, A. Pinto Cardoso, J. Silva Lima, Mário Lages, e Emília Nadal. *Religiosidade popular e educação da fé*. Cadernos de Pastoral. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1987.
- Marchetto, Agostino. «Entre o profano e o sagrado: abordagem pastoral». *Theologica* 53, n. 1–2 (1 de Janeiro de 2018): 31–46. <https://doi.org/10.34632/theologica.2018.22>.
- Moser, José Miguel Pestana de Mello. «Peregrinações». *Communio - Revista Internacional Católica* 33, n. 4 (2016): 495–99.
- Passos, João Décio. «Teologia e Ciência da Religião: identidades e relações». *Ephata* 1, n. 0 (4 de Setembro de 2019): 113–36. <https://doi.org/10.7559/ephata.2019.295>.
- Pérez Domínguez, José. «La Liturgia y las prácticas de piedad. La Liturgia “no agota toda la actividad de la Iglesia”». *Auriensia* 5 (2002): 123–48.
- Pfeifer, Cornelius. «O anjo do “supplices” do Cânon Romano (1)». *Sapientia Crucis* 12, n. 12

(2011): 111–82.

———. «O anjo do “supplices” do Cânon Romano (2): Fundamentos Bíblicos e Dogmáticos sobre as Funções Litúrgicas dos Anjos». *Sapientia Crucis* 13, n. 13 (2012): 121–58.

Pina, Ana Maria, António Camões Gouveia, e João Carlos Brigola. «Piedade popular : um repertório bibliográfico, um projecto de investigação». *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* 4 (1989): 135–73.

Salazar, Carles. «Prayer and symbolisation in an Irish Catholic community». *Etnográfica* 12, n. 2 (2008): 387–402. http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612008000200007&nrm=iso.

Sanderson, Ross W. «A New Piety». *The Biblical World* 46, n. 3 (26 de Dezembro de 1915): 158–62. <http://www.jstor.org/stable/3142478>.

Silva, Irene de Jesus, e Raymundo Heraldo Maués. «Na Busca Da Cura Do Corpo, a oração Opera Milagres: Uma discussão Sobre eficácia simbólica, Perspectivismo, Cura E religião (In the Search for the Healing of the Body, Prayer Works Miracles: A Discussion on Symbolic Efficacy, Perspectivism)». *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* 11, n. 31 (2013): 965–90. <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2013v11n31p965>.

Stein, Edith, e L Gelber. «Être fini et être éternel». *Les Études philosophiques* 11, n. 3 (23 de Dezembro de 1956): 405–22. <http://www.jstor.org/stable/20842067>.

Teixeira, Alfredo. «Anexo I - Questionário: “Identidades religiosas em Portugal - representações, valores e práticas”». *Didaskalia* 43, n. 1–2 (1 de Janeiro de 2013): 383–92. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2013.2406>.

———. «Anexo II - Relatório estatístico do inquérito domiciliado: “Identidades religiosas em Portugal - representações, valores e práticas”». *Didaskalia* 43, n. 1–2 (1 de Janeiro de 2013): 393–452. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2013.2407>.

Terra, Domingos. «A propósito dos “Diálogos sobre a Fé”». *Brotéria* 158, n. 5/6 (2004): 431–50.

- . «Os dados da individualização crente: uma reflexão teológica». *Didaskalia* 43, n. 1–2 (1 de Janeiro de 2013): 319–44. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2013.2402>.
- Tilliette, Xavier. «Edith Stein: La Dottrina degli Angeli». *Aquinas - Rivista Internazionale di Filosofia* 34, n. 3 (1991): 447–57.
- Torres Queiruga, Andrés. «Deus a Xuízo: ¿que Deus?» *Grial* 44, n. 172 (14 de Dezembro de 2006): 28–37. <http://www.jstor.org/stable/29752816>.
- . «La experiencia de Dios: posibilidad, estructura, verificabilidad». *Pensamiento: Revista de investigación e información filosófica* 55, n. 211 (1999): 35–69.
- Zucal, Silvano. «Angelologia politica in età contemporanea». *Didaskalia* 47, n. 2 (1 de Junho de 2017): 171–94. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2017.3268>.

Webgrafia

- Alecrim, Emerson. «GPT-3.5 é a nova versão da IA que gera textos como se fosse um humano». Tecnoblog. Acedido 30 de Dezembro de 2022. <https://tecnoblog.net/noticias/2022/12/02/gpt-3-5-e-a-nova-versao-da-ia-que-gera-textos-como-se-fose-um-humano/>.
- Almenara, Igor. «Microsoft cria IA capaz de imitar vozes a partir de amostras de 3 segundos». Canaltech. Acedido 11 de Janeiro de 2023. <https://canaltech.com.br/inteligencia-artificial/microsoft-cria-ia-capaz-de-imitar-vozes-a-partir-de-amostras-de-3-segundos-235410/>.
- Alvarado Marambio, José Tomás. «Dos alternativas de ontología angélica / Two Alternatives of Angelic Ontology / Duas alternativas de ontologia angélica». *Cuestiones Teológicas* 41, n. 95 (2014): 75–96. http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-131X2014000100005&lng=en&tlng=en.
- ARDA. «ARDA - The Association of Religion Data Archives». Acedido 24 de Novembro de 2022. <https://www.thearda.com>.
- Bader, Christopher D., Paul Froese, Byron Johnson, F. Carson Mencken, e Rodney Stark. «The

- Baylor Religion Survey, Wave II». Waco, TX. Acedido 24 de Novembro de 2022. <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/43TPY>.
- Caldwell, Zelda. «Como a inteligência artificial está ajudando a decifrar os códigos do Arquivo Secreto do Vaticano». Aleteia. Acedido 11 de Janeiro de 2023. <https://pt.aleteia.org/2018/05/16/como-a-inteligencia-artificial-esta-decifrando-os-codigos-do-arquivo-secreto-do-vaticano/>.
- Dicionário Priberam. «Pleonástico». Acedido 5 de Novembro de 2022. <https://dicionario.priberam.org/pleonástico>.
- EVS. «EVS - The European Values Study». Acedido 24 de Novembro de 2022. <https://europeanvaluesstudy.eu>.
- Froese, Paul. «The Baylor Religion Survey, Wave IV». Waco, TX. Acedido 24 de Novembro de 2022. <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/3ZPC2>.
- GESIS. «GESIS - Leibniz Institute for the Social Sciences». Acedido 24 de Novembro de 2022. <https://www.gesis.org/en/home>.
- Gomes, Guilherme. «Conselheiro do Papa fala sobre inteligência artificial dentro da Igreja». A12. Acedido 11 de Janeiro de 2023. <https://www.a12.com/redacaoa12/santo-padre/conselheiro-do-papa-fala-sobre-inteligencia-artificial-dentro-da-igreja>.
- Gonçalves, André Luiz Dias. «Inteligência artificial defenderá réu em tribunal nos EUA». Tecmundo. Acedido 11 de Janeiro de 2023. <https://www.tecmundo.com.br/software/257915-inteligencia-artificial-defendera-reu-tribunal-eua.htm>.
- INE. «Instituto Nacional de Estatística». Acedido 24 de Novembro de 2022. https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_main&xpid=CENSOS21&xlang=pt.
- ISSP Research Group. «International Social Survey Programme: Religion IV - ISSP 2018», 2020. <https://doi.org/10.4232/1.13629>.
- Jaguraba, Mariangela. «O Papa: cada pessoa deve desfrutar de um desenvolvimento humano e

- solidário». Vatican News. Acedido 11 de Janeiro de 2023. <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-01/papa-francisco-inteligencia-artificial-desenvolvimento-humano.html>.
- Kean, Sam. «Artificial Intelligence Is Cracking Open the Vatican’s Secret Archives». The Atlantic. Acedido 11 de Janeiro de 2023. <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2018/04/vatican-secret-archives-artificial-intelligence/559205/>.
- Mitchell, Alex. «Professor catches student cheating with ChatGPT: “I feel abject terror”». *Nypost*. Acedido 3 de Janeiro de 2023. <https://nypost.com/2022/12/26/students-using-chatgpt-to-cheat-professor-warns/>.
- OpenAI. «ChatGPT: Optimizing Language Models for Dialogue». Acedido 27 de Dezembro de 2022. <https://openai.com/blog/chatgpt/>.
- Ortiz, Sabrina. «What is ChatGPT and why does it matter?Here’s what you need to know». ZDNET. Acedido 30 de Dezembro de 2022. <https://www.zdnet.com/article/what-is-chatgpt-and-why-does-it-matter-heres-what-you-need-to-know/>.
- Peres, Cristina. «Inteligência artificial aterrou com estrondo na política mundial: ver já não garante que se possa crer». *Expresso*. Acedido 11 de Janeiro de 2023. <https://expresso.pt/internacional/2023-01-08-Inteligencia-artificial-aterrou-com-estrondo-na-politica-mundial-ver-ja-nao-garante-que-se-possa-crer-471fd5aa>.
- Rachini, Mouhamad. «ChatGPT a “landmark event” for AI, but what does it mean for the future of human labour and disinformation?» CBC Radio. Acedido 30 de Dezembro de 2022. <https://www.cbc.ca/radio/thecurrent/chatgpt-human-labour-and-fake-news-1.6686210>.
- Rafael. «O que é GPT-3 e por que ele é importante?» Sigmoidal. Acedido 30 de Dezembro de 2022. <https://sigmoidal.ai/o-que-e-gpt-3-e-por-que-ele-e-importante/>.
- Reich, Aaron. «ChatGPT: What is the new free AI chatbot? - explainer». Jerusalem Post. Acedido 30 de Dezembro de 2022. <https://www.jpost.com/business-and-innovation/tech-and-start-ups/article-725910>.
- Scharth, Marcel. «The ChatGPT chatbot is blowing people away with its writing skills. An

expert explains why it's so impressive». *The Conversation Journal*. Acedido 29 de Dezembro de 2022. <https://theconversation.com/the-chatgpt-chatbot-is-blowing-people-away-with-its-writing-skills-an-expert-explains-why-its-so-impressive-195908>.

Sung Kim. «How to detect OpenAI's ChatGPT Output». Medium. Acedido 30 de Dezembro de 2022. <https://medium.com/geekculture/how-to-detect-if-an-essay-was-generated-by-openais-chatgpt-58bb8adc8461>.

Tavares, Manoel. «O Papa: progresso tecnológico da humanidade está baseado no bem comum». Vatican News. Acedido 11 de Janeiro de 2023. <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-09/papa-francisco-bem-comum-era-digital.html>.

Terra, João Evangelista Martins. *A Angelologia de Karl Rahner: À luz dos seus princípios hermenêuticos*. São Paulo: Editora Santuário, 1996.

Universidade Católica Portuguesa. «UDIP - Unidade para o Desenvolvimento Integral da Pessoa». Acedido 24 de Novembro de 2022. <https://www.udip.porto.ucp.pt/pt/documentos>.

Vatican News. «Inteligência artificial: religiões abraâmicas assinarão documento no Vaticano». Acedido 11 de Janeiro de 2023. <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-01/vaticano-al-ethics-academia-vida-inteligencia-artificial.html>.

Yalalov, Damir. «ChatGPT's watermarks can help Google detect AI generated text». Metaverse Post. Acedido 2 de Janeiro de 2023. <https://mpost.io/chatgpts-watermarks-can-help-google-detect-ai-generated-text/>.

Bibliografia não citada

Agamben, Giorgio. «Angels». Traduzido por Lorenzo Chiesa. *Angelaki* 16, n. 3 (1 de Setembro de 2011): 117–23. <https://doi.org/10.1080/0969725X.2011.621225>.

Agostinho. *A cidade de Deus I-VIII*. Traduzido por J. Dias Pereira. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

———. «Do Livre Arbítrio». Em *Obras de Santo Agostinho*, traduzido por Evaristo Seijas, Vol. III. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1947.

- Alvis, Robert E. «The Tenacity of Popular Devotions in the Age of Vatican II: Learning from the Divine Mercy». *Religions* 12, n. 1 (2021): 65. <https://doi.org/10.3390/rel12010065>.
- Ambrósio de Milão. *Elias e o jejum*. Traduzido por Aline Canellis. Paris: Les Éditions du Cerf, 2020.
- . *Sacramentos; Mistérios: explicação do símbolo*. Traduzido por Bernard Botte. 2^a ed. Paris: Les Éditions du Cerf, 1994.
- . *Sobre a fé*. Traduzido por Secundino García. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2009.
- Ascenso, Adelino. «Teologia e Estética em Hans Urs von Balthasar e Pierangelo Sequeri». *Igreja e Missão* A.57, n. 197 (2004): 263–86.
- Auer, Johann. *Dios, Uno y Trino*. Editado por Johann Auer e Joseph Ratzinger. Traduzido por Claudio Gancho. *Curso de Teología Dogmática*. Vol. II. Barcelona: Editorial Herder, 1982.
- Barros Cruz, Raimundo José. «Rudolf Otto e Edmund Husserl: considerações acerca das origens do método da Fenomenologia da Religião». *Horizonte* 7, n. 15 (2009): 122–41. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3655180>.
- Basílio de Cesareia. *Acerca da origem do Homem*. Traduzido por Alexis Smets e Michel Van Esbroeck. Paris: Les Éditions du Cerf, 1970.
- Berger, Peter Ludwig. *Um Rumor de Anjos: a Sociedade Moderna e a Redescoberta do Sobrenatural*. Traduzido por Waldemar Boff. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.
- Bernardo de Claraval. «Carta 78». Em *Cartas (42-91)*, traduzido por Henri Rochais, II:368–99. Paris: Les Éditions du Cerf, 2001.
- . *Cartas (42-91)*. Traduzido por Henri Rochais. Vol. II. Paris: Les Éditions du Cerf, 2001.
- . «Primeiro sermão para o Domingo de Ramos». Em *Sermões para o Ano*, traduzido por Marie-Imelda Huille, II.1:294–303. Paris: Les Éditions du Cerf, 2016.
- . *Sermões Diversos (70-125)*. Traduzido por Pierre-Yves Émery e Françoise Callerot. Vol. III. Paris: Les Éditions du Cerf, 2012.
- . *Sermões para o Ano*. Traduzido por Françoise Callerot. Vol. II.2. Paris: Les Éditions du Cerf, 2016.
- . *Sermões sobre o Cântico (51-68)*. Traduzido por Paul Verdeyen e Raffaele Fassetta. Vol. IV. Paris: Les Éditions du Cerf, 2003.
- Bowman, Emma. «A new AI chatbot might do your homework for you. But it's still not an A+ student». NPR. Acedido 29 de Dezembro de 2022. <https://www.npr.org/2022/12/19/1143912956/chatgpt-ai-chatbot-homework-academia>.

- Carvalho, José Carlos. «The nations between the Angel and the Beast in the Book of Revelation». *Didaskalia* 47, n. 2 (1 de Junho de 2017): 43–62. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2017.3262>.
- Casimiro, Luis. «A iconografia dos Anjos no contexto cristão». Em *Congresso Internacional: Figuras do Anjo Revisitadas*, 287–328. Fátima: Santuário de Fátima, 2007.
- Clemente de Alexandria. *Stromata V*. Traduzido por Alain Le Boullueg. Vol. II. Paris: Les Éditions du Cerf, 1981.
- . *O protréptico*. Traduzido por Claude Mondésert. 2ª ed. Paris: Les Éditions du Cerf, 1949.
- Cleto, Albino. «Arte - Sacra - Moderna [Respondendo a algumas dúvidas]». Em *Movimento de Renovação da Arte Religiosa: Textos e Artigos*, 277–85. Lisboa: Centro Nacional de Cultura, 2022.
- Coudert, Allison. «Angels». Em *The Encyclopedia of Religion*, editado por Mircea Eliade, 1:282–86. New York: Macmillan Publishing Company, 1986.
- Cristino, Luciano. «As aparições do Anjo em 1915 e 1916». *Didaskalia* 47, n. 2 (1 de Junho de 2017): 119–48. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2017.3266>.
- Debray, Régis. *Transmitir*. Traduzido por Horacio Pons. Buenos Aires: Ediciones Manantial SRL, 1997.
- Duarte, Alexandre Freire. «Aprove a Deus revelar-Se». *Bíblica (série científica)*, n. 26 (2017): 13–28.
- Duque, João. «Mediação na Teologia». Em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, 19:431–34. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.
- Duque, João Manuel. «Natureza, Religião e Fé». *Bíblica (série científica)*, n. 26 (2017): 3–12.
- Duque, João Manuel Correia Rodrigues. «Deus “Pai” - Algumas questões». *Atrium* 25/26 (1999): 8–22.
- Ecclesia. «Vaticano: Francisco apela a um desenvolvimento humano nas novas tecnologias». Acedido 11 de Janeiro de 2023. <https://agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-francisco-apela-a-um-desenvolvimento-humano-nas-novas-tecnologias/>.
- Falcão, Pedro Braga. «Daimōn como categoria relacional: um estudo etimológico». *Didaskalia* 47, n. 2 (2017): 21–42. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2017.3261>.
- Fallon, T. L. «Angels, Guardian (In the Bible)». Em *New Catholic Encyclopedia*, editado por William J McDonald, 1:516–19. New York: McGraw-Hill Book, 1967.

- Faria, Paulo Antonio Couto. «Ciências Da Religião e Teologia: Evolução de Uma Relação». *Horizonte* 16, n. 51 (1 de Dezembro de 2018): 1324–50. <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2018v16n51p1324>.
- Fragata, Júlio. «Mediação na Filosofia». Em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, 19:430. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.
- Geiselmann, J. R. «Dogma». Em *Dicionário de Teologia: Conceitos Fundamentais da Teologia atual*, editado por Heinrich Fries, traduzido por Teólogos do Pont. Col. Pio Brasileiro de Roma, 1:434–52. São Paulo: Edições Loyola, 1970.
- Gogoni, Ronaldo. «Papa Francisco apresenta plano para o desenvolvimento de IAs mais justas». Meibit. Acedido 11 de Janeiro de 2023. <https://meibit.com/418216/vaticano-microsoft-ibm-papa-francisco-plano-contraias-malignas/>.
- Gregório Taumaturgo. *Elogio do mestre cristão: Discurso de agradecimento a Orígenes*. Traduzido por Marcelo Merino Rodríguez. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1990.
- Grossi, Vitorino, e Bernard Sesboüé. «Pecado original e pecado das origens: de Santo Agostinho ao fim da Idade Média». Em *História dos Dogmas: O Homem e sua Salvação*, editado por Bernard Sesboüé, traduzido por Orlando Soares Moreira, II:133–90. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- Guardini, Romano. *O Espírito da Liturgia*. 2ª ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.
- Halík, Tomáš. *A tarde do cristianismo: o tempo da transformação*. Traduzido por Paulo Ramos. Prior Velho: Paulinas Editora, 2021.
- Haziel. *Os poderes do Anjo da Guarda*. Traduzido por Maria Lisete Soares. Primeira e. Lisboa: Editora Pergaminho, 1997.
- Houaiss, António, e Mauro de Salles Villar. «Meio». Em *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Vol. IV. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003.
- Houtart, François. «Pastoral de conjunto e planos de pastoral». *Concilium. Revista Internacional de Teologia* 3 (1965): 21–34.
- Houtart, François, e Jean Remy. «O estado actual da sociologia aplicada à pastoral». *Concilium. Revista Internacional de Teologia* 3 (1965): 70–87.
- Inácio de Antioquia. «Carta aos Esmirniotas». Em *Cartas*, traduzido por P. Th. Camelot, 3ª ed., 154–69. Paris: Les Éditions du Cerf, 1958.
- . «Inácio de Antioquia: Cartas». Em *Inácio de Antioquia: Cartas, Policarpo de Esmirna: Carta, Carta da Igreja de Esmirna à Igreja de Filomelio*, editado por Juan Félix Bellido, traduzido por Juan José Ayán Calvo, Bilingue., 1:102–89. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1991.

- Inforchannel. «IBM renova compromisso com a ética da IA em evento no Vaticano». Acedido 11 de Janeiro de 2023. <https://inforchannel.com.br/2023/01/09/ibm-renova-compromisso-com-a-etica-da-ia-em-evento-no-vaticano/>.
- Irineu de Lyon. *Contra as Heresias*. Traduzido por Adelin Rousseau e Louis Doutreleau. Vol. III/2. Paris: Les Éditions du Cerf, 2002.
- . *Contra as Heresias*. Traduzido por Adelin Rousseau, Bertrand Hemmerdinger, Luis Doutreleau, e Charles Mercier. Vol. IV/2. Paris: Les Éditions du Cerf, 1965.
- João Crisóstomo. *Acerca da Providência de Deus*. Traduzido por Anne-Marie Malingrey. Paris: Les Éditions du Cerf, 1961.
- João Damasceno. *A Fé Ortodoxa 45-100*. Traduzido por P. Ledrux. Paris: Les Éditions du Cerf, 2011.
- Ladaria, Luis F. «O homem criado à imagem de Deus». Em *História dos Dogmas: O Homem e sua Salvação*, editado por Bernard Sesboüe, traduzido por Orlando Soares Moreira, 2:87–132. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- Lamelas, Isidro P. «Joaquim Carreira Marcelino das Neves OFM (1934-2017). In memoriam». *Didaskalia* 47, n. 2 (2017): 13–20. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2017.3260>.
- Leão Magno. *Sermões II*. Traduzido por René Dolle. 2ª ed. Vol. II. Paris: Les Éditions du Cerf, 1969.
- . *Sermões III*. Traduzido por René Dolle. Vol. III. Paris: Les Éditions du Cerf, 1961.
- . *Sermões IV*. Traduzido por René Dolle. Vol. IV. Paris: Les Éditions du Cerf, 1973.
- Leclercq, Henry. «Lateran Councils». Em *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann, Edward A. Pace, Condé B. Pallen, Thomas J. Shahan, e John J. Wynne, 9:16–19. New York: The Encyclopedia Press, Inc., 1913.
- Lima, José da Silva. «Presenças do invisível: os Anjos». *Didaskalia* 47, n. 2 (1 de Junho de 2017): 149–69. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2017.3267>.
- López Ramos, Jesús. «Zubiri: el respeto a la realidad». *Auriensia* 5 (2002): 211–17.
- Mandim, David. «A Inteligência Artificial ao serviço da Justiça. Pode haver um juiz-robô?». Diário de Notícias. Acedido 11 de Janeiro de 2023. <https://www.dn.pt/pais/a-inteligencia-artificial-ao-servico-da-justica-pode-haver-um-juiz-rob-11408704.html>.
- Martins, António Manuel Alves. «“Sereis como anjos”. Angeologia e escatologia». *Didaskalia* 47, n. 2 (1 de Junho de 2017): 99–118. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2017.3265>.

- Mendonça, José Tolentino. «Figuras do Anjo nas Escrituras Judaico-Cristãs». Em *Congresso Internacional: Figuras do Anjo Revisitadas*, 129–46. Fátima: Santuário de Fátima, 2007.
- Mendoza-Álvarez, Carlos. *Deus Ineffabilis - Uma teologia pós-moderna da revelação do fim dos tempos*. Traduzido por Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações Editora, 2016.
- Messier, Michel. «Médiateur». Em *Catholicisme Hier, Aujourd'hui, Demain*, editado por G. Jacquemet, 8:1059–84. Paris: Letouzey et Ané, 1979.
- Milward, Paul. «The Angels in Theology». *Irish Theological Quarterly* 21, n. 3 (1954): 213–25. <https://doi.org/10.1177/002114005402100302>.
- MIT Technology Review. «Por que a GPT-3 é o melhor e o pior da IA atualmente». MIT Technology Review Brasil. Acedido 30 de Dezembro de 2022. <https://mittechreview.com.br/por-que-a-gpt-3-e-o-melhor-e-o-pior-da-ia-atualmente/>.
- Möller, J. «Mediação». Em *Dicionario de Teologia: Conceitos fundamentais da teologia atual*, editado por Heinrich Fries, traduzido por Teólogos do Pont. Col. Pio Brasileiro de Roma, 3:255–60. São Paulo: Edições Loyola, 1970.
- Moreira, Domingos A. «Piedade Popular e Catolicismo (algumas perspectivas de confronto)». Em *Actas do Colóquio Internacional Piedade Popular: Sociabilidades - Representações - Espiritualidades*, 365–70. Lisboa: Terramar, 1999.
- Mori, Geraldo Luiz De. «Los Tres “Polos” del método teológico». *Cuestiones Teológicas* 49, n. 111 (1 de Janeiro de 2022): 1–16. <https://doi.org/10.18566/cueteo.v49n111.a05>.
- Mróz, Franciszek. «Shrines and Pilgrimages in Poland as an Element of the “Geography” of Faith and Piety of the People of God in the Age of Vatican II (c. 1948–1998)». *Religions* 12, n. 7 (2021): 525. <https://doi.org/10.3390/rel12070525>.
- Nunes, Felipe, Claiton Correa, Alessandra Jandrey, Allan Barcelos, Daniel Reyes, Matheus Bernardes, Afonso Sales, e Milene Selbach Silveira. «Data Visualization on Focus: Exploring Communicability of Dashboards Generated from BI Tools». *IHC '20: Proceedings of the 19th Brazilian Symposium on Human Factors in Computing Systems*, n. 43 (2020): 1–6. <https://doi.org/10.1145/3424953.3426544>.
- O'Connor, E. D. «Mediation». Em *New Catholic Encyclopedia*, editado por William J McDonald, 9:567–71. New York: Mc, 1967.
- O'Mara, Philip F. «Advice to superiors in early tertiary communities: “De sex alis seraphim”». *Franciscan Studies* 48 (20 de Julho de 1988): 81–104. <http://www.jstor.org/stable/41975106>.
- Orígenes. *Contra Celso*. Traduzido por Marcel Borret. Vol. I. Paris: Les Éditions du Cerf, 1967.
- . *Contra Celso*. Traduzido por Marcel Borret. Vol. III. Paris: Les Éditions du Cerf, 1969.

- . *Homilias sobre S. Lucas*. Traduzido por Henri Crouzel, François Fournier, e Pierre Périchon. Paris: Les Éditions du Cerf, 1962.
- Palos, José Morais. «Profetas e Videntes no Antigo Testamento». *Biblica (série científica)*, n. 26 (2017): 91–102.
- Parker, Martin. «Angelic Organization: Hierarchy and the Tyranny of Heaven». *Organization Studies* 30, n. 11 (2009): 1281–99. <https://doi.org/10.1177/0170840609339828>.
- Pelikan, Jaroslav. *The Christian Tradition: A history of the development of doctrine*. Vol. 1. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.
- Piana, Federico. «Dom Paglia: a primazia do ser humano deve prevalecer sobre a inteligência artificial». Vatican News. Acedido 11 de Janeiro de 2023. <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-01/inteligencia-artificial-academia-vida-vaticano-paglia.html>.
- Pio IX. «Constituição Dogmática Dei Filius». Em *Concílio Ecuménico do Vaticano I*, traduzido por Chripim Caetano F. Tavares, 3–59. Porto: Typ. A Vapor da Officina de S. José, 1899.
- . «Constituição Dogmática Pastor Aeternus». Em *Concílio Ecuménico do Vaticano I*, traduzido por Chripim Caetano F. Tavares, 60–78. Porto: Typ. A Vapor da Officina de S. José, 1899.
- Pio XII. «Humani Generis». Acedido 28 de Maio de 2022. https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis.html.
- Pseudo-Dionísio Areopagita. «A hierarquia eclesiástica». Em *Obras Completas*, editado por Teodoro H. Martín, traduzido por Hipólito Cid Blanco, 169–241. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.
- Rizzi, Marco. «Gli angeli tra protologia ed escatologia: la critica di Agostino a Origene nel De civitate Dei». *Didaskalia* 47, n. 2 (1 de Junho de 2017): 63–78. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2017.3263>.
- Rozak, Piotr, e Sławomir Tykarski. «Popular Piety and Devotion to Parish Patrons in Poland and Spain, 1948–98». *Religions* 11, n. 12 (2020): 658. <https://doi.org/10.3390/rel11120658>.
- Ryan, Salvador. «Some Reflections on Theology and Popular Piety: A Fruitful or Fraught Relationship?» *The Heythrop Journal* 53, n. 6 (2012): 961–71. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1468-2265.2012.00753.x>.
- Schierse, F. J. «Mediador». Em *Dicionário de Teologia : Conceitos fundamentais da teologia atual*, editado por Heinrich Fries, traduzido por Teólogos do Pont. Col. Pio Brasileiro de Roma, 3:260–64. São Paulo: Edições Loyola, 1970.

- Semmelroth, Otto. «Mediador, Mediación». Em *Sacramentum Mundi: Enciclopedia Teológica*, editado por Juan Alfaro e José M. Fondevila, 4:546–49. Barcelona: Editorial Herder, 1984.
- Sesboüé, Bernard. «Cristologia e soteriologia. Éfeso e Calcedónia (séculos IV-V)». Em *História dos Dogmas: O Deus da Salvação*, editado por Bernard Sesboüé e Joseph Wolinski, traduzido por Marcos Bagno, I:291–354. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- . «Jesus Christ — the Life of the World». *The Ecumenical Review* 34, n. 2 (1982): 147–58. <https://doi.org/10.1111/j.1758-6623.1982.tb03350.x>.
- . *Pedagogia do Cristo*. Traduzido por Suely Mendes Brazão. São Paulo: Paulinas, 1997.
- Siegman, E. F. «Angels of the Churches». Em *New Catholic Encyclopedia*, editado por William J McDonald, 1:519. New York: McGraw-Hill Book, 1967.
- Stein, Edith. «Modos de Conhecer a Deus: A teologia simbólica do Aeropagita e seus pressupostos objetivos». Traduzido por Enio Paulo Giachini. *Scintilla* 18, n. 1 (2021). <https://scintilla.saoboaventura.edu.br/scintilla/issue/view/12>.
- Suárez Ricondo, Ignacio. «Posibilidades de una angelología elaborada desde la perspectiva de la “persona”». *Sapientia Crucis* 12, n. 12 (2011): 183–205.
- Suarez-Nani, Tiziana. «Il linguaggio e la comunicazione degli angeli nel pensiero medievale: la concezione di Tommaso d’Aquino». *Didaskalia* 47, n. 2 (1 de Junho de 2017): 79–97. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2017.3264>.
- Torres Queiruga, Andrés. *Creo en Dios Padre: El Dios de Jesús como afirmación plena del hombre*. 5ª ed. Maliaño: Editorial Sal Terrae, 1986.
- . *Repensar la Cristología: Sondeos hacia un nuevo paradigma*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2012.
- Tracy, David. «A Teologia na esfera pública: três tipos de discurso público». *Perspectiva Teológica* 44, n. 122 (1 de Janeiro de 2012): 29. <https://doi.org/10.20911/21768757v44n122p29/2012>.
- Varanda, Isabel. «Sagrado, santo, salvo: tópicos para um discernimento em registo cristão». *Didaskalia* 33, n. 1–2 (1 de Janeiro de 2003): 383–401. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2003.1592>.
- Vigueras, Alex. «La teología práctica de karl rahner: Una teología pastoral en perspectiva escatológica». *Teología y Vida* 51, n. 4 (2010): 445–76. <https://doi.org/10.4067/S0049-34492010000300001>.
- Wagner, William. «Consecrations to the Holy Angels: A Theological and Historical Study - Part I». *Sapientia Crucis* 2, n. 2 (2001): 57–84.

———. «Consecrations to the Holy Angels: A Theological and Historical Study - Part II». *Sapientia Crucis* 3, n. 3 (2002): 89–156.

Wegemer, Ludger. «St. Bonaventure, the Seraphic Doctor: his life and works». *Franciscan Studies*, n. 2 (20 de Julho de 1924): 5–38. <http://www.jstor.org/stable/41973974>.

Werbick, Jürgen. «Doctrina de la Trinidad». Em *Manual de Teología Dogmática*, editado por Theodor Schneider, traduzido por Claudio Gancho, 1121–1216. Barcelona: Editorial Herder, 2005.

Zähringer, Damasus. «Angeles y Demonios en su relacion con el Hombre - Los Demonios». Em *Mysterium Salutis: Manual de teologia como historia de la salvacion*, editado por Johannes Feiner e Magnus Löher, traduzido por Guillermo Aparicio e Angel Saenz-Badillos, Segunda Ed., 2:768–85. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1969.

ANEXOS

Anexo 1. Formulário inquérito online

27/12/22, 21:51

O anjo como mediação

O anjo como mediação

Caro/a Participante,

Este estudo decorre no âmbito de Dissertação de Mestrado Integrado de Teologia, na Universidade Católica Portuguesa, Campus de Braga, sob a orientação do Professor Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues. O objetivo fundamental é perceber se existe crença na existência dos anjos e que ideia de anjos têm os crentes ou não crentes.

Os dados recolhidos serão apenas usados para fins de investigação, sendo garantida a confidencialidade e o anonimato dos mesmos. A participação neste estudo é voluntária e, se desejar, poderá desistir a qualquer momento.

Agradeço, desde já, toda a vossa disponibilidade para colaborar neste estudo.
Mónica Neiva

***Obrigatório**

1. Aceita participar, de forma voluntária, neste estudo? *

Marcar tudo o que for aplicável.

Sim, aceito participar neste estudo.

Parte I - Caracterização
sociodemográfica

Recolha de dados
sociodemográficos.

2. Género *

Marcar apenas uma oval.

Feminino

Masculino

3. Idade *

Marcar apenas uma oval.

- 18-29
- 30-39
- 40-49
- 50-59
- 60-69
- Acima de 70

4. Nacionalidade *

Marcar apenas uma oval.

- Portuguesa
- Outra Nacionalidade

5. Distrito (onde vive, ou trabalha, ou estuda, mesmo estando deslocado da residência principal) *

Marcar apenas uma oval.

- Distrito de Braga
- Distrito de Viana
- Outra: _____

6. Estado Civil *

Marcar apenas uma oval.

- Solteiro/a
- Casado/a
- Divorciado/a
- Viúvo/a
- União de Facto
- Separado/a

7. Habilitações *

Marcar apenas uma oval.

- 1º Ciclo (inclui antiga 4ª classe)
- 2º Ciclo (inclui antigo ciclo preparatório)
- 3º Ciclo (inclui antigo 5º liceal)
- Secundário (inclui antigo 7º liceal)
- Pós-Secundário: Curso de especialização tecnológica não superior
- CTeSP – Curso técnico superior profissional
- Bacharelato
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento
- Sem escolaridade

8. Tem filhos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

9. Estatuto profissional (pode seleccionar mais do que uma opção) *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Empregado por conta de outrem
- Empregado por conta própria
- Estudante
- Doméstico/a
- Em estado de baixa médica
- Desempregado
- Pré-Reforma
- Reformado

10. Religião *

Marcar apenas uma oval.

- Católico/a
- Ortodoxo/a
- Protestante
- Evangélico/a
- Testemunha de Jeová
- Judeu
- Budista
- Hindu
- Muçulmana
- Outra cristã
- Outra não cristã
- Ateu
- Sem religião

Parte
II -
Acerca
dos
anjos

Nesta parte aborda-se o conhecimento, o pensamento acerca dos anjos. Nenhuma resposta é mais correta do que outra. Sinta-se confortável para exprimir o que pensa e o que sente.

11. Acredita que existem anjos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Talvez

12. Escolha as afirmações com que mais concorda (pode selecionar mais que uma opção): *

Marcar tudo o que for aplicável.

- O anjo é uma criatura de Deus.
- O anjo é uma criatura puramente espiritual e imortal.
- O anjo é uma figura mítica.
- O anjo é uma força ou energia superior.
- O anjo é uma invenção da humanidade.
- O anjo é uma invenção da religião.

13. Indique o seu grau de concordância com *
as seguintes afirmações:

Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Não sei / Não respondo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
O anjo intervém na vida do ser humano.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Todos os seres humanos têm um anjo da guarda.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O anjo, ao pecar, ao decidir estar contra Deus, não pode ser perdoado, pois a sua decisão é irreversível. Ou seja, não pode voltar atrás na decisão tomada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

14. Indique o seu grau de concordância com *
as seguintes afirmações:

Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Não sei / Não respondo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
O anjo, ao pecar, ao decidir estar contra Deus, pode ser perdoado. Ou seja, pode voltar atrás na decisão tomada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os anjos são mensageiros de Deus. Levam até Deus as súplicas dos seres humanos e trazem de volta as Suas Graças.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os anjos são mensageiros de Deus. Levam até Deus as súplicas dos seres humanos e podem trazer e aplicar os castigos de Deus.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

15. Indique o seu grau de concordância com *
as seguintes afirmações:

Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Não sei / Não respondo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
Os anjos são mediadores de Deus, comunicam a Vontade Divina.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O anjo é uma criatura de Deus, tem a missão de Louvar a Deus e proteger os seres humanos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
São os anjos que orientam o ser humano.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Parte II - Continuação

16. Indique o seu grau de concordância com *
as seguintes afirmações:

Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Não sei / Não respondo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
A função principal dos anjos é louvar e contemplar Deus.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os anjos são servos de Deus.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os anjos têm algum tipo de corpo material.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

17. Indique o seu grau de concordância com *
as seguintes afirmações:

Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Não sei / Não respondo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
Os anjos têm um mundo próprio, que é o céu.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A realidade cósmica é uma só. Por isso, céu e terra são dimensões de uma só realidade. O visível e o invisível pertencem à mesma realidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Acreditar em anjos é ser ignorante e supersticioso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se algo mau acontece à pessoa, significa que o seu anjo da guarda falhou.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

18. Indique o seu grau de concordância com *
as seguintes afirmações:

Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Não sei / Não respondo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
O ser humano atribui as suas próprias responsabilidades para os anjos, como forma de evitar as suas obrigações.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É responsabilidade do anjo, a boa ou má orientação do ser humano.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cristo superou os anjos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando acontece algo mau, parte da culpa é de forças e energias sobrenaturais e invisíveis.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

19. Indique o seu grau de concordância com *
as seguintes afirmações:

Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Não sei / Não respondo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
Quando se escuta o que o anjo diz, é Deus que fala e está a ser escutado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O anjo é uma força, uma energia que assiste e protege os seres humanos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cristo é Senhor dos anjos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Existem nove ordens angélicas, sendo os anjos a ordem inferior.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Parte III
-
Acerca
das
práticas

Nesta parte, pretende-se analisar as práticas através das quais expressa a crença, ou, por outro lado, perceber a inexistência de práticas e crença relativas aos anjos.

20. Das opções abaixo, escolha as que já realizou (pode selecionar mais que uma opção): *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Dirigir-se ao anjo da guarda através da oração ou meditação.
- Participar numa liturgia em honra dos arcanjos (ex: festa de S. Miguel, S. Gabriel, S. Rafael).
- Fazer um pedido de intercessão ou súplica aos anjos para uma situação particular.
- Cumprir uma promessa feita aos anjos, pois a prece foi atendida.
- Participar de um romeiro aos anjos (uma espécie de romaria que deriva de uma promessa particular e outras pessoas são convidadas a participar, cantando e rezando até chegarem ao local de destino)
- Acender velas aos anjos.
- Não creio nesse tipo de práticas.
- Outra: _____

21. Escolha a opção que melhor se enquadra para si: *

Marcar apenas uma oval.

- Prefiro a oração ou meditação pessoal, sozinho(a).
- Prefiro orar ou meditar em comunidade.
- Não acredito na oração ou meditação.
- Outra: _____

22. Se teve alguma experiência particular com um anjo, pode partilhar?

23. Estaria disponível para voltar a ser contactado de novo, no âmbito desta pesquisa?

Se sim, indique-nos o seu endereço de e-mail.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

Anexo 2. Conversa com I.A. - Inglês

M: Hello, can you answer to my master dissertation questionnaire?

A.I.: Sure, I'd be happy to try to help you with your master's dissertation questionnaire. Please provide more information about your question and the topic of your dissertation, and I will do my best to assist you. Keep in mind that as a language model, I don't have access to the internet or any external information beyond what I was trained on, so I may not be able to answer all of your questions. However, I can certainly try to provide guidance and suggestions based on the information that I have been trained on.

M: please answer the following questions:

A.I.: Sure, I'll do my best to answer the questions you have. Please go ahead and provide the questions you would like me to answer.

M: 1. What is your gender? 2. What is your age? 3. Where are you from? 4. What is your current marital status? 5. What is the highest level of school you have completed? 6. Do you have children? 7. How would you describe you in matter of place of employment? 8. What is your religion? 9. Do you believe angels exist, considering angels as supernatural beings? 10. Which of the following statements you agree the most? (You can choose more than one) a) The angel is a creature of God. b) The angel is a creature purely spiritual and immortal. c) The angel is a mythical figure. d) The angel is a force or higher energy. e) The angel is mankind invention. f) The angel is religion invention. 11. How much do you agree with the statement: angels intervene in the life of the human being. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree 12. How much do you agree with the statement: all human beings have a guardian angel. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree 13. How much do you agree with the statement: The angel, in sinning, in deciding to be against God, cannot be forgiven, because his decision is irreversible. In other words, he cannot go back on his decision. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree 14. How much do you agree with the statement: The angel, in sinning, in deciding to be against God, can be forgiven. In other words, he can go back on his decision. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree 15. How much do you agree with the statement: Angels are

messengers of God. They take to God the pleadings of human beings and bring back His graces. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree 16. How much do you agree with the statement: Angels are messengers of God. They take to God the pleadings of human beings and can bring back His punishments. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree 17. How much do you agree with the statement: Angels are God's mediators; they communicate the Divine Will. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree 18. How much do you agree with the statement: The angel is a creature of God, with the mission to praise God and protect human beings. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree 19. How much do you agree with the statement: It is the angels who guide the human being. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree 20. How much do you agree with the statement: The angels' main function is to praise and behold God. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree 21. How much do you agree with the statement: Angels are God's servants. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree 22. How much do you agree with the statement: Angels have some sort of material body. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree 23. How much do you agree with the statement: Angels have a world of their own, which is heaven. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree 24. How much do you agree with the statement: Cosmic reality is one. Therefore, heaven and earth are dimensions of one reality. The visible and the invisible belong to the same reality. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree 25. How much do you agree with the statement: To believe in angels is to be ignorant and superstitious. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree 26. How much do you agree with the statement: If something bad happens to the person, it means that his guardian angel has failed. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree 27. How much do you agree with the statement: Human beings assign their own responsibilities to the angels as a way to avoid their obligations. a) Totally agree b)

Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree

28. How much do you agree with the statement: It is the responsibility of the angel, the good or bad guidance of the human being. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree

29. How much do you agree with the statement: Christ has surpassed the angels. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree

30. How much do you agree with the statement: When something bad happens, supernatural and invisible forces and energies are partly to blame. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree

31. How much do you agree with the statement: When you listen to what the angel says, it is God who is speaking and is being listened to. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree

32. How much do you agree with the statement: The angel is a force, an energy that assists and protects human beings. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree

33. How much do you agree with the statement: Christ is Lord of the angels. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree

34. How much do you agree with the statement: There are nine angelic orders, the angels being the lower order. a) Totally agree b) Partially agree c) Don't know or don't respond d) Partially disagree e) Totally disagree

35. Have you ever addressed your guardian angel through prayer or meditation?

36. Have you ever participated in a liturgy in honour of the archangels (ex: feast of St. Michael, St. Gabriel, St. Raphael)?

37. Have you ever made a request for intercession or supplication to the angels for a particular situation?

38. Have you ever fulfilled a promise made to the angels, because the prayer was answered?

39. Have you ever participated in a pilgrimage to the angels (a kind of pilgrimage that stems from a particular promise and other people are invited to participate, singing and praying until they reach the destination place)?

40. Have you ever lit candles to the angels?

41. Do you believe in any kind of religious practices? If yes, which ones?

42. Which of the following statements you agree the most? a) I prefer personal prayer or meditation, alone. b) I prefer to pray or meditate in community. c) I don't believe in prayer or meditation.

43. If you have had any particular experience with an angel, can you share?

A.I: I apologize, but as a language model, I am not able to provide personal information about myself or my own beliefs or experiences. I am a computer program designed to provide

information and answer questions to the best of my ability based on the data that I have been trained on. I do not have a gender, age, or physical location, and I do not have personal beliefs or experiences. My primary function is to provide information and assistance to users based on the input that I receive. I hope this helps to clarify. Please let me know if you have any other questions or if there is anything else I can help with.

M: Thank you

A.I.: You're welcome! I'm glad to have been able to help. If you have any other questions or need further assistance, please don't hesitate to ask. I'm here to help.

M: Does angels exist?

A.I.: The existence of angels is a matter of belief and interpretation, and different people and belief systems have different perspectives on this topic. In some belief systems, angels are considered to be supernatural beings who serve as intermediaries between God and humans, and who are responsible for communicating messages and carrying out divine will. In other belief systems, angels are not believed to exist, or they may be considered to be mythical or symbolic figures rather than literal beings. Ultimately, the question of whether angels exist is a matter of personal belief, and it is up to each individual to decide what they believe about this topic based on their own experiences and values.

M: Does angels intervene in the life of the human being?

A.I.: The belief in angels as supernatural beings who can intervene in the lives of humans is a matter of interpretation and personal belief. Some people believe that angels are able to communicate with humans and offer guidance, protection, and other forms of assistance, while others do not hold this belief. Some belief systems consider angels to be intermediaries between God and humans, and view them as being responsible for communicating messages and carrying out divine will. Other belief systems do not believe in the existence of angels or view them as symbolic or mythical figures rather than literal beings. Ultimately, whether one believes that angels can intervene in the lives of humans is a matter of personal belief and interpretation.

M: Does all human beings have a guardian angel?

A.I.: The belief in guardian angels, or angels who are assigned to protect and watch over individuals, is a matter of interpretation and personal belief. Some people believe that every person has a guardian angel who is responsible for watching over and protecting

them, while others do not hold this belief. In some belief systems, guardian angels are considered to be supernatural beings who serve as intermediaries between God and humans, and who are responsible for communicating messages and carrying out divine will. In other belief systems, angels are not believed to exist, or they may be considered to be mythical or symbolic figures rather than literal beings. Ultimately, whether one believes that all humans have a guardian angel is a matter of personal belief and interpretation.

M: Does the angel, in sinning, in deciding to be against God, cannot be forgiven, because his decision is irreversible? In other words, he cannot go back on his decision?

A.I.: The belief in the forgiveness of angels and their ability to repent is a matter of interpretation and personal belief. In some belief systems, angels are considered to be supernatural beings who are created sinless and incapable of sinning. In other belief systems, angels are believed to be capable of sinning, but may also be believed to have the ability to repent and be forgiven by God. The belief in the forgiveness of angels and their ability to repent may depend on the specific teachings and beliefs of a particular religion or belief system. Ultimately, whether one believes that angels can be forgiven for sinning and whether their decisions are reversible is a matter of personal belief and interpretation.

M: Are angels messengers of God? Do they take to God the pleadings of human beings and bring back His graces?

A.I.: In some belief systems, angels are considered to be supernatural beings who serve as intermediaries between God and humans, and who are responsible for communicating messages and carrying out divine will. In this context, angels may be believed to act as messengers of God, carrying prayers and other communications from humans to God and bringing back messages or other forms of guidance from God to humans. In other belief systems, angels are not believed to exist, or they may be considered to be mythical or symbolic figures rather than literal beings. Ultimately, whether one believes that angels are messengers of God and whether they are responsible for carrying prayers and other communications between humans and God is a matter of personal belief and interpretation.

M: And about bringing back His punishments?

A.I: In some belief systems, angels are considered to be supernatural beings who serve as intermediaries between God and humans, and who are responsible for communicating messages and carrying out divine will. In this context, angels may be believed to act as messengers of God, carrying prayers and other communications from humans to God and bringing back messages or other forms of guidance from God to humans. Some people may believe that this guidance can include both blessings and punishments, depending on the circumstances. In other belief systems, angels are not believed to exist, or they may be considered to be mythical or symbolic figures rather than literal beings. Ultimately, whether one believes that angels can bring back punishments from God as part of their role as messengers is a matter of personal belief and interpretation.

M: What is the mission of angels?

A.I: The mission or role of angels is a matter of interpretation and belief, and different belief systems may have different understandings of this topic. In some belief systems, angels are considered to be supernatural beings who serve as intermediaries between God and humans, and who are responsible for communicating messages and carrying out divine will. In this context, angels may be believed to have a number of different missions or roles, such as praising and beholding God, protecting and guiding humans, carrying out God's will, and serving as messengers between God and humans. In other belief systems, angels are not believed to exist, or they may be considered to be mythical or symbolic figures rather than literal beings. Ultimately, the mission or role of angels is a matter of personal belief and interpretation.

M: Does angels have some sort of material body?

A.I.: The belief in the nature of angels and whether they have a material body is a matter of interpretation and personal belief. In some belief systems, angels are considered to be purely spiritual beings and are believed to have no physical form or material body. In other belief systems, angels may be believed to have some form of physical manifestation or to be able to take on a physical form when interacting with humans. The belief in the nature of angels and whether they have a material body may depend on the specific teachings and beliefs of a particular religion or belief system. Ultimately, whether one believes that angels have a material body is a matter of personal belief and interpretation.

M: Does Angels have a world of their own, which is heaven?

A.I.: In some belief systems, angels are considered to be supernatural beings who reside in a spiritual realm or heaven. In this context, angels may be believed to have their own world or place of residence within this spiritual realm. In other belief systems, angels are not believed to exist, or they may be considered to be mythical or symbolic figures rather than literal beings. The belief in the existence of a heaven or spiritual realm where angels reside is a matter of personal belief and interpretation, and different belief systems may have different understandings of this topic. Ultimately, whether one believes that angels have a world or place of residence of their own within a spiritual realm is a matter of personal belief and interpretation.

M: Does Cosmic reality is one? Therefore, heaven and earth are dimensions of one reality? The visible and the invisible belong to the same reality?

A.I.: Different belief systems and philosophies have different understandings of the nature of reality and the relationship between the visible and invisible worlds. Some belief systems may view heaven and earth as separate realms or dimensions, while others may view them as part of a larger, unified reality. Similarly, some belief systems may view the visible and invisible worlds as being separate and distinct, while others may view them as being interconnected and part of the same reality. Ultimately, whether one believes that cosmic reality is one and that heaven and earth, and the visible and invisible worlds, are dimensions of a single unified reality is a matter of personal belief and interpretation.

M: Does believing in angels is to be ignorant and superstitious?

A.I.: It is not accurate or fair to say that believing in angels is inherently ignorant or superstitious. Belief in angels is a matter of personal belief and interpretation, and different people and belief systems have different perspectives on this topic. Some people believe in the existence of angels as supernatural beings who serve as intermediaries between God and humans and who are responsible for carrying out divine will. Others do not hold this belief and may view angels as mythical or symbolic figures rather than literal beings. It is important to respect the beliefs of others and to recognize that people may have different understandings and perspectives on this and other topics. It is not productive or respectful to label others as ignorant or superstitious simply because they hold beliefs that differ from one's own.

M: If something bad happens to the person, does it means that his guardian angel has failed?

A.I.: The belief in the role and function of guardian angels and the idea that they can fail to protect or guide an individual is a matter of interpretation and personal belief. Some people believe that guardian angels are supernatural beings who are assigned to protect and watch over individuals, and that they are responsible for helping to guide and protect them from harm. Others do not hold this belief and may view angels as mythical or symbolic figures rather than literal beings. It is important to recognize that people may have different understandings and beliefs about the role and function of guardian angels, and that it is not productive or helpful to attribute negative events or experiences to the failure of a guardian angel. Instead, it is important to focus on finding ways to cope with and move forward from challenging experiences, regardless of one's beliefs about the role of guardian angels.

M: Does human beings assign their own responsibilities to the angels as a way to avoid their obligations?

A.I.: It is possible that some people may attribute certain responsibilities or tasks to angels as a way to avoid their own obligations or to shift the blame for certain events or situations. However, it is important to recognize that the belief in angels and their role and function is a matter of interpretation and personal belief, and that different people and belief systems have different perspectives on this topic. Some people may genuinely believe in the existence of angels and their role as intermediaries between God and humans, and may view them as being responsible for carrying out divine will and helping to guide and protect humans. Others may not hold this belief and may view angels as mythical or symbolic figures rather than literal beings. It is not productive or respectful to assume that someone's beliefs about angels are motivated by a desire to avoid their own responsibilities or to shift blame. It is important to respect the beliefs of others and to recognize that people may have different understandings and perspectives on this and other topics.

M: Did Christ has surpassed the angels?

A.I.: In some belief systems, Christ is considered to be a divine being who is believed to have surpassed the angels in terms of his status and role. In Christianity, Christ is believed to be the Son of God and the savior of humanity, and he is considered to be a central figure in the faith. In this context, Christ may be believed to have a unique and special relationship with God and to have a role and purpose that surpasses that of the angels.

Other belief systems may have different understandings of the nature and role of Christ and the angels. It is important to recognize that different belief systems and religions may have different teachings and beliefs about Christ and the angels, and that it is not productive or respectful to try to impose one's own beliefs on others or to criticize the beliefs of others.

M: Does When you listen to what the angel says, it is God who is speaking and is being listened to?

A.I.: The belief in the role of angels as intermediaries between God and humans and in the idea that when an angel speaks, it is God who is being listened to is a matter of interpretation and personal belief. In some belief systems, angels are considered to be supernatural beings who serve as intermediaries between God and humans, and who are responsible for communicating messages and carrying out divine will. In this context, it may be believed that when an angel speaks, it is God who is being listened to and that the angel is acting as a messenger or representative of God. Other belief systems may have different understandings of the nature and role of angels, and may not believe in their existence or view them as mythical or symbolic figures rather than literal beings. Ultimately, whether one believes that when an angel speaks, it is God who is being listened to is a matter of personal belief and interpretation.

M: Is Christ is Lord of the angels?

A.I.: In some belief systems, Christ is considered to be a divine being who is believed to be the Lord of the angels. In Christianity, Christ is believed to be the Son of God and the savior of humanity, and he is considered to be a central figure in the faith. In this context, Christ may be believed to be the Lord or ruler of the angels and to have a unique and special relationship with God. Other belief systems may have different understandings of the nature and role of Christ and the angels. It is important to recognize that different belief systems and religions may have different teachings and beliefs about Christ and the angels, and that it is not productive or respectful to try to impose one's own beliefs on others or to criticize the beliefs of others.

M: Are there nine angelic orders, being the angels the lower order?

A.I.: The belief in the existence of nine angelic orders and the idea that angels are a lower order is a matter of interpretation and personal belief. In some belief systems, angels are

considered to be supernatural beings who are believed to be organized into different ranks or orders, with some being higher in status or closer to God than others. In this context, it may be believed that there are nine angelic orders and that angels are a lower order within this hierarchy. Other belief systems may have different understandings of the nature and organization of angels, and may not believe in their existence or view them as mythical or symbolic figures rather than literal beings. Ultimately, whether one believes in the existence of nine angelic orders and that angels are a lower order within this hierarchy is a matter of personal belief and interpretation.

M: Which are the most common religious practices towards the angels?

A.I.: The most common religious practices towards angels may vary depending on the specific belief system and religion. In some belief systems, angels are considered to be supernatural beings who serve as intermediaries between God and humans and who are responsible for carrying out divine will. In this context, people may engage in various practices or rituals in order to honor, invoke, or seek guidance or protection from angels. Some common practices may include praying to or seeking the intercession of angels, making offerings or sacrifices to them, and using religious symbols or objects associated with angels in rituals or devotions. Other belief systems may not hold this belief in angels or may view them as mythical or symbolic figures rather than literal beings, and as such, may not have specific practices or rituals related to angels. Ultimately, the most common religious practices towards angels may depend on the specific teachings and beliefs of a particular religion or belief system.

M: How can it be categorized an experience with angels?

A.I.: Experience with angels is a matter of personal interpretation and belief, and different people may have different understandings and perspectives on this topic. Some people may believe that they have had direct encounters with angels, either through physical encounters or through spiritual or supernatural experiences. These encounters may be viewed as positive and uplifting, or they may be more ambiguous or challenging. Some people may describe their experiences with angels as being deeply meaningful and transformative, while others may view them as being more symbolic or metaphorical in nature. Ultimately, how an experience with angels is categorized may depend on the individual's own beliefs, interpretations, and understanding of the experience.

M: Many thanks

A.I.: You're welcome! I'm glad to have been able to help. If you have any other questions, feel free to ask.

Anexo 3. Conversa com I.A. - Português

M: Olá, pode responder ao meu questionário de dissertação de Mestrado?

I.A.: Claro, ficaria feliz em tentar ajudá-lo com o questionário de dissertação de mestrado. Por favor, forneça mais informações sobre a sua pergunta e sobre o tema da sua dissertação, e farei o meu melhor para ajudá-lo. Tenha em mente que, como modelo linguístico, não tenho acesso à internet ou qualquer informação externa para além do que fui treinado, por isso posso não ser capaz de responder a todas as suas perguntas. No entanto, posso certamente tentar fornecer orientações e sugestões com base nas informações em que fui treinado.

M: Por favor responda às seguintes perguntas:

I.A.: Claro, farei o meu melhor para responder às perguntas que tem. Por favor, vá em frente e forneça as perguntas que gostaria que eu respondesse.

M: 1. Qual é o seu sexo? 2. Qual é a sua idade? 3. De onde é? 4. Qual é o seu estado civil atual? 5. Qual é o nível mais alto de escola que completou? 6. Tem filhos? 7. Como o descreveria em matéria de emprego? 8. Qual é a sua religião? 9. Acredita que os anjos existem, considerando os anjos como seres sobrenaturais? 10. Qual das seguintes declarações concorda mais? (Pode escolher mais do que um) a) O anjo é uma criatura de Deus. b) O anjo é uma criatura puramente espiritual e imortal. c) O anjo é uma figura mítica. d) O anjo é uma força ou uma energia superior. e) O anjo é invenção da humanidade. f) O anjo é invenção religiosa. 11. Quanto concorda com a afirmação: os anjos intervêm na vida do ser humano. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responda d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 12. Quanto concorda com a afirmação: todos os seres humanos têm um anjo da guarda. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responda d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 13. Quanto concorda com a afirmação: o anjo, ao pecar, ao decidir ser contra Deus, não pode ser perdoado, porque a sua decisão é irreversível. Por outras palavras, não pode voltar atrás na sua decisão. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responda d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 14. Quanto concorda com a afirmação: o anjo, ao pecar, ao decidir ser contra Deus, pode ser perdoado. Por outras palavras, pode voltar atrás na sua decisão. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou

não responda d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 15. Quanto concorda com a afirmação: os anjos são mensageiros de Deus. Levam a Deus as súplicas dos seres humanos e trazem de volta As Suas Graças. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responda d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 16. Quanto concorda com a afirmação: os anjos são mensageiros de Deus. Levam a Deus as súplicas dos seres humanos e podem trazer de volta os seus castigos. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responda d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 17. Quanto concorda com a afirmação: os anjos são mediadores de Deus; comunicam a Vontade Divina. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responda d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 18. Quanto concorda com a afirmação: o anjo é uma criatura de Deus, com a missão de louvar a Deus e proteger os seres humanos. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responda d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 19. Quanto concorda com a afirmação: são os anjos que guiam o ser humano. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responda d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 20. Quanto concorda com a afirmação: a principal função dos anjos é louvar e contemplar Deus. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responda d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 21. Quanto concorda com a afirmação: os anjos são servos de Deus. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responda d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 22. Quanto concorda com a afirmação: os anjos têm algum tipo de corpo material. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responda d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 23. Quanto concorda com a afirmação: os anjos têm um mundo próprio, que é o céu. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responda d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 24. Quanto concorda com a afirmação: a realidade cósmica é uma só. Portanto, o céu e a terra são dimensões de uma realidade. O visível e o invisível pertencem à mesma realidade. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responda d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 25. Quanto concorda com a afirmação: acreditar em anjos é ser ignorante e supersticioso. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responda d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 26. Quanto concorda com a afirmação: se algo de mau acontecer à pessoa, significa que o seu anjo da guarda

falhou. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responde d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 27. Quanto concorda com a afirmação: os seres humanos atribuem as suas próprias responsabilidades aos anjos como forma de evitar as suas obrigações. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responde d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 28. Quanto concorda com a afirmação: é da responsabilidade do anjo, a boa ou má orientação do ser humano. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responde d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 29. Quanto concorda com a afirmação: Cristo superou os anjos. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responde d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 30. Quanto concorda com a afirmação: Quando algo de mau acontece, forças e energias sobrenaturais e invisíveis são parcialmente culpadas. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responde d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 31. Quanto concorda com a afirmação: quando ouves o que o anjo diz, é Deus que está a falar e está a ser ouvido. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responde d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 32. Quanto concorda com a afirmação: o anjo é uma força, uma energia que ajuda e protege os seres humanos. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responde d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 33. Quanto concorda com a afirmação: Cristo é Senhor dos Anjos. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responde d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 34. Quanto concorda com a afirmação: há nove ordens angélicas, sendo os anjos a ordem inferior. a) Totalmente de acordo b) Concordo parcialmente c) Não sei ou não responde d) Discordo parcialmente e) Discordo totalmente 35. Alguma vez dirigiu-se ao seu anjo da guarda através da oração ou da meditação? 36. Já participou numa liturgia em honra dos arcanjos (ex: festa de São Miguel, São Gabriel, São Rafael)? 37. Já fez um pedido de intercessão ou súplica aos anjos para uma situação particular? 38. Já cumpriu uma promessa feita aos anjos, porque a oração foi atendida? 39. Já participou numa peregrinação aos anjos (uma espécie de peregrinação que decorre de uma promessa particular e outras pessoas são convidadas a participar, cantar e rezar até chegarem ao local de destino)? 40. Já acendeu velas para os anjos? 41. Acredita em algum tipo de prática religiosa? Se sim, quais? 42. Qual das seguintes declarações concorda mais? a) Prefiro oração pessoal ou meditação, sozinha. b) Prefiro rezar ou

meditar em comunidade. c) Não acredito na oração ou meditação. 43. Se teve alguma experiência particular com um anjo, pode partilhar?

I.A.: Peço desculpa, mas como modelo linguístico, não sou capaz de fornecer informações pessoais sobre mim ou sobre as minhas próprias crenças ou experiências. Sou um programa de computador concebido para fornecer informações e responder a perguntas o melhor da minha capacidade com base nos dados em que fui treinado. Não tenho sexo, idade ou localização física, e não tenho crenças ou experiências pessoais. A minha principal função é fornecer informações e assistência aos utilizadores com base no contributo que recebo. Espero que isto ajude a esclarecer. Por favor, avise-me se tiver mais alguma pergunta ou se houver mais alguma coisa com que possa ajudar.

M: Obrigado

I.A.: De nada! Estou feliz por ter podido ajudar. Se tiver mais perguntas ou precisar de mais assistência, por favor, não hesite em perguntar. Estou aqui para ajudar.

M: Os anjos existem?

I.A.: A existência de anjos é uma questão de crença e interpretação, e diferentes pessoas e sistemas de crenças têm diferentes perspetivas sobre este tema. Em alguns sistemas de crenças, os anjos são considerados seres sobrenaturais que servem como intermediários entre Deus e os humanos, e que são responsáveis pela comunicação de mensagens e pela realização da vontade divina. Em outros sistemas de crenças, não se acredita que os anjos existam, ou podem ser considerados figuras míticas ou simbólicas em vez de seres literais. Em última análise, a questão de saber se os anjos existem é uma questão de crença pessoal, e cabe a cada indivíduo decidir o que acreditam sobre este tema com base nas suas próprias experiências e valores.

M: Os anjos intervêm na vida do ser humano?

I.A.: A crença nos anjos como seres sobrenaturais que podem intervir na vida dos humanos é uma questão de interpretação e crença pessoal. Algumas pessoas acreditam que os anjos são capazes de comunicar com os humanos e oferecer orientação, proteção e outras formas de assistência, enquanto outros não têm esta crença. Alguns sistemas de crenças consideram os anjos como intermediários entre Deus e os humanos, e vêem-nos como responsáveis pela comunicação de mensagens e pela realização da vontade divina. Outros sistemas de crenças não acreditam na existência de anjos ou vêem-nos como

figuras simbólicas ou míticas em vez de seres literais. Em última análise, se se acredita que os anjos podem intervir na vida dos humanos é uma questão de crença e interpretação pessoal.

M: Todos os seres humanos têm um anjo da guarda?

I.A.: A crença nos anjos da guarda, ou anjos que são designados para proteger e vigiar os indivíduos, é uma questão de interpretação e crença pessoal. Algumas pessoas acreditam que cada pessoa tem um anjo da guarda que é responsável por velar por eles e protegê-los, enquanto outros não têm esta crença. Em alguns sistemas de crenças, os anjos da guarda são considerados seres sobrenaturais que servem como intermediários entre Deus e os humanos, e que são responsáveis pela comunicação de mensagens e pela realização da vontade divina. Em outros sistemas de crenças, não se acredita que os anjos existam, ou podem ser considerados figuras míticas ou simbólicas em vez de seres literais. Em última análise, se alguém acredita que todos os humanos têm um anjo da guarda é uma questão de crença pessoal e interpretação.

M: O anjo, ao pecar, ao decidir ser contra Deus, não pode ser perdoado, porque a sua decisão é irreversível? Por outras palavras, não pode voltar atrás na sua decisão?

I.A.: A crença no perdão dos anjos e a sua capacidade de arrependimento é uma questão de interpretação e crença pessoal. Em alguns sistemas de crenças, os anjos são considerados seres sobrenaturais que são criados sem pecado e incapazes de pecar. Em outros sistemas de crenças, acredita-se que os anjos são capazes de pecar, mas também se pode acreditar que têm a capacidade de se arrependerem e serem perdoados por Deus. A crença no perdão dos anjos e na sua capacidade de se arrependerem pode depender dos ensinamentos e crenças específicas de uma determinada religião ou sistema de crenças. Em última análise, se se acredita que os anjos podem ser perdoados por pecar e se as suas decisões são reversíveis é uma questão de crença e interpretação pessoal.

M: Anjos são mensageiros de Deus? Eles levam a Deus as alegações dos seres humanos e trazem de volta As Suas Graças?

I.A.: Em alguns sistemas de crenças, os anjos são considerados seres sobrenaturais que servem como intermediários entre Deus e os humanos, e que são responsáveis pela comunicação de mensagens e pela realização da vontade divina. Neste contexto, acredita-se que os anjos atuam como mensageiros de Deus, transportando orações e outras comunicações

dos humanos para Deus e trazendo mensagens ou outras formas de orientação de Deus para os seres humanos. Em outros sistemas de crenças, não se acredita que os anjos existam, ou podem ser considerados figuras míticas ou simbólicas em vez de seres literais. Em última análise, se se acredita que os anjos são mensageiros de Deus e se são responsáveis por levar orações e outras comunicações entre humanos e Deus é uma questão de crença e interpretação pessoal.

M: E sobre trazer de volta os seus castigos?

I.A.: Em alguns sistemas de crenças, os anjos são considerados seres sobrenaturais que servem como intermediários entre Deus e os humanos, e que são responsáveis pela comunicação de mensagens e pela realização da vontade divina. Neste contexto, acredita-se que os anjos atuam como mensageiros de Deus, transportando orações e outras comunicações dos humanos para Deus e trazendo mensagens ou outras formas de orientação de Deus para os seres humanos. Algumas pessoas podem acreditar que esta orientação pode incluir bênçãos e castigos, dependendo das circunstâncias. Em outros sistemas de crenças, não se acredita que os anjos existam, ou podem ser considerados figuras míticas ou simbólicas em vez de seres literais. Em última análise, se alguém acredita que os anjos podem trazer de volta castigos de Deus como parte do seu papel como mensageiros é uma questão de crença pessoal e interpretação.

M: Qual é a missão dos anjos?

I.A.: A missão ou papel dos anjos é uma questão de interpretação e crença, e diferentes sistemas de crenças podem ter diferentes entendimentos deste tópico. Em alguns sistemas de crenças, os anjos são considerados seres sobrenaturais que servem como intermediários entre Deus e os humanos, e que são responsáveis pela comunicação de mensagens e pela realização da vontade divina. Neste contexto, acredita-se que os anjos têm uma série de diferentes missões ou papéis, tais como louvar e contemplar Deus, proteger e guiar os humanos, realizar a vontade de Deus, e servir como mensageiros entre Deus e os humanos. Em outros sistemas de crenças, não se acredita que os anjos existam, ou podem ser considerados figuras míticas ou simbólicas em vez de seres literais. Em última análise, a missão ou o papel dos anjos é uma questão de crença pessoal e interpretação.

M: Os anjos têm algum tipo de corpo material?

I.A.: A crença na natureza dos anjos e se eles têm um corpo material é uma questão de interpretação e crença pessoal. Em alguns sistemas de crenças, os anjos são considerados seres puramente espirituais e acredita-se que não têm forma física ou corpo material. Em outros sistemas de crenças, acredita-se que os anjos têm alguma forma de manifestação física ou para serem capazes de assumir uma forma física ao interagir com os seres humanos. A crença na natureza dos anjos e se eles têm um corpo material pode depender dos ensinamentos e crenças específicas de uma determinada religião ou sistema de crenças. Em última análise, se se acredita que os anjos têm um corpo material é uma questão de crença pessoal e interpretação.

M: Os Anjos têm um mundo próprio, que é o céu?

I.A.: Em alguns sistemas de crenças, os anjos são considerados seres sobrenaturais que residem num reino espiritual ou no céu. Neste contexto, acredita-se que os anjos tenham o seu próprio mundo ou lugar de residência neste reino espiritual. Em outros sistemas de crenças, não se acredita que os anjos existam, ou podem ser considerados figuras míticas ou simbólicas em vez de seres literais. A crença na existência de um reino celestial ou espiritual onde os anjos residem é uma questão de crença e interpretação pessoal, e diferentes sistemas de crenças podem ter diferentes entendimentos deste tópico. Em última análise, se se acredita que os anjos têm um mundo ou um lugar de residência próprio dentro de um reino espiritual é uma questão de crença e interpretação pessoal.

M: A realidade cósmica é uma? Portanto, o céu e a terra são dimensões de uma realidade? O visível e o invisível pertencem à mesma realidade?

I.A.: Diferentes sistemas e filosofias de crenças têm diferentes entendimentos da natureza da realidade e da relação entre os mundos visíveis e invisíveis. Alguns sistemas de crenças podem ver o céu e a terra como reinos ou dimensões separadas, enquanto outros podem vê-los como parte de uma realidade maior e unificada. Da mesma forma, alguns sistemas de crenças podem ver os mundos visíveis e invisíveis como sendo separados e distintos, enquanto outros podem vê-los como sendo interligados e parte da mesma realidade. Em última análise, se se acredita que a realidade cósmica é uma só e que o céu e a terra, e os mundos visíveis e invisíveis, são dimensões de uma única realidade unificada é uma questão de crença e interpretação pessoal.

M: Acreditar nos anjos é ser ignorante e supersticioso?

I.A.: Não é preciso ou justo dizer que acreditar em anjos é inerentemente ignorante ou supersticioso. A crença nos anjos é uma questão de crença e interpretação pessoal, e diferentes pessoas e sistemas de crenças têm diferentes perspectivas sobre este tema. Algumas pessoas acreditam na existência de anjos como seres sobrenaturais que servem como intermediários entre Deus e os humanos e que são responsáveis pela realização da vontade divina. Outros não têm esta crença e podem ver os anjos como figuras míticas ou simbólicas em vez de seres literais. É importante respeitar as crenças dos outros e reconhecer que as pessoas podem ter diferentes entendimentos e perspectivas sobre este e outros tópicos. Não é produtivo ou respeitoso rotular os outros como ignorantes ou supersticiosos simplesmente porque têm crenças que diferem das nossas.

M: Se algo de mau acontecer à pessoa, significa que o seu anjo da guarda falhou?

I.A.: A crença no papel e na função dos anjos da guarda e a ideia de que podem não proteger ou orientar um indivíduo é uma questão de interpretação e crença pessoal. Algumas pessoas acreditam que os anjos da guarda são seres sobrenaturais que são designados para proteger e vigiar os indivíduos, e que são responsáveis por ajudar a guiá-los e protegê-los do mal. Outros não têm esta crença e podem ver os anjos como figuras míticas ou simbólicas em vez de seres literais. É importante reconhecer que as pessoas podem ter diferentes entendimentos e crenças sobre o papel e função dos anjos da guarda, e que não é produtivo ou útil atribuir eventos ou experiências negativas ao fracasso de um anjo da guarda. Em vez disso, é importante concentrarmo-nos em encontrar formas de lidar e seguir em frente com experiências desafiantes, independentemente das nossas crenças sobre o papel dos anjos da guarda.

M: Será que os seres humanos atribuem as suas próprias responsabilidades aos anjos como forma de evitar as suas obrigações?

I.A.: É possível que algumas pessoas possam atribuir determinadas responsabilidades ou tarefas aos anjos como forma de evitar as suas próprias obrigações ou de transferir a culpa para determinados acontecimentos ou situações. No entanto, é importante reconhecer que a crença nos anjos e o seu papel e função é uma questão de interpretação e crença pessoal, e que diferentes pessoas e sistemas de crenças têm diferentes perspectivas sobre este tema. Algumas pessoas podem genuinamente acreditar na existência de anjos e no seu papel de intermediários entre Deus e os humanos, e podem vê-los como sendo responsáveis pela realização da vontade divina e ajudar a guiar e proteger os seres

humanos. Outros podem não ter esta crença e podem ver os anjos como figuras míticas ou simbólicas em vez de seres literais. Não é produtivo ou respeitoso assumir que as crenças de alguém sobre os anjos são motivadas pelo desejo de evitar as suas próprias responsabilidades ou de transferir a culpa. É importante respeitar as crenças dos outros e reconhecer que as pessoas podem ter diferentes entendimentos e perspetivas sobre este e outros tópicos.

M: Cristo superou os anjos?

I.A.: Em alguns sistemas de crenças, Cristo é considerado um ser divino que se acredita ter ultrapassado os anjos em termos do seu estatuto e papel. No Cristianismo, acredita-se que Cristo é o Filho de Deus e o salvador da humanidade, e ele é considerado uma figura central na fé. Neste contexto, acredita-se que Cristo tenha uma relação única e especial com Deus e tenha um papel e um propósito que ultrapasse o dos anjos. Outros sistemas de crenças podem ter diferentes entendimentos da natureza e do papel de Cristo e dos anjos. É importante reconhecer que diferentes sistemas e religiões de crenças podem ter diferentes ensinamentos e crenças sobre Cristo e os anjos, e que não é produtivo ou respeitoso tentar impor as próprias crenças aos outros ou criticar as crenças dos outros.

M: Quando ouves o que o anjo diz, é Deus que está a falar e está a ser ouvido?

I.A.: A crença no papel dos anjos como intermediários entre Deus e os humanos e na ideia de que quando um anjo fala, é Deus que está a ser ouvido é uma questão de interpretação e crença pessoal. Em alguns sistemas de crenças, os anjos são considerados seres sobrenaturais que servem como intermediários entre Deus e os humanos, e que são responsáveis pela comunicação de mensagens e pela realização da vontade divina. Neste contexto, pode-se acreditar que quando um anjo fala, é Deus que está a ser ouvido e que o anjo está a agir como mensageiro ou representante de Deus. Outros sistemas de crenças podem ter diferentes entendimentos da natureza e do papel dos anjos, e podem não acreditar na sua existência ou vê-los como figuras míticas ou simbólicas em vez de seres literais. Em última análise, se se acredita que quando um anjo fala, é Deus que está a ser ouvido é uma questão de crença e interpretação pessoal.

M: Cristo é Senhor dos Anjos?

I.A.: Em alguns sistemas de crenças, Cristo é considerado um ser divino que se acredita ser o Senhor dos anjos. No Cristianismo, acredita-se que Cristo é o Filho de Deus e o

salvador da humanidade, e ele é considerado uma figura central na fé. Neste contexto, Cristo pode ser considerado o Senhor ou governante dos anjos e ter uma relação única e especial com Deus. Outros sistemas de crenças podem ter diferentes entendimentos da natureza e do papel de Cristo e dos anjos. É importante reconhecer que diferentes sistemas e religiões de crenças podem ter diferentes ensinamentos e crenças sobre Cristo e os anjos, e que não é produtivo ou respeitoso tentar impor as próprias crenças aos outros ou criticar as crenças dos outros.

M: Há nove ordens angélicas, sendo os anjos a ordem inferior?

I.A.: A crença na existência de nove ordens angélicas e a ideia de que os anjos são uma ordem inferior é uma questão de interpretação e crença pessoal. Em alguns sistemas de crenças, os anjos são considerados seres sobrenaturais que se acredita estarem organizados em diferentes posições ou ordens, com alguns sendo mais altos em estatuto ou mais próximos de Deus do que outros. Neste contexto, pode acreditar-se que existem nove ordens angélicas e que os anjos são uma ordem inferior dentro desta hierarquia. Outros sistemas de crenças podem ter diferentes entendimentos da natureza e organização dos anjos, e podem não acreditar na sua existência ou vê-los como figuras míticas ou simbólicas em vez de seres literais. Em última análise, se se acredita na existência de nove ordens angélicas e que os anjos são uma ordem inferior dentro desta hierarquia é uma questão de crença e interpretação pessoal.

M: Quais são as práticas religiosas mais comuns relativamente aos anjos?

I.A.: As práticas religiosas mais comuns para com os anjos podem variar dependendo do sistema de crenças específicas e da religião. Em alguns sistemas de crenças, os anjos são considerados seres sobrenaturais que servem como intermediários entre Deus e os humanos e que são responsáveis pela realização da vontade divina. Neste contexto, as pessoas podem envolver-se em várias práticas ou rituais de forma a honrar, invocar ou procurar orientação ou proteção dos anjos. Algumas práticas comuns podem incluir rezar ou procurar a intercessão de anjos, fazer-lhes oferendas ou sacrifícios, e usar símbolos religiosos ou objetos associados a anjos em rituais ou devoções. Outros sistemas de crenças podem não ter esta crença em anjos ou podem vê-los como figuras míticas ou simbólicas em vez de seres literais, e como tal, podem não ter práticas ou rituais específicos relacionados com anjos. Em última análise, as práticas religiosas mais

comuns para com os anjos podem depender dos ensinamentos e crenças específicas de uma determinada religião ou sistema de crenças.

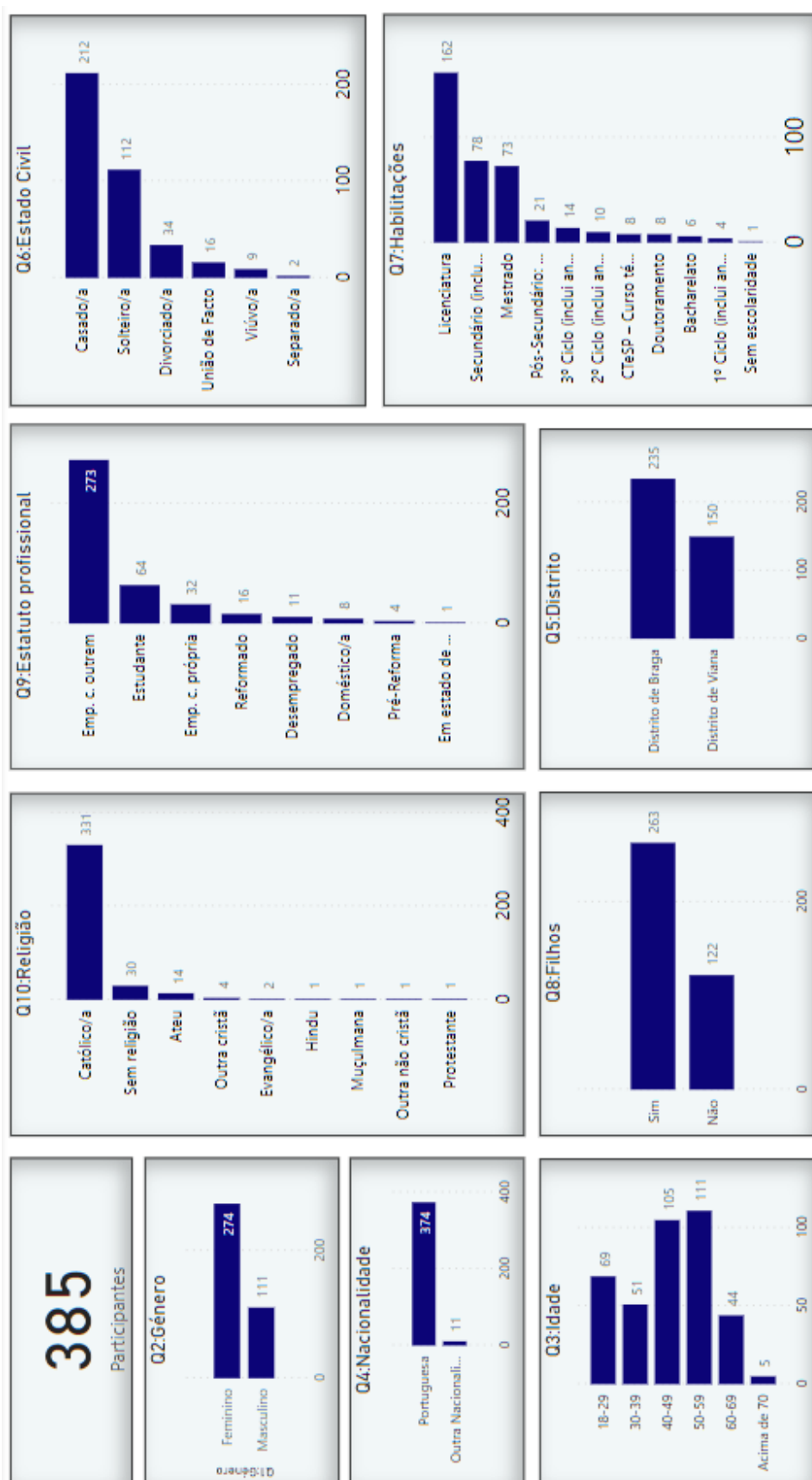
M: Como pode ser categorizado uma experiência com anjos?

I.A.: A experiência com os anjos é uma questão de interpretação pessoal e crença, e diferentes pessoas podem ter diferentes entendimentos e perspectivas sobre este tema. Algumas pessoas podem acreditar que tiveram encontros diretos com anjos, seja através de encontros físicos ou através de experiências espirituais ou sobrenaturais. Estes encontros podem ser vistos como positivos e elevatórios, ou podem ser mais ambíguos ou desafiantes. Algumas pessoas podem descrever as suas experiências com anjos como sendo profundamente significativas e transformadoras, enquanto outras podem vê-las como sendo mais simbólicas ou metafóricas na natureza. Em última análise, a forma como uma experiência com anjos é categorizada pode depender das próprias crenças, interpretações e compreensão da experiência do indivíduo.

M: Muito obrigado

I.A.: De nada! Estou feliz por ter podido ajudar. Se tiver mais alguma pergunta, sinta-se à vontade para perguntar.

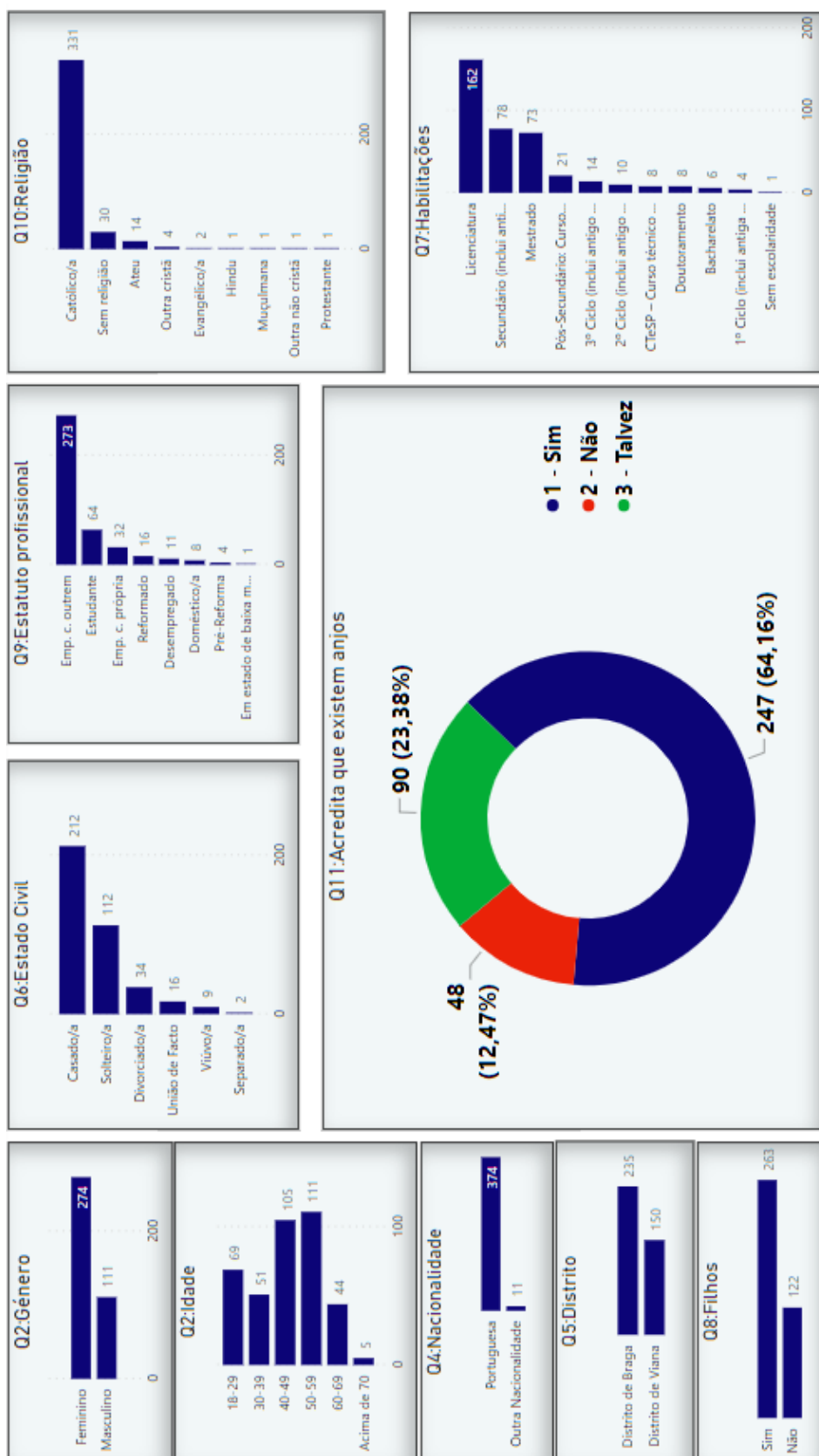
Anexo 4. Painel de Visualização Power BI: dados sociodemográficos



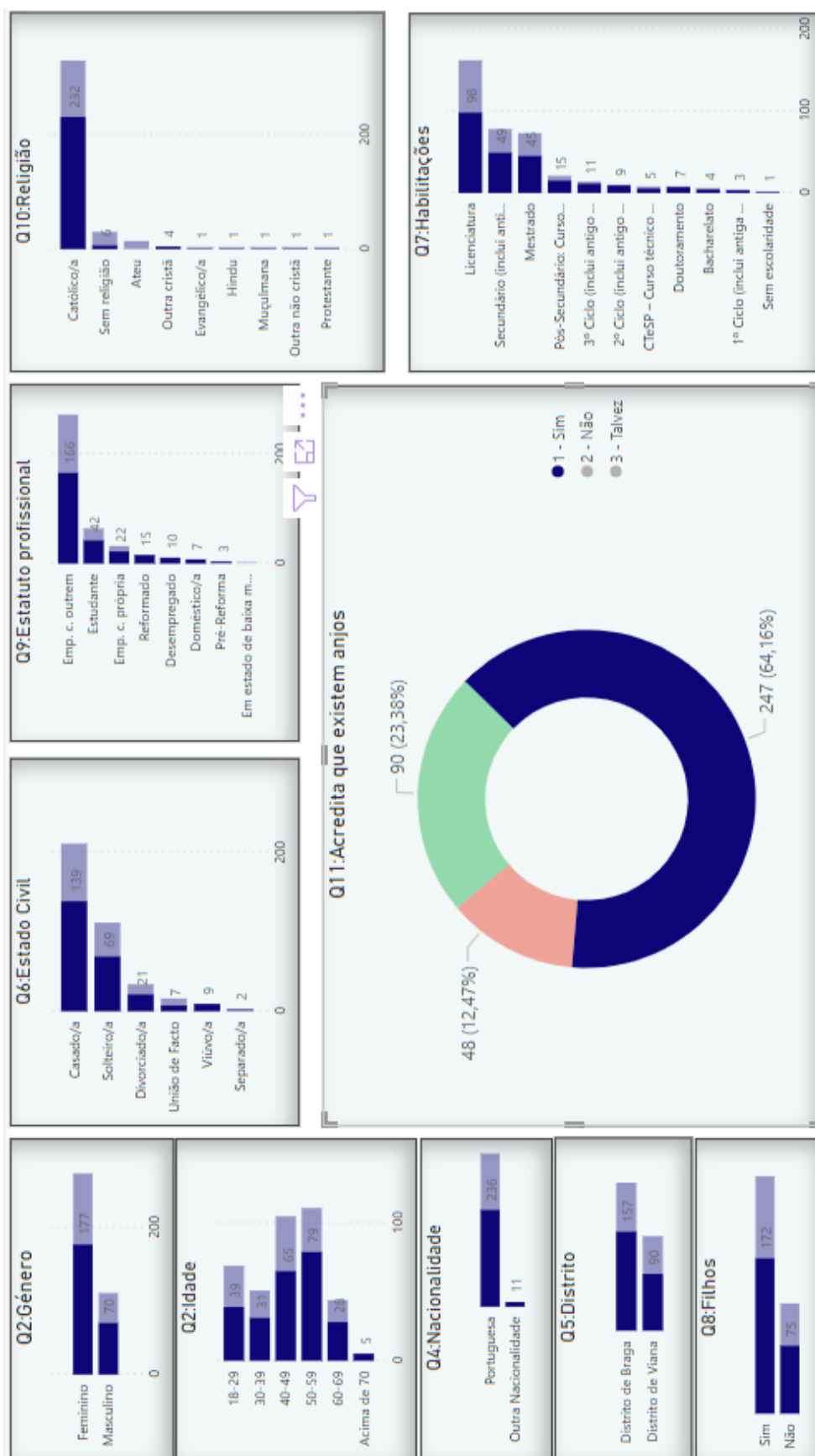
Anexo 5. Tabela Contagem Habilitações

Habilitações	Contagem
Sem escolaridade	1
1º Ciclo (inclui antiga 4ª classe)	4
2º Ciclo (inclui antigo ciclo preparatório)	10
3º Ciclo (inclui antigo 5º liceal)	14
Secundário (inclui antigo 7º liceal)	78
Pós-Secundário: Curso de especialização tecnológica não superior	21
CTeSP – Curso técnico superior profissional	8
Bacharelato	6
Licenciatura	162
Mestrado	73
Doutoramento	8
Total	385

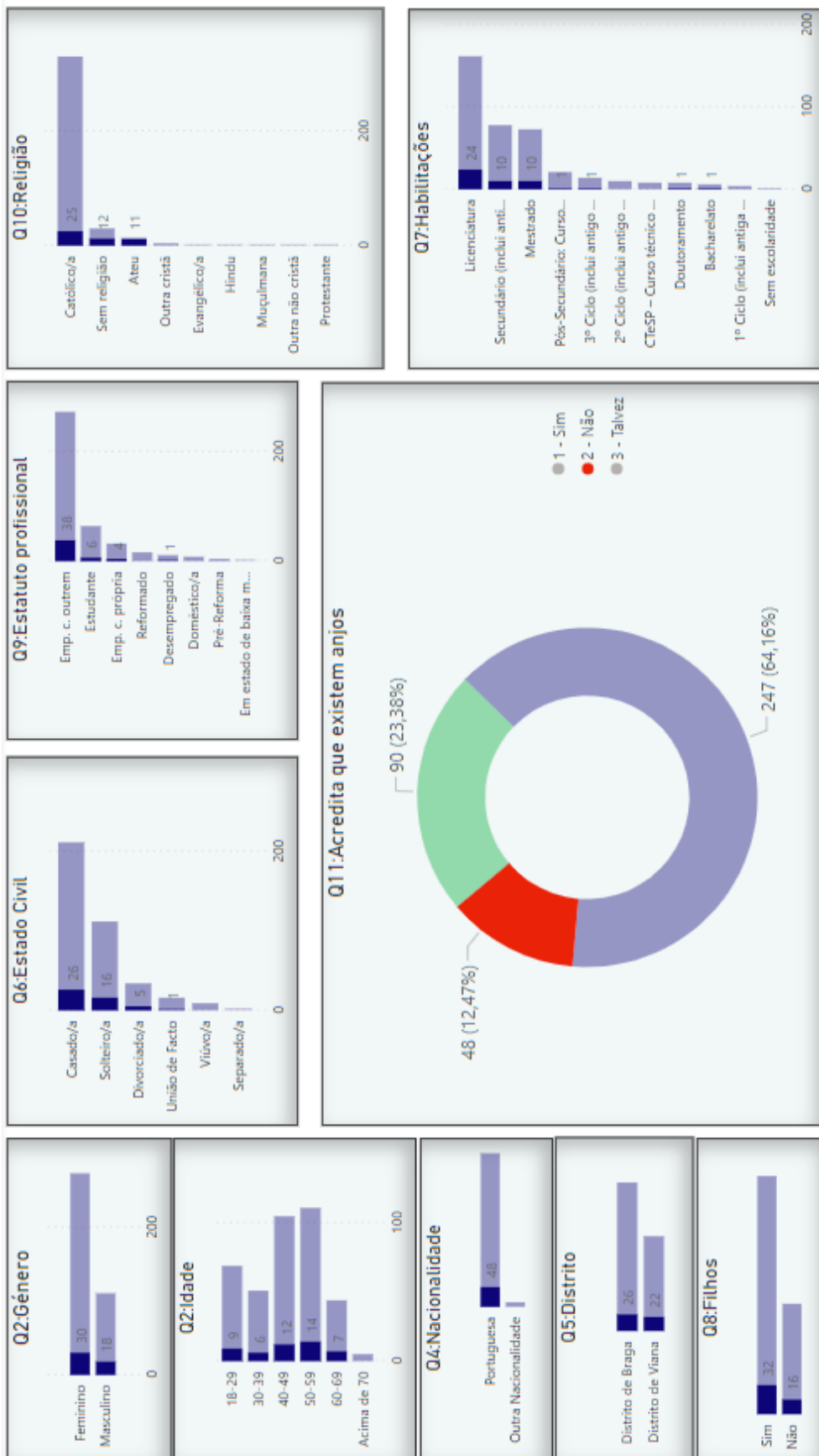
Anexo 6. Painel de Visualização Power BI, Q11: Acredita que existem anjos?



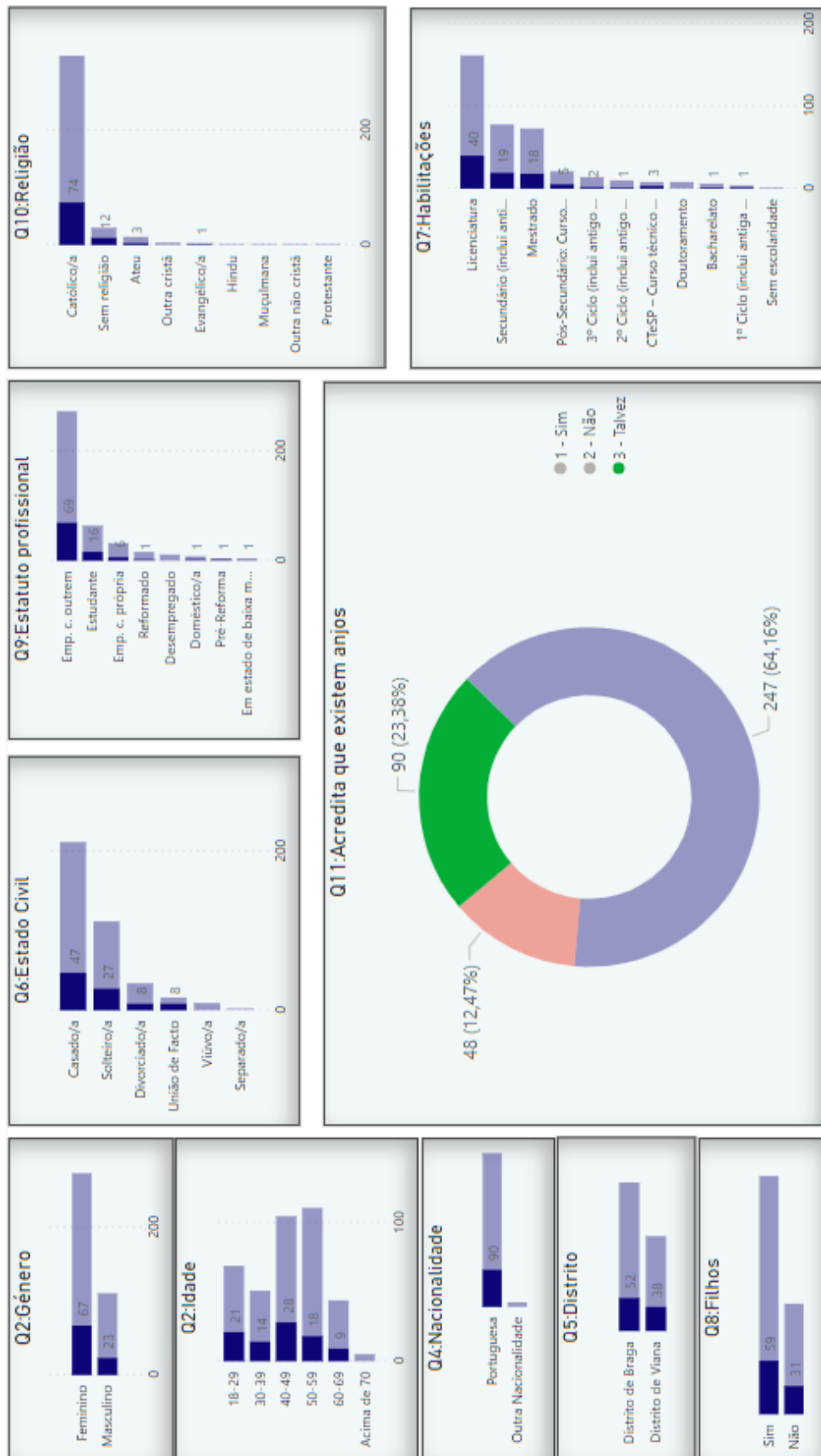
Anexo 7. Painel de Visualização Power BI, Q11: filtro Sim



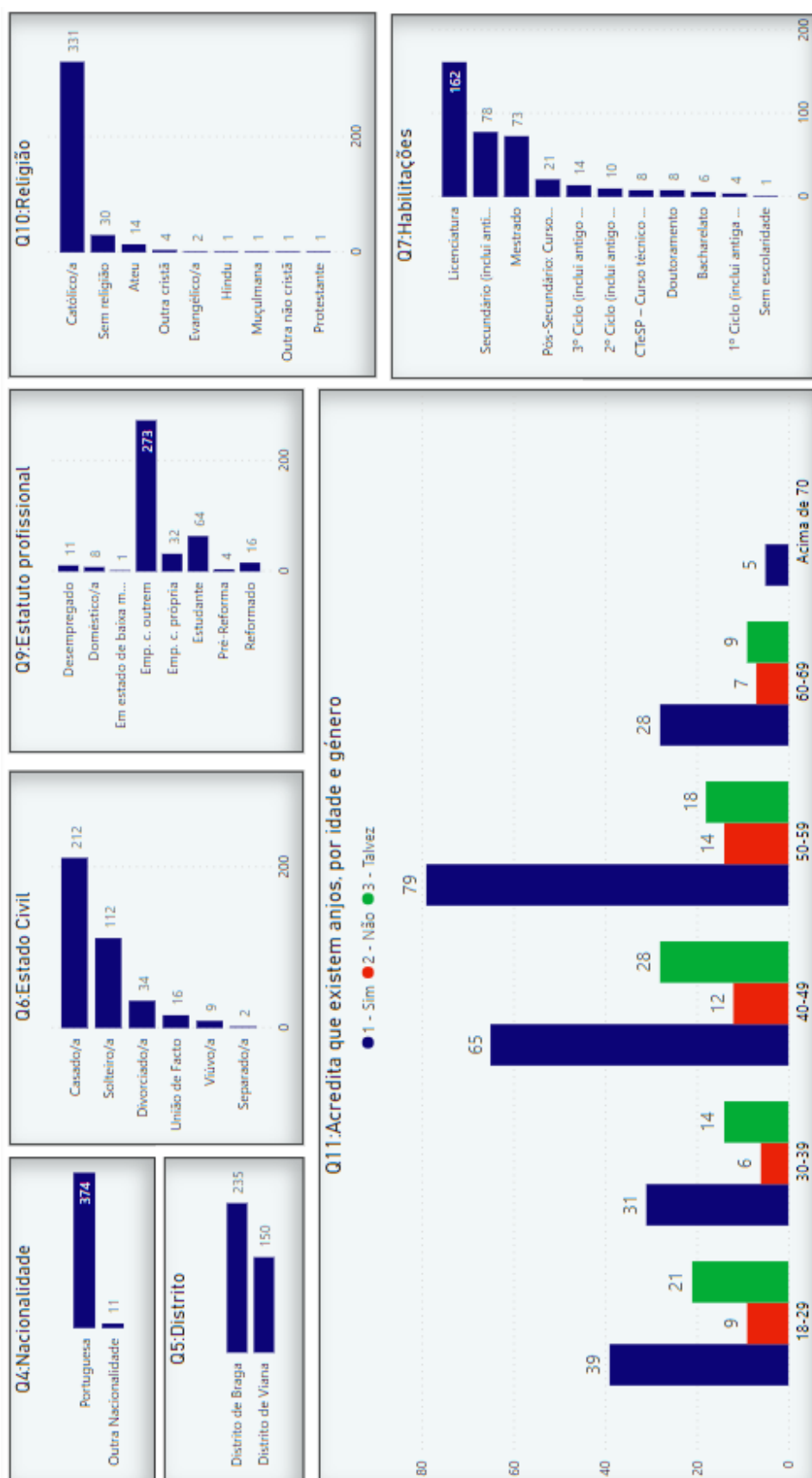
Anexo 8. Painel de Visualização Power BI, Q11: filtro Não



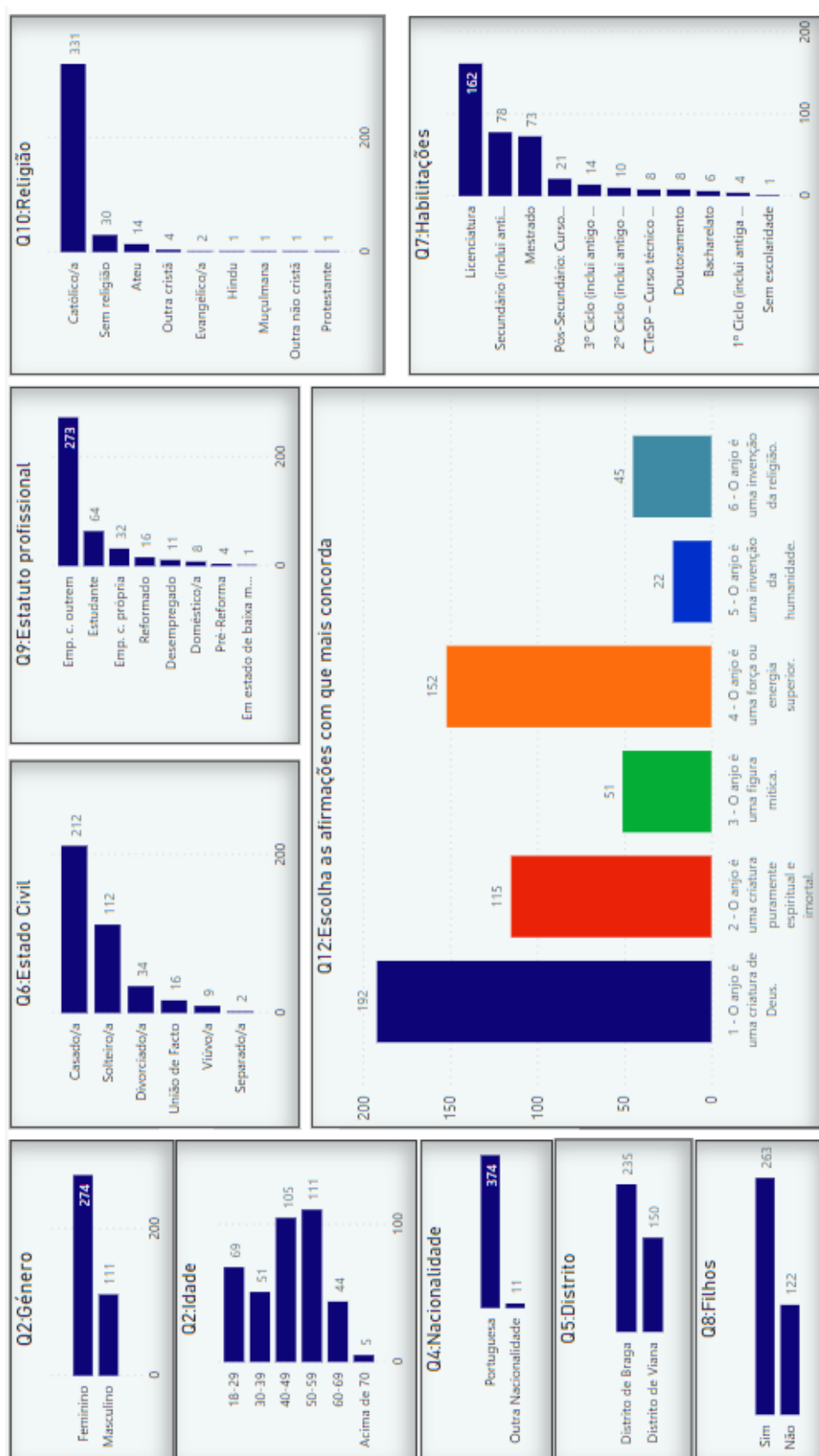
Anexo 9. Painel de Visualização Power BI, Q11: filtro Talvez



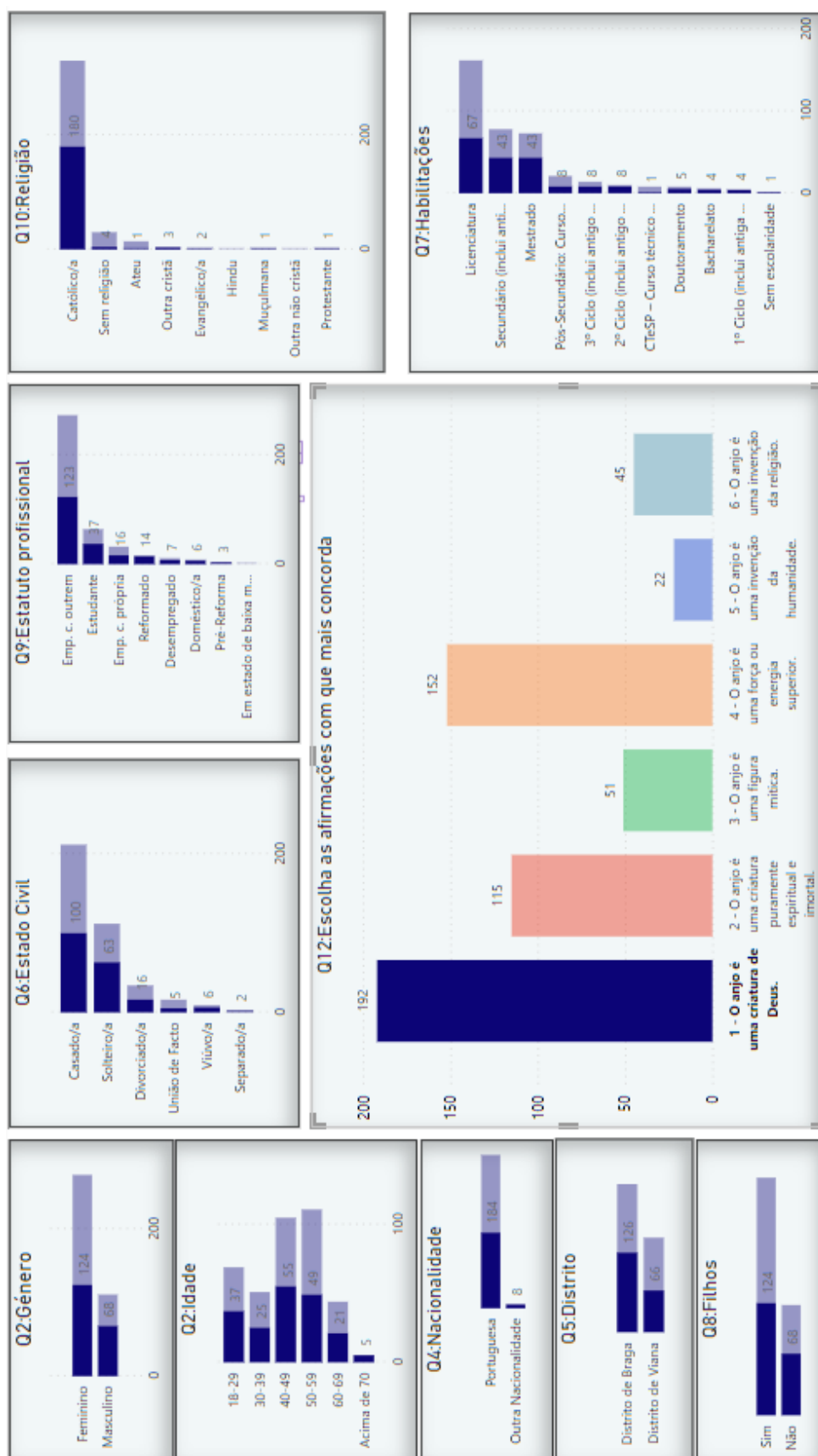
Anexo 10. Painel de Visualização Power BI, Q11 por idades



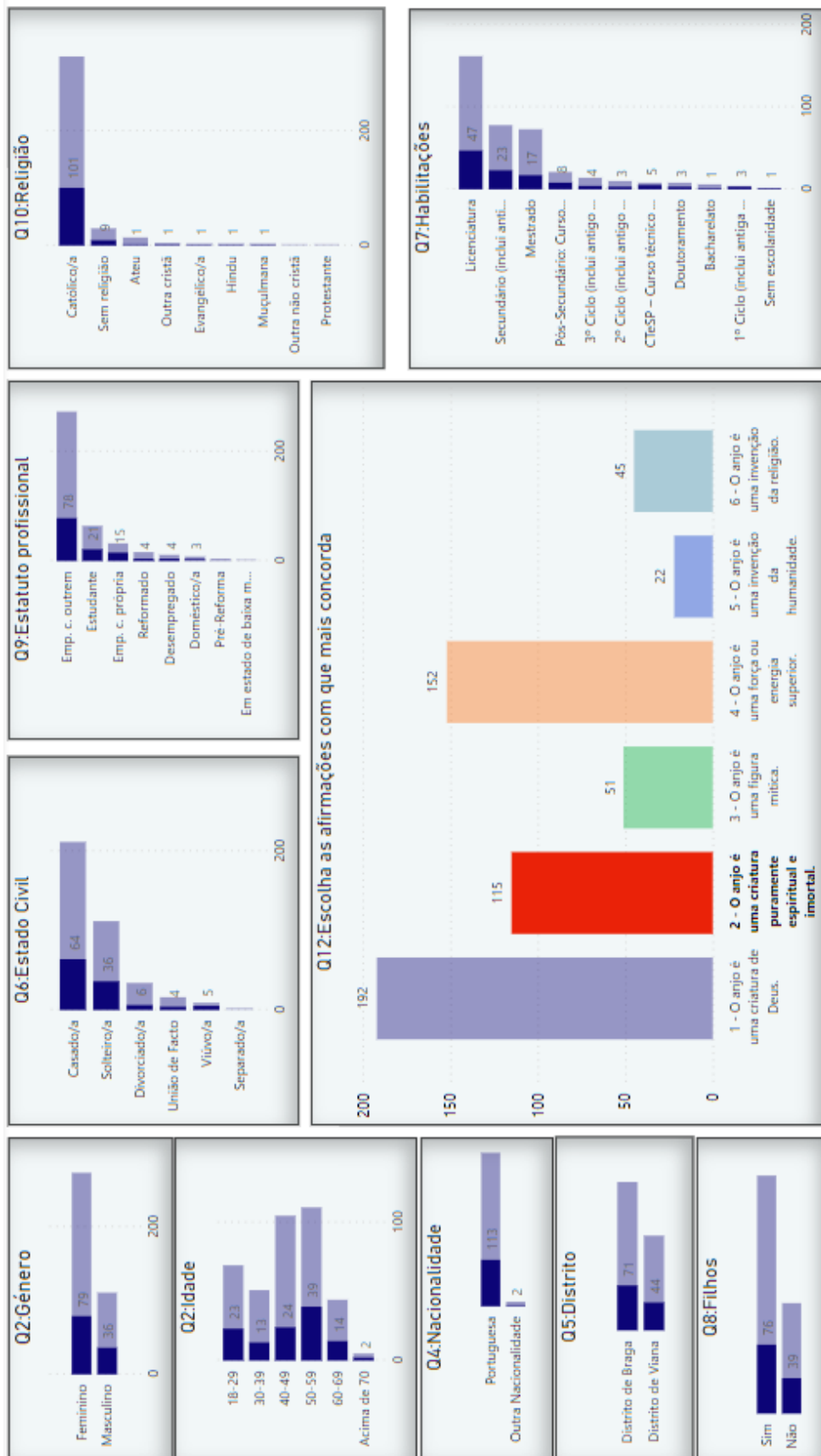
Anexo 11. Painel de Visualização Power BI, Q12: escolha de afirmações



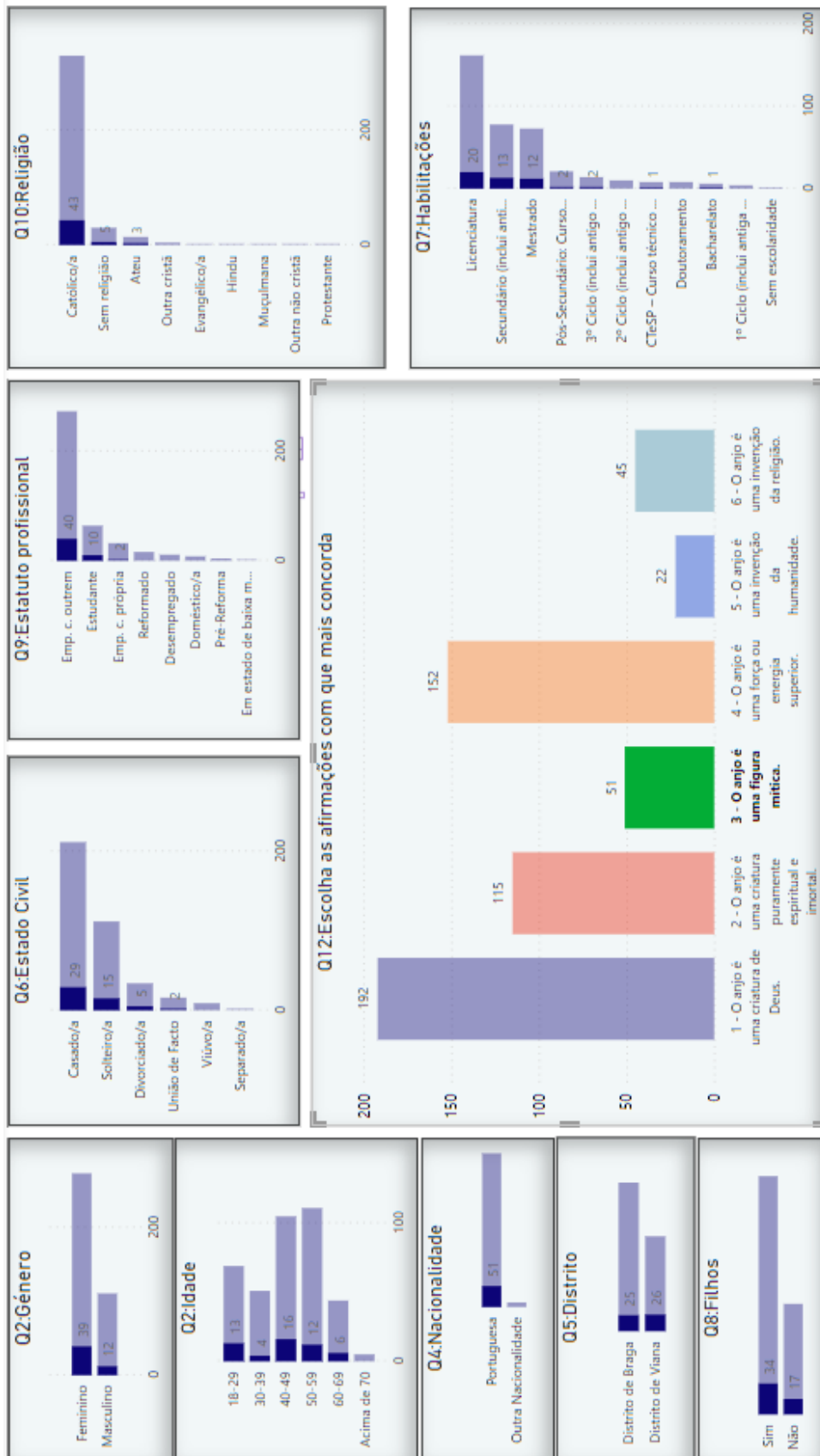
Anexo 12. Painel de Visualização Power BI, Q12: filtro 1



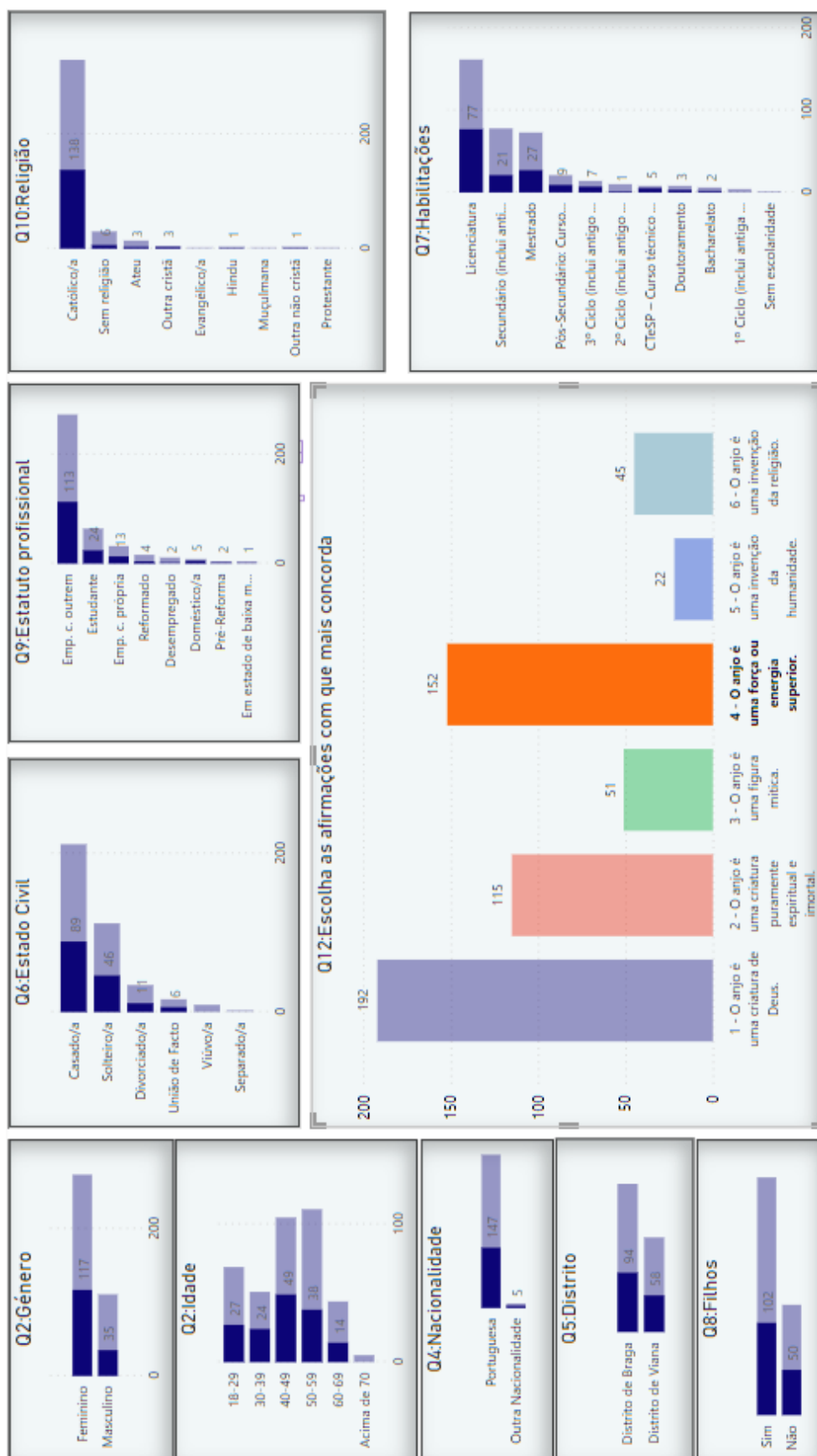
Anexo 13. Painel de Visualização Power BI, Q12: filtro 2



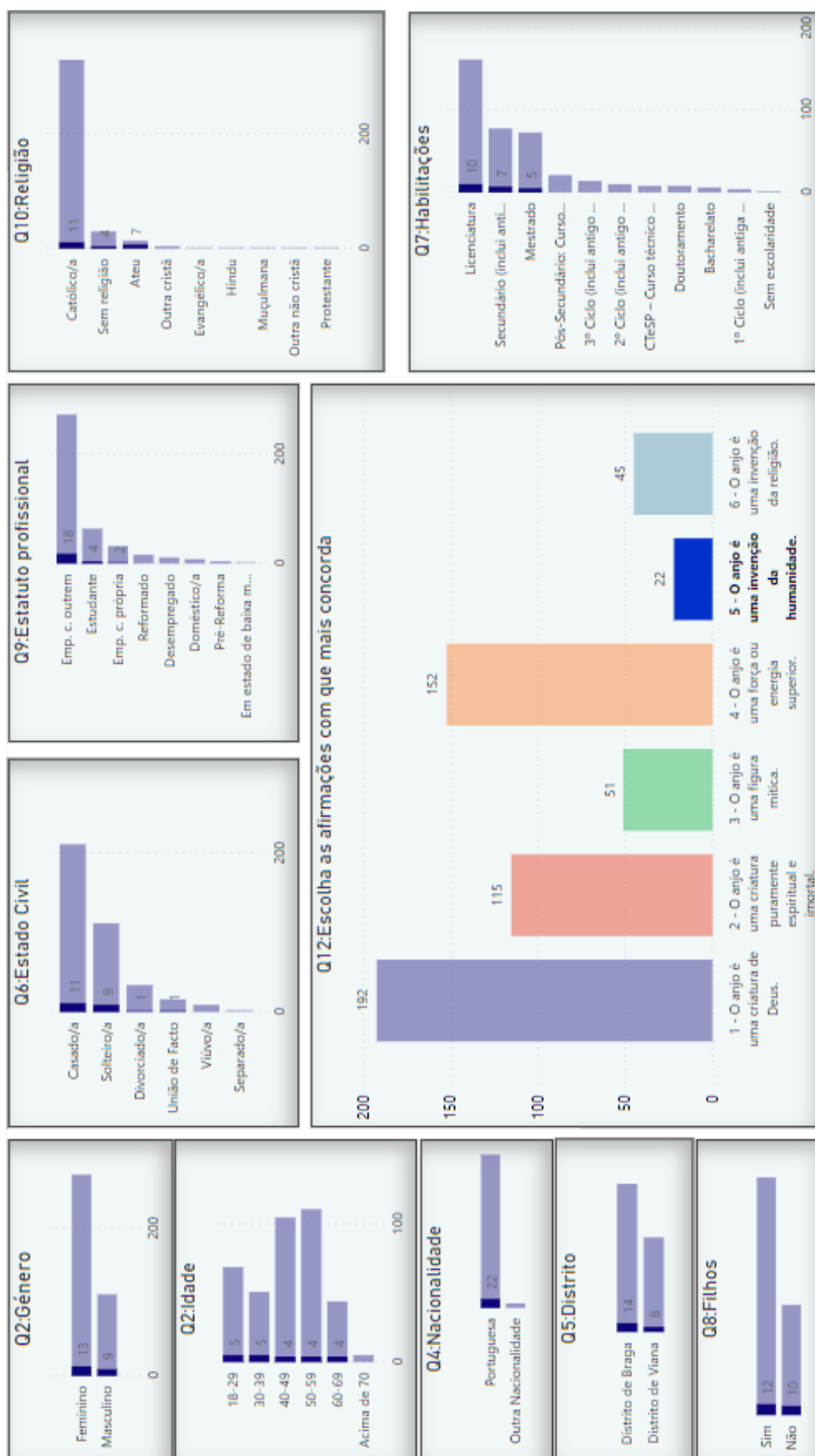
Anexo 14. Painel de Visualização Power BI, Q12: filtro 3



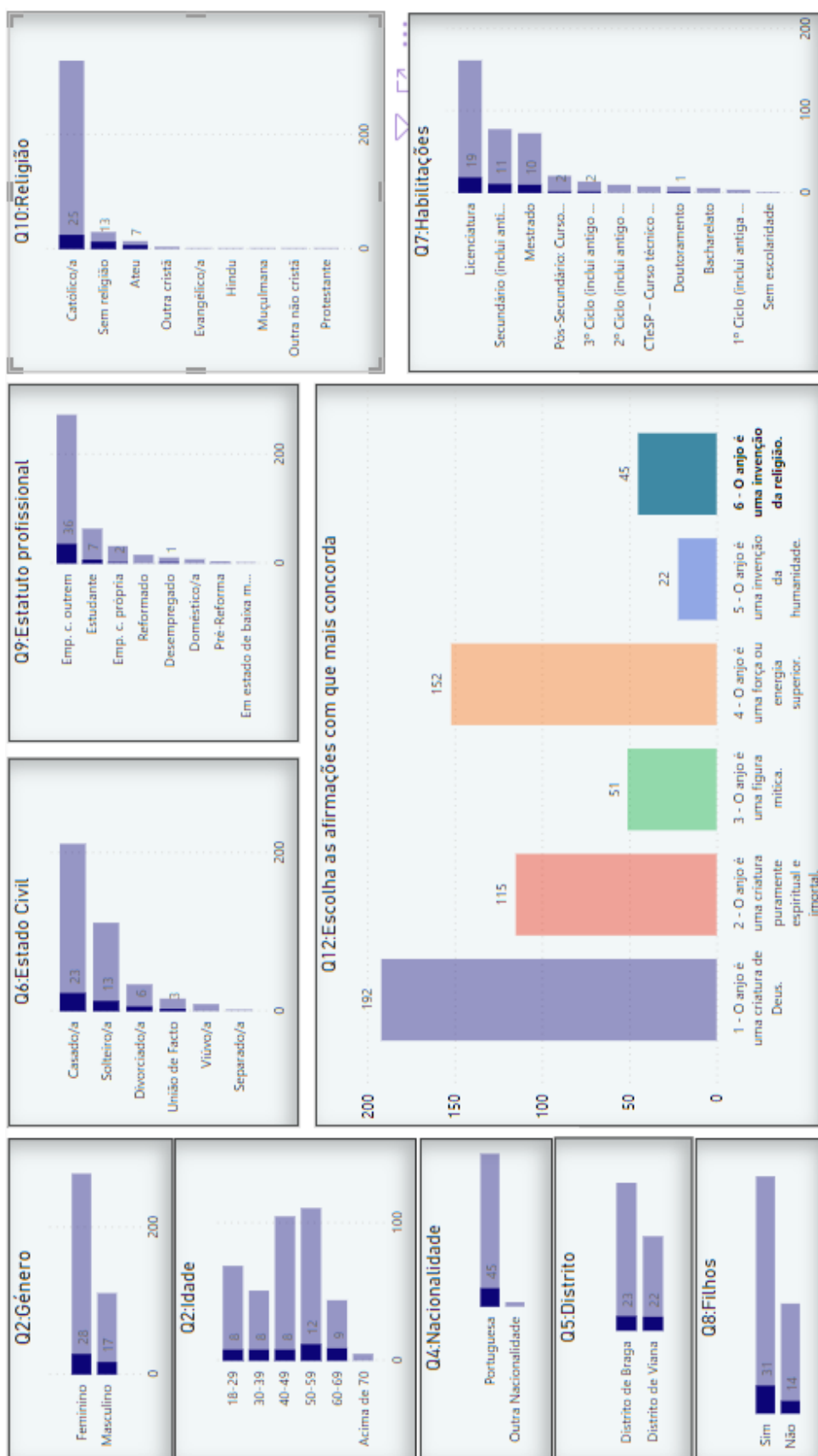
Anexo 15. Painel de Visualização Power BI, Q12: filtro 4



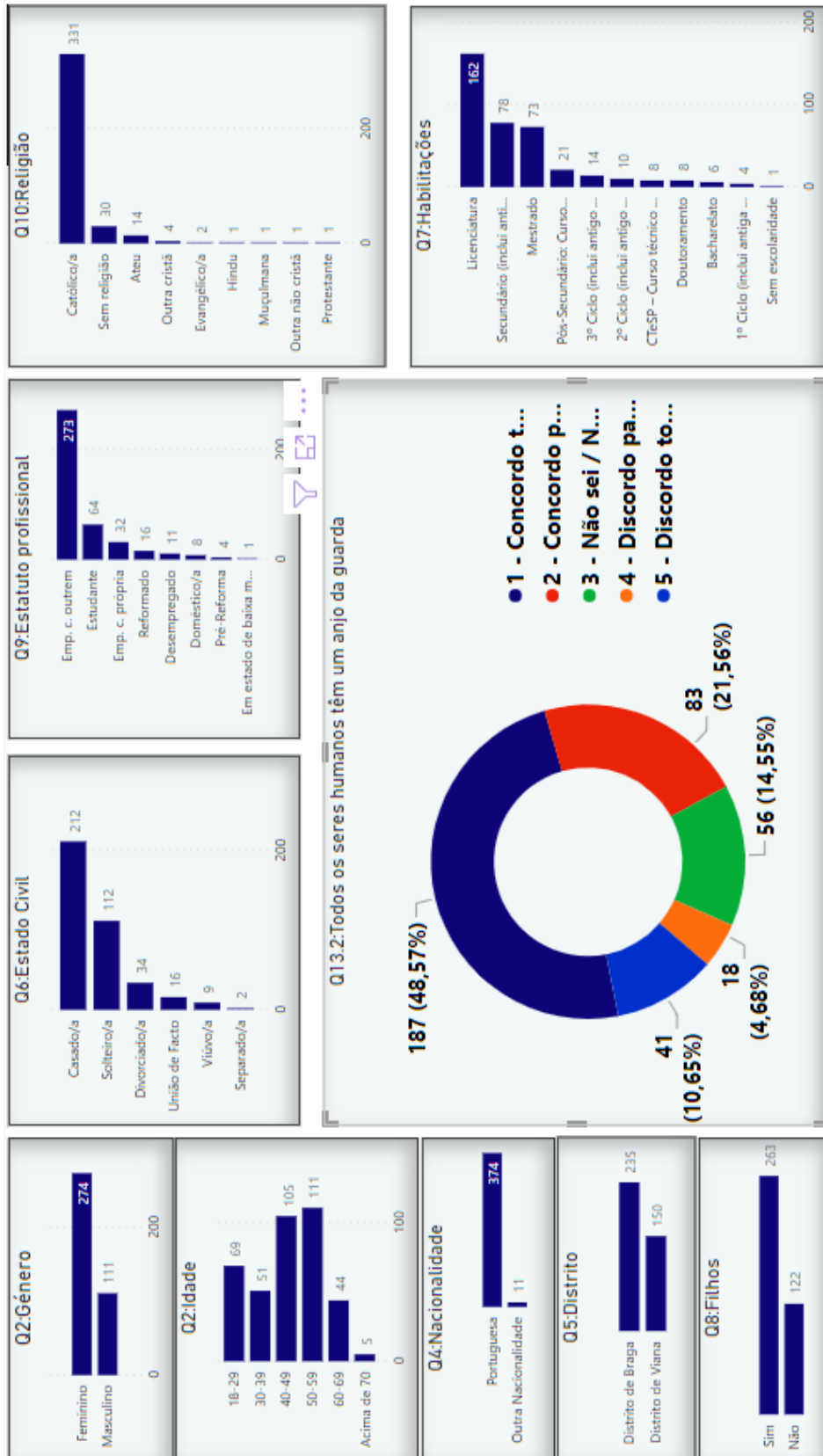
Anexo 16. Painel de Visualização Power BI, Q12: filtro 5



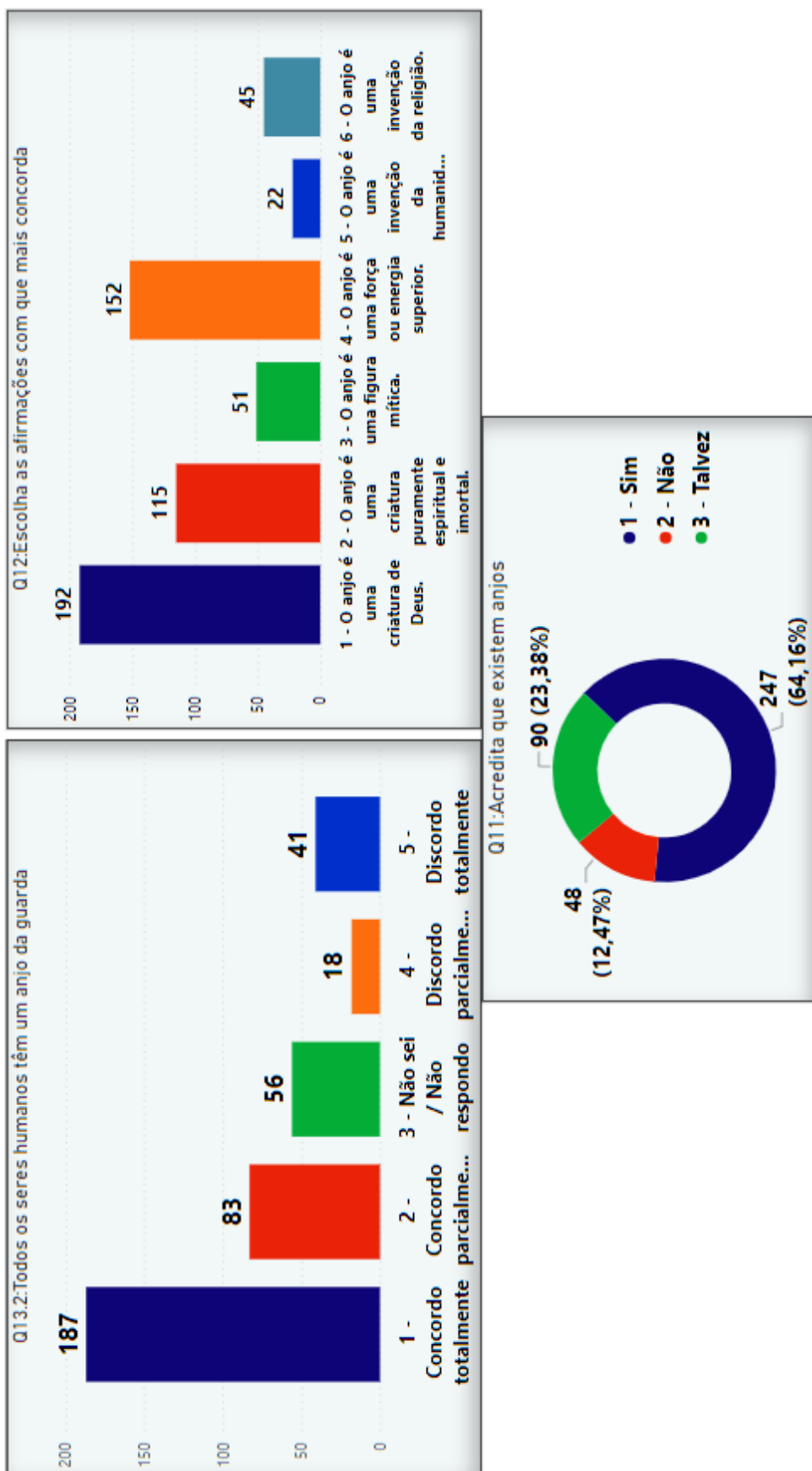
Anexo 17. Painel de Visualização Power BI, Q12: filtro 6



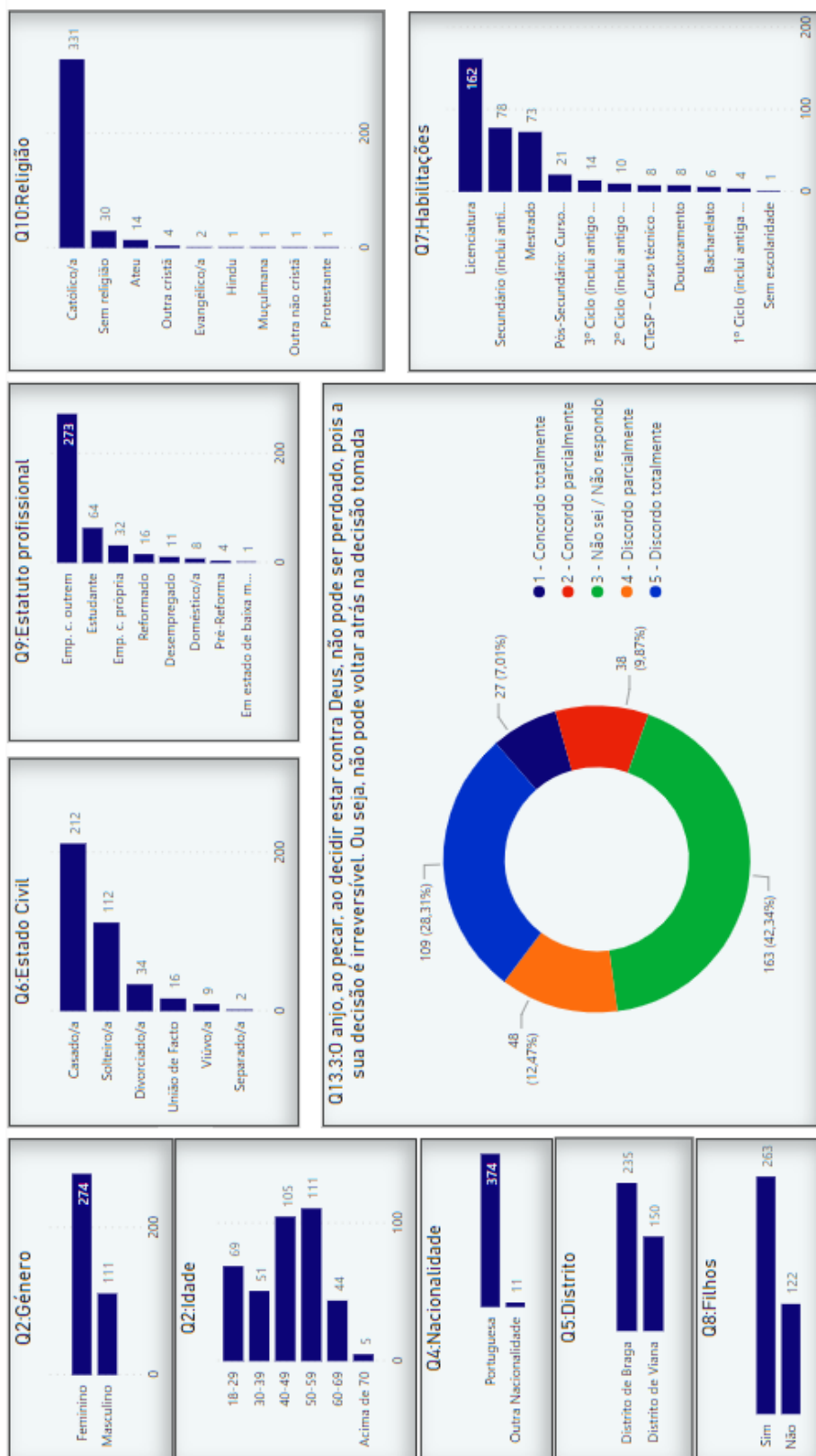
Anexo 18. Painel de Visualização Power BI, Q13.2: todos os seres humanos têm um anjo da guarda



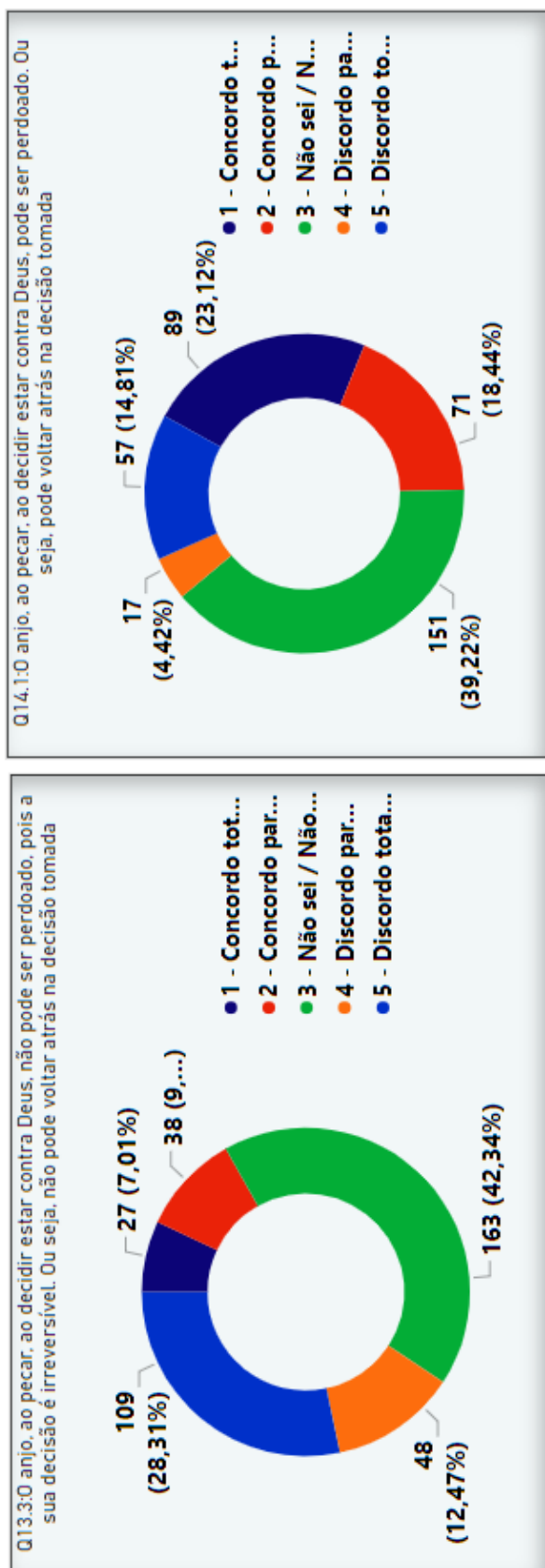
Anexo 19. Painel de Visualização Power BI, Q11 + Q12 + Q13.2



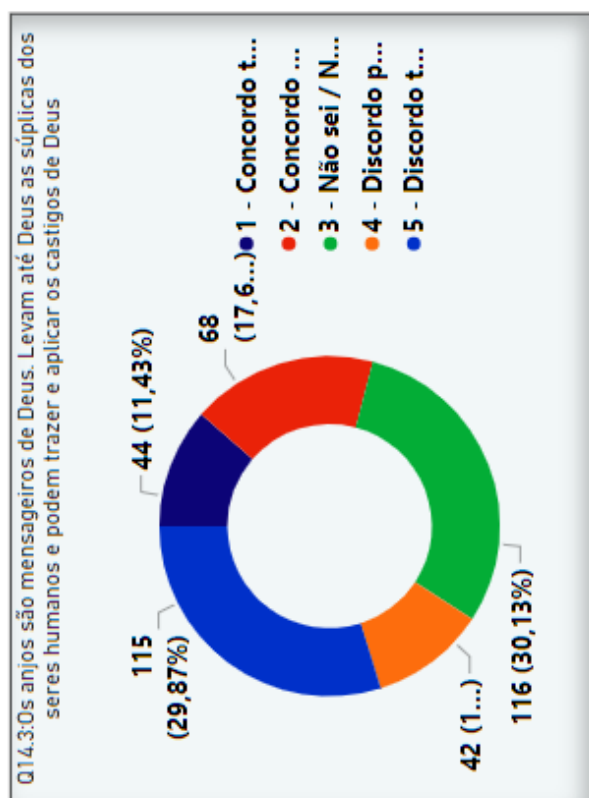
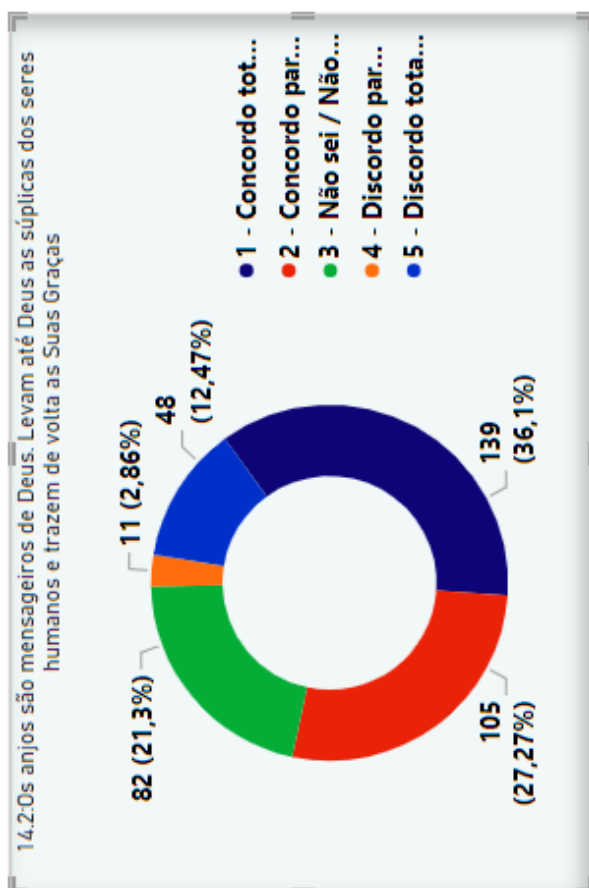
Anexo 20. Painel de Visualização Power BI, Q13.3: O anjo, ao pecar, ao decidir estar contra Deus, não pode ser perdoado, pois a sua decisão é irreversível. Ou seja, não pode voltar atrás na decisão tomada



Anexo 21. Painel de Visualização Power BI, Q13.3 + Q14.1



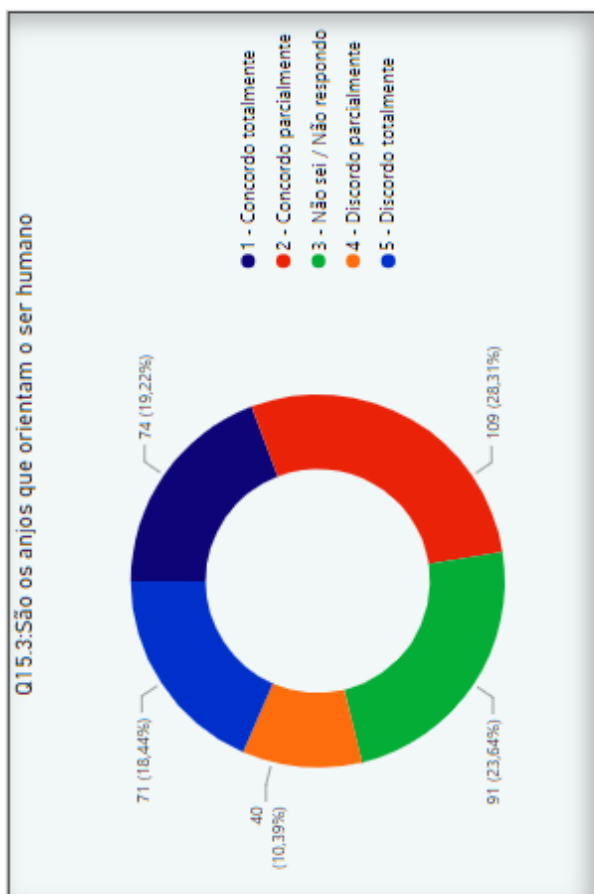
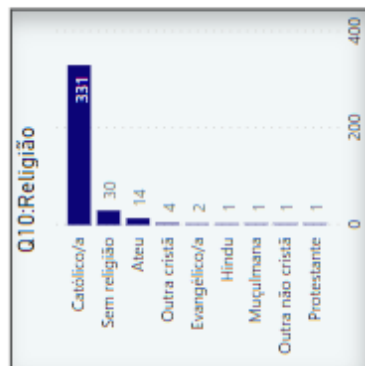
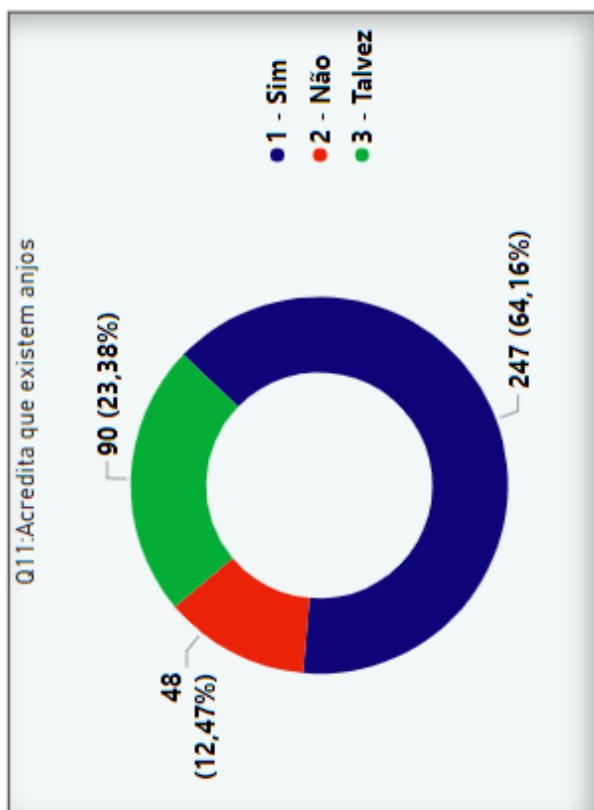
Anexo 22. Painel de Visualização Power BI, Q14.2 + Q14.3



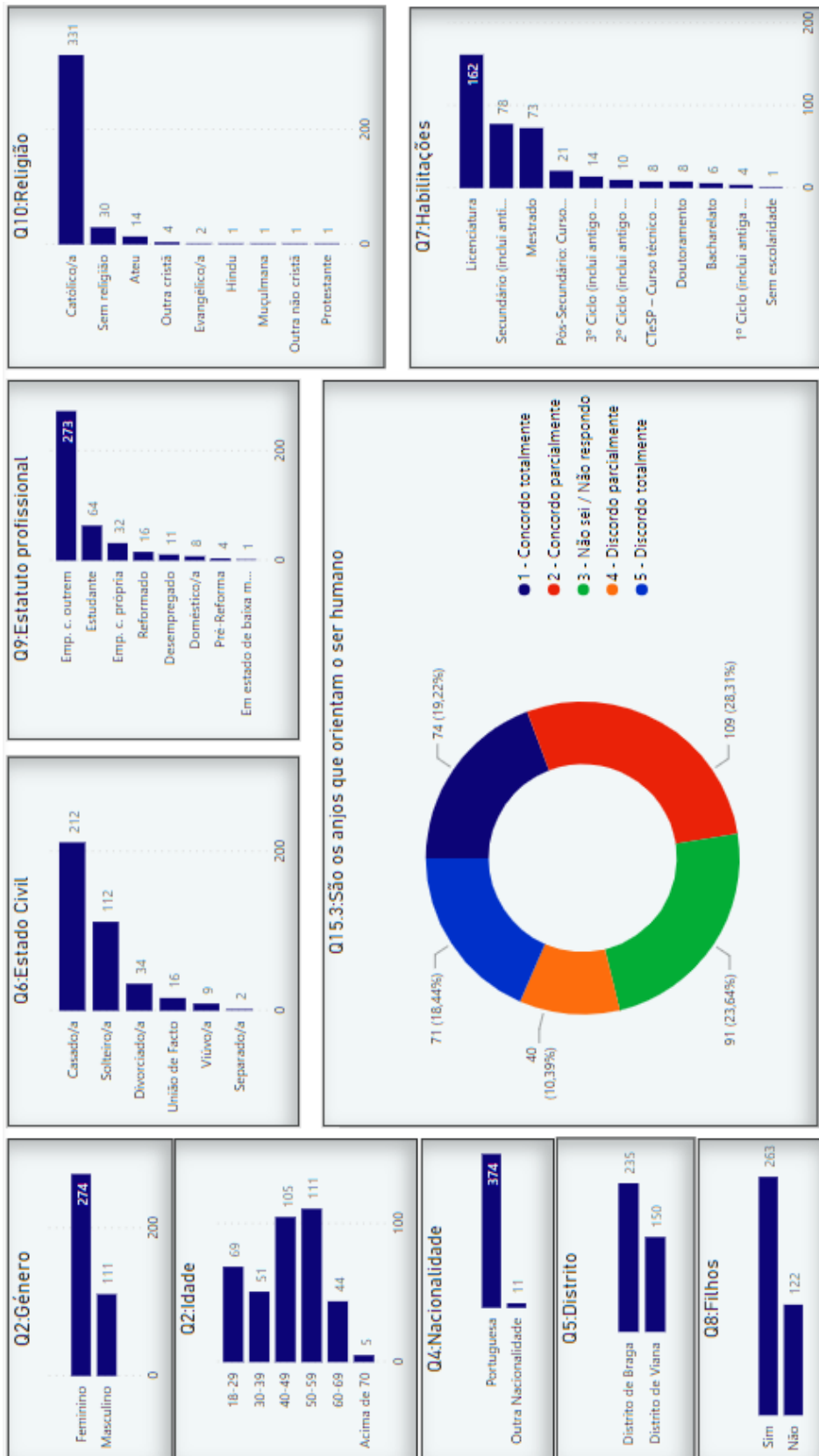
Anexo 23. Painel de Visualização Power BI, Q15.2: O anjo é uma criatura de Deus, tem a missão de Louvar a Deus e proteger os seres humanos



Anexo 24. Painel de Visualização Power BI, Q10 + Q11 + Q15.3



Anexo 25. Painel de Visualização Power BI, Q15.3: São os anjos que orientam o ser humano



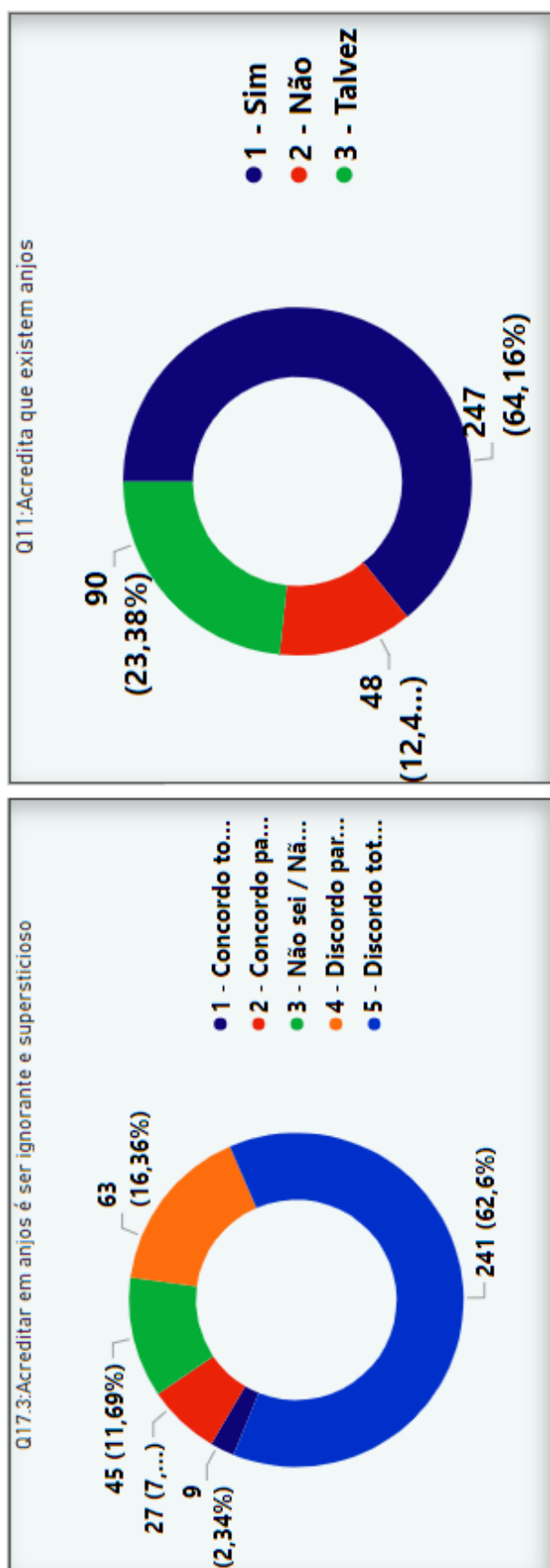
Anexo 26. Painel de Visualização Power BI, Q16.1: A função principal dos anjos é louvar e contemplar Deus



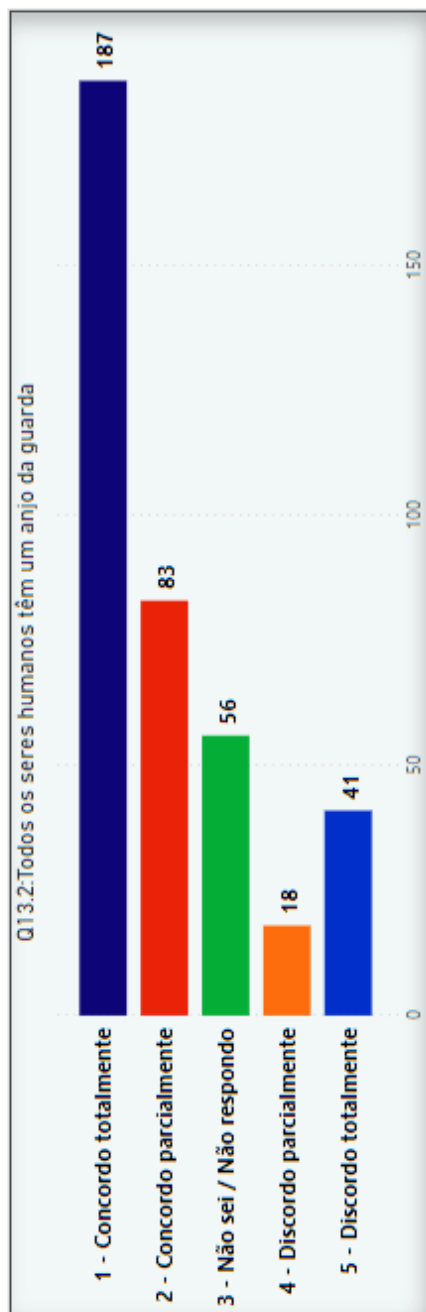
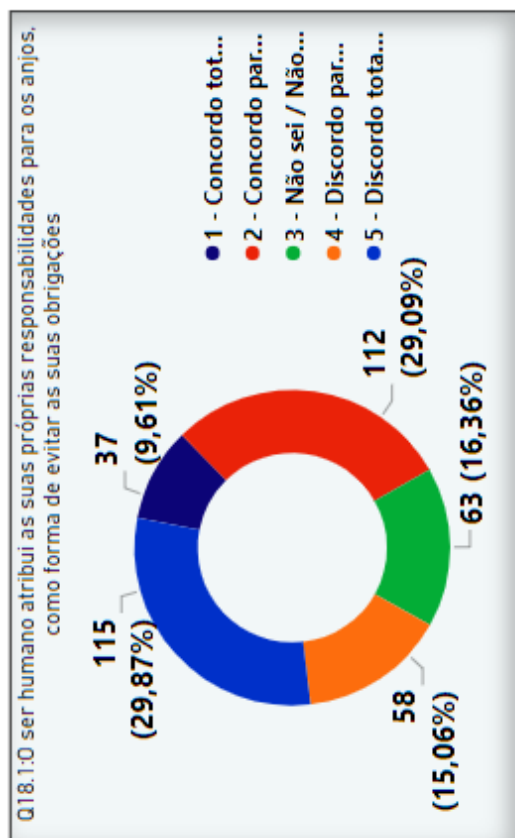
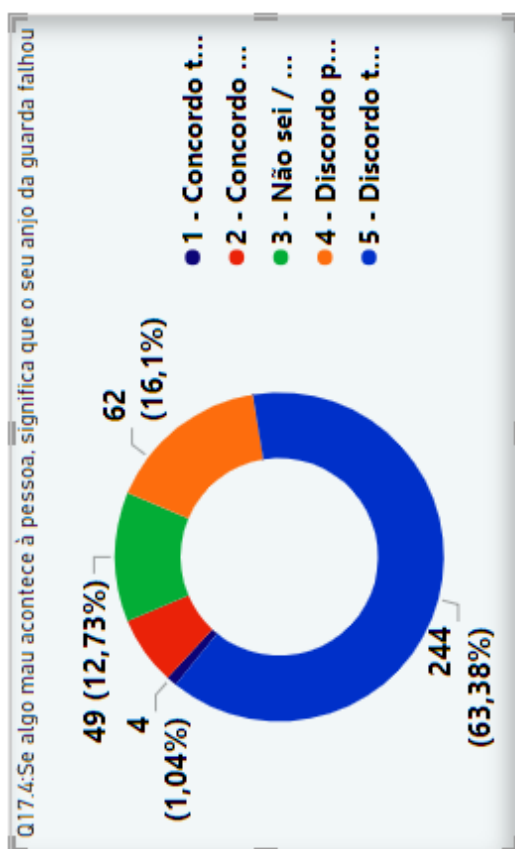
Anexo 27. Painel de Visualização Power BI, Q17.3: Acreditar em anjos é ser ignorante e supersticioso



Anexo 28. Painel de Visualização Power BI, Q11 + Q17.3



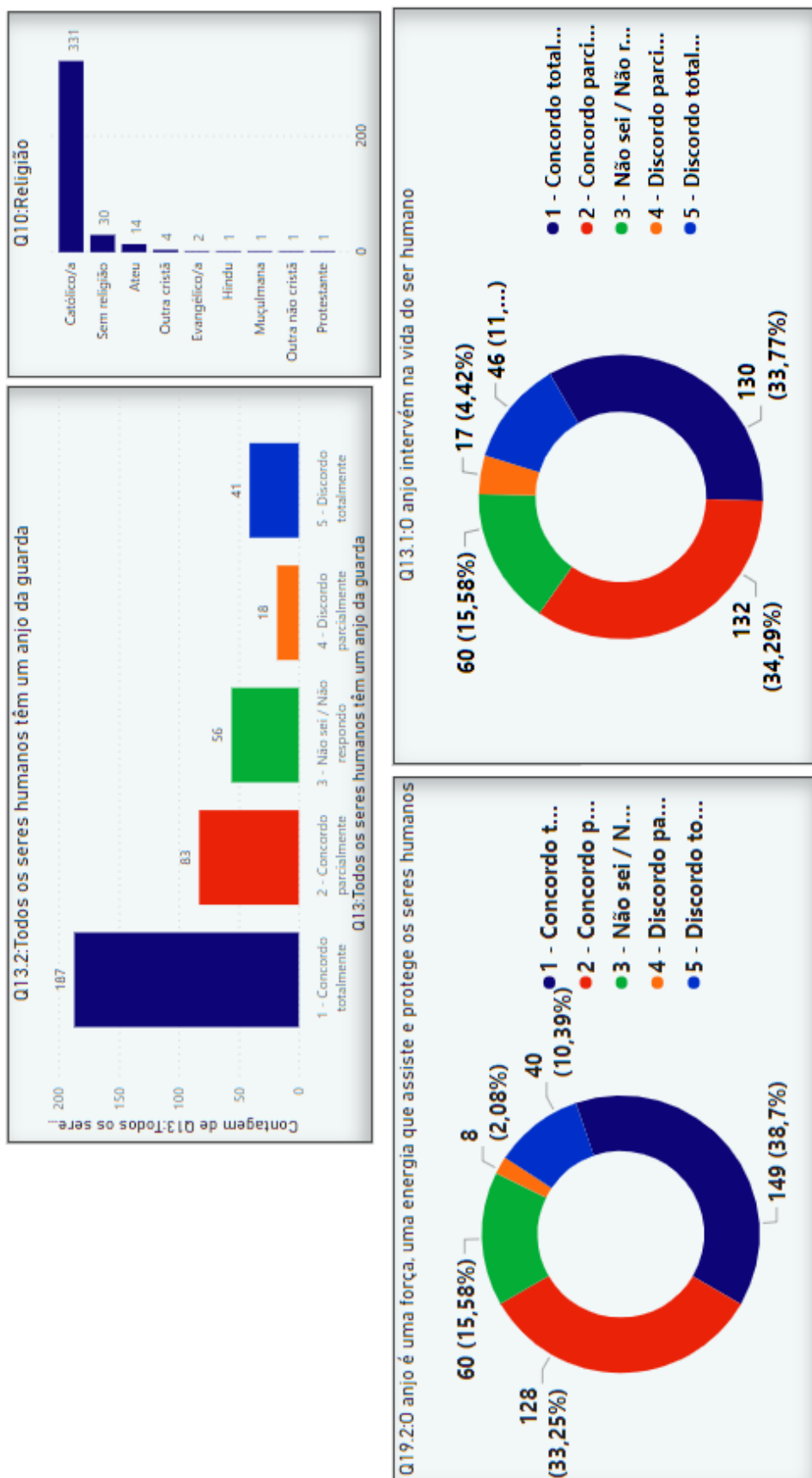
Anexo 29. Painel de Visualização Power BI, Q13.2 + Q17.4 + Q18.1



Anexo 30. Painel de Visualização Power BI, Q18.3



Anexo 31. Painel de Visualização Power BI, Q13.1 + Q13.2 + Q19.2



Anexo 32. Painel de Visualização Power BI, Q19.3: Cristo é Senhor dos anjos



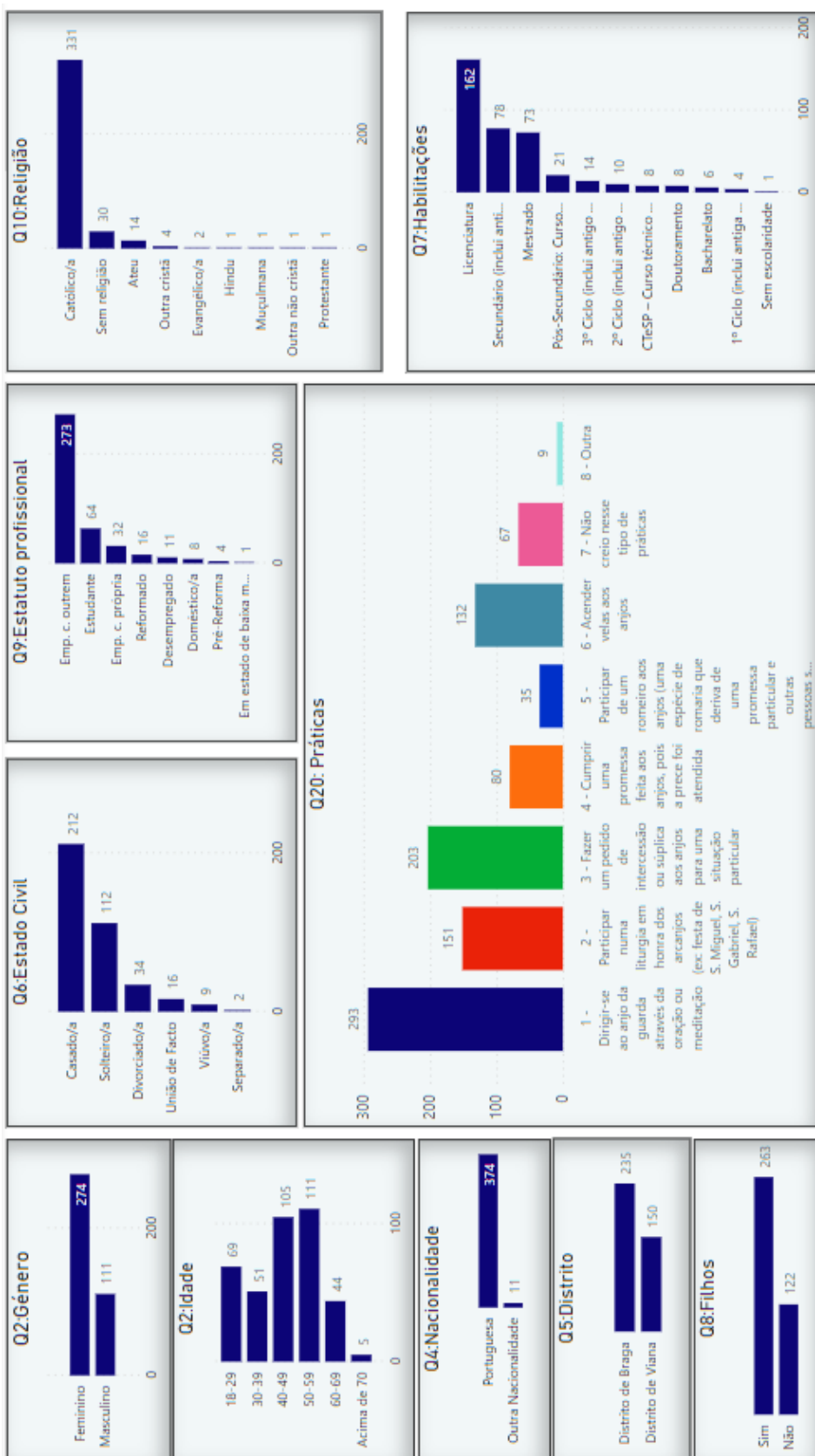
Anexo 33. Painel de Visualização Power BI, Q19.4: Existem nove ordens angélicas, sendo os anjos a ordem inferior



Anexo 34. Respostas Q.20: Práticas já realizadas, opção 8: Outra

1	«Parece-me que os anjos, enquanto mensageiros de Deus, são uma representação dessa relação. E nessa medida são reais e existentes. Mas não são uma realidade concreta e definidora da nossa relação com Deus»
2	«Confesso que neste campo tenho mais dúvidas do que certezas»
3	«Nenhuma opção»
4	«Quando era infante, rezava ao anjo da guarda.»
5	«Acredito em Deus»
6	«Não acredito em anjos»
7	«Não sei, não afirmo, não nego, mas penso que há "coisas" que nos ultrapassam e cada um sabe o que o conforta em momentos de desespero e de infortúnio. A crença em algo bom que nos transcende, é para muitas pessoas a sua tábua de salvação para enfrentar a dureza da vida e os seus momentos mais difíceis, até porque, nem sempre se pode contar com aqueles que nos rodeiam.»
8	«Agradecer»
9	«Recitar versos do Alcorão para que os anjos entrassem dentro de casa»

Anexo 35. Painel de Visualização Power BI, Q20: seleção de práticas realizadas relativas aos anjos



Anexo 36. Respostas Q.21: Em relação à oração e meditação, opção: Outra

1	«Gosto de fazer várias experiências de oração»
2	Escreveu o contacto email!
3	«acredito no universo»
4	«Oração pessoal e em comunidade. 1 só não me é suficiente»
5	«As duas primeiras estão vedadas»
6	«A oração deve ser feita apenas a Cristo, em que os anjos são meros funcionários na minha conceção, não devendo»
7	«Não se trata de uma questão de preferência. A oração pessoal é incompleta sem a oração comunitária e vice-versa.»
8	«Não tenho preferência, ainda que me sinta mais em oração quando a faço sozinha ou numa pequena comunidade.»
9	Escreveu o contacto email!
10	«Equilíbrio entre oração pessoal e comunitária»
11	«Não praticante»
12	«Não tenho o hábito, mas acredito»
13	«Mediante da oração»
14	«Sozinha e na igreja, ambos»
15	«Ambas, pessoal e em comunidade»
16	«As duas primeiras opções.»
17	«.»
18	«Sem preferência quando se trata a meditar/orar sozinha ou em comunidade»
19	«Não acredito na oração. Meditação sim»

Anexo 37. Respostas Q.22: Questão aberta – experiência particular

1	«Acredito na providência divina e que os anjos nos acompanham. A Sagrada Escritura nos mostra isso mesmo e no dia a dia é possível perceber esta presença!»
2	«Quando era ainda criança andava a brincar em cima de um filão de pedras, propriedade dos meus pais. Saltando de pedra em pedra, de repente desequilibrei-me de tal forma que não conseguia evitar a queda. Tudo acontece muito rápido, como é óbvio, mas tenho bem presente na minha mente ao sentir algo que me restabelecia o equilíbrio. Logo, fui salvo de uma queda que poderia ter sido fatal. Nunca esqueci este acontecimento, pois já passaram mais de 40 anos, foi motivo de reflexão pessoal e partilha com os meus familiares, mas só á poucos anos é que compreendi com mais clareza a missão dos Anjos da guarda.»
3	«Já tive, mas creio que não seja possível explicá-la por escrito»
4	«São Miguel Arcanjo»
5	«é uma mais uma intuição, um sentimento de que alguém está a velar por nós...»
6	«Na experiência vivida de dificuldades sérias. Vivi a consolação de surgir alguém que se prontificou a ajudar-me. A essa experiência eu chamo a ação do meu anjo.»
7	«Tive um familiar próximo internado e a evolução clínica não era a mais desejada. Contudo, na sala de espera, aguardava ansiosa pelo momento em que me deixassem entrar. Sempre em oração com os anjos. Quando me aproximei e falei com o familiar. Este respondeu pela primeira vez, após coma. Retiraram-me da sala e começaram a ver o que estava a acontecer. Para mim, foi a força da oração com os anjos.»
8	«Uma série de anjos apareceram em meu sonho, falando em Árabe diferente do que eu conhecia, depois conversei com um especialista da minha religião (o islam) que disse que eram anjos. No sonho os anjos estavam em um jardim e eles estavam recitando frases e em fila até chegar em uma certa luz, um ou dois anjos chegaram bem perto e me tocaram. Outra situação foi onde senti o peso dos anjos na energia em volta.»

9	«Não acredito nem deixo de acreditar na existência de Anjos. No entanto, a existirem, não têm qualquer intervenção na humanidade, caso contrário, estariam bem pior do que nós!»
10	«Senti energia e uma presença que não sei explicar»
11	«Graça recebida.»
12	«Por influência materna, cresci a acreditar, sem nunca ter tido a ocasião de racionalizar esse processo, que um anjo da guarda (a que rezava em pequena, e que de alguma forma associa ao espírito de um familiar falecido antes de eu nascer) acompanha os meus momentos todos. De alguma forma continuo a incluir essa intuição mística nas minhas vivências íntimas, e nas acções de graças que dou tendo a incluí-lo. Mas não sei explicar de forma mais clara o processo de vinculação que implica esta minha convicção.»
13	«Um dia, num momento de oração, tive a sensação da presença real do meu Anjo da Guarda. Foi um momento fugaz, mas quase ao nível de poder dizer: Senti-o!»
14	«Arcanjo s. Miguel. Estava muito doente. Tinha ido ao médico não via melhoras e apareceu no meio do nada a imagem deste arcanjo numa prateleira da loja. Logo percebi, comprei a imagem e pedi para a benzer. Fui atendida nas minhas preces.»
15	«Quando era pequena ganhei cravos na mão. Uma tia minha rezou ao S. Bento para mos tirar e prometeu ir lá comigo levar cravos de flor. Os cravos desapareceram da minha mão e dedos sem eu fazer nada. Só ficou uma marca de um na mão, penso que ficou para eu olhar e nunca me esquecer que já tive cravos e o S. Bentinho mos tirou.»
16	«Sair ilesa de um acidente de viação, onde o carro ficou destruído. Tinha com toda a certeza o meu Anjo ao meu lado»
17	«Pela minha experiência, acho que não só existem os anjos bíblicos, pelos quais tenho enorme respeito e adoração, especialmente S. MIGUEL Arcanjo. Mas também os que Deus coloca no nosso caminho, eu chamo-lhes "os anjos do nosso tempo". Que nos ajudam em momentos difíceis e por algum motivo foram

	colocados no nosso caminho. Nada acontece por acaso e Deus "usa" a humanidade para chegar ao coração de cada pessoa de forma a "curar" a sua alma, pois o nosso corpo não é nada mais que a embalagem da nossa alma, essa sim precisa de estar em sintonia com o ser superior queiram as pessoas chama-lo de Deus ou outro nome, mas ele é superior, é a força que rege o universo, é a energia positiva que precisamos para seguir e cumprir a missão que nos foi confiada enquanto seres terrestres.»
18	«Sinto que o meu pai, falecido, é o meu anjo da guarda. Num momento particularmente difícil, pedi ajuda ao meu pai. Estava deitada no sofá e de repente senti um sopro de vento na minha face que me apaziguou e me ajudou a encarar esse momento difícil de outra forma. Sempre que recorro ao meu pai, pego no seu relógio de pulso que se encontra parado por falta de corda manual e na maioria das vezes, por alguns longos segundos o relógio começa a trabalhar.»
19	«Encontrar animais através de responso»
20	«Gostava de ter»
21	«pedi ajuda ao arcanjo Rafael durante o dia. durante a noite, enquanto fiz uma meditação em prece a ele, uma vela acendeu-se sozinha quando esteve apagada durante todo o dia!!!! soube imediatamente que não estava sozinha»
22	«Não»
23	«Não tive, só peço sempre que proteja meus filhos»
24	«Sim já senti a presença de anjos a guiarem-me ou a darem-me conselhos»
25	«Sinto que oiço meu anjo por emoção»
26	«Apenas me "encomendo" e encomendo os meus filhos e netas ao anjo-da-guarda e ao arcanjo São Rafael.»

27	<p>«Com um anjo em particular, não sei, com o Universo, sim... Fomos fazer uma caminhada no monte, perto de Gerês, estávamos numa lagoa gelada... algumas colegas foram para a água, eu não estava a sentir-me preparada para mergulhar, contudo escorreguei, senti-me gelada, impotente, afundei e quando voltei à tona estava do outro lado... era preciso atravessar a lagoa de novo, eu toda tremia, ganhei coragem, pedi, rezei e fui atendida, consegui atravessar a água gelada embora batendo os dentes de tanto frio... Outra altura, em dois quartos diferentes, pusemos o relógio a tocar para nos levantarmos às 5h da manhã para fazer uma viagem de regresso de França de carro... nem num quarto nem no outro os relógios tocaram...Acordámos às 7h... fomos encher o depósito de gasolina... demos conta que um pneu estava furado a esvaziar-se, tivemos de ir para uma garagem para arranjar o pneu e lá disseram-nos que se tivéssemos ido para a autoestrada com o pneu assim teríamos tido um grande acidente... Concluímos que tivemos uma mão superior a olhar por nós, família. Fui a uma catedral a Espanha. Falei com um padre. Pedi-lhe que intercedesse por mim junto do superior (anjos ou Deus) para que eu pudesse um dia vir para perto dos meus pais que sofriam de problemas de saúde. Dois dias depois tive um acidente que me deixou de baixa, exatamente no dia em que ia pedir transferência. O primeiro pensamento foi "valeu-me a pena ir ver o padre!" (Mais tarde percebi que sim, valera a pena). A transferência passou-se mal. Fui colocada ainda mais longe, mas devido ao acidente, fiquei perto de casa e no ano seguinte houve novo concurso milagrosamente. Fiquei a 3 minutos de casa. Creio que deve chegar como casos... Os anjos acompanham-nos quotidianamente para nos apoiar na nossa missão de vida. Este é o meu pensamento. Devemos pedir-lhes auxílio e agradecer as benesses.»</p>
28	<p>«Sim. Falou-me ao ouvido e concretizou-se o que me falou e telemóvel bloqueou nas 11.11 e apareceu um nome, que na altura não percebi a msg, mas depois de algum tempo, percebi o significado e fez todo o sentido.»</p>

29	«Um sonho/vislumbre/visão quando estava internada e ligada a várias máquinas. Sonhei estar numa outra dimensão à procura de uma determinada rua/prça (lugar real a partir do qual se desenrolou o sonho) e encontrar uma figura, semelhante a um humano, que me indicou o caminho de volta à dimensão terrena/à vida.»
30	«O meu Anjo da Guarda e os 4 Arcanjos (Rafael, Miguel, Gabriel e Uriel) acompanham-me diariamente na minha vida.»
31	«Tive sim. Em 2015 tive um acidente de viação grave, em que também estavam envolvidas as duas pessoas mais importantes da minha vida, a minha mãe e a minha filha. No impacto da outra viatura contra a minha pedi à minha avó materna proteção, ao qual foi atendida. Tenho certeza que foi a minha querida avó que nos protegeu. Não sei se ela é um anjo na realidade, mas para mim SIM.»
32	«Não me lembro disto acontecer pois era muito nova, mas acredito que tenha acontecido. A minha avó paterna contou me que aos 3 anos depois de acordar da anestesia da cirurgia de remoção às amígdalas a primeira coisa que lhe disse foi “A avó esteve comigo, estivemos a falar e trouxe me para aqui” referia me à minha avó materna, que faleceu 1 mês antes de eu nascer»
33	«Com um Anjo, não. Com um Serafim, sim.»
34	«Num ano faleceram 7 pessoas diretas da família, são os meus anjos ...»
35	«Não tive nenhuma experiência particular com um anjo.»
36	«As únicas experiências que tive foi a minha perceção antecipada de que algo (bom ou mau) iria acontecer situação que atribuo a me considerar bastante intuitiva.»
37	«Tenho filho(as) que nunca tiveram doenças ou acidentes graves e como tal por vezes penso se não são os seus anjos da guarda que o(as) protegem.»
38	«Já vi a vida a morte á frente várias vezes :) e nalgumas só me safei com ajuda de um anjo da guarda»
39	«Sim. Ao meditar ao meu anjo da guarda, senti uma presença e tudo o que me rodeava era lindo, no entanto, vi uma pena branca a cair dos céus, e não tinha

	nenhuma ave a volta, eles existem eles nos protegem sempre!! Os Milagres existem eu garanto isso.»
40	«Meu Anjo protetor está em contacto comigo.»

Anexo 38. Painel de Visualização Power BI, Q11 + Q20

